

Idalena Oliveira Chaves

Panorama dos estudos das vogais pretônicas no Português
do Brasil: meta-análise das pesquisas desenvolvidas de
1980 a 2012

Belo Horizonte
Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
2013

Idalena Oliveira Chaves

Panorama dos estudos das vogais pretônicas no Português
do Brasil: meta-análise das pesquisas desenvolvidas de
1980 a 2012

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de Concentração: Linguística teórica e descritiva

Linha de Pesquisa: Organização sonora da comunicação humana

Orientador: Prof. Dr. Seung Hwa Lee

Belo Horizonte
Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
2013

Chaves, Idalena Oliveira. C512p
C512p Panorama dos estudos das vogais pretônicas no português do Brasil:
meta - análise das pesquisas desenvolvidas de 1980 a 2012 / Idalena Oli-
veira Chaves. – 2013.
205 f., enc.

Orientador: Seung Hwa Lee.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade
de Letras.

Bibliografia: f. 188 - 195

1. Vogais pretônicas – Brasil (1980/2012). I. Hwa Lee, Seung. II. Uni-
versidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 418



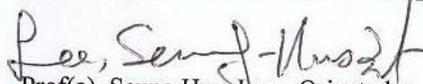
FOLHA DE APROVAÇÃO

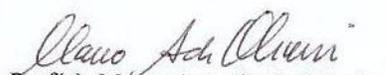
Panorama dos estudos das vogais pretônicas no Português do Brasil: meta-análise das pesquisas desenvolvidas de 1980 a 2012

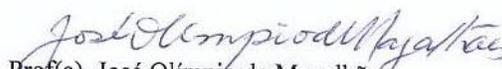
IDALENA OLIVEIRA CHAVES

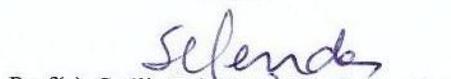
Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Linha D - Organização Sonora da Comunicação Humana.

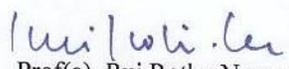
Aprovada em 10 de dezembro de 2013, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Seung Hwa Lee - Orientador
UFMG


Prof(a). Marco Antonio de Oliveira
PUC/MG


Prof(a). José Olímpio de Magalhães
UFMG


Prof(a). Soélis Teixeira do Prado Mendes
UFOP


Prof(a). Rui Rothe-Neves
UFMG

Belo Horizonte, 10 de dezembro de 2013.

“Eu escalei a montanha da vida
Removendo pedras
E plantando flores” (Cora Coralina)

Dedico esta tese

Ao meu filho Augusto, que nasceu e cresceu em meio a esta tese, e um dia quis me dar de presente no dia das mães “uma tese de doutorado”.

Ao Silvio, meu companheiro e coautor, que, de mestrado a doutorado, vem acompanhando a minha trajetória acadêmica.

À minha mãe, sempre presente em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria uma outra tese em agradecimentos...afinal foram muitos anos...muitas pessoas participaram de todo o processo.

Primeiro agradeço a Deus e a todos os Santos que me sustentam espiritualmente.

À Minha mãezinha mãezona que me ajudou e ajuda demais!!!

Agradeço aos meus dez amigos especiais: às seis amigas incríveis que escreveram essa tese junto comigo: Micheline, Consuelo, Rose, Cleide Lemos, Maria Helena Starling e Clarisse Cordeiro (minha amiga e guru). E a outros quatro que torceram, e acompanharam tudo de perto: Janette, Sandra, Simone e ao João de Brasília (por 30 anos de amizade)

Ao meu orientador filósofo, professor Lee, pelo apoio nos momentos em que batia aquela vontade súbita de desistir. Um sábio coreano.

Ao mestre Marco Antônio pelas orientações iniciais e pela leitura sempre cuidadosa dos meus textos.

Ao Prof. Dr. Rui Rothe-Neves, pela dica da meta-análise.

Ao meu irmão Beto, pelo apoio e por emprestar o apartamento onde eu me escondia nos momentos cruciais da escrita.

Ao meu amigo Vandir pelas orações, mensagens e palavras de conforto.

À Heloisa Fagiolli, um encanto de pessoa...pela ajuda com as tabelas.

À D. Diva, minha sogra, pela torcida e orações.

Aos colegas do UniBH.

À turma dos Primeiros Passos, pela torcida.

Às meninas do Poslin: Malu e Graça, pela gentileza em me atender todas as vezes...e muitas...que estive por lá.

Ao Wilmar pela ajuda na organização dos dados.

Ao André da ABG, pela ajuda com o software R

À Mariana Soares pela leitura da análise estatística

À Solange, por me ajudar a manter o equilíbrio.

Luciana Silva, pela correção do abstract.

Aos leitores: Mônica Baeta e Pedro Perini

Às companheiras do Ceale pela torcida.

RESUMO

Esta tese tem como objetivo descrever e analisar as pesquisas em nível de mestrado e doutorado realizadas no período de 1980 a 2012, sobre as vogais médias em posição pretônica no português brasileiro. A partir de uma revisão de toda a literatura, através de uma metodologia denominada de Síntese de Pesquisas (Norris e Ortega, 2006) e com o recurso estatístico da meta-análise (Glass, 1977), discuto os resultados das investigações sobre o vocalismo pretônico que tiveram como suporte a teoria da variação, referenciada por Willian Labov, nas décadas de 60 e 70. Identifica-se o que há em comum em relação às análises dos fatores sociais e linguísticos considerados como favorecedores ou inibidores da alternância das vogais médias anterior e posterior, que ora podem se realizar como [e ~ e ~ i] e [o ~ o ~ u] em vários dialetos do Brasil. Observou-se que a busca pelo melhor modelo para explicar o fenômeno de variação que acomete essas vogais seguem o mesmo padrão ao longo de mais de trinta anos de pesquisa: o modelo da Sociolinguística quantitativa. Com poucas inserções em outras teorias, as 28 dissertações de mestrado e 10 teses de doutorado utilizadas como referências, contemplam quase todas as regiões brasileiras e confirmam essa abordagem. Desse material extraímos os fatores linguísticos e não-linguísticos, observados pelos pesquisadores como variáveis independentes, bem como o resultado da atuação dos mesmos na realização da pretônica. Os dados referentes aos resultados de todas as pesquisas, organizados em tabelas, nos permitiram comparar as diferenças e semelhanças entre eles, e mostrar o que ainda pode ser discutido em relação ao vocalismo pretônico. A pesquisa realizada não encontrou nenhuma resposta para a questão da alternância pretônica. Entretanto, evidenciou uma maior influência de fatores linguísticos para sua realização. É provável que nenhuma teoria fonológica consiga explicitar o tipo de variação vocálica abordada aqui, pois, conforme Oliveira (2013), os fenômenos linguísticos estão relacionados a um sistema dinâmico da língua que envolve um conjunto de atratores internos e externos. Uma nova abordagem, como a teoria da complexidade tem muito a oferecer às pesquisas futuras sobre o vocalismo pretônico, e, talvez, possa apaziguar a inquietação dos pesquisadores sobre esse fenômeno.

Palavras-chave: Variação - Vogais pretônicas - Fonologia

Abstract

This dissertation aims to describe and analyze master and doctoral researches from 1980 to 2012 about mid vowels in unstressed position in Brazilian Portuguese pronunciation. Starting from a literature review of the subject, using the research synthesis methodology (Norris and Ortega, 2006) and the statistical meta-analysis (Glass, 1977), we discuss the results of investigations on the pretonic vocalism which had the support of the theory of variation, referenced by William Labov in the 60s and 70s. We tried to identify what was in common in relation to the analysis of social and linguistic factors considered enhancers or inhibitors of alternating mid vowels before and after, which sometimes can be realized as [e ~ ε ~ i] e [o ~ ɔ ~ u] in several dialects in Brazil.

It was observed that the search for the best model to explain the phenomenon of variation affecting these vowels follow the same pattern over more than thirty years of research, and the model of quantitative sociolinguistics, with few insertions phonological theories.

Twenty-eight (28) master's theses and ten (10) doctoral dissertations were used as references, covering almost all Brazilian regions. From this material, we extract the linguistic and non-linguistic factors, observed by researchers as independent variables, as well as the result of action of these factors in the realization of unstressed.

The data produced from the results of all researches, organized in tables, allowed us to compare the differences and similarities between them, and show what can still be discussed in relation to pretonic vocalism. This research found no answers to the pretonic alternation. However, it showed a greater influence from linguistic factors for its realization. It is possible that no phonological theory can explain the type of vowel variation discussed here, because the linguistic phenomena are related to a dynamic language phenomenon that involves a set of internal and external attractors (Oliveira, 2013). However, complexity theory has much to offer to future researches on the pretonic vocalism, and the search for an effective answer to this question.

Keywords: unstressed vowels - variation - phonology

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
1- Introdução.....	21
2-Aspectos teóricos	24
2.1 <i>A multiplicidade de estudos sobre as vogais médias pretônicas</i>	24
2.2 <i>Os processos que envolvem as vogais médias</i>	26
2.3 <i>Fonologia e Sociolinguística</i>	27
2.4 <i>A Síntese de Pesquisas</i>	33
2.5 <i>A meta-análise</i>	35
3-Aspectos metodológicos	38
3.1 <i>Questões orientadoras da pesquisa</i>	39
3.2 <i>Estudo e definição da classificação das pesquisas.....</i>	41
3.3 <i>Corpus analisado.....</i>	42
3.5.-Software R.....	50
3.5.2-As tabelas	50
4-Síntese das pesquisas.....	55
4.1 <i>Estudos sobre as pretônicas na Região Sul.....</i>	55
4.1.8 <i>Algumas considerações sobre as pesquisas da Região Sul.....</i>	69
4.2 <i>Estudos sobre as pretônicas na região Sudeste</i>	71
4.2.1 <i>Estudos sobre as pretônicas em Minas Gerais.....</i>	71
4.2.1.2 <i>Dissertação: As pretônicas na variedade mineira juizdeforana. 1990.....</i>	73
Autora: Elzimar Cesar de Castro - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.....	73
Orientadora: Yonne de Freitas Leite	73
4.2.1.3 <i>Tese de doutorado: O alçamento das vogais médias pretônicas e os itens lexicais.....</i>	76
Autora: Maria do Carmo Viegas – Instituição Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.....	76

4.2.1.4 Dissertação: Variação das vogais médias na posição pretônica nas regiões norte e sul de Minas Gerais: uma abordagem à luz da Teoria da Otimalidade. 2007.....	77
Autor: Rubens Vinícius Martins Guimarães – Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Prof. Dr. Seung-Hwa Lee.....	77
Autora: Vanessa Faria Viana – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais.....	79
4.2.1.6 Dissertação: A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Outro Branco.....	80
Autora: Melina Rezende Dias – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.....	80
Orientador: Maria do Carmo Viegas	80
4.2.1.7 Dissertação: A variação das vogais médias pretônicas na cidade mineira de Machacalis. 2008.	81
Autora: Luciana de Fátima Almeida – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.	81
4.2.1.8 Tese de doutorado: As vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de Belo Horizonte: um estudo da variação à luz da Teoria de Otimalidade. 2008.	82
Autora: Marlúcia Maria Alves – Universidade Federal de Minas Gerais:.....	82
Orientador: Prof. Dr. Seung-Hwa Lee.....	82
4.2.1.11 Algumas Considerações sobre os estudos do dialeto mineiro.....	87
4.3 <i>As pesquisas do Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo</i>	89
4.3.1-Rio de Janeiro.....	89
4.3.1.1 Dissertação: As vogais médias pretônicas no falar culto carioca. 1993.....	89
Autora: Lilian Coutinho Yacovenco- Universidade Federal do Rio de Janeiro.....	89
Orientadora: Dinah Maria Isensee Callou	89
4.3.1.2 Tese: As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal. 2006.....	91
Autora: Sandra Maria Oliveira Marques - Universidade Federal do Rio de Janeiro	91
Orientadora: Dinah Maria Isense Callou	91
4.3.2.2 Dissertação: As vogais médias pretônicas nos verbos da fala culta do interior paulista. 2009	95

Autora: Márcia Cristina do Carmo - Universidade Estadual Paulista, São José do rio Preto. .	95
Orientadora: Luciani Ester Tenani	95
4.3.2.3 Dissertação:O alçamento das vogais médio-baixas no falar da cidade de São Paulo. .	97
Autora: Juliana Camargo Zani – Universidade de São Paulo	97
Orientadora: Raquel Santana Santos	97
4.4. <i>Estudos sobre as pretônicas na região Norte e Nordeste</i>	101
4.4.1 <i>Os estudos da região Nordeste</i>	101
4.4.1.3 Tese: As pretônicas no falar Baiano: a variedade culta de Salvador, 1989.....	102
Autora: Myrian Barbosa da Silva – Universidade Federal do Rio de Janeiro.....	102
Orientador: Celso Ferreira Cunha.....	102
4.4.1.5 Tese: As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista. 2007.....	105
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.....	105
Autora: Aluiza Alves de Araújo	105
Orientadora: Maria do Socorro da Silva Aragão	105
4.4.1.6 Dissertação: O comportamento do /e/e e do /o/ pretônicos: um estudo variacionista da língua falada culta do Recife. 2009.	106
Autor: Gustavo da Silveira Amorim - Universidade Federal de Pernambuco.	106
Orienador: Stella Telles	106
4.4.1.7 Tese: As pretônicas no falar teresinense. 2009. Pontifícia Universidade.....	108
Autora: Ailma do Nascimento Silva - Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul. .	108
OrientadoraOrientadora:Leda Bisol	108
4.4.1.8 Considerações sobre algumas pesquisas não contempladas nesta síntese.....	109
4.4.2 As pesquisas sobre as pretônicas no norte do Brasil	109
4.4.2.1 Tese: Aspectos da variação fonético-fonológico na fala de Belém. 1991.....	110
Autora: Terezinha de Jesus de Carvalho Nina - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.....	110
Orientadora: Dinah Maria Isensee Callou	110

4.4.2.2	Dissertação: As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança. 2001.	111
	Autora: Simone Negrão de Freitas - Universidade do Pará.....	111
	Orientador: Prof. Dr. Abdelhak Razky	111
4.4.2.3	Dissertação: Da zona urbana à rural/ entre a tônica e a pré-tônica: o alteamento /o/ > [u] no português falado no município de Cametá/NE paranaense – uma abordagem variacionista. 2005.	113
	Autora: Doriedson do Socorro Rodrigues - Universidade Federal do Pará.	113
	Orientadora: Regina Célia Fernandes Cruz	113
4.4.2.4	Dissertação: Alteamento vocálico em posição pretônica no português falado no município de Mocajuba – Pará. 2008.	114
	Autora: Benedita Maria do Socorro Pinto Campos - Universidade Federal do Pará.	114
	Orientadora: Regina Célia Fernandes Cruz	114
4.4.2.6	Dissertação: Comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves.....	115
	Autora: Lúcia Helena Ferreira da Silva - Universidade Federal do Amazonas	115
	Orientadora: Maria Luiza de Carvalho Cruz Cardoso.....	115
4.4.2.5	A Dissertação: distribuição geo-sociolinguística da variável <e> pretônica no português falado no Estado do Pará. 2009.	116
	Autor: Edinaldo Gomes dos Santos- Universidade Federal do Pará.	116
	Orientador: Prof. Dr. Abdelhak Razky	116
4.4.3	Estudo sobre as pretônicas na região Centro Oeste e Distrito Federal.....	117
4.4.3.1	Dissertação: Focalização dialetal em Brasília: um estudo das vogais pretônicas e do/s/ pós-vocálico. Brasília. 1998.	118
	Autora: Cíntia da Costa Corrêa – Universidade de Brasília.....	118
	Orientadora:Stella Maris Bortoni Ricardo.....	118
4.4.3.2	Dissertação: A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas. Autora: Geruza de Souza Graebin - Universidade de Brasília	119
	Orientadora: Maria Marta Pereira Scherre	119

5-Resultados da meta-análise	122
<i>5.1.1- Contexto fonético: modo de articulação precedente e seguinte para o Alçamento vocálico</i>	<i>123</i>
<i>5.1.1.1 Alçamento vocálico de e</i>	<i>124</i>
Tabela 2	124
Tabela 3 Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre o modo de articulação do contexto fonético seguinte.....	126
<i>5.1.1.2 Alçamento de o</i>	<i>128</i>
<i>5.1.1.3 Abaixamento vocálico.....</i>	<i>130</i>
<i>5.1.1.3.1- Abaixamento de /e/.....</i>	<i>131</i>
Tabela 7- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “e” entre o modo de articulação do contexto fonético seguinte.	132
<i>5.1.1.3.2- Abaixamento de /o/.....</i>	<i>134</i>
<i>5.1.2 - Contexto fonético: ponto de articulação precedente e seguinte</i>	<i>137</i>
<i>A figura 21 ilustra como os contexto seguinte foi explorado nas pesquisas e com resultados</i>	<i>140</i>
<i>5.1.2.2 Alçamento de o</i>	<i>140</i>
Tabela 13- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “o” entre os pontos do contexto fonético precedente.....	142
Tabela 9- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “o” entre os pontos do contexto fonético precedente.	146
5.1.3 Considerações parciais sobre o contexto fonético.....	147
5.2 <i>Altura da Vogal Tônica</i>	<i>148</i>
<i>5.2.1 Alçamento vogal média anterior</i>	<i>149</i>
5.2.2 Alçamento vogal média posterior.....	150
<i>5.2.3 Abaixamento da vogal média anterior</i>	<i>152</i>
2.5 Considerações parciais sobre a altura da vogal	155
5.3 <i>Atonicidade.....</i>	<i>155</i>

5.3.1 Alçamento “e”	156
5.3.2 Alçamento “o”	157
5.3.3 Abaixamento “e”	158
5.3.5 <i>Considerações parciais sobre a atonicidade</i>	160
5.4 <i>Distância</i>	161
5.5.1.1 Alçamento “e”	161
5.5.1.2 Alçamento “o”	162
5.5.1.3 Abaixamento “e”	164
5.5.1.4 Abaixamento “o”	165
5.5 <i>Os fatores sociais</i>	167
5.5.1 <i>Escolaridade</i>	167
5.5.5.1 Alçamento /e/	168
5.5.1.2 Alçamento /o/	169
5.5.2 <i>Faixa etária</i>	172
5.5.2.1 <i>Considerações parciais sobre a influência da faixa etária</i>	175
5.6 - <i>Gênero</i>	176
5.7 <i>Considerações parciais sobre os fatores sociais</i>	180
5.8 <i>Análise Quantitativa</i>	181
5.8.1 <i>Panorama dos estudos sobre as vogais pretônicas</i>	182
5.8.2 <i>Possibilidades de uma nova abordagem: teoria da complexidade</i>	187
6- Considerações finais	190
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	192
<i>a) Referências gerais</i>	192
<i>b) Referências das teses e dissertações consultadas</i>	197

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Exemplo do processo de extração dos dados das pesquisas	48
Figura 2 - Exemplo de planilha de cálculo de fator analisado	49
Figura 3- Exemplo de tabela de contingência e razão de chance	51
Figura 4- Exemplo da tabela de estimador resumo	52
Figura 5 – Exemplo do gráfico Forest Plot.....	54
Figura 6- Amaral, 1996	62
Figura 7(exemplos extraídos do autor: p. 17).....	63
Figura 8 – Tabela extraída de Kailer, 2008	69
Figura 9- Exemplo extraído de Castro, p. 2001.....	74
Figura 10 - Exemplo extraído de Castro p. 216.....	73
Figura 11 - Diagrama extraído de Castro (2009).....	96
Figura 12 - Tabela extraída de Rodrigues, 2005, p.161	114
Figura 13 -Gráficos das razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre o modo de articulação do contexto fonético precedente.....	125
Figura 14 - Gráficos as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre o modo de articulação do contexto fonético seguinte.....	127
Figura 15 Gráficos com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para alçamento de “o” entre o modo de articulação do contexto fonético precedente.....	129
Figura 16 Gráficos- As razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “e” entre o modo de articulação do contexto fonético seguinte.....	133
Figura 17 - Gráficos As razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “o” entre o modo de articulação do contexto fonético precedente.....	134
Figura 18 - Gráficos com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “o” entre o modo de articulação do contexto fonético seguinte.....	136
Figura 19 - Gráficos com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre o ponto de articulação do contexto fonético precedente	138
Figura 20 -Gráficos com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre o ponto de articulação do contexto fonético seguinte.....	140
Figura 21 - Gráficos - As razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para alçamento de “o” entre o ponto de articulação do contexto fonético seguinte.....	141

Figura 23- Gráfico as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre o ponto de articulação do contexto fonético precedente.....	144
Figura 24 -Gráficos As razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “o” entre o ponto de articulação do contexto fonético seguinte.....	144
Figura 25 Gráficos-abaixamento de ‘e’ – coronal/Labial-Gráfico 1- Dorsal/Labial.....	148
Figura 26 - Gráficos com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “o” entre o ponto de articulação do contexto fonético seguinte.....	145
Figura 27 - Gráficos com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para o alçamento “e” entre as alturas da vogal tônica.....	150
Figura 28 - Gráficos Ocorrência do alçamento de ‘o’ com vogal tônica baixa/média, média/alta e baixa/alta.....	151
Figura 29 - Gráficos Ocorrência do- abaixamento de ‘e’ com vogal tônica média/alta-e - baixa/alta.....	153
Figura 30 - Gráficos Ocorrência abaixamento de ‘o’ com vogal tônica média/alta-Gráfico 2- baixa/alta/Baixa Média.....	154
Figura 31 - Gráfico Ocorrência do alçamento de ‘e’ com atonicidade casual/atonicidade permanente.....	157
Figura 32 - Gráfico Ocorrência do- alçamento de ‘o’ com atonicidade casual/atonicidade permanente.....	158
Figura 33 - As razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para o abaixamento “e” em relação à atonicidade.....	159
Figura 34 - Gráfico para abaixamento de “o” com atonicidade. Casual/ atonicidade permanente	160
Figura 35 - Gráficos Ocorrência do alçamento de ‘e’ para a distâncias 02/01, 03/01/ e 03/02 -	162
Figura 36 - Gráficos alçamento de 'o' com distância 2/1-, 3/1e distância 3/ 2	163
Figura 37 - Gráficos Ocorrência- abaixamento de 'e' com distância 2/1, 3/1 e 3/ 2.....	165
Figura 38 - Gráficos Ocorrência abaixamento de ‘o’ distância2/, 1/ , 3/1 e 3/2.....	166
Figura 39 - Gráfico Ocorrência- As razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para o alçamento “e” entre as escolaridades.....	168
Figura 40 Gráfico as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para o alçamento “o” entre as escolaridades.....	169

Figura 41 - Gráfico as razões de chances e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para o abaixamento “e” entre as escolaridades.....	170
Figura 42 - Gráfico - As razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para o abaixamento “o” entre as escolaridades.	171
Figura 43 - Gráfico com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “e” entre as idades.	174
Figura 44 - Gráfico com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para o alçamento “o” entre as idades.....	174
Figura 45 - Gráfico As: razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para o abaixamento “o” entre as idades.....	175
Figura 46 - Gráficos com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para o alçamento “e” entre gênero.....	177
Figura 47 - Gráfico com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para o alçamento “o” entre gêneros.....	177
Figura 48 - Gráfico com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para o abaixamento “e” entre gêneros.	178
Figura 49 - Gráficos com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para o abaixamento “o” entre gêneros.....	179
Figura 50– mapeamento dos estudos.....	183

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	24
<i>Tabela 2</i> - Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre o modo de articulação do contexto fonético precedente.....	124
Tabela 3 - Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “o” entre o modo de articulação do contexto fonético seguinte.....	135
Tabela 4 - Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “o” entre o ponto de articulação do contexto fonético seguinte.....	141
Tabela 5 Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “e” entre o ponto de articulação do contexto fonético precedente.....	
Tabela 6- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “o” entre o ponto de articulação do contexto fonético precedente.....	134
Tabela 7 - Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “e” entre o ponto de articulação do contexto fonético seguinte.	143
Tabela 8- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “o” entre o ponto de articulação do contexto fonético seguinte.....	145
Tabela 9- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre a altura da vogal tônica.....	149
Tabela 10- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “o” entre as alturas da vogal tônica.....	151
Tabela 11- resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “e” entre a altura da vogal tônica.....	153
Tabela 12- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “o” entre as alturas da vogal tônica.	154
Tabela 13- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre a atonicidade.	156
Tabela 14- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “o” em relação à atonicidade.....	158
Tabela 15 - Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “e” entre as atonicidades.....	159
Tabela 16- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “o” em relação à atonicidade.	160

Tabela 17-Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre as distâncias.	161
Tabela 18- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “o” entre as distâncias.....	163
Tabela 19- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “e” entre as distâncias.....	164
Tabela 20- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “o” entre as distâncias.....	166
Tabela 21-Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre as escolaridades.	168
Tabela 23-Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “o” entre as escolaridades.	171
Tabela 23-Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “e” entre as escolaridades.	170
Tabela 24 -Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “e” entre as escolaridades.....	171
Tabela 25-Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “e” entre as idades.	173
Tabela 26– Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre gênero.	176
Tabela 27- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “o” entre gênero.	177
Tabela 28 Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “e” entre gêneros.	17879
Tabela 29-- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “o” entre os sexos.	179
Tabela 30 Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “e” entre gêneros.	181

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Descrição das etapas da primeira parte da pesquisa.....	40
Quadro 2– Descrição das etapas da segunda parte da pesquisa	41
Quadro 3 - Codificação das dissertações analisadas	43
Quadro 4 -Codificação das teses analisadas.....	44
Quadro 5- Fatores analisados nas pesquisas.....	47

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ALIPA – Atlas Linguístico sonoro do Pará

ALS - Atlas Linguístico de Sergipe

ALPR - Atlas Linguístico do Paraná

ALIB – Atlas Linguístico do Brasil

BH- Belo Horizonte

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CFP – contexto fonético precedente

CFS – contexto fonético seguinte

CV – consoante e vogal

CVC – consoante, vogal, consoante

EALMG – Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais

MG – Minas Gerais

NURC – Norma Urbana Culta

PB – Português do Brasil

PI - Piauí

RCE – regra categórica de elevação

RCT – regra categórica de timbre

RVE – regra variável de elevação

RVT – regra variável de timbre

TO – Teoria da Otimalidade

VMP – vogal média pretônica

VMPA – vogal média pretônica anterior

VMPP – vogal média pretônica posterior

1 Introdução

A variação das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica no Português do Brasil¹ tem despertado grande inquietação entre os pesquisadores da área da Linguística, a julgar pela alentada produção acadêmica sobre o tema. Afora os escritos de menor fôlego, consubstanciados sob a forma de artigos, são muitas as dissertações de mestrado e as teses de doutorado existentes sobre o tema, a maioria delas ancoradas nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Quantitativa, particularmente na Teoria da Variação.

Em decorrência da multiplicidade dos trabalhos voltados a investigar os fatores que favorecem essa variação e das perspectivas de análises neles empregadas, proponho-me a fazer, no presente estudo, a meta-análise das dissertações e teses apresentadas no País no período de 1980 a 2012, a fim de obter a melhor síntese possível das informações já disponíveis. Esse estudo meta-analítico é baseado na metodologia de síntese de pesquisas (*research synthesis*) proposta por Cooper e Hedges (2009).

Nesse sentido, recorro à investigação de caráter bibliográfico² para, num primeiro momento, inventariar e sistematizar os resultados das pesquisas sobre as vogais pretônicas e, posteriormente, submetê-los a tratamento estatístico. A compreensão do estado do conhecimento sobre o que tem sido feito, em termos de pesquisas, sobre as vogais pretônicas é necessária, neste momento, tendo em vista a proliferação dos estudos sobre a temática desde os anos 80. Vale dizer que o perfil dos estudos sobre as vogais pretônicas não mudou muito nas últimas décadas, embora o número de trabalhos tenha aumentado consideravelmente a partir do ano 2000.

Urge, pois, ordenar o conjunto de informações e resultados já obtidos, para que se possam indicar outras possibilidades de investigações, identificar duplicações ou contradições nos estudos, bem como determinar possíveis lacunas. Impõe-se, em suma, traçar o panorama dos estudos sobre os dois fenômenos que envolvem as pretônicas: alçamento e abaixamento.

Para explicar a variação vocálica retromencionada, no contexto da Teoria da Variação, esta tese tem por objetivo geral apresentar a meta-análise dos estudos variacionistas sobre as vogais pretônicas e por objetivos específicos:

¹ Doravante designado pela sigla PB.

² Pesquisas dessa natureza são de grande importância, pois nos conduzem à compreensão do estado alcançado pela ciência a respeito de determinado assunto, sua extensão, as tendências teóricas e as vertentes metodológicas.

a) analisar, criticamente, o conjunto de pesquisas desenvolvidas nas diversas universidades do Brasil, no período de 1980 a 2012, sobre as vogais médias pretônicas;

b) identificar, por meio da meta-análise, diferenças e semelhanças entre as características apontadas como responsáveis pelos dois fenômenos que ocorrem com as vogais médias [e] e [o] em posição pretônica, a saber: elas se tornam altas; elas se tornam baixas;

d) promover a socialização da produção acadêmica e científica sobre o sistema pretônico brasileiro;

e) delinear um panorama sobre os contextos favoráveis e desfavoráveis para a aplicação da regra que tornam tais vogais variáveis, analisando a probabilidade de sua produção no português brasileiro;

f) com base no panorama precedente, apontar ganhos teóricos, lacunas e novas perspectivas de abordagem do tema, contribuindo para a realização de futuras investigações.

Note-se que o presente estudo enfrentou vários desafios, a começar pela necessidade de vencer o estigma de ser “mais uma pesquisa” sobre as vogais pretônicas. Deparou-se, ainda, com a dificuldade de mapear e discutir mais de quarenta trabalhos acadêmicos extensos nos estreitos limites de escrita de uma tese. Ousou, por último, apresentar propostas para a continuação das pesquisas sobre o tema.

A escrita desta tese acha-se organizada em seis capítulos, afora as referências bibliográficas e os anexos. Inicia-se por este capítulo de introdução, com a justificativa e os objetivos do estudo. O Capítulo 2 dedica-se a discutir o marco teórico deste trabalho, especificamente a meta-análise e a síntese de pesquisas. Já o Capítulo 3 apresenta a metodologia do estudo, ao passo que o Capítulo 4 traz as resenhas das pesquisas nele contempladas. O Capítulo 5, por seu turno, foi dividido em duas partes: a primeira contém a análise dos resultados dos dados (análise quantitativa) sobre os fatores linguísticos e os fatores sociais apresentados nas pesquisas de base variacionista; a segunda contém a meta-análise propriamente dita (análise qualitativa). O Capítulo 6, denominado de Considerações Finais, longe da pretensão de estabelecer um ponto final nos estudos sobre o vocalismo pretônico no Brasil, tão somente indica as potencialidades para a produção de novas pesquisas integradas aos projetos já desenvolvidos sobre as vogais nos dialetos brasileiros. Para tanto, busca responder às questões que deram origem ao mapa conceitual da Seção 5.8, quais sejam: Que abordagem teórica deu mais sustentação aos estudos? Há regularidade na variação da pretônica? Se há, como ocorre? Há diferença entre a clássica divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes (1953) e os resultados dessas pesquisas mais recentes? Quais foram os

resultados apresentados nas pesquisas variacionistas nesses últimos 30 anos e o que há de comum entre elas? O que é mais relevante nos estudos: os fatores linguísticos ou os fatores não linguísticos?

As referências bibliográficas, por sua vez, foram divididas em dois grupos: a) referências bibliográficas gerais; b) referências bibliográficas específicas sobre as vogais pretônicas médias. Nessa parte, arrolou-se todo o material consultado: teses, dissertações, artigos e livros.

Por fim, integram esta tese – sob a forma de anexos – o formulário para a coleta de dados; os quadros das teses e dissertações analisadas, separados cronologicamente; o quadro com a especificação das variáveis analisadas nas dissertações e teses; os quadros com o número de dados analisados em cada um desses trabalhos; e uma tabela com análise estatística relativa ao alçamento do “e”, tomada como exemplo das outras organizadas no relatório estatístico constante do *compact disc* que acompanha o presente texto.

2 Aspectos teóricos

2.1 A multiplicidade de estudos sobre as vogais médias pretônicas

O sistema vocálico do português brasileiro é alvo de muitos estudos, quer na perspectiva fonética, quer na fonológica. Naquela, os fones vocálicos são classificados isoladamente quanto ao timbre (aberto, fechado ou reduzido) e quanto ao estado do véu palatino (oral ou nasal), reportando-se aos aspectos acústicos e articulatorios. Nos estudos da fonologia, o ponto de partida é a oposição entre átonas e tônicas, acrescido do fato de as vogais serem ou não bases de sílaba.

Tal oposição se fundamenta na análise fonêmica do professor Joaquim Mattoso Câmara Jr, extraída da obra *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa (1953)*³, que é referência na organização do quadro vocálico brasileiro. Sem se restringir à mera descrição da variação vocálica, Câmara Jr. identifica as características que mostram como as vogais se estruturam na sílaba de acordo com sua posição. A proposta do autor, retomada em vários trabalhos que tratam das vogais do PB, pode ser assim resumida:

Tabela 1- Proposta de Câmara Jr, 1970

Posição na sílaba	Vogais
Tônicas	/a/ /e/ /e/ /i/ /o/ /o/ /u/
Pretônicas	/a/ /e/ /i/ /o/ /u/
Postônicas	/u/ /e/ /i/ /a/
Átonas finais	/u/ /i/ /a/

Embora o grande legado dos estudos fonêmicos de Câmara Jr. para as sucessivas gerações de pesquisadores seja a descrição das vogais segundo sua posição na sílaba em relação à tonicidade, o que sempre chamou a atenção dos estudiosos e segue como objeto de estudo é à alternância no quadro vocálico. Como se pode ver acima, os fonemas vocálicos na posição tônica são representados por sete vogais, quadro que se modifica nas demais posições, pois os timbres se alteram, delineando, assim, três novos quadros vocálicos.

³ O livro *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, publicado em 1953, constitui-se no primeiro trabalho de orientação estruturalista acerca da Língua Portuguesa do Brasil, escrito por um falante da língua, e até hoje é a principal referência no ramo da fonologia estruturalista no País.

No caso das vogais em posição pretônica, foco desta tese, o autor aponta a oposição entre /e/ e /i/ e entre /o/ e /u/, mostrando a influência da vogal tônica alta na pronúncia da pretônica.⁴ Não obstante Câmara Jr. (1989:43)⁵ tenha afirmado que é “relativamente fácil fazer uma descrição rigorosa dessa situação”, bastando ter um /i/ ou um /u/ na sílaba tônica para que um /e/ ou /o/ pretônicos se transformem em /i/ ou /u/, pesquisas mais recentes mostram que não é bem assim.

Até a década de 70, o que se conhecia sobre o sistema pretônico do Português do Brasil provinha de observações de estudiosos como Serafim da Silva Neto, Câmara Jr. e Antenor Nascentes. O último apontou para a existência de pretônicas abertas, não só em diminutivos (pezinho) e advérbios em –mente (belamente), mas em outros vocábulos não comuns na variedade brasileira como um todo. Ele propôs (1953:25) a divisão dialetal do Brasil em dois grandes grupos, nos quais se pode observar a predominância de realizações como [o ~ o ~ u] e [e ~ e ~ i], na posição pretônica. Nas regiões Norte e Nordeste do País, há o predomínio das pretônicas baixas e altas, enquanto nas regiões Sul e Sudeste a ocorrência de altas e fechadas se destaca. No entanto, em um mesmo dialeto, como o de Belo Horizonte, por exemplo, pode-se encontrar três alternâncias entre as vogais médias antes da sílaba tônica, cuja pronúncia não necessariamente caracteriza, dialetalmente, esta cidade. De acordo com Alves (2008):

há a tendência destas vogais serem fechadas. Contudo, é observado que as vogais médias são pronunciadas neste dialeto de três formas diferentes. Ou ocorre a vogal média fechada, ‘r[e]boco’, ou ocorre a vogal média aberta, ‘r[e]lógio’, ou ainda acontece a vogal alta, ‘m[i]nino.

Diante desse quadro, pesquisadores variacionistas e fonólogos buscam compreender os processos que envolvem as vogais médias e provocam a variação.

Nesta pesquisa, encontrei dados dos estudiosos brasileiros que comprovam a variação das vogais médias em todas as posições: tônica, como nos dados do dialeto do Pará e na fronteira da região Sul (e.g. *cabucla*), postônica e pretônica nas outras regiões.

Muitas investigações já realizadas ao longo dessas últimas três décadas mostram que a vogal da sílaba tônica é condição para o desencadeamento do processo de variação; outras indicam, além disso, o contexto seguinte e precedente, a classe gramatical (em geral verbos e advérbios) e, ainda, o grau de escolaridade e o gênero do falante. Em uníssono, todas

⁴ Em outros termos, quando as vogais /i/ e /u/ estão na sílaba tônica, elas favorecem a realização das pretônicas /e/ e /o/ como altas. É o que ocorre nas palavras *pírego* e *bonita*.

⁵ A obra foi originalmente publicada em 1970, ano da morte de Câmara Jr., mas a edição consultada é de 1989.

afirmam que não há um fator único, mas vários fatores que, em conjunto, provocam o alçamento, a abertura ou a manutenção de /e/ e /o/. A falta de resposta satisfatória para o problema é a razão óbvia para que as pesquisas sobre o assunto continuem a ser feitas. Permanece, pois, a indagação: por que há alternância das vogais médias em posição pretônica?

2.2 Os processos que envolvem as vogais médias

Autores como Wetzels (1992), Oliveira e Lee (2006), Bisol (2009), Viegas (2001) dentre outros, apontam que as vogais médias em posição pretônica se alternam, desencadeando três ocorrências no PB: ora se realizam com o timbre mais fechado, [e] - [o], o que alguns estudiosos denominam de *manutenção*⁶ da pretônica; ora com ele mais aberto, [e] - [o], fenômeno nomeado de *abaixamento*, *rebaixamento* ou *abertura*⁷; ora ou com o timbre alto, como [u] - [i], tratado como *alçamento*, *alteamento* ou *elevação* da pretônica média. Pontuam, também, que esses fenômenos são condicionados por processos fonológicos: quando a vogal só se realiza como fechada (e.g. *l[e]iteira*), diz-se que há um processo de *neutralização*, pois não há distinção dos traços; se a pretônica assimila o mesmo traço da vogal tônica, ocorre a *harmonia vocálica*, como em [e]xc[e]sso e em m[i]nino; nos casos em que há diminuição de contraste da pretônica, como ‘[i]squema’, temos o processo de *redução vocálica*⁸; há, por fim, casos de variação em que o contexto não dá conta de explicar, a exemplo de m[u]derno ~m[o]derno, v[e]rdade ~v[e]rdade, processo denominado pelos estruturalistas de *variação livre* e ainda pouco estudado.⁹

A alternância da vogal média em posição pretônica pelo processo de harmonização vocálica foi objeto de vários estudos. Grande parte deles feitos segundo a metodologia da Sociolinguística Quantitativa laboviana, como mostram Moraes, Callou e Leite (2002), sobre a oposição entre /u/ - /o/ e /i/ - /e/. Os trabalhos dentro desse modelo investigam os fatores estruturais e sociais que atuam na variação fonológica.

⁶ O termo “manutenção” é utilizado na maioria dos trabalhos arrolados nesta tese e representa a não variação da vogal média pretônica em alta e baixa: a vogal mantém-se como média fechada [e] - [o]. Há trabalhos em que esse fenômeno é denominado neutralização ou simplesmente média fechada. Os termos serão utilizados indistintamente, conforme a escolha feita pelos diversos autores.

⁷ O termo *abertura* é utilizado como sinônimo de *abaixamento* ou *rebaixamento* das vogais médias. As pesquisas mineiras preferem a primeira forma, enquanto as do Norte e Nordeste do País utilizam as demais.

⁸ O termo “redução vocálica” é utilizado pelos autores aqui citados como processo que caracteriza a perda de contraste das vogais.

⁹ Pesquisas pós-estruturalistas, como a de Oliveira e Lee (2006), revelam que a variação livre não é tão “livre” assim. Segundo Labov (1972), a chamada variação livre está fortemente condicionada, de modo probabilístico, a fatores estruturais e sociais.

As análises fundadas na Sociolinguística têm mostrado que fatores externos e internos ao sistema linguístico caracterizam a diversidade e a heterogeneidade da língua. Revelam, ainda, que os dados probabilísticos indicam fatores favorecedores, mas não, necessariamente, desencadeadores do processo de variação. Como afirma Reynolds (1994), elas são importantes para descrever quando e em que circunstância uma combinação de regras é mais provável de ser aplicada, mas não dizem nada sobre a produção e percepção do falante, objeto de preocupação da Fonologia.

Na verdade, são poucos os trabalhos que discutem o fenômeno de variação vocálica à luz de alguma teoria fonológica. Quando o fazem, invariavelmente recorrem primeiro à Teoria Variacionista para o tratamento dos dados e só depois efetuam a análise fonológica, como se observa no trabalho de Amaral (1996), que tenta explicar o abaixamento de /i/ e /u/ na cidade de Campanha, no Rio Grande do Sul. Diante da insuficiência do modelo fonológico gerativo de Chomsky e Halle (1968) para a explicação desse fenômeno, Amaral tenta a Geometria de Traços de Clements (1995), que, segundo ele, é “um modelo mais atraente e claro”. De qualquer maneira, a pesquisa não apresenta uma explicação, e sim uma descrição do que favorece, em termos de traços, o referido abaixamento.

Duas pesquisas selecionadas para análise nesta tese (Guimarães, 2006; e Alves, 2008), lançam mão de uma abordagem fonológica mais recente, a Teoria da Otimalidade (TO). Em ambas, os autores discutem a teoria, mas – a exemplo do que ocorre com outras tentativas de explicação do fenômeno – enveredam primeiro pelo caminho da variação na discussão dos dados. Também revelam que a alternativa dos ranqueamentos múltiplos proposta na TO demonstrou ser a mais eficaz para explicar os fenômenos de variação estudados e reiteram a necessidade de abordagens ainda mais consistentes para dar conta do problema.

Nenhum dos 39 trabalhos acadêmicos considerados nesta tese se reporta apenas à Fonologia para a análise da variação vocálica no sistema pretônico do PB. Todos eles buscam amparo na Sociolinguística, que igualmente não basta para explicar o fenômeno da variação vocálica.

2.3 Fonologia e Sociolinguística

Mesmo as pessoas que não são estudosas da linguagem, têm uma intuição fonológica sobre os sons da sua língua materna e do seu dialeto. Dois sons foneticamente

diferentes, como [e] e [e], são idênticos na sua essência fonológica, a exemplo do que ocorre com a palavra “educação”, pronunciada em Paracatu (MG), como [e]ducação. Dizer essa palavra, de uma maneira ou de outra, não altera o seu significado, nem a representação gráfica, mas identifica, dialetalmente, o falante.

Os grandes precursores da Fonologia, como Ferdinand de Saussure (1916), Jakobson e Trobetsky (Escola de Praga, 1928), Sapir (Escola americana, 1925), Daniel Jones (Escola Inglesa, 1907) e Morris Halle (Fonologia Gerativa), possibilitaram, aos estudos linguísticos, compreender melhor a relação entre língua e fala, som e significado.

O fonólogo –responsável pelos estudos dos sons das línguas, por meio da formulação de regras gerais – procura sempre um modo de regularizar o sistema linguístico, no tocante a sua estrutura sonora. Esse sistema pode ser modificado por processos fonológicos que provocam alternância entre os sons e apresenta diferenças na sua organização sonora de todas as línguas. Tais variações são objeto de estudo de teorias fonológicas cada vez mais inovadoras em todos os cantos do mundo. No Português Brasileiro, um dos fenômenos de variação fonológica mais contemplados nas pesquisas é o que envolve o sistema vocálico.

Apesar de a Fonologia nem sempre ser o suporte principal nos estudos sobre variação fonológica, um dos primeiros estudos sobre alternância vocálica no Português do Brasil teve suas principais análises influenciadas pela Teoria Gerativa Transformacional, proposta por Chomsky & Halle em 1968. Trata-se da pesquisa de mestrado de Jacyra Andrade Mota (1979), que utilizou a Fonologia Gerativa Natural como base da análise da fala de algumas regiões de Sergipe. Outras abordagens teóricas como a Teoria da Fonologia Autossegmental e a Geometria de Traços – inicialmente propostas por Clements em 1985 e melhor lapidadas dez anos depois (Clements & Hume, 1995) – encontram-se presentes nas pesquisas de Carmo e Zani (2009), nos estudos do dialeto paulista, e na pesquisa de Battisti (1993) sobre um dialeto do Sul do País. Schwindt (1995), por seu turno, observa a harmonia vocálica à luz da Fonologia não linear, em três cidades da região Sul: Porto Alegre, Curitiba e Florianópolis.

Contudo, é com o surgimento da Teoria da Otimalidade na década de 90 (Archangeli and Langendoen, 1997) que a fonologia começa a se destacar no cenário dos estudos de variação vocálica. Este novo modelo de análise fonológica, devido a sua aplicabilidade nos diferentes campos linguísticos, inclusive para o estudo da variação vocálica, desponta nos estudos sobre o dialeto mineiro (Guimarães, 2006 e Alves, 2008), apontando uma alternativa para explicar a variação da pretônica média.

A descrição linguística pautada por indícios intuitivos aplicados na análise de dados – prática corriqueira até a década de 1960 – mostra que a linguagem humana apresenta variabilidade em todos os níveis de representação da língua (fonética, fonológica, sintática, morfológica, pragmática etc.). Não explica, contudo, como a variação se encaixaria em nossa compreensão científica da linguagem. Para tanto, a língua deveria ser explorada e investigada, o que obviamente envolve a aplicação de pressupostos teóricos.

Não surpreende, pois, a aproximação registrada nos últimos anos entre os campos da Sociolinguística e da Fonologia, sobretudo em áreas como a Fonologia Lexical, Teoria da Otimidade e Teoria de Exemplares. Isso tem possibilitado o reexame de aspectos fundamentais de modelos tradicionais e tem influenciado, mesmo que timidamente, as investigações baseadas nas pressuposições sociolinguísticas quanto à interpretação dos dados.

É bem verdade que esses dois campos sempre trilharam os estudos da linguagem com objetivos diferentes. À Fonologia interessa desenvolver uma teoria formal do conhecimento fonológico, bem como observar a variação entre as línguas dentro de um modelo formal. Já a Sociolinguística, com base na constatação de que as línguas variam e sofrem mudanças, busca entender quais fatores se correlacionam para a variação e procura compreender as conexões entre as variações sincrônica e diacrônica. Ademais, segundo Mufwene (1994), citado por Nagy (2013), enquanto os fonólogos (teóricos formais) normalmente focalizam a variedade padrão da língua, os variacionistas (sociolinguistas) tratam da variedade não padrão.

Ainda de acordo com Mufwene (apud Nagy, 2013), há outros contrastes entre alguns pressupostos fundamentais nos dois campos. A Fonologia Gerativa Tradicional, por exemplo, propõe que os universais da linguagem poderiam ser observados no padrão sincrônico, enquanto a Sociolinguística considera que é preciso observar tanto o padrão diacrônico quanto o sincrônico.

Nos estudos fonológicos, as regras são categóricas e as variações são sempre problemáticas. Nos estudos sociolinguísticos, as regularidades têm caráter probabilístico e a variação é inerente ao sistema, como afirma Labov (1972). Na análise sociolinguística variacionista são considerados vários contextos: linguístico, social e estilístico, enquanto na análise fonológica a atenção é voltada apenas para o contexto linguístico.

A constituição dos dados nos dois campos também é diferente. Na Fonologia, os sons são transcritos e o padrão fonológico é resultado de impressões do próprio fonólogo, baseados nas proposições apresentadas a partir da análise dos dados. Nagy (2013) afirma que,

quando o alvo da pesquisa é uma língua não nativa, por exemplo, o fonólogo geralmente se baseia em dados de pesquisas anteriores e de maneira intuitiva apresenta o modelo fonológico para a língua. A pesquisa sociolinguística, por sua vez, requer o registro oral de uma variedade de falantes, representando uma comunidade linguística e fala espontânea é o objeto de análise.

Ambos os campos buscam padrões dentro da variação. Padrões categóricos para a Fonologia e padrões probabilísticas para a Sociolinguística. Na Fonologia, eles são tradicionalmente organizados como fonemas em um determinado contexto fonológico. Nos estudos da Sociolinguística, a unidade é a variável: um conjunto de formas que se alternam de acordo com o contexto linguístico e social.

Aliás, talvez o maior problema para o sociolinguista seja lidar com os dados, tanto em relação à variedade quanto ao número de falantes. Já para o fonólogo, o falante parece ser o maior desafio, pois nem sempre ele colabora para a categorização de uma regra fonológica.

É necessária uma interface mais efetiva entre os estudos com base variacionista e aqueles fonológicos, não apenas de maneira descritiva, como se tem visto nos trabalhos acadêmicos. Importa que os dados coletados nos estudos sociolinguísticos sejam analisados sob a perspectiva fonológica. Afinal, na abordagem de um fenômeno linguístico, não se pode ser só variacionista, ou só fonólogo, ou só sintaticista.

2.3.1 A Sociolinguística Variacionista

O inventário de trabalhos acadêmicos arrolados nesta tese mostra que boa parte das investigações teve como suporte a Teoria da Variação, representada pelos três estudos de William Labov (1962, 1963 e 1969) da década de 60, que são as principais referências dos pesquisadores. Ao se estruturar levando em conta a delimitação da variável linguística e os procedimentos de coleta e tratamento dos dados, essa teoria propôs uma nova forma de ver e tratar os fenômenos linguísticos, possibilitando a interface entre fatos linguísticos e sociais e assim se convertendo no suporte mais utilizado para analisar qualquer tipo de variação nas línguas. A partir de Labov (1969), foram desenvolvidos modelos de análise estatísticas que hoje, aperfeiçoados por vários autores, garantem uma boa análise dos dados, a exemplo do pacote *Varbrul* e sua versão para *Windows* mais atual, *Goldvarb X* (Sankoff, Tagliamonte e Smith, 2005). Com as informações fornecidas, estatisticamente, os autores relacionam os condicionadores selecionados e a variável em estudo.

O ramo da Linguística Empírica conhecido como Teoria da Variação (Labov, 1972; Sankoff, 1982) envolve uma combinação de uso de técnicas de Linguística, Sociologia, Antropologia e Estatística, entre outras, para investigar cientificamente o uso e a estrutura da linguagem que se manifesta nos contextos linguísticos naturais. O ponto de vista variacionista sobre a linguagem pode ser caracterizado por sua preocupação com a heterogeneidade linguística. Com a pesquisa sociolinguística é possível fazer um levantamento preciso dos registros da língua que se fala, em determinada comunidade, descrevendo o conjunto de variantes dessa língua com base nas características sociais e pessoais dos falantes, estilo de fala e fatores socioculturais. De acordo com Tarallo (1985), a Sociolinguística é a ciência que estuda a relação entre língua e sociedade e tem como proposta analisar e sistematizar o caos linguístico existente, devido à presença das variantes linguísticas. Ele ressalta que há, na literatura, uma rotulação do modelo laboviano denominado de Sociolinguística Quantitativa, “por operar com números e tratamento estatísticos dos dados coletados”.

A verdade é que é impossível que um falante conheça todas as variantes da sua língua, na fala e na compreensão. Ademais, em se tratando da língua falada, não dá para pensar em comunidade linguística homogênea, pois a língua oral é bastante diversificada. Chambers (1995, p. 3) acentua que:

Observations about personal speech characteristics could perhaps be better integrated into sociolinguistic research than they are. Sapir (1927) made an attempt at considering speech as a "personality trait" but his fascinating study has not inspired productive research by others. One avenue that would surely be interesting and possibly productive would be studying how (if at all) personal speech characteristics differ from society to society or, conversely, how they remain constant across social and cultural boundaries. It would also be of considerable sociolinguistic interest to discover how consistently these varied personal characteristics are used by listeners to form judgments about the speakers. For the time being, however, considerations like these are at the fringe of sociolinguistic research.

O fato de a maioria dos modelos teóricos para o estudo das línguas não darem conta dos fenômenos linguísticos da oralidade ou não considerarem as características de fala pessoais, como diz Chambers (1995), tem levado a Linguística moderna a buscar novos estudos no arcabouço da mudança sonora.

A Teoria da Variação, como suporte para explicar a alternância vocálica nas pesquisas analisadas, não vai muito além de generalizações do tipo:

- a) “o alçamento não é eminente no falar feminino e dos jovens” (Kailer, 2004);
- b) “em relação à vogal pretônica /e/, o gênero mostra um percentual diferente: os homens apresentaram (34%) de alçamento e as mulheres (29%)”. (Kailer, 2010, p. 217);

c) “elevam mais as pretônicas, sem motivação aparente, os falantes menos escolarizados” (Klunck, 2008, p. 76).

O que se observa nos trabalhos é a dificuldade que a teoria apresenta para explicar fatos fonológicos sem que se reporte à observação de fatores sociais. Como dizer, por exemplo, que determinado dialeto apresenta mais vogais altas do que outro, baseando-se apenas em dados coletados em algumas cidades ou na capital de um estado? A título de ilustração, cito Schwindt (1995, p. 66): “Comparativamente, poder-se-ia afirmar que os sujeitos de Curitiba utilizam mais a regra de harmonização vocálica do que os de Florianópolis, que por sua vez, utilizam-na mais que os informantes de Porto Alegre”.

Ora, três capitais não contemplam a realidade de uma região. A coleta de determinado número de dados não pode indicar que todo o estado ou toda a região fale daquela maneira. Embora um modelo de análise estatística e a Teoria da Variação possam desempenhar um papel importante nos estudos de processos fonológicos, convém considerar que as teorias podem ter sucesso em descrever uma determinada variação e não outra. No caso da variação pretônica, os autores – após a análise pelo viés variacionista – concluem que tal teoria não consegue explicar o fenômeno em estudo, ou pelo menos, não consegue sozinha.

As pesquisas desenvolvidas em Minas Gerais (Projeto Varfon-Minas, PROBRAVO)¹⁰ e no Pará (Vozes da Amazônia)¹¹ têm feito um mapeamento da variação no vocalismo pretônico em várias cidades dos respectivos estados, possibilitando a visualização de um quadro pretônico mais específico na região. Contudo, o delineamento ainda é mais descritivo do que elucidativo.

A Sociolinguística, base de grande parte dos trabalhos nesta área, não apresenta respostas, embora o método variacionista laboviano seja reconhecidamente uma excelente alternativa para entender os diferentes condicionamentos de um fato linguístico. A Fonologia, por sua vez, também não oferece respostas, mas sim propostas para uma boa interpretação e explicação dos fatos. Como afirma Reynolds (1994, p. 228): “Phonology and sociolinguistics have a great deal to offer to one another”.

¹⁰ Varfon-Minas: falares mineiros em análise. Grupo de pesquisa liderado pela Profa. Dra. Maria do Carmo Viegas, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); PROBRAVO: descrição sócio-histórica das vogais do português do Brasil, grupo de pesquisa liderado pelo Prof. Dr. Seung Hwa Lee, na UFMG e pelo Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas).

¹¹ Vozes da Amazônia: projeto de pesquisas sobre as vogais no Norte do Brasil, liderado pela Profa. Dra. Regina Célia Cruz, na Universidade Federal do Pará.

2.4 A Síntese de Pesquisas

É comum, antes de iniciar qualquer tipo de pesquisa, investigar o que existe na literatura sobre o assunto a ser pesquisado. A revisão de literatura é sempre realizada para se ter uma noção do que já é conhecido sobre a questão ou problema e sobre a metodologia empregada nas pesquisas. Esse procedimento é necessário para que se possa saber por onde começar e até onde ir com o novo trabalho. De acordo com Norris e Ortega (2006), a partir da década de 1970, esse processo ganhou *status* de pesquisa, que eles denominam de “Research Synthesis”. Esse tipo de investigação, muito comum nas áreas em que há grande volume de pesquisas sobre o mesmo assunto, ainda gera certo preconceito entre os pesquisadores brasileiros, mas é inegável a sua importância para resgatar os resultados dos estudos já realizados sobre determinado tema.

Segundo estes autores, a síntese de pesquisas envolve o enfrentamento de questões básicas, como as seguintes:

a) Qual a natureza epistemológica dos trabalhos e quais os procedimentos metodológicos adotados? Os estudos são quantitativos ou qualitativos?

b) O assunto é muito pesquisado? Quantos estudos foram realizados? Há estudos repetidos? Os estudos são de caráter mais exploratório e descritivo ou procuram testar e buscar respostas para o problema?

c) Qual a finalidade da síntese de pesquisas? Buscar uma resposta definitiva para o assunto tão estudado? Apenas testar se as hipóteses foram confirmadas? Deve-se avaliar a qualidade dos métodos utilizados? Esclarecer os quadros teóricos ou resolver o problema que não foi solucionado pelas várias pesquisas?

De acordo com Lovatto *et al.* (2007), a produção científica vem crescendo sensivelmente nas últimas décadas, e isso tem impulsionado o aumento no número de publicações no Brasil. Embora tímido diante da realidade de outros países, esse aumento já dificulta a seleção de literatura qualificada em determinados temas, incitando uma busca mais apurada da referenciação bibliográfica.

Não obstante a necessidade e os benefícios que tal aumento traz para a evolução do conhecimento, os referidos autores enfatizam que o grande volume de informações pode dificultar a contextualização de um problema, com erros de interpretação ou análise. Sugerem, então, alternativas como a síntese das pesquisas e a meta-análise para responder às perguntas retromencionadas.

Defendem que o método mais apropriado para lidar com um grande número de pesquisas é a chamada meta-análise. Trata-se da técnica estatística que analisa simultaneamente os resultados de vários estudos, agrupando-os para que possam ser visualizados como um todo. Vale dizer que o material componente da meta-análise é selecionado por meio da revisão sistemática de vários estudos, seguindo critérios específicos de escolha conforme o objeto pesquisado. Por induzir à sistematicidade e ressaltar duplicidades e pontos comuns de abordagem, a meta-análise revela-se especialmente profícua na síntese dos resultados encontrados.

Esta tese, por configurar um trabalho de síntese de pesquisas, fundamenta-se na obra de Cooper e Hedges (2009) sobre as etapas e processos de pesquisa dessa natureza, que definem como o processo científico que enseja a conjunção de uma quantidade de características particulares de vários estudos com o objetivo de integrar investigações empíricas e criar generalizações.

Os termos “síntese de pesquisas”, “revisão de literatura” e “revisão sistemática” são frequentemente utilizados como sinônimos no cotidiano da literatura científica. Há, entretanto, uma sutil diferença entre eles, mesmo que os pesquisadores não alcancem consenso, segundo Cooper e Hedges (2009), quanto à relevância dessa diferença. Enquanto o termo mais comum – revisão de literatura – designa somente o processo de realização de pesquisa com base em material já publicado anteriormente, a Síntese de Pesquisas busca integrar a pesquisa empírica para criar generalizações, identificar as teorias relevantes, analisar criticamente a pesquisa, tentar resolver conflitos entre pesquisadores e identificar questões centrais para futuras pesquisas.

Essa é a razão pela qual, nesta tese, utiliza-se o termo Síntese de Pesquisas (*Research Synthesis*) para nomear o trabalho aqui efetuado. O Capítulo 3 concentra a síntese das pesquisas analisadas, com o objetivo de apontar as principais características de cada investigação. Independentemente do quanto se conhece dessas pesquisas, pela maneira como o material foi organizado é possível ter um panorama de todas elas juntas. Assim, pode-se confrontar a finalidade de cada trabalho, as variações metodológicas e os métodos propostos para integração estatística dos resultados, observando o que é e o que não é significativo, tanto estatística quanto qualitativamente.

É nesse contexto que se insere a meta-análise, termo frequente e equivocadamente utilizado como sinônimo da síntese de pesquisa, pois nem todas as sínteses de pesquisa são apropriadas para a meta-análise. Gene Glass (1976) criou o termo “meta-análise” para se

referir à análise estatística de um conjunto de resultados de análises de estudos individuais feita com a finalidade de integrar resultados. De toda sorte, com o método meta-analítico, far-se-á a combinação estatística dos resultados dos estudos aqui analisados.

2.5 A meta-análise

O termo meta-análise é, às vezes, utilizado como sinônimo de síntese de pesquisas, pela facilidade que o modelo apresenta para a visualização dos resultados de vários estudos. Mas, como pontua Gene Glass (1976, p. 3), ela é originalmente, “the statistical analysis of a large collection of analysis result from individual studies for the purpose of integrating the findings”.

Segundo Norris e Ortega (2006, p. 10), foi Karl Pearson (criador do teste de significância estatística) quem apresentou o potencial da meta-análise em 1904. Gene Glass e a colega Mary Lee Smith, em 1976, publicaram o primeiro artigo fazendo a análise de análises de 375 estudos na área da Psicoterapia. O texto, intitulado “Primary, Secondary, and Meta-analysis Research”, foi apresentado por Pearson no *Annual meeting of American Educational Research Association*, em San Francisco. No ano seguinte, Glass e Smith (1977) publicaram o artigo oficial sobre essa nova metodologia conhecida como meta-análise. Trata-se de um método quantitativo, utilizado dentro dos métodos estatísticos, para combinar resultados de diversos estudos independentes e sintetizar suas conclusões. É uma técnica que permite evidenciar diferenças semelhanças entre várias pesquisas sobre o mesmo tema. Permite, ainda, fazer uma síntese de dados contraditórios, levando em consideração a heterogeneidade entre os estudos.

Por ser a ciência um processo acumulativo (Viechtbauer, 2010), não é surpresa que frequentemente surjam muitos estudos abordando basicamente a mesma questão. De modo geral, a meta-análise pode ser definida como uma revisão sistemática de pesquisa, sustentada por um método estatístico cujo foco é agregar e comparar muitos estudos realizados sobre o mesmo tema (Glass, 1976).

Esse tipo de análise não é muito comum nas pesquisas brasileiras da área de humanas: nas buscas realizadas para a elaboração desta tese, não encontrei nenhum trabalho de abordagem linguística dessa natureza.¹² Ao aprofundar meus estudos sobre a meta-análise, descobri – em contrapartida – que esse tipo de pesquisa é bastante comum nas universidades americanas, não só

¹² Como afirma Caroline Legramanti Rodrigues (2010), a medicina é a área que mais se utiliza de estudos meta-analíticos no Brasil.

nas ciências médicas, mas também na Linguística Aplicada. Nesse caso específico, justificam o uso de meta-análise tanto a grande amplitude da área quanto a enorme variedade de produções sobre o aprendizado de línguas.

Não por acaso, existem algumas obras muito interessantes, em inglês, que tratam da meta-análise e da síntese de pesquisas. Destaco dois livros: o primeiro, *Handbook of Research Synthesis and Meta-analysis*, de autoria de Cooper e Hedges (2009), traz uma boa explicação sobre esse tipo de pesquisa, bem como a descrição das etapas e dos procedimentos para a realização de sínteses e da meta-análise. Conforme os autores, o trabalho de síntese de pesquisas é importante para que os pesquisadores possam ter acesso ao que os outros já fizeram e aos resultados encontrados. Nas suas próprias palavras (Cooper e Hedges, 2009, p. 20):

Scientific subliterations are cluttered with repeated studies of the same phenomena. Repetitive studies arise because investigators are unaware of what others are doing, because they are skeptical about the result of past studies, and /or because they wish to extend (i.e., generalize or search for influences on) previous findings. Experience has shown that even when considerable effort is made to achieve strict replication, results across studies are rarely identical at any high level of precision. No two bricks are exactly alike. How should science proceed when result differ? (...) If results that are expected to be similar show variability, the scientific instinct should be to account for the variability by further systematic work.

O outro livro, *Synthesizing Research on Language Learning and Teaching*, organizado por John Norris e Lourdes Ortega (2006) e com alguns artigos disponíveis *online*, discute as vantagens e desvantagens das pesquisas meta-analíticas. Embora dedicado ao aprendizado de línguas, ele apresenta sólida fundamentação teórica sobre a meta-análise e aponta como maior vantagem desse tipo de abordagem sua capacidade de síntese de informação. De fato, em um só estudo dessa natureza é possível convergir os resultados de muitos trabalhos, o que permite analisar as diferenças metodológicas e explicar possíveis divergências encontradas nos resultados.

Entretanto, apesar das vantagens, há controvérsias em relação à meta-análise. De um lado, está quem defende que o objetivo principal dessa técnica deve ser o cálculo de medidas de associação aptas a sintetizar os resultados dos vários estudos analisados. Do outro, há quem entende que uma pesquisa não pode ter o intuito meramente sintético, pois pode dar uma falsa impressão de equilíbrio entre os vários estudos. Há de levar em conta que nenhuma meta-análise pode compensar as limitações inerentes aos estudos em que se baseia, uma vez que esses podem apresentar erros, tanto na análise quanto na computação dos dados, sendo necessária e fundamental uma abordagem mais qualitativa.

Ellis (2006) aponta outro problema: a amostra. Segundo o autor, um estudo meta-analítico agrega vários trabalhos sem considerar o tamanho da amostra, e isso pode alterar os resultados, visto que estudos maiores fornecem estimativas maiores e estudos menores geram estimativas menores. Ademais, existe outro obstáculo em relação aos dados, pois não se pode ir muito além do que é apresentado pelo pesquisador, tanto pela falta de acesso aos dados coletados, quanto pelas limitações e deficiências próprias de tais dados.

Convém dizer que a meta-análise aqui proposta busca sintetizar os trabalhos linguísticos que tiveram como foco a variação das vogais médias pretônicas no Português do Brasil, baseados na Teoria da Variação. Isso se deve ao fato de haver uma produção considerável desse tipo de pesquisa sem nenhum cotejamento dos resultados e sem análises estatísticas que apontem diferenças ou semelhanças de uns estudos com os outros.

A meta-análise permite evidenciar o efeito que uma pesquisa, sozinha, não permite visualizar. Assim, há mais chances de demonstrar a diferença entre os estudos e estimar a relevância do foco da pesquisa e os resultados apresentados nas pesquisas variacionistas brasileiras dos últimos 30 anos, destacando o que há em comum entre elas.

3 Aspectos metodológicos

As informações componentes da coleta dos dados para esta pesquisa foram organizadas em um formulário, que pode ser conferido no Anexo 1. Para facilitar a consulta de futuros pesquisadores, foram elaborados três quadros que organizam cronologicamente as teses e dissertações analisadas, segundo o período no qual ocorreu a respectiva defesa (1970 a 1980, 1981-1999 e 2000 a 2012), como mostra o Anexo 2.

Após a leitura das teses e dissertações integrantes do *corpus* da pesquisa, efetuou-se o cálculo, em percentuais, dos resultados da variação vocálica (alçamento e abaixamento), separando a ocorrência da não ocorrência desses fenômenos. Os dados resultantes foram organizados em tabelas e submetidos ao método estatístico para a elaboração da síntese das pesquisas, processo pormenorizado adiante.

Reitere-se, por oportuno, que as pesquisas analisadas neste trabalho, bem como suas informações, foram abordadas na perspectiva da meta-análise com o objetivo de avaliar o efeito dos fatores linguísticos e não linguísticos nelas arrolados, observando a presença e ausência do que se considera forma variável na realização das vogais médias em posição pretônica: os fenômenos do alçamento e do abaixamento. Isso significa, em outros termos, que se avaliou o índice de alçamento e abaixamento para cada fator pesquisado, analisando se ele era relevante para a variação pretônica.

Entre os modelos estatísticos empregados na meta-análise, destacam-se os fixos e os aleatórios. Os modelos fixos formam a base da maioria dos estudos meta-analíticos quando os resultados das pesquisas são mais homogêneos. No caso de resultados heterogêneos, utilizam-se os modelos aleatórios, que combinam amostras de pesquisas variadas, individualmente.

Por ter encontrado nas pesquisas analisadas resultados ora homogêneos, ora heterogêneos, este trabalho empregou esses dois tipos de modelo na meta-análise: como estimador do modelo fixo, adotou o método de Mantel-Haenszel, ao passo que utilizou o método de DerSimonian-Laird como estimador do modelo aleatório.

Utilizada na meta-análise quando os estudos apresentam resultados diferenciados, essa técnica de efeitos aleatórios busca ajustar o grau de heterogeneidade entre os resultados observados em diferentes estudos. Por meio dela, a quantidade de variação e, portanto, o ajuste, podem ser estimados a partir dos efeitos de interferência e erros-padrão dos estudos incluídos na meta-análise.

Para verificar a heterogeneidade das amostras, foi utilizado o teste de Woolf¹³, criado por Barnet Woolf (1955) para avaliar dados não padronizados. Esses dados foram rodados no *software* R, versão 2.15.0, com o pacote *rmeta* (2009)¹⁴, e correspondem às conclusões dos autores das teses e dissertações pesquisadas. Por meio do preenchimento do formulário, que foi criado para facilitar a coleta das informações, foram obtidos os resultados das análises: 1) das variáveis linguísticas mais e menos selecionadas pelos pesquisadores; 2) das variáveis não linguísticas mais e menos selecionadas pelos pesquisadores; 3) dos dialetos estudados; e 4) do ano de conclusão das teses e dissertações.

A análise descritiva de todos os trabalhos permitiu, de início, traçar um perfil geral dos resultados, para, posteriormente, serem aplicadas as técnicas de meta-análise. Tais técnicas utilizam uma forma ponderada de combinação, que depende da variância do estudo. As análises estatísticas foram feitas no *software* R, versão 2.15.0, com o auxílio do pacote *rmeta* (2009).

Por ser o resultado de pesquisa analítica que se propõe a efetuar a síntese de diversos trabalhos acadêmicos que contêm metodologia de quantificação, esta tese se divide em duas partes: a primeira trata da organização do material a ser analisado; a segunda, do modelo estatístico utilizado no tipo de pesquisa adotado (a meta-análise).

O tópico a seguir pormenoriza as diversas etapas de cada uma das partes da pesquisa realizada.

3.1 Questões orientadoras da pesquisa

A primeira parte da meta-análise efetuada para a elaboração deste trabalho foi orientada pela seguinte questão: quais trabalhos científicos desenvolvidos no Brasil no período de 1980 a 2012 a respeito das vogais pretônicas serão analisados?

A fim de responder a essa indagação, fracionei a primeira parte da pesquisa em quatro etapas, a saber: seleção dos trabalhos relacionados com o tema, triagem dos trabalhos submetidos à meta-análise, identificação das abordagens recorrentes e categorização das informações, conforme síntese lançada no quadro abaixo.

¹³ Para maiores informações sobre os métodos empregados: Everitt et al. (2010) e Viechtbauer (2010).

¹⁴ *Software* disponível em: www.R-project.org.

Quadro 1 – Descrição das etapas da primeira parte da pesquisa

Etapa	Objetivo	Material analisado	Procedimento adotado	Produto da análise
1 ^a	Selecionar trabalhos relacionados com o tema	Teses e dissertações produzidas no Brasil entre 1980 e 2012	Pesquisa nos <i>sites</i> das universidades e no portal da Capes; contato direto com os pesquisadores	Levantamento das pesquisas realizadas no País de 1980 a 2012
2 ^a	Fazer a triagem dos trabalhos passíveis de meta-análise	Trabalhos oriundos de cada uma das regiões do Brasil	Leitura das teses e dissertações selecionadas; leitura do referencial teórico	Definição do <i>corpus</i> da pesquisa
3 ^a	Identificar as abordagens recorrentes	Trabalhos com os títulos selecionados	Organização, em quadro cronológico, do <i>corpus</i> ; categorização dos fatores a serem analisados	Proposição das categorias orientadas da análise (tipo de teoria abordada, fatores analisados)
4 ^a	Organizar as informações por categorias	<i>Corpus</i> da pesquisa	Síntese das pesquisas analisadas	Fichamento dos trabalhos

A segunda parte da pesquisa, por seu turno, viu-se orientada por questões distintas, a saber: quais os traços comuns e quais as divergências entre as pesquisas analisadas? Que conclusões apontam as pesquisas a respeito da variação no sistema pretônico?

Para dar cabo desse questionamento, optei por dividir a segunda parte da pesquisa em três etapas, que tinham por objetivo, respectivamente: extrair os resultados das pesquisas analisadas, realizar a meta-análise deles e identificar as características das pesquisas, como se pode conferir na síntese efetuada no quadro seguinte.

Quadro 2– Descrição das etapas da segunda parte da pesquisa

Etapa	Objetivo	Material analisado	Procedimento adotado	Produto da análise
1 ^a	Extrair os resultados das pesquisas analisadas	Tabelas e gráficos das pesquisas	Criação de tabelas no <i>excel</i> com os resultados das pesquisas	Organização de tabelas com os resultados das pesquisas
2 ^a	Realizar a meta-análise dos resultados	Pesquisas que apresentam abordagens semelhantes	Inserção dos dados no programa R, versão 2.15.0, e no pacote rmeta (2009)	Análise estatística dos resultados das pesquisas
3 ^a	Identificar as características das pesquisas	Pesquisas selecionadas	Identificação das características comuns; análise crítica das pesquisas	Conclusão da tese

3.2 Estudo e definição da classificação das pesquisas

Nas últimas décadas, os estudos sobre a variação das vogais médias pretônicas têm se multiplicado. Apesar de sua relevância para a evolução do conhecimento linguístico, esse fato se torna um problema pela quase absoluta ausência de diálogo entre os trabalhos. Daí a necessidade de verificar os enfoques e perspectivas sob os quais os fenômenos são estudados.

Uma metodologia adequada para o levantamento e a avaliação do conhecimento sobre esse fato deve, pois, prever o inventário da produção acadêmica e científica que identifique as diferentes perspectivas utilizadas no estudo do tema ao longo das últimas décadas. O que se busca na pesquisa sobre as pretônicas nesta tese, especificamente, é a compreensão das várias maneiras utilizadas pela ciência para explicar o fenômeno da variação vocálica.

Para tanto, recorreu-se à produção acadêmica brasileira das três últimas décadas a fim de selecionar o *corpus* de pesquisa, assim considerado o conjunto de teses e dissertações produzidas sobre o tema desde 1980 até o fim de 2012, conforme explicitado na introdução. Cumpre ressaltar, entretanto, que as leituras para a elaboração deste trabalho não se resumiram ao *corpus* acima enunciado, alcançando também outras produções de caráter acadêmico, como

artigos e livros a respeito da variação vocálica, que se acham devidamente referenciados ao final da tese.

Para chegar à meta-análise, ferramenta essencial à avaliação e categorização dos resultados das pesquisas levantadas e analisadas sobre as vogais pretônicas no Português do Brasil, lançou-se mão primeiramente da estratégia metodológica conhecida como síntese de pesquisas, já apresentada no capítulo anterior.

3.3 *Corpus* analisado

Foram analisadas dissertações e teses que tiveram como suporte a Teoria da Variação. Os artigos sobre o tema, embora tenham sido lidos, não puderam ser considerados porque geralmente não fornecem os dados completos da pesquisa realizada, sobretudo sua disposição em gráficos e tabelas. Isso foi especialmente sentido nos casos dos Estados do Acre (Hisokawa e Silva, 2010) e do Amazonas (Brandão e Cruz, 2005), onde não se encontrou nenhuma tese ou dissertação sobre o tema.

A amostra do presente trabalho é constituída de 10 teses de doutorado e 29 dissertações de mestrado¹⁵, que foram lidas, analisadas e catalogadas (Anexo 1). Cada tese ou dissertação que compõe o *corpus* foi codificada de acordo com sua natureza (D=dissertação; T=tese), o ano da defesa, a autoria (representada pelo sobrenome do autor), a localidade do dialeto estudado e a respectiva unidade federativa. O resultado da codificação pode ser conferido nos Quadros 3 e 4.

¹⁵ Quando da escritura desta tese, foram encontrados mais trabalhos sobre o assunto, que não chegaram a ser contemplados porque a análise estatística já havia sido finalizada. Esses trabalhos, no entanto, acham-se citados no referencial bibliográfico.

Quadro 3 - Codificação das dissertações analisadas

Código de identificação	Dialetos estudados	Estado
D 01-1979 (Mota)	Ribeirópolis	Sergipe
D02-1987 (Viegas)	Belo Horizonte	Minas Gerais
D03-1990 (Castro)	Juiz de Fora	Minas Gerais
D04-1993 (Yacovenco)	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
D05-1993 (Battisti)	Porto Alegre	Rio Grande do Sul
D06-1993 (Schwindt)	Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba	Rio Grande do Sul, Santa Catarina Paraná
D07 -1996 (Amaral)	Região de campanha gaúcha	Rio Grande do Sul
D08-1997 (Pereira)	João Pessoa	Paraíba
D08-1998 (Correia)	Brasília	Brasília
D10-2001 (Freitas)	Bragança	Pará
D11-2004 (Célia)	Nova Venécia	Espírito Santo
D12-2004 (Soares)	Comunidade rural do Semiárido baiano	Bahia
D13-2005 (Rodrigues)	Cametá	Pará
D14-2006 (Guimarães)	Bocaiúva, Montes Claros, Bom Sucesso, Lavras, Três Corações	Minas Gerais
D 15--2007 (Klunk)	Porto Alegre	Rio Grande do Sul
D16-2008 (Dias)	Ouro Branco / Piranga	Minas Gerais
D17-2008 (Graebin)	Formosa	Goiás
D18-2008 (Viana)	Pará de Minas	Minas Gerais
D19-2008 (Campos)	Mocajuba	Pará
D20-2008 (Almeida)	Machacalis	Minas Gerais
D21-2008 (Silveira)	São Paulo	São Paulo
D22-2009 (Santos)	Soure, Marabá, Belém, Altamira, Jacareacanga	Pará
D23-2009 (Carmo)	São José do Rio Preto	São Paulo
D24-2009 (Amorim)	Recife	Pernambuco
D25-2009 (Zani)	São Paulo	São Paulo
D26-2010 (Cruz)	Porto Alegre	Rio Grande do Sul
D27-2010 (Tordineli)	Montes Claros	Minas Gerais
D28- 2011(Bisinotto)	Ituiutaba	Minas Gerais
D29- 2012 (Silva)	São José do Norte	Rio Grande do Sul

Quadro 4 -Codificação das teses analisadas

Código	Dialetos estudados	Estado
T01/1981 (Bisol)	Porto Alegre	Rio Grande do Sul
T02/1989 (Silva)	Salvador	Bahia
T03/1991 (Nina)	Belém	Pará
T04/2001 (Viegas)	Belo Horizonte	Minas Gerais
T05/2006(Marques)	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
T06/2007 (Araujo)	Fortaleza	Ceará
T07/2008 (Alves)	Belo Horizonte	Minas Gerais
T08/2008 (Kailer)	Pato Branco e Foz do Iguaçu	Paraná
T09/2009 (Silva)	Teresina	Piauí
T10/2010 (Carvalho)	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro

Para o levantamento da produção acadêmica, foram utilizadas as seguintes ferramentas: o *site* de buscas Google; as bibliotecas virtuais das universidades que desenvolvem programas de pós-graduação com mestrado ou doutorado e que disponibilizam o banco de teses; o portal da Capes; o processo de *comut* entre bibliotecas; e contato direto com os próprios autores.

Desse material, foram extraídos os seguintes dados relativos às pesquisas: o ano de conclusão da tese ou dissertação; a instituição de origem da pesquisa; o número de informantes, o local da coleta, a forma de coleta e o suporte teórico utilizado.

Saber o ano de conclusão do trabalho foi importante para situar a pesquisa no tempo e fazer uma análise cronológica da evolução dos trabalhos acadêmicos sobre o tema.

Já a informação sobre a origem da pesquisa mostrou que nem sempre a instituição está situada no mesmo local da coleta dos dados. Possibilitou observar, ademais, a ampliação dos programas de mestrado e doutorado em várias universidades brasileiras. Ressalte-se, por oportuno, que as pesquisas antes concentradas nas universidades do Sul e do Sudeste foram se ampliando para o Norte e o Nordeste a partir da virada do século.

Os dados demonstram que o número de informantes não é padronizado nas pesquisas analisadas, variando de 9 a 36 falantes. De acordo com Tarallo (1990:28), isso não representa um problema, desde que os informantes sejam organizados por gênero, idade,

classe social e nível de escolaridade, dependendo da natureza linguística da variável a ser estudada. No caso das pesquisas sobre as pretônicas, poucos informantes fornecem muitos dados, pois essa variante é recorrente na fala.

A informação sobre o local da coleta permite identificar o lugar de ocorrência do dialeto estudado, que, como já dito, nem sempre coincide com a região onde a tese ou dissertação foi produzida. Bisol (1981), por exemplo, que defendeu sua tese na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) coletou os dados de sua pesquisa no Sul do País, mais especificamente na cidade de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul.

Na maioria das pesquisas, o modo como os dados foram coletados seguiu o padrão da pesquisa variacionista, qual seja: leitura de textos/palavras/frases, entrevista e interlocução entre informantes, caracterizando a fala mais espontânea. Nas pesquisas com mais de um tipo de coleta, foi selecionada aquela em que se deu a gravação da conversa entre dois informantes (interlocução), por ser o contexto mais informal e com dados mais fidedignos sobre a realização da pretônica.

Registre-se, ainda, que foram selecionadas apenas as teses e dissertações que tinham como pressupostos teóricos a Sociolinguística Quantitativa, particularmente a Teoria da Variação. Verificou-se que, às vezes, o pesquisador se valia dessa teoria, mas não seguia o padrão de análise variacionista, deixando de realizar, por exemplo, a análise estatística dos dados. Nessa circunstância e em outras semelhantes, os trabalhos foram descartados, por não observarem os critérios definidos para a análise.

3.4 Perfil das pesquisas analisadas

A metodologia adotada permitiu observar o perfil das pesquisas analisadas quanto à seleção dos fatores linguísticos e sociais, mediante a extração dos seguintes elementos: quantidade de dados pesquisados, frequência da vogal posterior e da vogal anterior, relevância dos fatores linguísticos e extralinguísticos, e resultados alcançados.

Como mostra o Anexo 4, foram coletados 202.173 dados nas pesquisas analisadas, sendo 142.814 provenientes das pesquisas de mestrado (81.995 dados da vogal média anterior e 60.819 da vogal posterior)¹⁶ e 59.359 oriundos das pesquisas de doutorado (34.383 dados para [e] e 24.976 para [o]).

¹⁶ Esses números referem-se ao total de ocorrências de palavras com vogal média anterior e posterior em todas as pesquisas consultadas, cujos autores deixaram explicitados o número de dados coletados ou analisados. Mas

Nas pesquisas analisadas, foi possível verificar, também, se a frequência da vogal posterior e da vogal anterior em cada um dos dialetos estudados estava em consonância com a realização variável da vogal. Assim, quando a mostra continha mais vogal anterior, buscou-se observar se havia mais variação para essa vogal, como seria de esperar.

Muitas pesquisas variacionistas consideram como variável independente, portanto capazes de influenciar o fenômeno analisado, fatores linguísticos e extralinguísticos variados. Esta tese selecionou tanto os fatores tidos como significativos quanto aqueles mais comuns nessas investigações e utilizou-os como elementos comparativos da meta-análise efetuada. Já os dados não significativos foram apenas descritos.

Por fim, os resultados dos trabalhos foram comparados entre si, levando-se em conta o que favorece ou desfavorece o alçamento e o abaixamento da vogal pretônica

3.5 Procedimentos para a análise estatística

A análise foi dividida em duas partes: a primeira trata dos fatores linguísticos e a segunda, dos fatores sociais, assim convertidos em variáveis. Inicialmente, selecionou-se o grupo de fatores linguísticos e sociais que fariam dela, quais sejam os mais utilizados pelos pesquisadores variacionistas: contexto fonético precedente e seguinte (ponto e modo), altura da vogal tônica, atonicidade, distância; escolaridade, idade e gênero do falante. Em função disso, nem todas as pesquisas foram submetidas à meta-análise, somente aquelas que consideraram fatores idênticos com mais frequência, como se pode observar no quadro a seguir.

há, também, pesquisas que não explicitam se os dados foram classificados em relação ao tipo de vogal na análise da ausência ou presença do alçamento.

Quadro 5- Fatores analisados nas pesquisas

Fatores analisados	Quantidade de pesquisas acerca da influência sobre os fenômenos		
	Alçamento	Abaixamento	Alçamento e Abaixamento
Contexto fonético seguinte modo	12	8	
Contexto fonético seguinte ponto	28	14	
Contexto fonético precedente modo	12	8	
Contexto fonético precedente ponto	27(o)/28(e)	13(o)/12(e)	
Atonicidade	14	8	
Altura da vogal tônica	14	5	
Semivogal			1
Natureza da vogal			6
Tipo de pretônica			2
Tipo de tônica			2
Tipo de sílaba			4
Distância	15	6	
Classe de palavras			7
Contiguidade			4
Homorganicidade	2		2
Paradigma			4
Idade	16	15	
Gênero	18	12	
Classe social			7
Escolaridade	11	7	
Zona de residência			3

Buscou-se saber o que as pesquisas dizem sobre o alçamento vocálico e sobre o abaixamento. Ainda com respeito às variáveis linguísticas, perscrutou-se o ambiente fonético precedente e seguinte no tocante ao modo e ao ponto de articulação, tanto para o alçamento quanto para o abaixamento. Como a variação na maneira como os pesquisadores categorizam

as consoantes gera um número maior de fatores, optou-se em reagrupá-las, conforme Clements (1995), em três grupos, tanto para o modo quanto para o ponto de articulação. Assim foi facilitada a organização das tabelas de acordo com os fatores analisados.¹⁷

A adequação do universo de dados das pesquisas à meta-análise demandou a análise de cada vogal separadamente, a fim de obter a quantidade de alçamento e não alçamento, de abaixamento e não abaixamento que ocorre no dialeto para cada fator linguístico e não linguístico pesquisado.

Impôs-se, então, a necessidade de extrair das pesquisas os resultados de cada um dos fatores para a ocorrência dos fenômenos de alçamento e abaixamento (sim) e para a sua não ocorrência (não).

Tendo por base os resultados expostos na Figura 1, por exemplo, que mostra o efeito da consoante precedente sobre o alçamento, foi possível verificar – quanto às velares – a ocorrência de alçamento em 85 casos do total de 277 pesquisados.

Figura 1 - Exemplo do processo de extração dos dados das pesquisas

—

RVE - efeito da consoante precedente

	RECUADA u		NÃO-RECUADA i			
	F	P	F	P		
lab ___	97/359	27,0%	0,54	128/486	26,3%	0,72
lat ___	9/57	15,8%	0,42	2/58	3,4%	0,12
alv ___	97/429	22,6%	0,33	240/840	28,6%	0,64
pal ___	3/42	7,14%	0,61	4/28	14,3%	0,52
vel ___	85/277	30,7%	0,76	23/45	51,1%	0,70
uvu ___	2/13	15,4%	0,32	28/246	11,4%	0,38

Procedeu-se, então, ao agrupamento dos fatores, seguindo a orientação de Clements (2004). Assim, chegou-se, por exemplo, à seguinte formulação: **Dorsal = velar (vel) + uvular (uv) → 85+2/277+13**, que mostra a ocorrência da vogal pretônica em estudo, diante de uma dorsal, em 299 dados, mas só acusa o alçamento em 87 deles.

Daí foi possível elaborar uma planilha no *software* Excel da Microsoft (Figura 2) capaz de subtrair do total dos dados o total de ocorrências, assim dando por resultado o número de não ocorrências do fenômeno. A primeira coluna dessa planilha de cálculo traz o ano de publicação da tese ou dissertação; a segunda coluna, o dialeto estudado (a cidade em que

¹⁷ O Anexo 2 traz a relação dos fatores selecionados nas pesquisas analisadas.

foram coletados os dados); a terceira, o Estado onde se verifica a ocorrência do dialeto; e as demais colunas, o número de ocorrências para cada fator, como mostra a Figura 2.

Figura 2 - Exemplo de planilha de cálculo de fator analisado

Ano	Estado	Estado	contexto fonético precedente												Ponto
			LabNÃOAlç_e	LabSimAlç_e	LabNÃOAlç_o	LabSimAlç_o	CorNÃOAlç_e	CorSimAlç_e	CorNÃOAlç_o	CorSimAlç_o	DorNÃOAlç_e	DorSimAlç_e	DorNÃOAlç_o	DorSimAlç_o	
1980	Porto Aleg	RGS	1170	395	876	448	1556	510	830	167	223	88	1031	550	
1998	Porto Aleg	RGS	928	177	586	409	1543	136	429	98	161	202	973	242	
1995	SUL	SUL	454	274	277	278	1123	723	595	389	511	341	431	137	
2007	Porto Aleg	RGS	744	30	377	24	827	65	485	21	762	180	289	0	
2010	Porto Aleg	RGS	1452	88	637	19	163	140	358	1	1858	63	508	227	
2008	Pato Branco	PR	1357	381	748	242	74	2680	487	78	608	84	1250	437	
1987	BH	MG	423	128	252	107	622	282	385	87	177	28	534	202	
1980	JF	MG	579	9	407	88	667	90	311	43	90	74	268	165	
2008	Piranga	MG	663	139	180	80	838	253	358	54	241	110	572	98	
2008	Ouro Branco	MG	585	105	189	37	838	155	330	51	189	99	620	57	
2008	Machadouras	MG	596	134	238	108	754	162	235	38	225	75	404	164	
2008	Machadouras	MG	547	108	227	72	708	153	234	50	170	71	429	164	
2010	Itulubá	MG	694	143	189	49	463	61	77	57	139	14	189	49	
1998	RJ	RJ	317	45	201	149	853	198	165	51	239	95	153	107	
2005	RJ	RJ	290	37	253	233	118	189	204	86	373	158	346	212	
2009	S. José dos	PR	694	68	438	40	1194	244	360	46	177	78	1130	133	
2008	Noro. Paulista	SP	841	213	367	100	822	70	534	28	285	14	272	89	
2004	Nova Venécia	ES	474	77	248	36	722	109	272	55	274	52	435	159	
2008	Formosa	Go	748	104	194	35	831	190	111	33	217	21	335	171	
1991	Belém	PA	669	180	198	131	413	55	473	179	270	183	577	111	
2001	Bragança	PA	614	67	434	174	991	107	519	101	655	199	367	152	
1998	Brasília	DF	341	53	224	51			174	23	147	45	346	88	
2007	Fortaleza	CE	1017	124	708	154	1341	171	44	115	182	52	529	90	
1989	Salvador	BA	358	128	262	97	665	242	377	105	264	55	242	90	
2004	Jeremoabo	BA	1085	345	921	279	1474	382	588	150	650	179	585	375	
2009	Recife	PE	1175	104	591	125	1732	193	821	75	702	57	680	122	
2009	Teresina	PI	554	751	431	298	452	830	128	275	124	432	552	413	
2007	João Pessoa	PB	1317	1095	1602	1598	3681	1333	1117	374	524	305	1275	205	

Os dados das planilhas de cálculo de cada fator foram transportados para o *software* R (versão 2.15.0) e para o pacote *rmeta* (versão 2009) e neles rodados, gerando as tabelas com percentuais e os gráficos *Forest Plot* a que se reporta o Capítulo 5.

Vale dizer que, para cada fator, há uma tabela de contingência e razão de chance, mais ampla, que possibilita a análise da ocorrência de variação nas pesquisas analisadas.

Como se constatou variabilidade entre os resultados, realizou-se o teste para avaliar a heterogeneidade (teste de Woolf), que comprova se os resultados são homogêneos ou heterogêneos. Esse teste mostra o “estimador resumo” em outra tabela, em que aparecem apenas as variáveis analisadas e a razão de chance de elas serem favorecedoras do fenômeno analisado. Em seguida, o programa gera o gráfico *Forest Plot*, que possibilita a visualização dos resultados de cada pesquisa diante do fator observado (ou variável).

No exemplo anterior, o caso teria o seguinte registro na tabela constante do Anexo 5: sim (para o alçamento) 87 e não (para a ausência de alçamento) 212, sendo este o resultado da diferença entre a quantidade total de dados (299) e o número de ocorrências de alçamento (87).

Os subtópicos a seguir discorrem mais detidamente sobre a função dos instrumentos de informática utilizados, bem como sobre as tabelas e os gráficos gerados no processo de análise estatística.

3.5.1 O Software R

O *software* R é uma linguagem criada em 1996 por Ross Ihaka e Robert Gentleman que, aliada a um ambiente integrado, permite a manipulação de dados, a realização de cálculos e a geração de gráficos.

O pacote **metafor**, desenvolvido por Wolfgang Viechtbauer, da Maastricht University, possui as funcionalidades para possibilitar a análise estatística com o recurso de meta-análise. Disponibiliza funções aptas para calcular o tamanho ou medidas de resultados, e as variações de amostragem correspondentes às pesquisas analisadas. Fornece, ademais, várias funções para a criação de gráficos (Viechtbauer, 2010, p. 4), como o *Forest Plot*, utilizado neste trabalho.¹⁸

3.5.2 As tabelas

A fim de analisar o contexto fonético precedente e seguinte (doravante CFP e CFS, respectivamente) para os dois fenômenos aqui investigados (alçamento e abaixamento), foram construídas várias tabelas, que mostram a altura da vogal da sílaba tônica, a atonicidade e a distância de um lado e, do outro, espelham a escolaridade, a faixa etária e o gênero dos falantes¹⁹.

Trata-se das tabelas de contingência e razão de chance, que veiculam as seguintes informações, respectivamente, nas nove colunas em que se configuram: os fatores em análise; a descrição do estudo, pelo local da coleta de dados e ano de defesa da tese ou dissertação; o número de dados em que não há variação da pretônica quanto ao fator analisado; o percentual de não ocorrências; o número de dados em que há ocorrência; o percentual de ocorrências; o número total de dados; e a razão de chances de ocorrer variação por influência do fator analisado (OR=*odds ratio*). Essa configuração pode ser conferida na Figura 3, por exemplo,

¹⁸ Nas palavras de Mariana Soares, professora de estatística, o R é um *software* livre muito usado no meio acadêmico da Estatística, e seus pacotes adicionais também são de código livre e gratuitos. Geralmente, instituições e pesquisadores criam linhas de código para facilitar seu trabalho pessoal e costumam disponibilizar tais linhas em formas de “pacotes”, que são adicionados ao *software* para dar suporte a determinadas análises. É isso que o *rmeta* faz: possibilita a execução de meta-análise no *software* R.

¹⁹ As tabelas podem ser conferidas no relatório estatístico constante do cd que acompanha esta tese.

que retrata a tabela de contingência e razão de chance de alçamento do /e/ em relação ao modo de articulação.

Figura 3– Exemplo de tabela de contingência e razão de chance

Obstruintes		1341	83,7%	261	16,3%	1602	-	-
Líquidas	Piranga - MG - 2008	256	66,3%	130	33,7%	386	2,61 (2,03 - 3,35)	-
Nasais		70	88,6%	9	11,4%	79	0,66 (0,33 - 1,34)	0,25 (0,12 - 0,52)
Total		1667	80,6%	400	19,4%	2067		
Obstruintes		1316	86,9%	199	13,1%	1515	-	-
Líquidas	Ouro Branco - MG - 2008	201	71,8%	79	28,2%	280	2,6 (1,93 - 3,51)	-
Nasais		185	69,3%	82	30,7%	267	2,93 (2,17 - 3,96)	1,13 (0,78 - 1,63)
Total		1702	82,5%	360	17,5%	2062		
Obstruintes		1388	84,2%	260	15,8%	1648	-	-
Líquidas	MachURB1 - MG - 2008	236	81,4%	54	18,6%	290	1,22 (0,88 - 1,69)	-
Nasais		113	66,1%	58	33,9%	171	2,74 (1,94 - 3,86)	2,24 (1,45 - 3,46)
Total		1737	82,4%	372	17,6%	2109		
Obstruintes		1262	84,6%	230	15,4%	1492	-	-
Líquidas	MachRUR2 - MG - 2008	215	80,8%	51	19,2%	266	1,3 (0,93 - 1,82)	-
Nasais		104	67,1%	51	32,9%	155	2,69 (1,87 - 3,87)	2,07 (1,31 - 3,25)
Total		1581	82,6%	332	17,4%	1913		
Obstruintes		952	67,4%	461	32,6%	1413	-	-
Líquidas	M. Claros - MG - 2010	1396	98,8%	17	1,2%	1413	0,03 (0,02 - 0,04)	-
Nasais		1233	87,3%	180	12,7%	1413	0,3 (0,25 - 0,37)	11,99 (7,25 - 19,83)
Total		3581	84,5%	658	15,5%	4239		
Obstruintes		1533	81,8%	341	18,2%	1874	-	-
Líquidas	Belém - PA - 1991	495	79,6%	127	20,4%	622	1,15 (0,92 - 1,45)	-
Nasais		207	81,8%	46	18,2%	253	1 (0,71 - 1,4)	0,87 (0,6 - 1,26)
Total		2235	81,3%	514	18,7%	2749		
Obstruintes		2545	82,1%	554	17,9%	3099	-	-
Líquidas	Teresina - PI - 2009	738	90,4%	78	9,6%	816	0,49 (0,38 - 0,62)	-
Nasais		350	89,3%	42	10,7%	392	0,55 (0,4 - 0,77)	1,14 (0,76 - 1,69)
Total		3633	84,4%	674	15,6%	4307		
Obstruintes		3149	79,1%	831	20,9%	3980	-	-
Líquidas	Pato Branco - PR - 2008	899	87,0%	134	13,0%	1033	0,56 (0,46 - 0,69)	-
Nasais		594	82,3%	128	17,7%	722	0,82 (0,66 - 1)	1,45 (1,11 - 1,88)
Total		4642	80,9%	1093	19,1%	5735		
Obstruintes		1693	85,4%	289	14,6%	1982	-	-
Líquidas	S.J.RP - SP - 2009	374	81,1%	87	18,9%	461	1,36 (1,05 - 1,78)	-
Nasais		240	94,5%	14	5,5%	254	0,34 (0,2 - 0,59)	0,25 (0,14 - 0,45)
Total		2307	85,5%	390	14,5%	2697		

A tabela mostra que a chance de alçamento do /e/ em relação ao modo de articulação é maior nas líquidas do que nas consoantes obstruintes na maioria dos estudos mineiros (Juiz de Fora, 1990; Pará de Minas, 2008; e Montes Claros, 2010), assim como em Teresina – PI (2009) e Pato Branco – PR (2008). Já nos estudos de Piranga – MG (2008) e São José do Rio Preto – SP (2009), o alçamento do /e/ nas nasais foi maior. Em relação às consoantes nasais, observa-se que ocorre menos alçamento nos estudos de BH - MG (1987), Pará de Minas – MG, Ouro Branco – MG e Machacalis – MG (2008), na área urbana e rural.

Ressalte-se que combinar vários estudos em meta-análise impõe a escolha de uma medida de efeito e o cálculo desta para cada estudo. As medidas de efeito podem ser classificadas de diversas maneiras. A *odds ratio*, utilizada nesta tese, expressa quantas vezes o *odds* (razão entre a probabilidade de o fenômeno acontecer e de não acontecer) de um grupo equivale ao *odds* de outro grupo. A Figura 4 exemplifica tal análise com uma tabela do estimador resumo dessas medidas, para /e/ e /o/, em que O.R. é o *odds ratio*, I.C., o respectivo intervalo de confiança (igual a 95%) e L.C. é o limite inferior do intervalo de 95% de confiança e L.S. o limite superior do intervalo de 95% de confiança.

Figura 4- Exemplo da tabela de estimador resumo

Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre os modos do contexto fonético precedente.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
Líquida/Obstruinte	0,71	0,43	1,16
Nasal/Obstruinte	1,27	0,74	2,17
Nasal/Líquida	1,78	1,05	3,04

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Como as estimativas pontuais da medida de efeito de cada estudo são representadas por símbolos cujo tamanho é proporcional ao respectivo peso, Pará de Minas – MG (2008) é aquele que apresenta maior contribuição amostral em relação às líquidas e obstruintes para /e/. O método de Mantel-Haenzel é utilizado nos estudos de meta-análise para combinar medidas de efeito oriundas de diferentes estudos quando a suposição é de que o efeito é o mesmo em todos os estudos. A medida meta-analítica de Mantel-Haenzel é representada na parte inferior da figura.

Note-se, ainda, que – tendo em vista a grande quantidade de tabelas de contingência e razão de chance geradas na análise – optou-se por inseri-las no Anexo 4 e deixar no corpo da tese apenas as tabelas do “estimador resumo”.

3.5.3 O gráfico *Forest Plot*

Para a meta-análise, foram gerados gráficos que mostram a significância dos estudos individualmente. Trata-se dos gráficos *Forest Plot*, próprios para estudos meta-

analíticos. Esses gráficos apresentam informações sobre os resultados individuais de cada pesquisa.

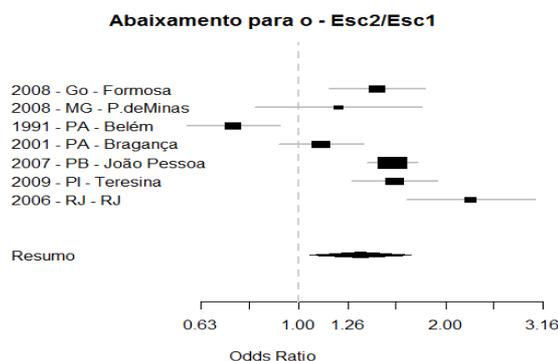
Para cada estudo, o gráfico *Forest Plot* apresenta a medida de efeito e seu intervalo de confiança, sendo tal medida representada pelo quadradinho. O tamanho do quadradinho é proporcional ao peso do estudo. Quanto maior o peso, maior o tamanho do quadradinho, como se pode observar na pesquisa de Pará de Minas – MG (2008).

Então, a dimensão do quadradinho e a extensão da linha dependem da homogeneidade dos dados em cada estudo. O quadradinho maior e quase sem linha indica que o estudo possui dados mais homogêneos do que os casos em que o quadradinho é menor e a linha mais extensa.

Há ainda a medida de efeito na linha horizontal que é o intervalo de confiança 95% para o *odds ratio* (isto é, a razão de chance de ocorrência do fenômeno) estimado de cada estudo. A linha vertical mostra a variabilidade dos estudos. Se essa linha horizontal atravessa a linha vertical pontilhada, lê-se que os fatores não foram significativos no estudo. Amostras relativamente pequenas trazem menor precisão e, conseqüentemente, intervalos de confiança com maior amplitude. A linha pontilhada mostra onde seriam representados *odds ratio* iguais a 1, que indicam a ausência de uma associação entre os fatores analisados e a variação (alçamento ou abaixamento).

Assim, no exemplo da Figura 5, a seguir, o *odds ratio* representado à esquerda desta linha evidencia que a variação é mais propensa a ocorrer quando a vogal vier precedida de líquidas. O *odds ratio* (OR) representado à direita do pontilhamento evidencia que a variação tem maior propensão de ocorrer se a vogal estiver precedida de obstruintes. O fato de a linha pontilhada ficar mais à esquerda ou à direita depende somente da escala que o próprio gráfico utilizou (lembrando que a linha vertical sempre está marcando o valor de $OR = 1$). Se a maioria dos estudos indica uma OR maior que 1, então é esperado que a linha vertical pontilhada esteja mais para a esquerda. Se a maioria dos estudos indica uma OR menor que 1, então é esperado que a linha esteja mais para a direita do gráfico. Na primeira coluna, à esquerda, como mostrado na tabela anterior, são listados os estudos, rotulados por local onde foram coletados os dados e ano de defesa da pesquisa.

Figura 5 -Exemplo do gráfico Forest Plot



No gráfico, observa-se que, em relação ao modo de articulação, quanto mais próximo da linha pontilhada, menos significativo, quanto mais longe, mais significativo. Se cruzar a linha pontilhada indica que o fator não é significativo no estudo. Ao final da linha pontilhada, há outra marca, denominada de “diamante”. Essa marca resume o nível de significância de todos os estudos. Se cruzar a linha pontilhada, ela mostra que, de modo geral, aquele fator não é significativo. Se em alguns estudos há significância e em outros não, o diamante representa o resumo, indicando se há significância nos estudos como um todo.

Então, para líquidas e obstruentes, há mais estudos que mostraram significância do que aqueles que não mostraram significância, caso do estudo de Castro (1990, p. 173) para o dialeto de Juiz de Fora (MG). Isso está relacionado à baixa ocorrência de líquidas nos seus dados, como se pode observar pelo tamanho do quadradinho. Em Montes Claros (MG), a pesquisa de Tondineli (2010, p. 101) mostra que não houve diferença significativa entre esses fatores. O quadradinho maior representa o peso relativo entre nasais e obstruintes, mas é o diamante que revela se essa variável é relevante, de forma geral, para a variação da pretônica.

Na linha de saída dos resultados aparece o teste para a medida de efeito: o *odds ratio*, que apresenta a chance de ocorrer alçamento em um grupo comparado com outro grupo. Com um $p < 0,001$, mostrado na tabela “estimador resumo” (Figura 4), pode-se dizer que o OR é bastante significativo.

Com essas medidas de efeitos, tem-se a informação de que não existe diferença significativa para o alçamento entre obstruintes e líquidas e obstruintes e nasais no contexto modo precedente. Já entre líquidas e nasais existe significância, como mostra a tabela do estimador resumo para [e] e [o]. As nasais são mais sensíveis ao alçamento, o que significa que, se as vogais /e/ e /o/ estiverem logo depois de uma consoante nasal, é esperado um

alçamento: *morcego, amolecer, monitor, moqueca, amendoim, menino, melhor mexerica, mexido*.²⁰

O próximo capítulo apresenta as sínteses das pesquisas analisadas e tem como propósito delinear as possíveis relações entre as pesquisas, as teorias e o futuro da investigação empírica, indicando as fragilidades e os pontos fortes existentes nos trabalhos analisados.

4 Síntese das pesquisas

Nas três últimas décadas de pesquisas sobre as vogais médias pretônicas, não houve praticamente nenhuma mudança de cenário. A trajetória dessas pesquisas teve início em 1979 com a dissertação de mestrado da professora Jacyra Mota Andrade, sobre as vogais médias pretônicas no dialeto de Sergipe, em tempos de projeções do Atlas Linguístico de Sergipe (ALS), coordenado pelo professor Nelson Rossi²¹. Daquele ano até os dias atuais, mais de 50 trabalhos em forma de teses e dissertações foram desenvolvidos em várias universidades do País, além de artigos e vários projetos de pesquisas.

Nos próximos tópicos, apresenta-se uma visão panorâmica dos estudos sobre as vogais pretônicas no Brasil realizados no período de 1980 a 2012, a começar pela região Sul, onde foi feita a pesquisa mais citada sobre o tema (Bisol, 1981). Em seguida, faz-se a síntese dos trabalhos do Sudeste, com destaque especial para Minas Gerais, estado que gerou o maior número de pesquisas na região. Por último, apresento as pesquisas que investigaram dialetos do Norte e Nordeste e por fim, aquelas que tiveram como foco a fala do Centro Oeste e Distrito Federal.

4.1 Estudos sobre as pretônicas na Região Sul

Os estudos sulistas concentram-se na elevação das vogais pretônicas, justificada, inclusive, pelo fato de, ao contrário de outras regiões, não haver abaixamento na realização das pretônicas no Sul do Brasil, a não ser em casos específicos de paradigma, como belamente (conforme Bisol, 1981). Entre os trabalhos analisados, apenas o de Amaral (2006), na região de Campanha Gaúcha, observou um fenômeno de abaixamento das vogais altas.

²⁰ Dados extraídos das pesquisas de Viegas (2001) e Klunk (2010).

²¹ Disponível em: <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/Sergipe>

O trabalho analisado mais antigo oriundo dessa região é a tese da professora Leda Bisol, defendida em 1981, enquanto o mais recente é a dissertação de mestrado de Marion Cruz, de 2010. Apesar do grande intervalo de tempo entre uma e outra (quase trinta anos), pode-se afirmar que não ocorreu ampliação no escopo dos estudos. Ambas as pesquisas tratam da elevação das pretônicas médias em Porto Alegre e explicam o fenômeno sob a mesma ótica. A contribuição de Cruz (2010) é a seleção dos casos de alçamento em contexto de vogal tônica não alta, cujos resultados divergem da proposta de Bisol (1981) para o processo de harmonização vocálica, de acordo com a qual as vogais altas na sílaba tônica provocam o alçamento da vogal pretônica. Essa questão, porém, será retomada mais adiante.

4.1.1 Tese de doutorado: Harmonização vocálica – uma regra variável (1981)

Autora: Leda Bisol – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Orientador: Antony Julius Naro

O trabalho acima referido, de 1981, é a tese de doutorado em Linguística de Leda Bisol, orientada pelo Prof. Antony Julius Naro e vinculada à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Voltada à investigação do alçamento das vogais pretônicas, ela é referência na literatura da área por tratar da “harmonia vocálica”, regra que controla a elevação da vogal média [e] ou [o], em posição pretônica. Isso significa que uma vogal alta na sílaba subsequente influencia o processo de alçamento das vogais médias pretônicas.

O objetivo maior do trabalho, nas palavras da autora é “(...) averiguar os contextos favoráveis e desfavoráveis para a aplicação da regra que eleva a pretônica e verificar, por meio de operações matemáticas, a probabilidade de seu uso no dialeto gaúcho (Bisol, p.30)”.

Para analisar estatisticamente os dados, a autora segue o modelo teórico da Sociolinguística Quantitativa, lançado por Cedergren e Sankoff (1975), que confere tratamento probabilístico aos dados. A pesquisa mostra que a elevação das vogais é influenciada por múltiplos fatores, e que um deles é de assimilação regressiva. Assim, a vogal média [e] presente em p[e]r[i]go seria condicionada a ser realizada como a vogal alta [i] devido à presença desta vogal na sílaba tônica. Dessa forma, a palavra perigo tenderia a ser pronunciada como p[i]r[i]go. Tal condicionamento propiciaria realizações do tipo p[i]ru, m[i]nino, p[u]lícia, b[u]tina, etc.

Conclui, também, que a “regularidade com que a mudança da pretônica ocorre em certos ambientes permite depreender a sistematicidade do fenômeno e descrevê-lo como uma regra gramatical (p. 259)”.

A relevância deste trabalho está no fato de a autora primar pela discussão do fenômeno na perspectiva fonético-fonológica e apresentar uma minuciosa descrição sobre o comportamento das vogais médias em posição pretônica, além, claro, da especificação que faz para cada vogal, em relação aos contextos favoráveis e desfavoráveis à aplicação da regra de elevação. A autora afirma que, no caso da vogal (e), “por razões fonéticas de ordem articulatória” (p. 263), a probabilidade de elevação é maior do que para a vogal (o); e por razões de ordem acústica, a nasalidade funciona como um fator que favorece a elevação de (e) e desfavorece a de (o).

Ainda segundo a pesquisadora, a variação da pretônica não apresentou, no dialeto estudado, nenhum estigma social, pois tanto na fala popular, quanto na culta, ela ocorre. Quanto à probabilidade de expansão da regra para o dialeto gaúcho, a autora afirma que, nos quatro dialetos estudados (metropolitanos, italianos, alemães e fronteiroço), a regra encontra-se em estado de equilíbrio, não apresentando indícios de abrangência contextual, mas vem deixando marcas na língua. Ela apresenta exemplos de ocorrências com 100% de alçamento, como o caso de “custume, acostumar”, reiterando que “a vogal média tende a ser mero sinal ortográfico (p. 262)”.

Para analisar o dialeto gaúcho, Bisol selecionou cinco grupos sociolinguísticos diferenciados do extremo sul do País (homens e mulheres): 24 do grupo principal (fala popular) e 16 do grupo suplementar (fala culta)²²; 8 informantes monolíngues (Porto Alegre), 8 bilíngues (português/alemão) e 8 (italiano); 8 monolíngues, situados em Santana do Livramento, cidade fronteira; dois grupos metropolitanos suplementares (nível primário, nível superior).

Sua amostra principal era composta por 15.496 dados, sendo: Vogal posterior: 5.261 e Vogal anterior: 5.743. A amostra suplementar continha: Vogal posterior: 2.128, Vogal anterior: 2.364. Os dados foram coletados em 60 minutos de entrevistas gravadas por indivíduo. O suporte teórico adotado pela autora foi a Teoria da Variação, entretanto, apresenta uma descrição profunda de ordem fonética, acústica, articulatória e auditiva. Para

²² A amostra suplementar de Bisol foi retirada do *corpus* do projeto Nurc (Norma urbana Culta), do qual se falará mais adiante.

analisar os dados utiliza o método de análise sociolinguística quantitativa Software Varbrul²³ (Sankoff,1974) Programa: Swmincs 5 e 6 – linguagem snobol.

A autora selecionou, para análise, 14 grupos de fatores: 10 linguísticos: contexto fonológico precedente e seguinte (alveolar, palatal, velar e labial); estrutura da palavra (sufixação); distância da sílaba tônica; tipo de vogal (alta, média ou baixa); grau de atonicidade; tonicidade; nasalidade; analogia com o paradigma e homorgania da tônica. E quatro extralinguísticos: etnia (portuguesa, Italiana e alemã), gênero (M, F), idade (25 a 50 anos) e a situação de fala (perguntas e respostas e fala livre).

Como a tese de Bisol (1981) é base de referências de todas as pesquisas analisadas nesta tese, destacam-se aqui alguns resultados do seu trabalho, como o fato de a autora apontar, na época, que a mudança de [o] para [u] e [e] para [i] pode ocorrer em contextos linguísticos favoráveis e pode ser o resultado de ação conjugada de fatores, o que inspirou muitas pesquisas posteriores na busca pelo ambiente linguístico favorável à variação pretônica.

Bisol afirma, ainda, que essa ocorrência é mediada por uma regra variável, condicionada pela vogal alta da sílaba imediatamente seguinte e favorecida por consoantes vizinhas. A pretônica mais suscetível de ser atingida pela regra é a que preserva o caráter de atonicidade em todo o seu processo derivativo. A pretônica que não possui “status” definido, realizando-se ora como média baixa ou alta, é tão suscetível à aplicação da regra quanto a que preserva no paradigma o caráter de atonicidade, casos dos verbos que têm vogal alta em seus modelos (como dormir – durmo).

Os fatores que exercem um papel importante na regra podem ser classificados hierarquicamente: vogal alta da sílaba seguinte, o caráter da vogal átona candidata à regra e da consoante vizinha. Os que desfavorecem a regra: nasalização e palatal precedente, principalmente para [o], alveolar precedente ou seguinte, por razões fonéticas de ordem articulatória e acústica e o acento subjacente da vogal candidata à aplicação da regra. Os que bloqueiam a regra: formadores de grau e outros sufixos que são propensos a ressaltar o conteúdo significativo da forma base.

A autora também mostra que as consoantes labiais, palatais, nasais e velares favorecem positivamente o alçamento, isto é, as vogais pretônicas se tornam altas quando

²³ O pacote de programas VARBRUL é um programa computacional para análise de variáveis, criado na década de 70 por Cedergren e Sankoff e utilizado na maioria dos trabalhos sobre variação linguística. Ele será citado várias vezes neste trabalho com versões diferentes, como GoldVarbX, R-varB[3] e R-brul[4], estes utilizando a linguagem estatística R.

precedidas ou seguidas por uma dessas consonantes. Já as alveolares tendem a preservar a vogal pretônica como fechada.

Por fim, segundo Bisol, a vogal posterior tem mais probabilidade de elevação do que a vogal anterior e que o alçamento vocálico não apresenta estigma social e é sensível ao fator etnia, pois a autora investigou a realização das vogais pretônicas por falantes da região fronteira e em regiões de colonização italiana e alemã, além dos falantes de Porto Alegre.²⁴

As pesquisas, sobre o dialeto da região Sul, que se seguem nos anos posteriores – Battisti (1993), Schwindt (1995), Amaral (1996), Klunk (2007), Kailer (2008) e Cruz (2010) – descrevem e analisam a realização dessas vogais médias abordando outras cidades e estados da região Sul, as quais serão comentadas a seguir. Alguns dos resultados de Bisol também foram retomados em pesquisas posteriores sobre outros dialetos, que serão discutidos posteriormente.

4.1.2 -Dissertação de mestrado: Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha (1993)

Autora: Elisa Battisti – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora: Leda Bisol

Elisa Battisti investiga, na sua dissertação de mestrado, o comportamento posicional da vogal média pretônica: em sílaba inicial de vocábulo, em posição de hiato e prefixal no dialeto de Porto Alegre. A pesquisa retoma o estudo de Bisol (1981), utilizando os dados que a autora excluiu, por considerá-los categóricos na sua variação (vogal no início de vocábulo, em posição de hiato e prefixo, como *iscola*, *tíatro* e *disconfiado*). Battisti investiga as regularidades que governam a alternância vocálica, no que respeita à ocorrência de vogais altas nesses contextos.

Para tal, utiliza os pressupostos teóricos da Teoria da Variação e a teoria fonológica proposta por Goldsmith (1979): Teoria autosegmental. Os informantes são os mesmos do banco de dados de Bisol. Battisti analisou 19.621 dados de contextos de vogais médias, 12.054 para a vogal (e) e 7.621 para a vogal (o). A autora constata que [e] em sílaba inicial, eleva-se mais que [o], dizendo que, nessa posição, há mais condicionadores que

²⁴ Na meta-análise, só foram considerados os dados de Porto Alegre, que são separados nas tabelas elaboradas pela autora. Essa opção se deve ao fato de as demais pesquisas não considerarem a etnia.

possibilitam a elevação da vogal anterior, como por exemplo, o fato de a sílaba inicial ser prefixo (ex. d[i]smentir). Constata também, que não existe uma regra específica para a elevação da vogal inicial, o que se observa é a presença de contextos que tornam tais vogais mais suscetíveis à elevação como as consoantes precedentes dorsais que favorecem a elevação de [e] e de [o], a precedente labial, que favorece só a elevação de [o], e a precedente palatal que favorece a elevação de [e].

A autora ressalta a ausência de contexto fonológico como favorecedor da elevação da vogal anterior, mas não da posterior. Em relação às consoantes seguintes, observa que a palatal eleva ambas as vogais médias, e a labial, eleva apenas [o]. As consoantes nasais e sibilantes impulsionam a elevação quase categórica de [e]. A vogal média anterior é mais sensível ao alçamento quando ocorre em sílaba fechada por /s/ ou /n/. A autora observou, ainda, que uma vogal alta na sílaba seguinte favorece a elevação de ambas as médias. E a vogal [o] tem mais probabilidade de altear-se quando a sílaba inicial for contígua à tônica. Ao analisar o prefixo a autora constatou que houve elevação significativa, com mais ocorrências para a vogal média anterior. Constatou, também, que não é esse morfema, propriamente, que favorece o alteamento da vogal e, sim, a presença de nasal ou sibilante na coda da sílaba. Isso reafirma o papel dessas consoantes para a elevação da pretônica, o que foi constatado em pesquisas realizadas nos anos seguintes. Battisti aponta alguns fatores que se mostram inibidores da elevação pretônica, como as consoantes coronais anteriores e vibrantes, tanto para [e] quanto para [o], conforme verificado por Bisol (1981). Também mostrou que a variável extralinguística gênero, apesar de selecionada, pelo programa estatístico, não teve relevância nenhuma na análise (p.118). Battisti observa que a pretônica em sílaba inicial (**dismintir**) é um fenômeno variável estável, mas no início de vocábulo, seguidos de /S/ e /N/ é quase categórico e que, segundo a pesquisadora, já em vias de perder o *status* variável. Também menciona o fato de certas consoantes terem interferência direta na variação. Entretanto esses pontos não foram discutidos nas pesquisas posteriores consultadas nesta tese.

4.1.3 Dissertação: Harmonia vocálica em dialetos do Sul do País: uma análise variacionista. 1995.

Autor: Luiz Carlos da Silva Schwindt - Instituição Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Orientadora: Leda Bisol

Luiz Carlos Schwindt, no ano de 1995, enfoca, especificamente, o processo de harmonia vocálica e investiga a fala de três capitais da região Sul: Florianópolis, Porto Alegre e Curitiba. O autor selecionou uma amostra de 24 informantes, 12 de cada capital, extraída dos dados do projeto Varsul²⁵. Foram ouvidas 288 das entrevistas gravadas, de onde foram retirados 5.106 dados de vogais médias, 2.986 de (e) e 2.120 de (o). O objetivo da pesquisa foi verificar, através da Teoria da Variação, a influência de fatores sociais e linguísticos na regra de harmonia vocálica. O autor constata que essa regra apresenta sistematicidade nos dialetos estudados, o que o faz considerá-la como uma regra gramatical, pois a mesma apresenta regularidades em determinados ambientes. Desta forma observa que a alternância entre e ~ i e entre o ~ u é resultado de uma ação conjugada entre vários fatores, mas também não descarta a possibilidade de um único fator condicionar a harmonia. Destaca, então, como principal condicionador da regra, a presença de uma vogal alta em sílaba subsequente contígua à pretônica. Para esse autor a tonicidade tem papel secundário na elevação, isto é, só influencia “se for satisfeita a condição de contiguidade” (p. 86). Constatou ainda, que a homorganicidade não se revelou expressiva na aplicação da regra, embora os números tenham apresentado uma pequena vantagem para a vogal (i) como condicionadora da elevação de ambas as pretônicas (e, o). No contexto das vogais orais a regra mostra-se mais operante, salientando-se essa característica para a vogal (o).

O autor afirma que a atonicidade não é obstáculo para a elevação e, que, nesse caso, a elevação deve-se, sobretudo, às vogais altas nos paradigmas dos verbos de 3ª conjugação e irregulares de 2ª. Com as átonas casuais, ocorre o inverso: inibe-se a aplicação da regra. De acordo com Schwindt: “isso pode estar ligado ao fato de o acento subjacente, em alguns casos, manifestar-se como secundário na derivação” (p. 69). Cita as consoantes velares e alveolares, como favorecedoras para (e) e para (o), mas os valores mais altos concentram-se apenas na consoante alveolar. Diz, ainda, que as terminações verbais exercem influência significativa sobre a elevação da vogal o em oposição às terminações nominais. E acrescenta que isso se deve ao fato de a regra de harmonia vocálica respeitar os limites dos morfemas derivacionais, o que não parece ocorrer com os morfemas flexionais. Nesse estudo a regra de harmonia vocálica não se mostrou sensível às variáveis faixa etária e gênero, tratando-se, ao que tudo indica, de uma variação estável. Com relação ao fator escolaridade, os dados revelam que as pessoas mais escolarizadas elevam menos a pretônica, o que pode ser um indício da influência da escrita e, também, como ressalta Schwindt, do prestígio social. No que diz

²⁵ Variação Linguística na Região Sul do Brasil

respeito à variedade geográfica, constatou-se que a regra é mais usada à medida que nos afastamos do extremo Sul do País, sinalizando para uma influência da etnia, como afirmou Bisol (op.cit.1980).

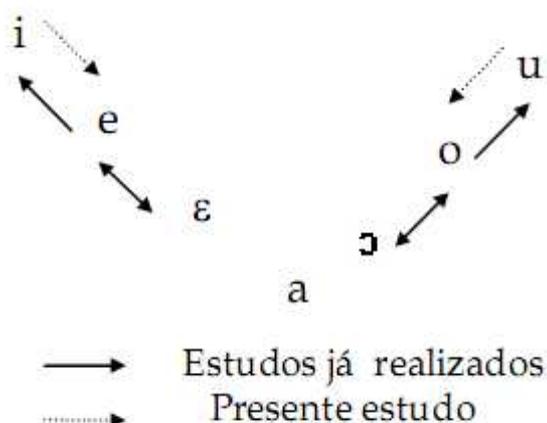
**4.1.4 Dissertação: O abaixamento do /i/ e /u/ no português da campanha gaúcha. 1996.
Autor: Luís I. C. Amaral – Pontifícia Universidade Católica de Pelotas
Orientadora: Carmem Lúcia Matzenauer Hernandorena**

Em 1996, Amaral defendeu seu trabalho sobre um fenômeno, de certa forma, inusitado: o abaixamento das vogais /i/ e /u/ em posição pretônica. O autor investiga, no dialeto do município de Piratini, localizado na região da Campanha do Rio Grande do Sul, ou Pampa gaúcho, um fenômeno que torna baixa as vogais altas. Fato que até então ninguém havia estudado, pois os estudos se concentram no fenômeno de elevação (e ~ i, o ~ u) e nos processos de abaixamento (e ,o).

Embora ele se proponha a fazer uma abordagem sustentada em duas perspectivas teóricas- na teoria da variação e fonologia não linear - prioriza mais a teoria fonológica, o que, de certa forma, se apresenta como diferencial em relação aos trabalhos neste período, além, claro, de o fato de sua pesquisa se direcionar para um caminho contrário à maioria das pesquisas sobre esta temática, como mostra a figura abaixo extraída da dissertação do autor:

Figura 6- Amaral, 1996

Estudos sobre vogais do português brasileiro



Em um breve levantamento que fez nos municípios de Bagé, Uruguaiana, D. Pedrito, Bagé e Piratini, o autor constatou a ocorrência frequente de abaixamento de /i/ e de /u/, como apresentado nos exemplos abaixo:

Figura 7(exemplos extraídos do autor: p. 17)

's[o]jeitei', 'd[e]reito', 'c[o]nhado', '[e]rmão', 'c[o]lote', 'c[o]idado', 'd[o]vida', '[o]rina', 'c[o]ecas', 'p[o]lovi', 's[o]foco' e 'd[e]latou' (dilatar),

Uma atenção maior a este fenômeno o fez ver que esse tipo de alternância vocálica ocorria com certa regularidade e, portanto, mereceria uma análise mais aprofundada. Sendo assim, sustentado pelo modelo fonológico de Chomsky e Halle (1968) e pela *geometria de traços* de Clements, Amaral analisa fonologicamente a ocorrência e ressalta que dentre as variáveis favorecedoras para o abaixamento de /i/ e /u/ pretônico, há fatores fonológicos, como a altura da vogal, o ponto de articulação da consoante precedente e o tipo de vogal átona. É a partir dessa análise que o autor destaca a ocorrência de abaixamento de /i/ e /u/ diante de vogal média, maior que da vogal baixa. Isso se justifica pelo fato de o fonema assimilado passar a ter os mesmos traços do fonema gerador do processo de assimilação, configurando-se numa assimilação vocálica total. Para a pesquisa, foram selecionados 20 informantes (10 homens e 10 mulheres) com idades ente 30 -50 anos e 51 em diante. O autor não define o número de dados de sua pesquisa, diz apenas que foram coletados em Piratini. A teoria da Variação e a Fonologia não linear sustentam o trabalho e a análise estatística é realizada com o pacote *Varbrul*. Dentre os fatores linguísticos analisados encontram-se a vogal pretônica quanto ao traço [+/- nasal], a vogal da sílaba seguinte quanto ao traço [+/-alto], o contexto fonológico seguinte, quanto ao ponto (labial, coronal, dorsal) e quanto ao modo (plosiva, fricativa, líquida e nasal); o contexto fonológico precedente, quanto ao ponto (labial, coronal, dorsal e pausa) e quanto ao modo (plosiva, fricativa, líquida, nasal e pausa) e a distância em relação à sílaba tônica (contígua, não contígua). O autor também verifica o tipo de sílaba átona (átona permanente; átona casual), o vocábulo em relação ao léxico (vocábulo de uso frequente, vocábulo incomum), o ponto da vogal (coronal, dorsal), ponto de articulação da consoante seguinte (bilabial, labiodental, alveolar, palatal, velar) e da consoante precedente (bilabial, labiodental, alveolar, palatal, velar, pausa). Amaral conclui que a alternância i ~ e e u ~ o é um fenômeno motivado por contextos fonológicos; ocorre com maior frequência quando há combinação de contextos favorecedores. Os fatores que provocam a alternância podem ser

hierarquizados como: vogal alta na sílaba seguinte e consoante vizinha. Pode, também, ser provocada isoladamente por consoante vizinha, mesmo que não haja contexto para a aplicação da regra de harmonização vocálica. Essa alternância é mais frequente em vogal átona permanente. Amaral apresenta alguns fatores que atuam como inibidores da regra de abaixamento. O mais significativo é quando a vogal estudada é átona casual. Foi constatado em sua pesquisa que o fenômeno não está condicionado aos contextos extralinguísticos estudados (gênero e idade).

O abaixamento de /i/ pretônico é causado, predominantemente, pela presença de vogal média na sílaba seguinte e pela presença de consoante alveolar na vizinhança (dentre as consoantes alveolares, aquelas que se associam mais frequentemente ao processo de abaixamento são as líquidas). Alguns fatores como a presença de consoantes seguintes bilabiais, labiodentais e palatais, presença de consoantes precedentes bilabiais, alveolares e velares, vogal em início de palavra, distância da sílaba tônica e /i/ em sílaba átona permanente são favorecedores para a aplicação da regra. É interessante perceber que a ocorrência desse fenômeno, peculiar a esta região é também mostrado por Maria Célia de Castro (2008) em um estudo da região de Balsas, no Maranhão. A autora expõe contextos favoráveis idênticos aos apresentados por Amaral, mas não analisa a ocorrência do fenômeno. A análise da pesquisa da região Sul explicita claramente a ocorrência do fenômeno. Segundo Amaral, o contexto que mais favorece o abaixamento de /i/ e /o/ está aliado ao traço [-alto] na sílaba seguinte, mas é a consoante vizinha alveolar que mais favorece o fenômeno, por ter semelhanças acústicas com a vogal assimiladora. As consoantes *t, d, s, z, n, l, r*, são mais próximas das vogais baixas do que as altas.

4.1.5 Dissertação: O alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente, 2007.

Autora: Patrícia Klunck – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Orientadora: Leda Bisol

Este estudo sobre o alçamento de vogais médias na posição pretônica, na região Sul do País, mais especificamente na cidade de Porto Alegre. Utiliza uma amostra de dados do projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul). A pesquisa, investigou palavras cujo contexto não apresenta nenhum fator que determine alterações de traços vocálicos que possam provocar o alçamento, como harmonia vocálica por exemplo. Como

explicar, por exemplo, o fato de palavras como *boneca*, *tomate*, *pedestre*²⁶ sofrerem processo de alçamento, se não há vogal alta na sílaba tônica? Klunck trabalhou com 24 entrevistas em três faixas etárias. Foram analisados 4.208 dados, sendo 2.229 de [e] e 1.979 de [o], observando as seguintes variáveis linguísticas: distância da tônica, altura da vogal da sílaba seguinte, tipo de sílaba, altura da vogal da sílaba precedente, posição da pretônica, contexto fonológico precedente seguinte e nasalidade. Entre as variáveis não linguísticas, a autora considerou o gênero, faixa etária e grau de escolaridade. Utilizou os pressupostos teóricos da Teoria da Variação Linguística na perspectiva de William Labov (1969), mas ao final discutiu os dados de acordo com a proposta da Difusão lexical. A análise estatística foi realizada no GoldVarb 2001, e dentre os principais resultados encontrados a autora destaca que a elevação das médias pretônicas sem motivação aparente, tem pouca aplicação no dialeto gaúcho, especificamente na amostra analisada que representa a fala de Porto Alegre, o que confirma, de acordo com Klunck, a tendência da região Sul em preservar as vogais como fechadas e se manter conservadora em relação às outras variedades do português no que concerne ao sistema vocálico. A análise dos dados mostra que em 2.229 ocorrências da vogal /e/, apenas 96 elevaram-se (4% de aplicação). E em 1.979 para a vogal /o/, apenas 235 elevaram-se (correspondendo a 12%).

Quanto às variáveis selecionadas e analisadas: contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente, altura da vogal da sílaba seguinte, altura da vogal da sílaba precedente, distância da tônica, tipo de sílaba, nasalidade, gênero e grau de escolaridade, consideradas estatisticamente relevantes pelo programa, não mostraram papel significativo na elevação das pretônicas. Os fatores, na maioria das vezes, apresentaram valores baixos ou neutros nas diferentes tabelas expostas. Com isso, a autora conclui que a elevação das vogais médias pretônicas sem motivo aparente, embora não ocorra tanto, se justifica pela difusão lexical.

4.1.6 Dissertação: As vogais médias pretônicas em Porto Alegre-RS: um estudo sobre o alçamento sem motivação aparente. 2010.

Autora: Marion Costa Cruz – Instituição Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

Orientadora: Cláudia Regina Brescancini

²⁶ Não consegui entender se essa palavra é alçada no dialeto de Porto Alegre, pois no decorrer da dissertação não há referência sobre isso. Imagino que seja uma confusão da autora.

Esse outro trabalho sobre o dialeto sulista, da cidade de Porto Alegre, assim como Klunck (2007), investiga o alçamento sem motivação aparente das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, caracterizado pela ausência da vogal alta na sílaba seguinte (como em pequeno ~ piqueno e boneca ~ buneca). Entretanto, a autora afirma que a sua pesquisa difere-se da de Klunck por considerar duas amostras de épocas diferentes, uma mais antiga, do final da década de 80, com 18 informantes que possuem nível de escolaridade de fundamental a médio, e outra mais recente, coletada entre 2007 e 2009, com 18 informantes que possuem nível de escolaridade superior. A pesquisa foi desenvolvida à luz dos pressupostos teóricos e metodológicos da Teoria da Variação, cujo objetivo geral, segundo a autora, foi identificar os condicionadores linguísticos e sociais para a aplicação do alçamento vocálico. Seu objetivo específico foi investigar a influência de itens lexicais no favorecimento do paradigma verbal ou nominal na elevação das vogais médias. Conforme já mostrado em Klunck (pesquisa anterior), o dialeto gaúcho apresenta baixa ocorrência do alçamento sem motivação aparente, e possui condicionamento lexical. Assim, a autora investiga se o alçamento sem motivação aparente ocorre mais para a vogal /o/ ou para a vogal /e/. Também averigua se cada vogal apresenta condicionamentos distintos para a aplicação da regra e, se determinadas palavras, como verbos, por exemplo, são mais suscetíveis ao alçamento sem motivação aparente do que outras. Foram selecionadas ocorrências de vogais médias (/e, o/) sem presença de /i/ ou /u/ na sílaba tônica, observando-se dez fatores linguísticos.²⁷ Quanto aos fatores sociais, apenas o gênero e a idade foram considerados, pois, para essa segunda amostra, todos os informantes tinham a mesma escolaridade, eram universitários. A análise estatística foi feita no Goldvarb X e ao rodar os dados o programa acabou excluindo algumas variáveis que não se mostraram relevantes para a análise. A variável paradigma, por exemplo, foi excluída nos dois *corpora*. Os principais resultados de Cruz (2010) reiteram o afirmado por Klunck (2007), isto é, a baixa produtividade de elevação no dialeto gaúcho sem motivação aparente e uma maior tendência à elevação da pretônica posterior em relação à anterior.

Em relação aos resultados, tanto da dissertação de Klunck (2007) quanto desta de Cruz (2010), não há muita diferença. Klunck apresenta algumas propostas sobre como explicitar os casos de alçamento sem motivação aparente, como a difusão lexical, por exemplo. Cruz faz uma análise descritiva do que mostra o tratamento estatístico dos dados.

²⁷ Qualidade da vogal, contexto seguinte, contexto precedente, altura da vogal seguinte, altura da vogal precedente, tipo de sílaba, nasalidade, classe gramatical, paradigma, altura da vogal não contígua.

No entanto, seu trabalho apresenta um dado interessante em relação ao tempo, apontando que não há mudança em progresso em relação ao alçamento vocálico. Parece não haver tendência ao alçamento no dialeto do sul, em relação ao contexto estudado. Os condicionamentos para o alçamento são iguais para as duas vogais. A classe da palavra não influencia tanto na elevação da pretônica, como a autora previa. Os resultados da autora mostraram que há mais alçamento em pretônicas posteriores, mas não há explicação sobre esse fato na conclusão do trabalho.

4.1.7 Tese de doutorado: Vogais pretônicas /e/ e/o/: um estudo em tempo aparente. 2008. Autora: Dircel Aparecida Kailer – - Universidade Estadual do Noroeste Paulista: Araraquara Orientadora: Marymarcia Guedes

Outra tese defendida em 2008, ainda sobre a região Sul, focaliza o dialeto paranaense. A professora Dircel Kailer, dando continuidade à sua pesquisa de mestrado sobre o uso do /o/ *pretônico no falar rural paranaense*, defendida em 2004²⁸, investiga o alçamento e manutenção de [e] e [o] pretônicos em duas cidades do Paraná: Foz do Iguaçu e Pato Branco. A primeira, na região Oeste, faz fronteira com dois países, Argentina e Paraguai. A segunda, no Sudoeste, está próxima à fronteira com o estado de Santa Catarina. A autora se propõe a verificar, por meio de um estudo em tempo aparente, se o alçamento das pretônicas [e] e [o] nas referidas cidades, constitui-se em variação estável, mudança em recuo ou mudança em progresso. Busca identificar, em tempo real, as variáveis linguísticas e extralinguísticas que atuam no comportamento das vogais pretônicas. A autora observa os contextos das vogais em início de sílaba, precedidas ou seguidas de vogal ou consoante. Além disso, compara os resultados da sua dissertação de mestrado defendida em 2004, em que utilizou dados da década de 80, com os dados de 2006-2007, que fazem parte desta tese. O objetivo dessa comparação era averiguar se os contextos favorecedores de alçamento já estudados, ainda tinham a mesma influência. Kailer vale-se da Sociolinguística quantitativa como suporte teórico e utiliza o programa *Goldvarb for windows2001* para o tratamento dos dados. Foram entrevistados 32 informantes (masculino e feminino) das duas cidades. Para a análise, selecionou as variáveis sociais gênero, faixa etária, inserção social e escolaridade. Como variáveis linguísticas, o modo e o ponto de articulação, as vogais adjacentes, o caráter morfológico, a atonicidade, a nasalidade e a tonicidade da vogal da sílaba seguinte. O *corpus* mais recente é composto de

²⁸ Não tive acesso a essa dissertação, solicitei à autora, mas ela não enviou, e a mesma não está disponível *online*.

9.698 ocorrências, das quais 5.961 são da pretônica [e], sendo 1.898 realizações da pretônica alta anterior não arredondada [i] e 4.063 da pretônica média anterior não arredondada [e]; 3.737 da média pretônica posterior arredondada [o], sendo 2.972 da posterior arredondada [o] e 765 da posterior alta arredondada [u]. O primeiro corpus era de dados do ALPR (Atlas Linguístico do Paraná), dos quais a autora retirou as quatro entrevistas realizadas na localidade pesquisada. Como eram quatro informantes, o número de ocorrências deste primeiro corpus foi reduzido (876). Para este *corpus* foram observadas 313 ocorrências da pretônica posterior, 101 da vogal alta [u] e 212 da pretônica [o]. Em relação à pretônica média anterior, foram 563 ocorrências, sendo 354 da pretônica média anterior [e] e 209 da pretônica alta anterior [i]. Assim, Kailer compara as duas amostras e na p. 205, apresenta a tabela, que transcrevo abaixo, mostrando o percentual de alçamento para as duas vogais:

Figura 8

- tabela extraída de Kailer, 2008

Tabela 16. Regiões- Alçamento das vogais pretônicas com todas as vogais em sílaba seguinte a das vogais pretônicas

Região	Pretônica [o]	Pretônica [e]
Pato Branco - 1988-1989 ⁸²	38%	43%
Foz do Iguaçu – 1988-1989	25%	37%
Pato Branco -2006-2007	20%	32%
Foz do Iguaçu – 2006-2007	20%	30%

Os resultados apresentados na pesquisa mostram que o fator que influencia o alçamento da vogal posterior /o / continua sendo a vogal alta na sílaba seguinte, como já apontado em Bisol (1981). As palatais, tanto no contexto precedente quanto no seguinte, foram as consoantes adjacentes que se mantiveram muito favoráveis à aplicação da regra de alçamento, seguidas da velar [k] precedente. O modo de articulação mostrou pouca relevância na aplicação da regra de alçamento, e as oclusivas e fricativas, foram consideradas as mais prováveis favorecedoras para o alçamento da vogal média pretônica posterior (VMPP). A atonicidade do [o] mostrou-se relevante, visto que as átonas permanentes continuam agindo positivamente enquanto as casuais são praticamente inibidoras do alçamento da pretônica. Ainda foi observado que a vogal pretônica oral que possui uma vogal contígua tônica demonstra estar mais suscetível ao alçamento. Quanto à estrutura silábica, apenas a sílaba

travada por uma alveolar sibilante destacou-se como o contexto mais favorável nos dois *corpora* analisados. Quanto ao fator social escolaridade, os informantes com pouca escolarização, no corpus do ALPR (1988-1989), são os que apresentam o maior índice de alçamento da pretônica [o]. Nos dados de 2006-2007, apesar de haver um declínio na aplicação da regra em questão, os informantes com pouca escolaridade lideram os resultados, seguidos dos informantes que possuem o ensino médio. A autora constatou que os informantes que possuem ensino superior demonstraram ser os mais resistentes ao alçamento, isto é, para Kailer a escolarização é um fator que exerce influência sobre a aplicação da regra. Isso acontece tanto na VMPPA quanto na VMPP. O resultado para a faixa etária foi similar ao da escolaridade, pois os informantes de maior escolaridade em geral eram adultos e/ou idosos. Quanto ao gênero, a autora, embora mostre o percentual para homens e mulheres, diz que os resultados não foram relevantes. Aliás, Kailer aponta como fatores sociais favoráveis ao alçamento ou à manutenção, apenas a idade e a escolarização.

Em síntese pode-se afirmar que, para o dialeto paranaense, assim como para os demais da região sul, a manutenção das vogais como fechadas é considerada padrão. O alçamento ocorre em situações específicas, ora como resultado de fatores linguísticos, ora como particularidade lexical como os itens citados em Bisol e Kailer : ‘litrinha’, ‘fulhinha’, ‘sirviço’, que o falante utiliza para representar uma diferença semântica ou para dar ênfase ao que diz. Não se observa a realização de vogais médias abertas, exceto em casos em que as palavras são derivadas. A autora conclui seu trabalho apresentando uma sugestão de análise do fenômeno de variação da pretônica, à luz de teorias fonológicas e com abordagem da Prosódia Métrica.

4.1.8 Algumas considerações sobre as pesquisas da Região Sul

As pesquisas que foram realizadas sobre dialetos do Sul do Brasil confirmaram que a variação das vogais médias quando em posição pretônica é controlada por uma regra variável, que provoca a elevação dessas vogais. Esse fenômeno é condicionado por um conjunto de fatores linguísticos, dos quais se destaca a presença de vogal alta na sílaba tônica ou imediatamente após a pretônica. Embora utilizada “moderadamente”, como afirmou Bisol(1981), a variante alta se apresenta nos dialetos em situações esperadas, como os casos de harmonia vocálica (cunhecia) e em outras não esperadas, denominadas por Klunck (2007) e Cruz (2010), como “elevação sem motivo aparente”, como em: *acuntece, apusentado*,

sutaque. Todos os autores afirmam que o fenômeno não é estigmatizado socialmente, entretanto todos testam escolaridade, faixa etária e gênero. Percebe-se que, apesar de os programas estatísticos utilizados nem sempre considerarem os fatores sociais como relevantes, a análise dos autores apontavam para uma oscilação nos resultados, mostrando índices, mesmo que baixos, da presença desses fatores sociais influenciando a realização da pretônica, ora elevando-as, ora preservando-as como fechadas.

Pesquisas da década de 90 sinalizaram recortes interessantes sobre o estudo das vogais médias pretônicas, como Battisti (1993), que sugere uma pesquisa sobre a influência de consoantes na variação do sistema pretônico, mas isso não foi investigado. Schwindt (1995, p.77) afirma, nas suas conclusões, que a variação entre e ~ i e entre o ~ u parece ser mais frequente nos casos de ação conjugada de vários fatores, mas não descarta a possibilidade de um único fator ser condicionador da regra de harmonia vocálica. Entretanto o autor não explicita que fator pode ser e, dentre os trabalhos que compõem a amostra de minha pesquisa não vi nenhuma discussão posterior nesse sentido. A vogal alta contígua é a principal condicionadora da harmonização da pretônica, mas a contiguidade da vogal é apenas mais um fator favorecedor, como mostra pesquisas mais recentes, como as dissertações de Klunck (2007) e Cruz (2010). Conforme sínteses anteriores (4.1.5 e 4.1.6), estas autoras realizam pesquisas muito semelhantes. Ambas constatarem o que já foi estudado e têm o mesmo foco em relação ao alçamento ao observarem a elevação das vogais médias “sem motivo aparente”, isto é, onde não se espera o alçamento, ele ocorre, como em *acumpanhei*, *buneca*, *disastre*, cuja vogal contígua não é alta. Cruz analisa dois corpora, observando um percurso de 20 anos (1988-1989/2008-2009). As conclusões das autoras são semelhantes: há baixa produtividade de alçamento sem motivo aparente no dialeto de Porto Alegre.

A pesquisa realizada por Kailer (2008), em duas cidades do Paraná, destacou os fatores sociais. A autora deu continuidade à sua pesquisa de mestrado, mas desta vez, contrário ao que fez na dissertação, analisa as duas vogais médias. Ela não apresenta conclusão dos seus resultados, apenas descreve o que encontrou na análise estatística. Os números revelam pouca diferença em relação aos fatores sociais analisados, mas aponta para ocorrências distintas para o alçamento de /e/ e de /o/. Nesse sentido Kailer recomenda um estudo das pretônicas com o suporte da prosódia ou a métrica.

Encontrei mais duas pesquisas da região Sul, Guzzo (A elevação da vogal média anterior átona em Flores da Cunha - 2010) e Silva (O Alçamento das vogais médias pretônicas na fala de São José do Norte - 2012), mas estas não fizeram parte da meta-análise, pois os

dados já estavam organizados para a entrada no programa estatístico. A primeira investigou o alçamento apenas de [e] em posição átona final e antes da tônica. Também é uma dissertação de base variacionista. A segunda sobre a fala de São José do Norte descreve e quantifica as ocorrências de variação pelo processo de harmonização vocálica em [e] e [o].

4.2 Estudos sobre as pretônicas na região Sudeste

Esta seção será organizada de forma diferente da anterior. Devido ao fato de Minas Gerais apresentar um número bem maior de pesquisas realizadas sobre o vocalismo pretônico, em relação aos demais estados do sudeste, optei em separar as pesquisas mineiras em uma subseção (4.2.1) e os demais estados estão agrupados na seção 4.2.2.

4.2.1 Estudos sobre as pretônicas em Minas Gerais

A fala mineira é uma das mais estudadas em relação ao sistema pretônico. As pesquisas elencadas neste trabalho: Viegas (1987), Castro (1990), Guimarães (2006), Dias, Viana, Almeida e Alves (2008), Tondineli e Bisinotto (2010), contemplam cinco das microrregiões do estado, a central, região norte, sul, triângulo e Zona da Mata.

4.2.1.1 Dissertação: Alçamento das vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística. 1987. Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

Autora: Maria do Carmo Viegas

Orientador: Marco Antônio de Oliveira

A primeira pesquisa sobre o dialeto mineiro, no que diz respeito à realização das pretônicas médias, foi realizada em Belo Horizonte, pela professora Maria do Carmo Viegas em 1987. Referência para muitas pesquisas posteriores sobre este tema, a autora discute o alçamento vocálico e investiga a implementação do fenômeno em duas regiões da cidade de Belo Horizonte, com dois grupos diferenciados socioeconomicamente, de ambos os sexos, e de duas faixas etárias (jovens e adultos). Foram coletados 3.931 dados, sendo 2.190 de vogal média anterior (VMA) e 1741 de vogal média posterior (VMP), obtidos através de entrevistas gravadas em um total de 16 horas de gravação. A autora, inicialmente, se propõe a trabalhar com a teoria da Variação de Labov (1972), considerando que a mudança atingiria todas as palavras de uma só vez, como pressupõe a corrente neogramática. Muitos exemplos apresentados pela autora no decorrer da dissertação realmente favoreceram a interpretação da

mudança sonora sob a ótica neogramática, pois indicam que o condicionamento fonético desencadeou a sua implementação. Entretanto, outros exemplos, não puderam ser justificados sob tal perspectiva, como as palavras *tomate* e *tomada*. Enquanto *Tomate* apresentou o alçamento da vogal média [o] para a vogal alta [u], propiciando a sua ocorrência como t[u]mate, o mesmo não ocorre com a palavra *tomada*, no mesmo contexto fonético. Ou seja, o contexto fonético não contempla todos os casos em que há alçamento vocálico nos dados da autora.

Viegas recorre, então, à teoria da difusão lexical, mostrando que o fenômeno de alçamento vocálico se processa através do léxico e reitera que sua implementação se dá pela frequência da palavra (p. 153). Embora a frequência lexical não tenha sido o foco dessa pesquisa, ela aponta, nas suas conclusões, que “a regra de alçamento atua sobre os itens mais frequentes primeiro (p. 168)”.

A autora demonstrou, ainda, a relevância do fator semântico-pragmático na implementação da mudança em questão, isto é, itens com entradas lexicais de sentido diferente favoreceriam a implementação da regra de alçamento das vogais médias, como a palavra *porção*, pronunciada como p[u]rção (para designar quantidade de pessoas) e p[o]rção (para designar quantidade de determinada comida), ou, ainda, P[e]ru (país) e p[i]ru (ave). Os itens *Peru x peru*, por exemplo, segundo a autora, são bem distintos na fala, pois além de o primeiro ser pouco frequente, ainda carrega certo prestígio social em detrimento da segunda realização que por vezes pode possuir caráter depreciativo. Ressalta, assim, a importância do componente semântico na análise de mudanças sonoras, fato que até então não havia sido levado em conta nas pesquisas. Ela destaca que a presença da vogal alta na sílaba tônica como provocadora do alçamento das vogais médias [e] e [o] ocorre devido à regra de harmonização vocálica, confirmando o que foi apontado por Bisol (1981).

Viegas organiza o quadro pretônico no dialeto de Belo Horizonte em três grupos:

- a) Um grupo em que o alçamento é obrigatório, como em *d[i]via*, *pr[i]cisa*, *d[i]mais*;
- b) Um em que o alçamento é variável, *domínio/dumínio*, *pressinto/prissinto*;
- c) E um último em que o alçamento é proibido ou “quase proibido”, como em *notinha*, *errado*.

Ressalto a importância deste trabalho ao mostrar a complexidade do estudo da variação no sistema pretônico e a abertura para novas possibilidades de pesquisas, como ela

mesma faz em sua tese de doutoramento, que será comentada *a posteriori*, em que a autora aborda a questão do léxico.

4.2.1.2 Dissertação: As pretônicas na variedade mineira juizdeforana. 1990.

Autora: Elzimar Cesar de Castro - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Orientadora: Yonne de Freitas Leite

Já na década de 90, Elzimar Castro retoma o estudo sobre o tema e realiza pesquisa sobre a alternância das vogais médias fechadas, altas e médias abertas, no dialeto de Juiz de Fora. A autora investigou, na fala de universitários juizdeforanos, os contextos propiciadores ou inibidores do alteamento, ou do abaixamento, das pretônicas em posição inicial absoluta, em posição interna ou em juntura vocabular.

Além dos fatores já arrolados nas pesquisas anteriores, Castro introduz o fator “juntura vocabular” e seus tipos: ligação, elisão, crase, ditongação ou hiato. Ao comparar com outros contextos linguísticos, tais como o segmento precedente à pretônica (consoante, vogal átona, vogal tônica ou semivogal), infere que não há diferença no comportamento das pretônicas, isto é, pode ocorrer abaixamento ou alteamento em juntura vocabular ou não. A pretônica anterior nasal, como mostrado no exemplo a seguir, alteia no início de vocábulo e também em juntura vocabular, mas isso não ocorre sempre.

A autora também verificou que o fator faixa etária provocou variação no comportamento das pretônicas. Para os grupos etários apresentados na pesquisa (jovens F1, adultos F2 e velhos F3), a realização da pretônica se mostrou diferente. Os jovens abriram a pretônica enquanto os velhos a elevaram:

Figura 9 - Exemplo extraído de Castro p.201

cê encontra	/ˈsẽˈkõtra/ (2)
até engraçado	/aˈtẽgraˈsadu/

Figura 10 Exemplo extraído de Castro, p. 216

"[...] e os meus culegas todos" (F3)

"[...] o côlega fez antes" (F2)

[...] vejo côlegas meus" (F1)

Apresentando uma análise de acordo com os pressupostos labovianos, Castro aponta para indícios de mudança em progresso na variação da pretônica em Juiz de Fora, entretanto não há, na dissertação, explanação sobre os métodos utilizados para análise dos dados. Há tabelas de frequência, mas sem explicação de como as mesmas surgiram. Igualmente não há explicitação, no corpo da dissertação, sobre os números de dados, pois apenas nos anexos IV e V (p.304) o número total de dados é registrado. A autora selecionou 12 informantes (6 homens e 6 mulheres), universitários de três faixas etárias (cf. Projeto Nurc²⁹). Analisou 5.718 dados (Vogal posterior: 2448; Vogal anterior: 3270), coletados através de entrevistas gravadas com 60 minutos de gravação por informante. Também não esclarece como os dados foram analisados.

Os fatores linguísticos selecionados para análise são: qualidade da vogal da sílaba subsequente, padrão silábico, junção vocabular, pretônicas em posição inicial, ponto de articulação da consoante precedente e seguinte (labial, velar, alveolar, palatal), modo de articulação (obstruente, lateral, vibrante), atonicidade (átônica permanente e casual). Os não linguísticos são: gênero, idade, único grupo social.

Os principais resultados da autora podem ser assim resumidos: as vogais médias pretônicas, no dialeto mineiro de Juiz de Fora, tendem a ser preservadas, conforme caracterização dos dialetos do sul-sudeste (Bisol e Viegas). Em um mesmo item lexical há alternância entre médias fechadas e abertas na mesma proporção. Em relação ao contexto vocálico de vogal alta contígua, esse não parece ser, preferencialmente, o mais propiciador de alçamento, como apontado em pesquisas anteriores. A vogal alta homorgânica contígua (i)

²⁹ O Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta no Brasil (Projeto NURC) teve início em 1969 e contempla cinco cidades brasileiras: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Tem como objetivo descrever os padrões reais de uso na comunicação oral adotados pelo estrato social constituído de falantes com escolaridade de nível superior. Disponível em: <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/AlibNurc> Acesso em: 25 jan. 2013.

assimila mais a pretônica anterior do que a vogal (u) assimila a posterior. Demais contextos vocálicos tendem a preservar ou mesmo a inibir o alteamento. As pretônicas têm maior possibilidade de se tornarem médias abertas contíguas, no contexto de vogal baixa e vogal com traço [-alt + nas].

Em relação ao contexto consonantal, o alteamento da posterior ocorre mais se há uma consoante velar precedente, labial e nasal subsequente. O alteamento da vogal anterior ocorre, também, em contexto de nasal subsequente. A pretônica anterior tem maior possibilidade de se tornar baixa no contexto de vibrante forte precedente, diante de vogal [+bx] imediata, do que nos demais contextos consonantais precedentes.

A pretônica posterior tem maior possibilidade de se tornar baixa no contexto de nasal precedente, diante de vogal [+bx] na mesma sílaba e a lateral (líquida) subsequente, contracenando de preferência com uma vogal [+bx] imediata. A lateral tende a propiciar mais o abaixamento de ambas as pretônicas do que os demais contextos consonantais subsequentes.

A variação [o] ~ [ó] ~ [u] só ocorre nos contextos de velar ou labial/nasal precedentes e nos contextos de alveolar/lateral ou alveolar/obstruinte subsequentes. Isso se confirma nos itens *culega*, *culégio* e *muderno*, mostrando o papel favorecedor atribuído à velar precedente sobre o alteamento da pretônica posterior e o papel favorecedor atribuído à nasal precedente e lateral (líquida) subsequente sobre o seu abaixamento.

Em relação à atonicidade, a átona permanente favorece o alteamento da posterior e a átona casual o inibe. Neste dialeto, a atonicidade não interfere no alteamento da anterior. Em relação à juntura vocabular, há pouca tendência de abaixamento. Os casos de alçamento ocorrem, quase todos, da mesma maneira que se estivessem em posição absoluta na palavra. Castro identificou, para os fatores não linguísticos, na variedade em estudo, indícios de um processo estável de regressão, visto que os falantes mais velhos (do sexo feminino) tendem a altear um pouco mais do que adultos e jovens (do sexo feminino ou masculino). Entretanto, quando se considera o comportamento de ambas as pretônicas, cruzando sexo e faixa etária, evidencia-se, na amostra em estudo, uma possível perda da produtividade da regra de alteamento. Neste caso, as mulheres mais velhas, tendem a produzir as vogais altas em ambas as pretônicas, se comparadas às mulheres das outras faixas etárias e aos homens em qualquer idade. A dissertação de Castro propõe uma boa discussão sobre a realização das vogais médias pretônicas, mostrando que em Juiz de fora a tendência é pela manutenção da vogal como média fechada. Mais adiante veremos outros estudos sobre o dialeto mineiro.

4.2.1.3 Tese de doutorado: O alçamento das vogais médias pretônicas e os itens lexicais.

Autora: Maria do Carmo Viegas – Instituição Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais

Orientador: Marco Antônio de Oliveira

De 2001 em diante, encontramos uma grande quantidade de pesquisas sobre o sistema pretônico no dialeto mineiro, iniciadas com a retomada do tema por Maria do Carmo Viegas na sua tese de doutoramento. Dando continuidade à sua pesquisa de mestrado a autora discute o processo de alçamento, analisando um inventário de itens lexicais alçados e não alçados, documentados nos estudos históricos sobre o português. Tem como suporte dois modelos teóricos de mudança linguística: o modelo neogramático e o modelo difusionista. Viegas constata que alguns itens lexicais foram considerados alçados na literatura de forma inadequada, pois observa que os mesmos teriam sido incorporados ao léxico da língua portuguesa como vogal alta. Na tese ela discute a regularidade do alçamento, mostrando que os primeiros itens atingidos pelo processo foram transmitidos no meio familiar. A autora diz que em palavras que normalmente não são alçadas, ocorre a elevação da vogal de forma pejorativa ou depreciativa, como em “pirminha” (p.125), por exemplo. É possível observar, com os seus dados, que as formas pejorativas não foram as primeiras “vítimas do alçamento”, pois isso surgiu mais tarde, em determinados grupos sociais pouco prestigiados, o que pode confirmar a relação do conteúdo semântico com o alçamento, apontada na sua dissertação de mestrado. Viegas adota o conceito de léxico “conexionista” conforme proposto por Bybee (1995) e não se utiliza de análise estatística, como fez na dissertação, mas faz um trabalho descritivo sobre os itens lexicais no decorrer do tempo. O *corpus* do trabalho compõe-se de dois tipos de itens lexicais:

a) tomados da sua amostra de 1987, acrescidos de outros baseados em sua própria intuição de falante nativa, isto é, ela lista os itens que considera que são alçados no dialeto de Belo Horizonte. E, ainda, extrai outros de textos dos séculos XIII, XIV e XVI;

b) itens lexicais do português contemporâneo falado por 16 informantes de Belo Horizonte, divididos em dois grupos de regiões e renda mensal familiar diferentes.

Dentre os resultados de sua pesquisa, destaco a constatação de que a variação *o ~ u* e *e ~ i* pode ocorrer sem a presença da vogal alta como fator influenciador, como nos itens *melhor*, *senhor* e *Geraldo*, que ocorrem como *milhor*, *sinhor*, *Giraldo*. Em relação à média posterior, itens com ambiente de vogal alta subsequente podem ocorrer ora com [o], ora com [u], como em: *comprido ~ cumprido*, *costume ~ custume*, *fortuna ~ furtuna*. A autora afirma,

também, que se analisarmos o alçamento das vogais médias pretônicas com o olhar dos neogramáticos, procurando regularidade, podemos até encontrá-la, mas com muito esforço. No caso de /e/ tem-se um ambiente favorecedor que é a vogal alta contígua, a qual desencadeia o processo de harmonização, enquanto que no caso de /o/ a harmonização expande-se para um processo de redução motivado por consoantes adjacentes (p.209). Embora a autora tenha, inicialmente, pensado no modelo neogramático, no final acaba optando pelo modelo difusionista, justificando o fato de que alguns itens, mesmo não tendo ambiente para alçarem, alçam, ou vice-versa:

As “exceções” não são exceções no modelo difusionista, pois sendo lexical a implementação da mudança, espera-se que os itens todos não tenham exatamente o mesmo “comportamento”. O modelo difusionista descreve melhor o processo porque permite-nos fazer uma análise condizente com as realidades históricas e sociais das comunidades de fala, ou seja, de acordo com a produção e o uso do item e sua valoração social. (p. 210).

Em síntese, nesse trabalho, a autora faz uma análise histórica do fenômeno de alçamento, mostrando que a marcação social de prestígio na pronúncia de /e,o/ ~ /i,u/ é estigmatizada e está relacionada com grupos sociais e com o tipo de interação por eles estabelecida. Não há nenhuma referência à atuação de fatores linguísticos na sua descrição, mas sim sobre a atuação do fator indivíduo em fenômenos de mudança sonora, por meio do conhecimento das variações inter e intraindividuais.

4.2.1.4 Dissertação: Variação das vogais médias na posição pretônica nas regiões norte e sul de Minas Gerais: uma abordagem à luz da Teoria da Otimalidade. 2007.
Autor: Rubens Vinícius Martins Guimarães – Universidade Federal de Minas Gerais.
Orientador: Prof. Dr. Seung-Hwa Lee

Rubens Guimarães (2006), aborda o assunto de forma diferente, fazendo uma intermediação entre a abordagem variacionista e a fonológica. É a primeira dissertação de mestrado sobre o dialeto mineiro que utiliza a Teoria da Otimalidade (TO) como suporte. Ele apresenta uma análise acerca do comportamento das vogais médias, em posição pretônica, a partir de dados obtidos dos dialetos das regiões Sul e Norte de Minas Gerais. As diferentes variações, os processos e ambientes fonológicos que atuam, determinando as escolhas dos falantes, foram descritos e analisados à luz da TO e o autor discute a adequação dessa teoria para os fenômenos de variação. a observação inicial é de que na região Sul de Minas, nos dados analisados, não há presença da vogal média-baixa em posição pretônica, enquanto que, nos mesmos contextos fonológicos, ela é marcante na região Norte de Minas.

Ex.: a) in[o]cente (Sul de Minas)

b) in[o]cente (Norte de Minas).

Dentre os objetivos postulados, Guimarães buscou mostrar em que medida os traços linguísticos atuam no fenômeno de variação da pretônica. Na página 27 ele afirma que não se preocupou em quantificar os dados “Estes seriam dispostos apenas para ilustrar e demonstrar que a variação das vogais médias orais em posição pretônica fazia-se presente”. Entretanto, na página 28 ele apresenta os “3055 dados”, com os quais foi realizada a devida quantificação, realizada no programa GoldVarb 2001. A análise quantitativa foi importante para perceber o percentual de ocorrência das variantes nas regiões estudadas. A pesquisa foi realizada em três cidades do Norte de Minas (Bocaiúva, Montes Claros e Mirabela) e três do Sul (Bom Sucesso, Lavras e Três Corações). Foram coletados os dados por meio de gravações de leitura e testes, com doze informantes, quatro por cidade, observando-se apenas a faixa etária (29/39 e acima de 40 anos) e a escolaridade (com o ensino fundamental completo).

Observou-se que há um índice maior de ocorrência de vogais médias baixas [e,o] na região norte (13,5%) e pouquíssima ocorrência na região sul (1,5%). Segundo o autor, há dois processos fonológicos atuando nas duas regiões, em que ora se preservam as vogais médias [e,o], e ora ocorre a redução vocálica. Apenas na região norte ocorre o abaixamento da vogal média pelo processo de harmonia vocálica ou neutralização. O autor aplica os pressupostos da TO para explicar a ocorrência das três variantes nos dialetos, quando atingem um mesmo vocábulo, como o item “moeda”, por exemplo que pode ocorrer como m[o]eda ~ m[o]eda ~ m[u]eda]. Após discutir três abordagens de variação: Anttila & Cho (1998), Coetzee (2005) e Oliveira & Lee (2006), conclui que a abordagem clássica da TO não consegue explicar esse fenômeno de variação da pretônica. Mas a nova abordagem proposta por Oliveira e Lee (2006) se mostra mais produtiva na explicação. O modelo apresentado pelos autores busca explicar a variação a partir de uma gramática de percepção e de uma gramática de produção. Na gramática de percepção, os processos que determinam a variação são previstos e identificados para que o falante possa escolher o *input* a ser utilizado na gramática de produção:

A partir da variedade dialetal, o falante escolhe um *input* e ranqueia as restrições de fidelidade nas posições mais altas do *tableau*, mas abaixo do ponto de corte, obtendo, assim, um *output* igual a esse *input*, dado o mapeamento que se estabelece entre eles. (p.139). Com essa abordagem o falante poderia selecionar, de acordo com a sua variedade dialetal ou idioletal, qual o *input* que determinará a sua produção: moeda, mueda ou moéda; moderno, muderno ou móderno.

Percebi, nas pesquisas apresentadas recentemente, que a abordagem fonológica vem, timidamente, sendo incorporada à análise da variação vocálica. O modelo sociolinguístico ainda impera nas análises sobre o dialeto mineiro. Destaco a importância da dissertação de Guimarães, no sentido de mostrar a atuação de uma teoria fonológica para explicar um fenômeno de variação fonológica.

4.2.1.5 Dissertação: As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: uma caso de variação linguística. 2008.

Autora: Vanessa Faria Viana – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais.

Orientador: Marco Antônio de Oliveira

Em 2008, Vanessa Faria Viana, investigou o alteamento e abaixamento das pretônicas em uma região central de Minas Gerais, o município de Pará de Minas. A sua amostra, composta de entrevistas gravadas com 33 informantes, gerou um *corpus* de 17.188 itens. Foram extraídas 500 ocorrências de vogais médias pretônicas nos dados de cada informante. Este foi o maior *corpus* encontrado até agora nas pesquisas de MG. A autora utiliza o modelo da Sociolinguística quantitativa e diz tratar-se de:

um trabalho linguístico de probabilidade com uma perspectiva difusionista pautada na investigação do comportamento do indivíduo e também na composição do item léxico (p.46).

Embora se proponha a observar o comportamento das vogais médias pretônicas no que diz respeito ao abaixamento e alteamento, ela afirma que quer compreender quais são os ambientes favorecedores e desfavorecedores que, neste dialeto, tornam tais vogais altas. Seu trabalho revelou então, que contextos fonéticos que favorecem ou não a variação, não são indícios precisos para a explicação do fenômeno. O alçamento, por exemplo, poderia ocorrer em ambientes favorecedores ou não. Constata que o padrão na comunidade linguística de Pará de Minas é a “manutenção da vogal média como fechada”, verifica que a variável (e), nos 68 itens lexicais dos seus dados, ora são alçados, ora são realizados como uma vogal fechada. Não ocorre tanto alçamento [o → u; e → i], nem abaixamento [e → e ; o → o]. As vogais médias em posição pretônica tendem a ser realizadas mais como fechadas. E dentre esses itens muitos apresentam variação intraindividual. Ela ilustra tal fato dizendo que um dos informantes pronuncia duas vezes fut[e]bol e uma vez fut[i]bol, assim como um outro pronuncia duas vezes [e]smaltado e uma vez [i]smaltado. No caso, por exemplo, da variável (o), os 55 itens arrolados na amostra oscilam entre alçar ou não. Cita a palavra “Pedagogia” que é pronunciada cinco vezes como *pedagogia* e duas vezes *pedagugia*. Diante disso conclui, citando

Oliveira(2006c, p.19), que “a variação intraindividual existe e não pode ser ignorada.” Conclui ainda, que o processo de alteamento e abaixamento no dialeto estudado pode ser explicado pelo modelo da difusão lexical, e novamente retoma Oliveira (idem, p.1), quando ele diz que “a variação linguística pode e deve ser prevista em termos abstratos, e que sua implementação na fala é sensível ao par [indivíduo – léxico].”

Isso ficou ainda mais evidente quando mostra que, dentre os seis fatores selecionados na sua análise, apenas o fator indivíduo se mostrou estatisticamente relevante. O trabalho apresenta uma ótima descrição dos fatores que foram analisadas, bem como, posteriormente, as análises. Um dos mais claros lidos até agora no que diz respeito à metodologia.

4.2.1.6 Dissertação: A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Outro Branco.

**Autora: Melina Rezende Dias – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.
Orientador: Maria do Carmo Viegas**

A pesquisa de Melina Rezende Dias (2008), compara o dialeto de duas cidades mineiras: Piranga (Zona da Mata) e Ouro Branco (região central). Tem por objetivo descrever e fazer o encaixamento linguístico dos aspectos fonético-fonológicos das vogais médias pretônicas” nos dois municípios e ainda “descrever e analisar aspectos sociolinguísticos que influenciam a variabilidade ocorrida na fala dessas comunidades. (p.23)

Os dados foram coletados por meio de entrevistas, leitura de palavras e textos e teste de produção e percepção. Foram 16 informantes, estratificados por gênero, faixa etária e origem. A autora selecionou 11 fatores linguísticos.³⁰ Para analisar os dados, estatisticamente, foi utilizado o modelo logístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences - pacote estatístico para ciências sociais).

No início do trabalho ela apresenta questões para serem respondidas após a análise estatística, e as respostas dessas questões configuram a conclusão da pesquisa. Inicialmente, questiona o fato de os itens lexicais sofrerem, ora processo de abertura, ora processo de elevação. Propõe responder se a variação que envolve as vogais pretônicas pode ser analisada como processos de harmonia vocálica, redução ou neutralização e, ainda, o porquê de um mesmo item ter a vogal média ora aberta, ora alçada, numa mesma comunidade de fala. As

³⁰ Tipo silábico, vogal tônica, vogal entre a vogal variável e a tônica, tipo de morfema, paradigma com vogal aberta, distância da sílaba tônica, classe morfológica, modo e ponto do segmento precedente, modo e ponto do segmento seguinte, distância do início da palavra, número de sílaba da palavra, item lexical.

demais perguntas estão relacionadas à influência dos fatores sociais, faixa etária e gênero e a diferença entre os dois dialetos analisados.

Nas respostas das questões, a autora aponta a vogal alta seguinte como favorecedora do alçamento e a nasalidade da tônica atuando na abertura, além da atuação das consoantes adjacentes. Em relação aos processos de variação, a harmonia vocálica, redução e neutralização, compara seus resultados com os de Lee e Oliveira (2003) e Viegas (1987). Diz que há relação entre os processos e itens específicos e que a ordem de aplicação dos mesmos segue uma tendência geral, ora alteiam ou abaixam, ora não. Contudo, mesmo nesses itens específicos a ordem pode ser alterada, por exemplo, só ocorrer a elevação, como em *tumati*. Constata que os resultados mostraram diferenças entre os jovens e os adultos e entre os homens e as mulheres. Em relação a um mesmo item variar na mesma comunidade de fala, a autora responde que:

todos os processos podem se aplicar em um mesmo item lexical, pois pode ser que haja ambientes favorecedores em um mesmo item para o alçamento e para a abertura. Além disso, há questões relativas ao próprio item. (p.279)

Sobre a diferença entre os dois municípios analisados na pesquisa, a conclusão final é que tanto a abertura da pretônica, quanto o alçamento, ocorre mais na cidade de Piranga, zona da mata. Ouro Branco, na região central, se assemelha à Pará de Minas, na mesma região, conforme pesquisa de Viana (2008) analisada anteriormente.

4.2.1.7 Dissertação: A variação das vogais médias pretônicas na cidade mineira de Machacalis. 2008.

Autora: Luciana de Fátima Almeida – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Orientador: Maria do Carmo Viegas

Esta outra pesquisa sobre o dialeto mineiro, concluída no mesmo ano que a dissertação de Melina Dias, comentada na seção anterior, investiga a realização das pretônicas na cidade de Machacalis, situada no Vale Jequitinhonha/vale do Mucuri. Luciana de Fátima Almeida explica a escolha do município por perceber uma diferença marcante em relação à realização das vogais médias pretônicas em comparação com a fala de moradores de Belo Horizonte. A cidade se localiza a 645km da capital mineira. Os procedimentos desta pesquisa para a coleta e organização dos dados, foram idênticos aos utilizados na pesquisa sobre Ouro Branco e Piranga (Dias, 2008op..cit), inclusive o número de informantes e as variáveis independentes. Há uma diferença quanto ao fator social região, pois nesta pesquisa

investigou-se a realização das pretônicas na mesma cidade, só que área rural e urbana. Enquanto a outra utilizou duas cidades distintas.

Os resultados mostram que não há muita diferença em relação à ocorrência das vogais médias pretônicas entre área rural e urbana. De acordo com a pesquisa o que mais favoreceu a variação da pretônica média anterior, em relação ao alçamento de /e/, foi a altura da vogal da sílaba tônica. Pontua que o prefixo *-des* é favorecedor do alçamento tanto na área urbana quanto na rural. A autora também constatou que os prefixos – *pre-/per-/re-* são favorecedores da abertura na zona urbana e na zona rural de Machacalis. Em relação à vogal média posterior, a autora identifica dois processos atuando no alçamento da vogal, nas duas regiões estudadas: harmonia vocálica e redução vocálica.

Almeida constatou que na zona urbana, a vogal baixa ou média baixa e as médias nasais [en, on] e as altas nasais [in, un], na sílaba tônica, também favorecem a abertura. As consoantes líquidas seguintes e a dorsal /R/ seguinte favorecem a abertura de /o/. Por fim, a autora conclui que:

De modo geral, a zona urbana de Machacalis apresenta 32,9% de abertura para /e/ e 26,9% de abertura para /o/. A zona rural de Machacalis apresenta 33,4% de abertura para /e/ e 26,7% de abertura para /o/. Assim, não é sempre que há a abertura. Em Machacalis há a influência das vogais tônicas e também há a influência das consoantes adjacentes. (p.271)

Confirma-se, então, pela análise da autora, que não há diferença entre os falantes da zona rural e da zona urbana.

Destaca, dentre os resultados apresentados, que a harmonia vocálica atua na alternância tanto de [o] quanto de [e]. Há casos em que tanto a abertura quanto o alçamento ocorrem por influência da vogal de mesma altura na posição tônica, mas em outras situações isso não ocorre. Portanto uma explicação através da harmonia vocálica não é suficiente para justificar o alçamento no dialeto estudado.

4.2.1.8 Tese de doutorado: As vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de Belo Horizonte: um estudo da variação à luz da Teoria de Otimalidade. 2008.

Autora: Marlúcia Maria Alves – Universidade Federal de Minas Gerais:

Orientador: Prof. Dr. Seung-Hwa Lee

Na sequência dos trabalhos acadêmicos defendidos em 2008 na Universidade Federal de Minas Gerais e dentre as pesquisas que compõem o *corpus* deste trabalho, analiso, a seguir, a primeira e única tese sobre o dialeto mineiro, com sustentação de uma teoria fonológica.

Marlúcia Alves investigou, no dialeto de Belo Horizonte, a pronúncia das vogais médias em posição pretônica nos substantivos. A autora observou apenas os fatores linguísticos motivadores para a elevação e o abaixamento, bem como o que influencia processos fonológicos como harmonia vocálica e redução. Se propõe a observar, essencialmente, os fatores linguísticos que interferem na variação pretônica (como o segmento seguinte e precedente e a posição da vogal tônica) porque a sua tese tem como base de sustentação uma teoria fonológica.

O único fator extralinguístico considerado na pesquisa foi a formalidade no ato da gravação dos dados. O que a autora denomina de formalidade é a variação que ocorre quando o falante está em situação monitorada ou não de gravação da entrevista. Ele tende a utilizar uma forma considerada de prestígio quando a fala é gravada em cabine acústica (monitorada). E ao contrário, se expressa de maneira mais informal, quando entrevistado em campo com gravador (não monitorada).

A maioria dos trabalhos, sobre a variação de ocorrências fonológicas do português do Brasil, mesmos os mais recentes, ainda se vale do suporte da Sociolinguística para discutir os fenômenos de variação sonora. A análise de Alves (op.cit.), assim como a dissertação de Guimarães (2006- supracitada), tenta explicar o fenômeno de variação com o suporte Teoria da Otimalidade. Entre os trabalhos analisados nesta tese, apenas estas duas pesquisas, sobre o dialeto mineiro, utilizam basicamente uma teoria fonológica, e, nestas especificamente, a teoria da otimalidade. A autora explora bem essa teoria, não na perspectiva de Reynolds³¹, e sim no modelo clássico, que propõe o ranqueamento das restrições. Realiza uma boa descrição das vogais médias a partir de traços articulatorios distintivos para apresentar a sua hipótese de que “*a variação linguística pode ser explicada conforme a Teoria da Otimalidade, principalmente pelo ranqueamento parcial de restrições*” (p.23).

Alves utiliza três *corpora* na sua pesquisa e analisa um total de 6.872 dados. O primeiro *corpus*, POBH (Projeto Português de Belo Horizonte\norma culta), em que analisou a fala de oito informantes, quatro homens e quatro mulheres com formação universitária, totalizando 4.951 ocorrências. O segundo já havia sido coletado por ela mesma para sua dissertação de mestrado (Alves, 1999). Neste segundo *corpus*, analisou 1.407 ocorrências de fala espontânea em situação de leitura de frases, gravadas no Laboratório de fonética da UFMG, com 21 informantes, 6 homens e 15 mulheres. E o terceiro, com 514 ocorrências, foi

³¹ Reynolds(1994), resumidamente, propõe uma teoria de variação fonológica funcional, que leva em conta a produção e percepção do falante. Postula que determinado falante, em certas circunstâncias, pode possuir mais de uma gramática interna da sua língua.

coletado com apenas dois informantes em uma gravação, sem que os mesmos soubessem que estavam sendo gravados. A autora justifica que a utilização de apenas dois informantes neste *corpus* foi para contrapor aos resultados obtidos nos outros *corpora*. Todos os informantes tinham o seguinte perfil: feminino e masculino, idade entre 20 a 38 anos e formação universitária.

Com a análise dos *corpora* a autora descreve a realização das vogais médias apenas em substantivos, e observa se a variação encontrada é intraindividual ou interindividual, além claro, dos fatores favorecedores. No primeiro *corpus*, constata que 77,8% da vogal média anterior, realiza-se como fechada e 19% como alta. Isso ocorre, principalmente, segundo a autora, quando a sílaba é nasal, travada com \S\ (*insino*) ou quando na sílaba tônica há uma vogal alta (*pirigo*). O número é bem menor (3,2%) para a abertura, que ocorre em contextos cuja vogal média é aberta na sílaba tônica (*meléca/cólegio*) ou na sílaba imediatamente seguinte (*remunerado*). E ainda, quando na sílaba tônica há uma vogal baixa (*relação*) ou se a sílaba é travada por “R” (*mercado*). Quanto à vogal posterior, além desses fatores, somam-se as consoantes velar e labial precedentes. Estas, também, influenciam o alçamento e/ou a abertura, o que ocorre, praticamente da mesma maneira, com a vogal anterior.

A autora reforça que estes contextos são favorecedores, mas isso não é regra geral. Ela conclui que há dois processos fonológicos atuantes no dialeto estudado: harmonia e redução vocálicas. Apresenta sete pontos conclusivos sobre a realização das vogais médias no dialeto de Belo Horizonte: tendência à realização das vogais como fechadas, influência de fatores linguísticos, diferença entre a influência destes fatores para a [o] e [e], a existência de fatores idênticos que favorecem o abaixamento para as duas vogais médias, o processo de harmonia vocálica ser motivado pelo traço [-ATR]), a existência de dois formatos de variação, um entre a média fechada e a aberta e outro entre média fechada e alta e, por último, que a variação das vogais médias pretônicas em Belo Horizonte é interindividual, isto é, falantes diferentes produzem itens lexicais de forma diferente. Não apareceu, no *corpus* de fala espontânea, nenhum caso em que o mesmo falante variava a pronúncia de uma mesma palavra. Para esse fenômeno, o dialeto estudado apresenta uma enorme complexidade, que, segundo a autora, é possível explicar através da TO. Para esta explicação é necessário ir contra um dos princípios da TO, relacionado à noção de dominância estrita, pois há sempre mais de um candidato ótimo selecionado no ranqueamento, isso significa que através dos pressupostos da OT clássica não é possível analisar a variação no dialeto de Belo Horizonte. Alves, acrescenta que para a

análise dos dados deste dialeto, conforme a OT, são necessárias: cinco restrições. Duas restrições de fidelidade e três de marcação. E afirma, ainda, que devido a processos fonológicos diferentes, como neutralização, harmonia vocálica e redução vocálica ou até mesmo a ocorrência de variação em um mesmo item lexical, a Teoria da Otimalidade pode fornecer alternativas de análise para explicar o fenômeno com o ordenamento parcial de restrições. Neste caso, leva-se em conta os processos fonológicos e os contextos favorecedores à elevação e ao abaixamento da vogal média.

Duas dissertações fecham essa seção, apresentando dados mais recentes da região norte de Minas e do Triângulo Mineiro. Patrícia Goulart Tondineli (2010) investiga a variação das pretônicas médias em Montes Claros e Allyne Garcia Bisinotto (2011) pesquisa as pretônicas em Ituiutaba, no Triângulo Mineiro.

4.2.1.9 Dissertação: A variação fonética das vogais pré e postônicas na variedade linguística de Montes Claros/MG. 2010..

Autora: Patrícia Goulart Tondineli – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais.

Orientador: Marco Antônio de Oliveira

Tondineli segue os pressupostos da teoria de mudança e do modelo da difusão lexical. Apresenta como variável dependente os fenômenos de alçamento, manutenção e rebaixamento. Os 9.149 dados que compõem sua dissertação, são provenientes de entrevistas com 13 informantes, do sexo feminino e masculino, com idades entre 15 a mais de 50 anos, de classes baixa e média com três graus de escolaridade (sem escolaridade ou apenas com o 1º grau, 2º grau e superior). Foram apresentadas 53 figuras para que o informante pudesse produzir as vogas (e) e (o) em posição pretônica e postônica³². Os dados foram analisados com o programa GoldVarb2001, observando os seguintes fatores linguísticos: contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, distância da sílaba tônica, nasalidade, classe morfológica, grau de formalidade, posição da pretônica (inicial e medial). Foram analisados 5.058 dados de [e] e 3.299 de [o] e o percentual de ocorrências de rebaixamento da pretônica é surpreendente, pois apresenta um índice muito baixo, contrariando, as observações de Nascentes (1953), de que a região norte se caracteriza pela pronúncia de vogais baixas. Em relação à vogal média anterior, a autora encontrou 28% de alçamento, 71% de manutenção e

³² Só comentarei os resultados em relação à pretônica, foco deste trabalho.

apenas 1% de rebaixamento. Para a posterior, 14% de alçamento, 82% de manutenção e apenas 4% de rebaixamento. Alguns fatores se mostraram “moderadamente” favoráveis, tanto para o alçamento quanto para o rebaixamento, como classe social e faixa etária. A autora descreve os fatores que favorecem ou não a realização de alçamento e abaixamento da vogal, os quais são bem similares, principalmente em relação ao contexto fonético. Exceto em relação vogal pretônica posterior que tem como contexto favorável, consoantes oclusivas (estas não se mostravam favoráveis para a variação da média anterior), os demais fatores arrolados na sua pesquisa favorecem a variação estudada: escolaridade de 1º grau só apreço como favorável para o alçamento de /e/. A átona permanente, distância 1 e 2, em relação à vogal da sílaba tônica, sílaba inicial, estilo informal e faixa etária de 15 a 30 anos, para todos os processos

A autora conclui reafirmando as hipóteses difusionistas. Primeiramente argumenta que as inúmeras exceções que determinam as mudanças fonéticas não são explicadas unicamente por analogia e/ou empréstimo. Apresenta como exemplo palavras cujo alçamento ocorre por causa da harmonia vocálica (c[u]nhecia, c[u]nheci, c[u]nhecido). Quando a vogal tônica é uma nasal, não favorece o alteamento da pretônica. Em seguida, diz que muitos processos fonológicos não são explicados somente por condicionamentos sonoros, mas por uma gama variada de fatores, incluindo os de natureza discursivo-pragmática e geográfico-social. E por fim, que:

Nem todos os vocábulos que contêm o som em pauta são afetados simultaneamente e da mesma maneira. Longe de se aplicar a todas as palavras ao mesmo tempo, as mudanças fônicas reconhecem limites temporais, quer por razões socioculturais, quer por razões pragmáticas, sendo, pois, contínuas como em s[ε]rviço, além de s[e]rviço, e s[i]nhora, mas não s[ε]nhora). (p.144)

A fundamentação teórica do seu trabalho no modelo da difusão lexical é reiterada em razão de os fatores extralinguísticos não se mostrarem significativos na análise estatística. Entretanto, faz uma ressalva no que concerne ao indivíduo, sinalizando para a variação entre falantes e em um mesmo falante, o que já foi apontado em Viegas, 2001. Em relação ao alçamento ela verifica, no dialeto de Montes Claros, a presença de vogais médias baixas em posição tônica favorecendo o alçamento, e não em vogais altas, como descrito na maioria das pesquisas que focalizam o alteamento das vogais. Em relação ao rebaixamento a autora explica que há assimilação do traço menos alto da vogal da sílaba seguinte.

4.2.1.10 Dissertação: O alçamento das vogais médias pretônicas: um estudo do falar ituiutabano. 2011.

Autora: Allyne Garcia Bisinotto – Universidade Federal de Uberlândia.
Orientador: Dr. José Sueli de Magalhães

A última pesquisa sobre o dileto mineiro, apresentada nesta tese, foi defendida na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Trata-se de um estudo sobre o alçamento vocálico em uma cidade do Triângulo mineiro, Ituiutaba. Outros trabalhos sobre as pretônicas estavam em andamento na UFU, mas não haviam sido concluídos até o fechamento desta tese. Bisinotto (2011), utiliza a metodologia variacionista laboviana, coleta 2.143 dados de pretônicas na fala de 24 informantes e investiga apenas a elevação das vogais pretônicas. Dos 1.514 dados de [e], 218 foram elevados, totalizando 14% de elevação no dialeto. Em relação à pretônica posterior, dos 629 dados, 233 sofreram elevação, ou seja, 37% de alçamento. A autora comparou os seus resultados com outras pesquisas, principalmente com Bisol (1981) e Viegas (1987) e constata que são muito parecidas. Em relação ao percentual de alçamento da média anterior, percebeu que as análises sobre a variação das pretônicas no noroeste paulista (Silveira, 2008) são as que mais se assemelham às suas, enquanto que a média posterior fica bem próxima do dialeto do Sul (Bisol, 1981). Na análise dos dados percebe que a vogal alta na sílaba tônica favorece mais o alçamento de [e] (37%), e tanto a vogal alta, quanto a média, na sílaba tônica favorecem a elevação de [o] (64%, 63%). Bisinotto conclui que os fatores linguísticos colaboram mais para a variação do que os fatores extralinguísticos. Assim como ocorre nas várias dissertações, aqui analisadas, os procedimentos da pesquisa são bem similares e os resultados não diferem tanto do que já foi comentados nos trabalhos anteriores. O conjunto de fatores analisados atesta o favorecimento ou não para o alçamento. Parece não haver ocorrência de abaixamento no dialeto a exemplo do que ocorre na região Sul do Brasil. A pesquisa não traz nenhum dado novo sobre o alçamento vocálico.

4.2.1.11 Algumas Considerações sobre os estudos do dialeto mineiro

Foi constatado um processo diferente para as pretônicas no dialeto mineiro se comparado com o que foi descrito nas pesquisa da região Sul. Naqueles contextos em que ocorre o alçamento no dialeto sulista, em Minas, em algumas regiões, pode ocorrer o abaixamento. A pretônica se realiza de três maneiras diferentes: preservada como fechada, alçada ou rebaixada, dependendo do espaço geográfico da localidade estudada.

a) A preservação da pretônica: [aceleradu] (Juiz de Fora, na zona da mata e, por exemplo, Três Corações, no Sul de Minas)

b) O alçamento das pretônicas [oportunidade] (Juiz de Fora) [piludo, piqueno] (Belo Horizonte e Região Sul de Minas)

c) Abertura ou rebaixamento [profundo] (Piranga), [promessa, serviço] (Montes Claros e demais cidades do Norte de Minas), Regional, fornalha (Paracatu).

Segundo os pesquisadores, os fatores linguísticos mais favoráveis para essa variação são:

1) A vogal alta e média na sílaba tônica, que favorecem mais o alçamento;

2) A nasalidade na sílaba tônica e a vogal baixa atuando no abaixamento da pretônica;

As pesquisas variacionistas utilizam, quase sempre, o programa Gold Varb e, na maioria das vezes, os fatores extralinguísticos não aparecem como relevantes quando processados pelo programa. Se alguns desses fatores são considerados, o nível de significância não é alto. Sendo assim, de acordo com os resultados, pode-se dizer que fatores sociais não favorecem a variação vocálica, mas isso será revelado na meta-análise que apresento ao final da tese.

Nos dois *loci* apresentados, Região Sul do Brasil e Minas Gerais, as investigações mostram que os fatores que favorecem ou desfavorecem [o] não são sempre os mesmos que favorecem [e], ainda que as vogais sofram o mesmo processo de variação. As análises variacionistas, prioritariamente utilizadas nas pesquisas, foram importantes para mostrar que o fenômeno, de natureza linguística, tem suas implicações sociais, mas não são relevantes para esse tipo de variação fonológica. Entretanto, percebe-se claramente, com as conclusões dos pesquisadores, que falta algo mais concreto para explicar o que de fato provoca a alteração nas vogais em posição pretônica.

A variação que ocorre nas vogais médias pretônicas, no dialeto mineiro, é bastante intrigante. Enquanto na Região Sul do Brasil, ocorre a elevação e a preservação da vogal como fechada, em Minas inicia-se um processo de abaixamento dessa vogal, que vai seguindo do Sul de Minas para o Norte e Nordeste do Estado. Minas tem muitos “falares”, como afirmou o Prof. Dr. Mário Roberto Zágari, mas nem todos ainda foram estudados. No ano de 1977, Zágari, publicou o volume I de um “Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais” (EALMG). Neste Atlas, aparece o termo “falares”, adotado pelo autor no lugar de dialeto: “falar baiano”, “falar paulista” e “falar mineiro”, sinalizando que as regiões Sul e Norte do estado de Minas

Gerais, sofrem influências diretas no modo de falar dos nativos de estados vizinhos: ao sul, por São Paulo e ao norte pela Bahia. O autor afirma ainda, que as outras regiões foram influenciadas pela colonização diversificada e pelo ciclo do ouro e diamante. O EALMG é a única referência que temos documentada sobre a língua falada em Minas Gerais. Ele mostra características próprias “do falar” mineiro que precisam ser estudadas de maneira mais ampla, o que já vem acontecendo nos últimos anos com o projeto Varfon-Minas, coordenado pela professora Maria do Carmo Viegas, na UFMG e o grupo de pesquisa do CNPQ, Probravo, coordenado pelo prof. Seung - Hwa Lee, também da UFMG.

4.3 As pesquisas do Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo

4.3.1 Rio de Janeiro

A Universidade Federal do Rio de Janeiro foi pioneira no fomento das pesquisas sobre as vogais. O prof. Mattoso Câmara Jr., catedrático dessa universidade, foi um dos primeiros a discutir o sistema vocálico do português do Brasil. De lá saíram as pesquisas de Leda Bisol (dialeto do sul) e Myriam Barbosa (dialeto baiano), ambas se tornaram referências no estudo das vogais médias pretônicas.

Sobre a fala do Rio de Janeiro foram selecionadas três pesquisas, no que concerne à realização da pretônica. Inicialmente, uma dissertação de 1993, da pesquisadora Lilian Yacovenco, uma tese de Sandra Marques (2006) e por último, a dissertação de Luana Machado (2010), com um trabalho focalizando a análise acústica das vogais.

4.3.1.1 Dissertação: As vogais médias pretônicas no falar culto carioca. 1993.

Autora: Lilian Coutinho Yacovenco- Universidade Federal do Rio de Janeiro

Orientadora: Dinah Maria Isensee Callou

A professora Lilian Yacovenco, na sua pesquisa, descreveu as vogais pretônicas na fala culta do Rio de Janeiro, com os dados do projeto Nurc (Norma Culta Urbana). Seu trabalho, sustentado pela teoria da variação, verificou as condições linguísticas e sociais da ocorrência das vogais médias pretônicas, constatando a atuação de três regras, na realização das mesmas:

1) regra de abaixamento, que transforma em [e] e [o] as vogais médias anteriores ao acento tônico da palavra;

- 2) regra de alteamento, que caracteriza as realizações [i] e [u];
- 3) a regra de manutenção, em que as pretônicas são realizadas como [e] e [o].

De acordo com a autora, o alteamento das vogais é uma característica dos séculos XVI e XVII, época que coincide com a consolidação da Língua Portuguesa no Brasil (p.3). Acrescenta, ainda, que a realização fechada pode ser entendida como uma restauração de um estágio antigo da língua, mas também como um traço que traduz prestígio social. Ao analisar este fator social nos seus dados, afirma que a manutenção da vogal como fechada caracteriza a norma-padrão da comunidade culta carioca. Em relação aos fatores linguísticos, seus resultados mostraram que a realização da vogal média pretônica: “não se liga tanto às vogais que atuam sobre esses segmentos, mas sim ao contexto fonético em que se encontram as pretônicas, sendo importantes, então, os segmentos antecedentes ou subsequentes às vogais analisadas (p.177)”. Isso não quer dizer que a vogal tônica baixa ou alta não tenha o contexto favorável à variação da pretônica na mesma altura, caracterizando, como destacado em pesquisas anteriores, o processo de “harmonia vocálica”. No seu trabalho ela dedica um tratamento especial aos fatores sociais, o que não foi muito enfatizado em trabalhos anteriores. A autora utilizou os dados dos informantes do projeto Nurc – Rio de Janeiro - selecionando 18 indivíduos (9 do sexo feminino e 9 do sexo masculino), nível universitário, distribuídos por zona de residência (norte, sul e suburbana), subdivididos pelas faixas etárias (25-35, 36-50, acima de 50 anos). Foram analisados 18 inquéritos do projeto Nurc, com 4.189 ocorrências de vogais médias pretônicas. Foram 2.070 dados de vogal anterior oral, 1.188 de vogal posterior oral, 535 – anterior nasal, 264 posterior nasal e 132 dados referentes ao ditongo. Posteriormente selecionou 3.563 ocorrências daquele montante, pelo fato de a vogal se realizar sempre da mesma maneira em determinados contextos, como em início de palavras seguidas de /s/, por exemplo.

A pesquisadora selecionou para análise do fenômeno, alguns fatores linguísticos, os quais separou em dois grupos:

- a) morfofonológicos: grau de parentesco entre a pretônica e a tônica da palavra base do paradigma e tipo do sufixo da palavra a que pertence a tônica;
- b) fonológicos: tipo de vogal pretônica, distância da tônica, tipo de vogal átona subsequente à pretônica analisada, grau de atonicidade da pretônica, ponto de articulação do segmento que precede e do que sucede à pretônica e modo de articulação do segmento que antecede ou que segue a pretônica.

Nos seus resultados encontramos a realização das vogais médias pretônicas como médias-altas [e], [o], superando a realização [i] [u]. Para o alteamento de /e/, o tipo de vogal tônica foi relevante, tanto para as altas homorgânicas quanto para as não homorgânicas. Já o alteamento de /o/ foi propiciado pela vogal tônica não homorgânica [i]. A regra de harmonização vocálica é aplicável de forma diferente para a média anterior /e/ e para a média posterior /o/.

No contexto consonantal, quanto ao ponto de articulação, as consoantes velares precedentes e seguintes, atuaram como principais favorecedoras da regra de elevação de /e/. Isso também ocorreu para o modo de articulação lateral precedente, para as nasais e oclusivas seguintes. A elevação de /o/, é favorecida pela velar precedente, a africada seguinte e a labial precedente e seguinte. Para a autora, a elevação de /o/ parece estar condicionada à presença de modos de articulação oclusivos precedentes, africado, nasal, fricativo e vibrante seguintes. Tal qual ocorre no trabalho de Bisol (1981), as sílabas átonas permanentes favorecem o alteamento de /e/ e de /o/. Yacovenco conclui que os resultados obtidos na sua pesquisa mostram que a VMPA (vogal média pretônica anterior) tem sua realização ligada ao tipo de vogal tônica. Por outro lado, a realização da VMPP (vogal média pretônica posterior) oral e, também, a anterior e posterior nasal, não se liga tanto à vogais e sim ao contexto fonético consonantal em que se encontram. A pesquisadora mostrou que a tendência da realização das pretônicas no dialeto carioca é mais como vogal média fechada.

4.3.1.2 Tese: As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal. 2006.

Autora: Sandra Maria Oliveira Marques - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Orientadora: Dinah Maria Isensee Callou

Co-orientador: Dermeval da Hora Oliveira

A pesquisa de Marques não é essencialmente sobre o dialeto carioca. O trabalho discute as vogais pretônicas em uma perspectiva diferente de estudos passados. Ela investiga a situação de contato dialetal, comparando a fala dos paraibanos residentes no Rio de Janeiro e a fala carioca, e de brasileiros e portugueses na cidade de Lisboa.

Os dados foram extraídos de dois *corpora*: o português falado no Rio de Janeiro por paraibanos radicados na cidade, e um de brasileiros residentes em Lisboa. O *corpus* formado por nativos da Paraíba foi composto pelo vernáculo produzido por vinte e um informantes e dos brasileiros residentes em Portugal, por dez informantes, todos homens.

Segundo a autora (p.61) as entrevistas foram realizadas com indivíduos selecionados aleatoriamente, para que se obtivesse “o máximo possível da espontaneidade do seu discurso”. Após a gravação das entrevistas a autora organizou os informantes por faixa etária, ano de escolarização e tempo de residência no local.

A autora fez um levantamento a partir das entrevistas, para determinar que tipos de vocábulos e morfemas apresentavam variação das vogais pretônicas orais e nasais, /e/ e /o/ e assim chegar a uma sistematização. Elegeu quatro grupo de variáveis linguísticas: vogal da sílaba seguinte, tonicidade da sílaba pretônica subsequente, contexto fonológico seguinte e subsequente. Foram analisados 5.313 ocorrências das vogais pretônicas /e/ e /o/, em contextos do tipo CV(consoante-vogal), CCV, CVC, CCVC. Para [e], foram 2.854 ocorrências e para [o] 2.454. As análises foram feitas apenas com base nas sílabas do tipo CV, porque, segundo a autora, foram nestas que ocorrerem o maior número de dados (60% do total observado) e, também, pelo fato de os outros tipos de sílaba já possuírem estruturas que condicionam a ocorrência ou não de determinada realização. Os dados foram submetidos ao pacote de programas VARBRUL (Pintzuk, 1988). Marques constata que o tempo de moradia é fator condicionante para a acomodação linguística, pois percebeu na fala dos paraibanos residentes no Rio de Janeiro por mais de cinco anos, mais acomodação do que os que residem a menos tempo. Infere, ainda, que a acomodação em relação aos paraibanos no Rio é mais rápida do que na fala nos brasileiros em Lisboa (p.145) e atribui esse fato à pressão social enfrentada pelos paraibanos em território brasileiro, o que não ocorre, da mesma maneira em terra estrangeira.

A linha teórica da tese é traçada sob o olhar dos estudos de Trudgill (1986), sobre os dialetos em contato, baseados na Teoria da Acomodação de Giles (1973), e a Teoria Sociolinguística Quantitativa (Labov, 1972). A autora investiga as vogais médias pretônicas, nessa situação de contato, por serem estas ponto de distinção nos dois países. É marca dialetal na fala paraibana pelo fato de ocorrer o abaixamento das vogais médias (Pereira, 2001) e em Portugal por ocorrer a supressão da pretônica. O seu estudo mostra que há acomodação linguística quanto à realização das vogais médias, tanto para os paraibanos residentes no Rio de Janeiro, quanto para os brasileiros residentes em Lisboa. A autora selecionou informantes no Brasil apenas de uma região, mas em Lisboa isso não ocorreu. Enquanto no Rio havia apenas informantes da Paraíba, em Lisboa eles eram provenientes de São Paulo, Paraná, Espírito Santo, Goiás e Pernambuco.

A autora constata que ambas as vogais pretônicas médias experimentam um processo de acomodação, no que diz respeito à fala dos migrantes paraibanos. Afirma que o contato dialetal não se processa igualmente quando se trata de variedades inter-regional e intercontinental. Embora a autora faça a análise de fatores linguísticos e não linguísticos, pouco os explora na sua conclusão.

4.3.2.2 Dissertação: Análise acústica das vogais pretônicas [-bx] no falar do Rio de Janeiro. 2010

Autora: Luana Maria Siqueira Machado – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Profª. Doutora Dinah Callou

Co-orientador: Prof. Doutor João Moraes

Luana M. S. Machado, em sua dissertação de mestrado, defendida em 2010, sobre a fala carioca, se vale de uma outra abordagem sobre as pretônicas médias, utilizando como suporte teórico a fonética acústica. Propõe-se a estabelecer uma diferença entre a vogal derivada (vogal pretônica média que se torna alta) e a vogal subjacente como p[i]rata, postulando uma possível diferença na realização de tais vogais. Investiga a diferença resultante do processo de variação vocálica, aquela provocada por harmonia vocálica, como p[i]rigo e a que resulta de assimilação consonântica, como p[e]queno. A hipótese inicial da pesquisa prevê uma diferença entre vogais derivadas e subjacentes, sugerindo uma vogal intermediária entre as duas. A análise mostra que não há diferença, em termos acústicos, entre a pretônica alta derivada e a vogal tônica alta. Machado faz a análise acústica dos dados, realizada no laboratório de fonética da UFRJ, com 8 informantes, divididos nos gêneros masculino e feminino. Também realizou análise estatística de alguns fatores selecionados, utilizando o Goldvarb X. É uma pesquisa interessante que mostra outras possibilidades de discussão para o sistema pretônico medial do português do Brasil.

4.3.2 São Paulo

Em relação aos estudos realizados sobre o dialeto paulista, encontrei três dissertações de mestrado. Apenas uma investiga a fala culta de São Paulo (Zani, 2009) as outras duas analisam o dialeto da região noroeste do estado, Silveira (2008) e Carmo (2009). Optando por uma ordem cronológica de finalização das pesquisas, iniciarei a discussão pelo

trabalho de Ana Amélia Menegasso da Silveira (2008), que investiga o alçamento vocálico no dialeto de São Jose do Rio Preto.

4.3.2.1 Dissertação - As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista. 2008.

Autora: Ana Amélia Menegasso Da Silveira - Universidade Estadual Paulista, São Paulo.

Orientadora: Luciani Ester Tenani

Silveira (2008), tendo como suporte o modelo da sociolinguística quantitativa, se propõe a realizar uma análise descritiva do que acontece com as vogais em posição pretônica considerando a influência de fatores estruturais, como vogal da sílaba tônica, distância, tipo de sílaba, nasalidade e tonicidade da vogal. Foram selecionadas quatro faixas etárias (16 a 25 anos, 26 a 35, 36 a 55 e mais de 55), e excluídas as variáveis gênero, renda e escolaridade, pois a pesquisa buscava confirmar se a idade do indivíduo era significativa para a verificação de possíveis mudanças em tempo aparente, ou para “*observar se a variação é apenas uma questão de gradação etária, como observa Celia (2004) para os dados de uma variedade capixaba.*” (p. 61). Entretanto, o programa estatístico utilizado (Varbrul), não selecionou o fator considerado (faixa etária) e Silveira conclui que este fator não foi relevante para o estudo. Diante disso decide excluir todos os fatores sociais da sua análise e considerar apenas os fatores linguísticos (cf.p.63).

Na apresentação dos resultados a autora, inicialmente, mostra o baixo percentual de aplicação da regra de alçamento no dialeto estudado. Foram 13% para /e/ e 14% para /o/. Embora ela afirme que, no caso de ocorrência do alçamento, o comportamento das pretônicas anterior e posterior seja distinto e que haja duas regras diferentes para o alçamento, conforme a vogal focalizada (e/o), isso não afeta a ocorrência de ambas no estudo, pois como se percebe pelo resultado exposto acima, não há, praticamente, diferença na ocorrência das duas vogais. Silveira (2008) diz que:

enquanto utiliza-se da harmonização vocálica para analisar grande parte dos casos de elevação da vogal anterior, caracteriza o processo de redução como o principal desencadeador do alteamento da posterior (...). (p. 34)

Dessa forma apresenta os fatores linguísticos que foram mais favoráveis para a elevação das vogais /e/ e /o/. O primeiro fator é a vogal alta na sílaba tônica, o segundo, a consoante precedente labial para /o/ e velar para /e/, o terceiro é a consoante seguinte labial e palatal para /o/ e a consoante velar para /e/. Por último, apresentou o fator tipo de sílaba, em que analisou quatro estruturas silábicas onde se encontra a pretônica: sílaba aberta (CV), sílaba

aberta com dois elementos (CCV), sílaba travada por arquifonema nasal (CVN) e a estrutura CVC, sílaba travada por /R/, /l/ e /S/.

Na análise do tipo silábico a autora afirma que a estrutura da sílaba aberta CV se mostrou favorável ao alçamento das duas vogais (e/o). Observa, ainda, que a estrutura (CVN), com elemento nasal na mesma sílaba, apresentou-se como importante fator para o alteamento de /e/, mas não para o alteamento de /o/. No caso de /o/, a estrutura de sílaba mais atuante foi (CVC), quando a consoante é uma fricativa ou vibrante. A autora conclui que a atonicidade permanente da pretônica, mostrou-se como a condição ideal para a aplicação da regra do alçamento, tanto em /e/, quanto em /o/ (p.123).

4.3.2.2 Dissertação: As vogais médias pretônicas nos verbos da fala culta do interior paulista. 2009

Autora: Márcia Cristina do Carmo - Universidade Estadual Paulista, São José do rio Preto.

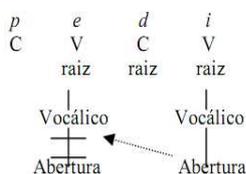
Orientadora: Luciani Ester Tenani

Outra pesquisa sobre a fala culta da cidade de São José do Rio Preto, utilizando o mesmo banco de dados, foi desenvolvida pela pesquisadora Márcia Cristina do Carmo, em 2009. Entretanto, diferentemente de Silveira (2008), que analisou apenas substantivos, Carmo pesquisa o alçamento vocálico nos verbos, como em s[e]guiu ~s[i]guiu e d[o]rmiu ~d[u]rmiu etc.

A abordagem teórica dessa pesquisa, além de seguir os pressupostos da Teoria da Variação, tem como suporte a fonologia Autossegmental, representada pelo modelo da geometria de traços (Clements e Hume, 1995). A Teoria Autossegmental é a que melhor explica o processo de harmonização vocálica pela assimilação do nó de abertura da vogal alta. O diagrama 4, extraído da página 30, e que reproduzo a seguir, ilustra a afirmação da autora quanto à harmonização que ocorre com o verbo pedir.

Figura 11 - Diagrama extraído de Castro (2009)

Diagrama 4. Representação do alçamento vocálico ocorrido em *p[ɨ]di*, segundo a Teoria Autossegmental e o modelo da Geometria de Traços



Nessa pesquisa percebemos dois processos atuando na regra de alçamento no dialeto estudado: um de harmonização vocálica, o que segundo a autora, a teoria autossegmental pode explicar, e outro de redução, influenciada por consoantes adjacentes, que a mesma teoria não consegue explicar. É nesse momento que a pesquisadora se vale do arcabouço da Teoria da variação. O trabalho aborda especificamente, a variação na classe gramatical dos verbos, enfoque pouco explorado na literatura sobre as pretônicas. São analisadas 152 entrevistas de informantes do sexo feminino e com o nível de escolaridade superior, estratificado da mesma maneira que fez Silveira, na dissertação comentada anteriormente. Selecionou uma variável social, como fez, a autora supracitada (sexo feminino, escolaridade superior e quatro faixas etárias) e dez variáveis linguísticas³³. Com a seleção das variáveis, a autora fundamenta a sua hipótese de que não só fatores fonológicos atuam no alçamento da pretônica, mas também fatores morfológicos. Carmo salienta que, como a pesquisa se limita ao estudo das vogais pretônicas internas, são excluídos da análise quantitativa, os casos de pretônicas presentes em hiato, ditongo, início de vocábulo e prefixo. Isso se justifica pelo fato de a maioria das vogais sofrerem alçamento nesta posição. Nos dados analisados a autora encontrou 16% de alçamento em /e/ e 10% em /o/, enquanto para o não alçamento, encontrou 84% para [e] e 90% para [o]. Os percentuais mostram ocorrência baixa de alçamento no dialeto, o que a autora concluiu como sendo justificada pelo fato de a amostra pertencer a um grupo com maior escolaridade. Observa-se, entretanto, que, como já apontado

³³ Altura da vogal da sílaba, subsequente à sílaba da pretônica, tonicidade da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica, distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica, ponto de articulação da consoante precedente à pretônica, ponto de articulação da consoante seguinte à pretônica, modo de articulação da consoante precedente à pretônica, modo de articulação da consoante seguinte à pretônica, estrutura da sílaba em que a pretônica alvo ocorre, conjugação do verbo em que a pretônica ocorre, tipo de sufixo com vogal alta presente no vocábulo em que a pretônica ocorre

em pesquisas anteriores, a vogal média /e/ se mostra mais suscetível ao alçamento. Os dados dessa pesquisa também foram rodados no Varbrul e segundo a autora, a variável altura da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica, tanto para /e/, quanto para /o/, foi selecionada pelo programa como a mais relevante à aplicação do alçamento (c.f.p.64).

Após a análise de todas as variáveis contempladas, Carmo faz uma comparação entre a sua pesquisa e a de Silveira (2009), no que concerne à aplicação do alçamento em nomes e verbos. Há mais semelhanças do que diferenças em relação à ocorrência de alçamento. A diferença relevante diz respeito ao processo fonológico que melhor explica a elevação da pretônica. Para os nomes, Silveira(2008) aponta a redução vocálica, já para os verbos, Carmo considera a harmonização vocálica como mais atuante.

4.3.2.3 Dissertação: O alçamento das vogais médio-baixas no falar da cidade de São Paulo.

Autora: Juliana Camargo Zani – Universidade de São Paulo

Orientadora: Raquel Santana Santos

Ainda sobre o dialeto do Estado de São Paulo, Juliana Camargo Zani, realiza dissertação na USP, investigando o alçamento das vogais médio-baixas no falar da cidade de São Paulo. Neste trabalho a autora analisa quais os contextos permitem ou bloqueiam o processo de alçamento das pretônicas médias. Reitera que não pretende fazer uma análise de base sociolinguística e, sim, fonológica, mesmo conduzindo o trabalho de acordo com os parâmetros da pesquisa sociolinguística. Zani utiliza como base teórica os estudos da Geometria de Traços, Fonologia Lexical e Teoria da Sílaba.

Pretende observar os contextos nos quais o sistema vocálico oral, tal como proposto em Câmara Jr. (1987), não se aplica. Para esse autor, há três processos de neutralização do sistema vocálico oral do português do Brasil: sete vogais para cinco vogais, cinco vogais para quatro e quatro para três. De acordo com a teoria da geometria de traços, adotada pela autora, ocorrem apenas dois tipos de neutralização: no sistema pretônico e no postônico final. Cita como exemplo os casos em que as vogais tônicas passam a átonas e sofrem alteração, como em $\text{caf}[e] \rightarrow \text{caf}[e]\text{zinho}$ ou $\text{caf}[i]\text{zinho}$, tratados pela autora como “desarmonia e harmonia vocálica”.

Na análise em que a vogal médio-baixa passa de posição tônica para posição átona, a autora levantou três hipóteses sobre o que influenciaria o alçamento ou não das vogais médio-baixas. A primeira hipótese seria a influência do traço de altura e ponto de articulação da vogal média seguinte, a segunda a influência de um tipo de morfema e por fim, a terceira hipótese, seria de que o processo é favorecido pelo tipo de estrutura silábica resultante da

derivação. Para testar suas hipóteses e explicar o fenômeno a autora utiliza três teorias fonológicas: geometria de traços, fonologia lexical prosódica e a teoria da sílaba, além de levar em conta os estudos de Lee (1995), Mateus e D'Andrade (2000) e Wetzels (1991, 1992, 1995). Após discussão sobre que nomenclatura utilizar para falar dos processos fonológicos, a autora decide pelos termos “assimilação e dissimilação” e para o resultado obtido, opta em denominar de neutralização. O estudo é realizado a partir de um experimento de leitura de palavras gravadas em laboratórios por 20 informantes, com idade em torno de 23 anos e meio, nível universitário e naturais da cidade de São Paulo. Para testar a primeira e segunda hipótese foram selecionadas palavras oxítonas e paroxítonas, substantivos simples, que servem de raiz para formação de substantivos derivados. E para a terceira hipótese, palavras oxítonas, paroxítonas, não derivadas, cujas sílabas com a vogal médio-baixa fosse CV e CVC. Desta forma o *corpus* foi composto de oito palavras oxítonas não derivadas, quatro com sílaba leve (CV) e pesada (CVC), oito paroxítonas, quatro com sílaba leve e quatro com sílaba pesada. Foram apresentadas 136 palavras para os informantes, totalizando 4.560 dados para a análise. Os resultados não mostraram muita diferença entre alçar ou bloquear a elevação das vogais. A autora conclui que houve uma tendência maior para o alçamento nos contextos em que ocorrem a vogal /a/, /e/ e /o/ na raiz e bloqueio para contextos com /u/ e /i/. As hipóteses levantadas no estudo não foram, de fato, confirmadas. Algumas foram confirmadas apenas parcialmente, como a influência da vogal seguinte e a estrutura da sílaba. Percebe-se através da análise estatística realizada na pesquisa, que a vogal influencia no alçamento e no bloqueio das vogais médias, mas isso não se dá, nem por harmonia, nem por desarmonia e nem mesmo pelo ponto de articulação e traço [aberto].

Para encerrar a descrição das pesquisas sobre a região sudeste, passo a comentar a única pesquisa encontrada no estado do Espírito Santo. Trata-se da dissertação de mestrado de Gianni Fontis Celia, concluída na Unicamp no ano de 2004.

4.3.2.3 Espírito Santo

O dialeto do Espírito Santo também foi muito pouco explorado em relação ao sistema pretônico. A dissertação de 2004, orientada pela Profa. Bernadete Abaurre, comentada a seguir, é a única citada na maioria dos trabalhos acadêmicos analisados. Encontrei, já no final

da escrita desta tese, a dissertação de mestrado de ShileyVieira, defendida em 2010³⁴ na Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação do Prof. Felício Wessling Margotti. Este trabalho não será comentado por não ter sido analisado adequadamente.

4.3.2.4 Dissertação: As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia – ES. 2004. Autora: Gianni Fontis Celia - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. Orientadora: Maria Bernadete Marques Abaurre

A pesquisa investiga a realização das vogais médias pretônicas no dialeto falado na cidade de Nova Venécia, localizada a 240km de Vitória, capital do estado. A investigação foi realizada a partir da fala de 9 informantes do gênero feminino, com o terceiro grau completo e divididos em 3 faixas etárias (25 a 35 anos, 36 a 55, de 56 anos em diante). A opção por um único gênero, o feminino, se deu, segundo a autora (p.46), devido ao número reduzido de informantes, composto em sua maioria, por mulheres. A autora pondera que a presença de algum informante masculino, poderia interferir nos resultados e não iria ser relevante. Foi utilizado um *corpus* compreendido por 2.950 realizações de vogais pretônicas (alteamento/ abaixamento), sendo 1.714 de /e/ e 1.236 de /o/, observadas em relação a oito fatores linguísticos (nasalidade, tipo de tônica, distância, pretônica seguinte, atonicidade, consoante precedente, consoante seguinte, estrutura silábica) e um fator extralinguístico (faixa etária). Os dados foram submetidos ao modelo estatístico de regressão logística, implementado pelo programa Goldvarb através da análise de regressão gradual Step-Up/Step-Down. Sua pesquisa, de cunho variacionista, investigou o abaixamento e alteamento, constatando que, neste dialeto, as vogais médias pretônicas podem variar entre realizações médias [e, o], alteadas [i, u] ou abaixadas [ɛ, ɔ], e que tal variação se dá por um processo de assimilação do traço de altura da vogal da sílaba seguinte, independentemente da sua tonicidade. Outros fatores apresentados nas pesquisas já citadas, como vogal seguinte, nasalidade, atonicidade e a estrutura da sílaba, mostraram-se relevantes para o alteamento das médias pretônicas no dialeto estudado.

O abaixamento das médias segue os mesmos padrões da elevação. O principal fator favorecedor para que as vogais pretônicas se tornem baixas é a presença de [a], [e] ou [ɔ] na sílaba seguinte. A consoante labiodental favorece o abaixamento de /e/ em posição

³⁴ Esta dissertação está disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/94592/276957.pdf?sequence=1>

precedente, enquanto a alveolar e a bilabial influenciam a variação, quando em posição seguinte à pretônica. O abaixamento de /o/ é favorecido pelas consoantes seguintes alveolar, palatal e labiodental. A autora conclui que a ocorrência de vogais baixas em posição pretônica, no dialeto de Nova Venécia não é tão marcante como na região norte, mas pode se configurar, como uma característica de transição entre os dialetos do sul e do norte do Brasil, pois encontrou percentuais altos para o abaixamento: 16% para [ɛ] e 23% para [ɔ] (p.61), mostrando, inclusive, que, a média posterior parece ser mais propensa à variação do que a anterior. Resultados muitos similares aos apresentados em Silva (1989) para o dialeto de Salvador.

4.3.3 Considerações sobre os dialetos da região Sudeste

As pesquisas até aqui apresentadas têm abordado mais o alçamento vocálico em relação ao outro fenômeno peculiar às vogais médias pretônicas que é o abaixamento. Percebe-se que este fenômeno começa a ser investigado em Minas Gerais, na década de 90, com a pesquisa de Castro sobre o dialeto de Juiz de Fora, região mineira que, em tese, de acordo com os estudos de Nascentes (1953) e Zágari (1977) não seria propícia para a ocorrência de tal fenômeno. Posteriormente, já na década de 2000, outras pesquisas surgem investigando o abaixamento ou abertura das vogais médias (Celia, 2004; Guimarães, 2006; Alves, 2008; Almeida, 2008 e Dias, 2008). As pesquisas da região sudeste, que até então tinham o processo de elevação das vogais médias como objeto de pesquisa, passam, de maneira ainda tímida a investigar o abaixamento, verificando que este fenômeno segue o mesmo padrão do alçamento.

As pesquisas sobre o dialeto carioca mostram o abaixamento, ao se deparar com situações de contato dialetal, tendo em vista a quantidade de imigrantes nordestinos na cidade do Rio de Janeiro. Entretanto, no estado de Minas Gerais e Espírito Santo, onde constata-se a presença desse tipo de variação vocálica, não se discute questões relacionadas ao contato dialetal, e sim, uma “tendência” às vogais médias se realizarem como baixas em algumas regiões do estado.

4.4. Estudos sobre as pretônicas na região Norte e Nordeste

4.4.1 Os estudos da região Nordeste

A região Nordeste, com o maior número de estados no Brasil, está representada em nove trabalhos acadêmicos, com amostra de sete estados: SE-1979, BA-1989-2004, CE-2007, PB-2007, MA-2008, PE-2009-2011, PI-2009. Os comentários a seguir traçam o percurso cronológico desses trabalhos.

4.4.1.2 Dissertação: Vogais antes de acento em Ribeirópolis – SE. 1979. Autora: Jacyra Andrade Mota – Universidade Federal da Bahia Orientador: Nelson Rossi

Uma das primeiras pesquisas no Brasil sobre o sistema pretônico medial é a dissertação de mestrado da professora Jacyra Andrade Mota, datada de 1979. A pesquisadora inaugura os estudos sobre o sistema pretônico medial ao descrever a realização das vogais pretônicas por falantes rurais da cidade de Ribeirópolis em Sergipe, que faz parte de um dos pontos de referência do Atlas linguístico de Sergipe (ALS). Essa dissertação de mestrado é pioneira ao mostrar a alternância das vogais médias pretônicas, no final da década de 70, em meio à efervescência do debate entre duas abordagens fundamentais para o estudo das línguas: de um lado o gerativismo com a teoria chomskyana e a publicação do “*The Sound Pattern of English* (Chomsky, 1968) e do outro os variacionistas com “*Empirical Foundations for theory of language change*” (Weinreich, Labov e Herzog, 1968).

Embora a teoria fonológica predominante na década de 70 fosse a Fonologia Gerativa Transformacional, a autora escolhe uma abordagem que se enquadra mais na perspectiva pós-Chomsky, a Fonologia Gerativa Natural, descrevendo a realização das vogais médias em um lugarejo, situado a 75km de Aracaju de nome Ribeirópolis. A análise é feita a partir de dados do ALS e interpretados à luz da fonologia gerativa natural. A autora não utiliza análises estatísticas. A alternância vocálica é analisada através das gravações dos inquiridos, observando a interferência dos fatores fonéticos e morfológicos. A análise parte da relação mórfica entre radicais (nominais e verbais) tônicos e átonos para os fatores fonéticos que interferem na realização das vogais como baixas. A autora destaca que, principalmente [e], se realiza como [+bx] se na mesma sílaba ou no início da sílaba seguinte houver uma soante [-lat, -nas], no caso de /e// e [+alt] se o segmento consonantal for [+anterior].

Quanto aos fatores morfológicos a autora destaca os sufixos [dor] e [eiro] como favoráveis ao abaixamento da vogal, como na palavra *namoradeira*, por exemplo. Já as vogais átonas dos radicais, realizam-se nas formas verbais com a mesma altura, apresentando harmonização entre a vogal do radical e a vogal temática na classe dos verbos, exceto quando a vogal é nasal. Com este recorte morfológico, a autora afirma a predominância da média aberta no dialeto de Ribeirópolis e assinala a sua extensão por todo o estado.

4.4.1.3 Tese: As pretônicas no falar Baiano: a variedade culta de Salvador, 1989.
Autora: Myrian Barbosa da Silva – Universidade Federal do Rio de Janeiro
Orientador: Celso Ferreira Cunha

Posterior ao estudo de Mota (1979), tivemos a primeira tese de doutorado sobre as vogais médias pretônicas da região Nordeste. A pesquisa da professora Myrian Barbosa da Silva (1989), realizada na UFRJ e até hoje é um dos trabalhos mais significativos sobre o assunto. A pesquisadora investigou a variação entre as vogais altas, médias e baixas no dialeto de Salvador, descrevendo a realização de /ɛ/ e /ɔ/.

Logo de início, a autora afirma que o seu trabalho é apenas uma tentativa de descrever as características do dialeto, entretanto, ela vai muito mais além, pois elabora um quadro de regras (apresentado mais adiante), para explicitar a variação vocálica que ocorre quando se produz as vogais médias em posição pretônica, no dialeto de Salvador. O estudo foi realizado com os dados do *corpus* do Projeto Norma Urbana Culta (Nurc) sobre o dialeto urbano de Salvador. Diferente do trabalho de Mota os dados têm o tratamento estatístico sustentado pelo modelo da sociolinguística quantitativa. Foram utilizados os programas Varbrul 2 e Swaninc.

A autora estabeleceu dois conjuntos de regras para analisar a variação vocálica no dialeto: uma regra categórica e outra variável. As regras categóricas foram subdivididas em quatro: uma de elevação (RCE) e três de timbre (RCT), assim explicitadas::

A RCE torna alto todo E em posição inicial absoluta, seguido de S implosivo como *iscola, iscuro* (...) [e], a RCT-1, torna média toda vogal E que precede uma consoante palatal em verbos e deverbais da primeira conjugação, como *fechar, fechadura, planejar, planejamento*; A RCT-2, torna qualquer vogal pretônica, O ou E, em uma vogal média quando E precede outra vogal média não-nasal, qualquer que seja o padrão silábico em que esteja inserida, como *cêrveja, côrreio, ôrelha, môer e viôlência*; e a RC-3 tornam baixas todas as pretônicas a que não se aplicaram as regras ordenadas antes como *assóciação, filmacóteca* (...) p.314-315

As regras variáveis também são organizadas em quatro tipos: três de elevação (RVE) e uma de timbre (RVT). Estas são concorrentes das regras categóricas, pois ocorrem nos mesmos contextos. Enquanto as regras de elevação fazem com que as pretônicas se tornem preferencialmente altas, as de timbre tornam-nas médias sob certas circunstâncias, especialmente por motivação social, fato este que não foi muito fundamentado porque a amostra não continha dados socialmente diversificados.

4.4.1.4 Dissertação: As pretônicas médias em comunidades rurais do semi-árido baiano. 2004.

Autora: Adriana de Santana Soares - Universidade Federal da Bahia. Bahia.

Orientadora: Myrian Barbosa da Silva

A pesquisa de Adriana de Santana Soares, sobre o dialeto baiano, retoma a discussão da regularidade na realização das pretônicas, investigando dados da fala rural. Analisa a realização das vogais médias em contexto C__(C)\$C, em uma comunidade rural de Jeremoabo, município localizado na zona fisiográfica do semiárido baiano (Tapera, Casinhas e Lagoa do Inácio). Foram examinados 36 inqueritos fônicos, 12 de cada comunidade. A autora utilizou a Teoria da Variação como suporte teórico e o pacote Varbrul na versão 2000, para a análise dos dados. A amostra analisada foi composta por 6.937 dados, sendo, 4.116 de ocorrências da vogal média anterior e 2.821 da posterior. Na amostra, foram selecionados cinco fatores linguísticos (altura e zona de articulação da vogal subsequente, tonicidade da vogal subsequente, zona de articulação da consoante precedente e seguinte, atonicidade da variável dependente) e cinco não linguísticos (gênero, faixa etária, escolaridade, comunidade e identidade do informante).

Inicialmente constatou que as vogais baixas [e, o] eram predominantes no dialeto, com um percentual de 53% e 49% respectivamente. As vogais médias fechadas e altas estavam em equilíbrio, correspondendo a 25% para as vogais anteriores e 23% para as posteriores. A autora conclui, retomando os conceitos de regra categórica de timbre (RCTRCT) e de regra variávelvariável de elevação (RCERCE), que tais regras se aplicavam ao dialeto estudado. Afirma, então, que a RCTRCT

atua sobre a vogal não-alta tornando-a baixa em qualquer contexto, exceto quando precede vogais médias da sílaba seguinte ou consoantes palatais em verbos deverbais da 1ª conjugação, ou quando conserva o traço [- baixo] da vogal acentuada da palavra primitiva. (p.127)

Soares afirma que a regra de elevação, comum nos dialetos do português brasileiro, provoca o alteamento da pretônica, antes de qualquer vogal, mas preferencialmente nos contextos de vogais altas e às vezes antes de vogal baixa. As consoantes alveolares e palatais precedentes, e palatais e velares seguintes favorecem a elevação de [e] e velares e labiais precedentes e alveolares e velares seguintes, possibilitam a elevação de [o].

Dentre os fatores sociais, apenas a faixa etária sofreu influência na aplicação da RVE. Os outros fatores, gênero, escolaridade e comunidade não atuaram na aplicação da regra. Os resultados mostram que os idosos tendem a elevar mais a pretônica do que os jovens e medianos.

Quanto à RVT, que transforma em médias as pretônicas que seriam baixas, a autora diz que sua aplicação em Jeremoabo é bem menor do que em Salvador, e que os jovens tendem a aplicá-la mais do que os idosos e medianos. No caso de Salvador, a autora atribui o fato de as vogais não rebaixarem em determinados contextos esperados, à influência dos meios de comunicação. Como em Jeremoabo não há tanta influência dos meios de comunicação, a ocorrência de médias baixas em comparação com a capital baiana é maior. Enfim a autora diz que os contextos linguísticos são importantes na aplicação dessa regra para as pretônicas médias. Aponta a presença de vogais altas na sílaba seguinte e vogal átona na sílaba subsequentes, bem como consoantes laterais, como favorecedores para a variação vocálica medial neste dialeto.

4.4.1.5 Dissertação: As vogais médias pretônicas na fala do pessoense urbano. Autora: Regina Celi Mendes Pereira-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1997. Orientador: Demerval da Hora de Oliveira

Passo a descrever agora o estudo concluído em 1997, sobre o dialeto paraibano. A professora Regina Celis Pereira³⁶ analisa a fala do pessoense urbano” (Dialeto de João Pessoa-Paraíba) e investigou o comportamento das pretônicas médias em sílaba inicial e nos padrões CV e CVC. O corpus da pesquisa foi constituído por 15.080 ocorrências, 8.679 para a média [-post] e 6.401 para a média [+post], da fala de 60 informantes. Os dados foram estratificados por faixa etária (15-25anos, 26-49 e 49 anos em diante) e anos de escolarização, que compreendem: analfabetos, Ensino Fundamental 1 (1 a 4 anos de escolaridade), Ensino Fundamental 2 (5 a 8 anos), Ensino Médio (9 a 11 anos) e Universitários (+de 11 anos). A

³⁶ Não tive acesso à dissertação da autora, mas a pesquisa foi publicada em livro e a autora enviou-me um exemplar em outubro de 2010, conforme citado na bibliografia geral.

autora excluiu as ocorrências das vogais pretônicas em posição inicial absoluta, hiatos, prefixos, contextos fonológicos em que ocorre a nasalização das vogais pretônicas, substantivos próprios e siglas. O estudo mostra o comportamento variável das médias pretônicas, posteriores e anteriores. Mesmo havendo predominância das pretônicas abertas, as altas e fechadas concorrem de forma significativa na variação vocálica neste dialeto. Observa-se que as pretônicas abertas ocorrem preferencialmente, quando a vogal tônica é da mesma altura ou quando é uma não alta nasal (ã, ã, õ). Também ocorrem casos significativos de abertura, se a vogal tônica é /u/, e especificamente para /ó/, quando a tônica é [ũ] como c[ó]luna, pr[ó]funda, aplicando a regra de “harmonização vocálica”. Quanto ao alçamento da média pretônica, a autora mostrou que as variantes altas [i] e [u] ocorrem categoricamente se a vogal tônica é [ĩ], como em: m[i]nina, d[u]mingo; e, predominantemente, se for /i/: p[i]dia, p[u]lítica. Aponta, ainda, que as alveolares (sibilantes) e as palatais seguintes condicionam a aplicação do alçamento, conforme atestam algumas das pesquisas supracitadas. Contrariando a sua hipótese inicial, em que ela pensava encontrar mais vogais médias abertas, seus dados mostraram uma ocorrência significativa de variantes elevadas e fechadas. Ao comparar os seus resultados com os de Silva (1989), Pereira (1997) conclui que “em termos gerais e percentuais o pessoense eleva e fecha mais as vogais, ao mesmo tempo em que abre menos que os soteropolitanos (p.125)”.

4.4.1.5 Tese: As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista. 2007.

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Autora: Aluiza Alves de Araújo Orientadora: Maria do Socorro da Silva Aragão

Dez anos depois da pesquisa de Pereira sobre o dialeto de João Pessoa, temos a tese de doutorado da professora Aluiza Araújo, sobre o dialeto da capital do Ceará, Fortaleza. Único trabalho encontrado que descreve esse dialeto. A autora estuda os inquiridos de 72 informantes (36 homens e 36 mulheres), extraídos do Banco de dados do projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPORFOR)³⁷ e nos oferece um estudo, de base variacionista, que mostra o comportamento das vogais médias pretônicas na capital cearense. Foram analisados 5.848 dados, sendo 3.337 de [e] e 2.511 de [o], nos quais

³⁷ Sediado na Universidade Estadual do Ceará (UECE), O projeto NORPORFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza), iniciado em 1933, busca documentar o português falado em Fortaleza.

a autora encontrou um percentual baixo de realizações de [i] e [u]. OitoOito fatores linguísticos são selecionados para análise (tipo de vogal acentuada, a natureza da vogal contígua, tipo de consoante precedente e seguinte, distância da pretônica em relação à tônica, o tipo de atonicidade, a nasalidade, a sufixação e a estrutura silábica) e três extralinguísticos (gênero, faixa etária e escolaridade). Dentre esses fatores, a distância da pretônica em relação à vogal tônica, estrutura silábica e gênero não foram selecionados pelo programa estatístico como relevantes. Araújo enfatiza na sua conclusão, que a variação da pretônica média é condicionada, basicamente, por fatores estruturais. Dentre os principais resultados encontrados a autora destaca que as pretônicas médias, no dialeto de fortaleza, excetuando alguns poucos casos, ocorrem em distribuição complementar: médias fechadas antes de vogais fechadas e médias abertas, antes de vogais abertas. Observa também, que as variantes altas ocorrem, predominantemente antes de vogal da mesma altura, mas ocorrem também antes de médias e baixas, como observado em pesquisas já citadas. Também, neste dialeto, nem sempre é possível explicar o comportamento das pretônicas pelo princípio de harmonia vocálica, pois outros fatores também atuam no processo. Em Fortaleza as vogais médias pretônicas, como em outros dialetos, realizam-se categoricamente, como alteadas, abaixadas ou preservadas em alguns itens lexicais, como p[u]lítica, fut[i]bol, pr[o]jeto, prot[ε]ção, motorista e volume.

Os resultados de Araújo são bem semelhantes aos já encontrados em pesquisas anteriores, isto é, as vogais abertas, tanto anteriores, quanto posteriores predominam sobre as fechadas e altas e há a regra de harmonização vocálica atuando na pretônica em relação à tônica. O percentual de realização das pretônicas médias no dialeto mostra predominância pelas pretônicas baixas 64% de [ɔ] e 58% de [ε], entretanto, nota-se que o índice de preservação da vogal como fechada é bem representativo, 24% para [o] e 32% para [e].

4.4.1.6 Dissertação: O comportamento do /e/ e do /o/ pretônicos: um estudo variacionista da língua falada culta do Recife. 2009.

Autor: Gustavo da Silveira Amorim - Universidade Federal de Pernambuco.

Oriador: Stella Telles

Sobre o dialeto de Pernambuco, representando a fala de moradores de Recife, Amorim(2009), também encontrou um índice representativo para a preservação da vogal como fechada. O autor realizou um estudo variacionista, investigando a língua culta, falada por universitários, homens e mulheres de duas faixas etárias: faixa 1 até 39 anos (+ novos) e

faixa 2 – mais de 40 anos (+ velhos). O autor investigou o abaixamento, manutenção e elevação das vogais pretônicas, observando o contexto fonológico precedente e posterior (bilabial, labiodental, palatal alveolar / dental, velar, sibilante e vibrante posterior), a extensão do vocábulo (dissílabo, trissílabo ou polissílabo), a posição quanto à sílaba tônica, o tipo da vogal tônica, a vogal pretônica seguinte, a atonicidade, o tipo de sílaba e a natureza do vocábulo. O corpus foi originado de fala espontânea, leitura de texto e lista de palavras. Foram coletados 16.221 dados, mas com a exclusão pelo programa (Goldvarb 3.0), analisou-se apenas 6.360, sendo 3.947 de vogal anterior e 2.413 de vogal posterior.

A partir de um percentual alto de manutenção da vogal pretônica anterior (31%) e posterior (19%), quando comparado ao percentual de elevação (6 - 5%) e abaixamento (26 - 13%), percebe-se que na fala de Recife ocorre pouca elevação nas pretônicas, e os recifenses cultos optam pela manutenção, de acordo com os resultados apresentados pelo autor. Com a análise dos fatores linguísticos e extralinguísticos o autor expõe o que contribui para isso. Quanto à vogal média anterior, conclui que para o abaixamento, as consoantes palatais e posição anterior e posterior se mostram favorecedoras. Para a manutenção, as velares favorecem em ambos os contextos. E para a elevação, mais uma vez, as consoantes palatais em posição anterior juntamente com as alveolares / dentais, bilabiais e velares foram as acionadoras do gatilho para o alteamento da vogal pretônica anterior. No caso da posterior, foram as favorecedoras para o abaixamento as alveolares/dentais, glotal e posição anterior, bem como a bilabial em posição posterior. Para a manutenção, apenas as palatais e a glotal em posição anterior. Para a elevação da pretônica posterior, o número de consoantes que contribuíram foi bem maior: bilabiais (em ambos os contextos), velar (em contexto anterior), e labiodental e palatal (em contexto posterior). Nada diferente de resultados de pesquisas anteriores, como Pereira (2007) sobre a fala de João Pessoa. O autor diz ainda, que a vogal tônica ainda é a grande influenciadora da variação na pretônica. Observa também que

a vogal tônica alta anterior [i], contrariando os resultados de outros estudos, não se mostrou apenas como favorecedora da elevação de /e/, podendo também contribuir para o abaixamento. Este comportamento da vogal alta anterior não sustenta o argumento da assimilação do traço mais alto. (p 154)

E ainda, sobre as vogais, conclui que a alta anterior influencia a elevação tanto de /e/ quanto de /o/, mas a posterior só o faz para /o/, estabelecendo uma relação de homorganicidade, como já constatou Bisol (1981). Até então nenhum trabalho havia observado a extensão da sílaba e o autor constatou que apenas os dissílabos e os trissílabos apresentaram índices favoráveis e relevantes para a aplicação da regra do alteamento das

pretônicas. Quanto aos fatores extralinguísticos, a faixa etária não foi relevante e quanto ao gênero, o autor diz que as mulheres tendem à manutenção da vogal e os homens ao abaixamento ou elevação. Como o próprio autor afirma, a pesquisa representa apenas uma amostra da língua culta falada em Recife, mas dá para identificarmos o que caracteriza o dialeto em relação ao sistema pretônico.

**4.4.1.7 Tese: As pretônicas no falar teresinense. 2009. Pontifícia Universidade
 Autora: Ailma do Nascimento Silva - Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
 Orientadora: Leda Bisol**

Ao contrário dos trabalhos citados anteriormente, uma outra pesquisa sobre a fala da região nordeste mostra um índice grande de elevação da pretônica [u]. Trata-se da tese da professora Ailma do Nascimento Silva, sobre as pretônicas na fala de Teresina-PI. A autora mostra a predominância das vogais médias abertas, mas constata que a elevação apresenta um índice alto neste dialeto, principalmente em relação à média posterior, como se pode observar pelo percentual apresentado a seguir (p.201): ε (65%), ɔ (52%), e (21%), o(16%), i(14%) e u (32%). A autora analisa 5.308 dados, coletados em entrevistas com 36 informantes, estratificados por gênero, faixa etária e escolaridade. Ela descreve e analisa a pronúncia das vogais médias pretônicas, de acordo com os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação. Os fatores linguísticos selecionados para análise foram a contiguidade da vogal, tonicidade, paradigma, distância da tônica, derivada de tônica e os contextos fonológicos seguintes e precedentes. A autora mostra que, consoantes velares, coronal e palatal se destacam no favorecimento da variação da pretônica, resultado que coincide com as pesquisas anteriores como as de Barbosa da Silva (1989), Pereira (1997), Graebin (2008) e Alves (2008). Observa que o fenômeno variável das vogais médias em posição pretônica no dialeto de Teresina-PI, admite três realizações fonéticas que:

se harmonizam indistintamente de acordo com a presença do gatilho situado na sílaba seguinte: a) Harmonia com uma vogal média aberta, b) Harmonia com uma vogal alta e c) Harmonia com uma vogal média fechada. Ao lado dessas variações harmônicas, o dialeto apresenta uma variação tríplice dentro de um mesmo vocábulo quando diante de vogal alta; porém, mesmo neste contexto desarmônico, a vogal média aberta predomina de forma irrefreável. (p. 211)

Quanto aos fatores sociais, a autora diz que, pelo fato de o abaixamento ser regra padrão do dialeto, independe de qualquer condicionamento social.

Um aspecto interessante nesta tese de Teresina é a comparação que a autora faz com os resultados da variação da pretônica de dialetos nordestinos e não nordestinos com o que ocorre na capital piauiense.

4.4.1.8 Considerações sobre algumas pesquisas não contempladas nesta síntese.

Há ainda duas pesquisas que tratam das vogais na região nordeste: Castro(2008), dissertação defendida na UFG (Universidade Federal de Goiás) e um artigo de Maia (1986), sobre as pretônicas médias na fala de Natal. A primeira não foi resenhada porque, na verdade, não tem as pretônicas como tema principal. A autora investiga o dialeto da região das Balsas, no Maranhão e faz uma análise descritiva da fala predominante na região sul do Maranhão. Os dados são da área rural e têm como enfoque o dialeto sertanejo. Não há uma investigação específica sobre as vogais pretônicas, mas a autora constata uma produtividade maior na realização das vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ] e de alçamento. A outra referência, sobre dialeto potiguar, é um artigo, datado de 1986 e publicado na Revista de Estudos Literários de Salvador³⁸, pela professora Vera Lúcia Medeiros Maia. Este eu não tive acesso, mas o mesmo é referendado na tese de Silva (2009), mostrando um percentual de 65% de ocorrência de vogais médias baixas e 31% de médias fechadas. Não há dados sobre o alçamento.

4.4.2 As pesquisas sobre as pretônicas no norte do Brasil

Os estudos sobre o português falado na região norte do Brasil, particularmente no estado do Pará, têm se destacado nos últimos anos. Nos dois congressos sobre Dialetologia e Sociolinguística³⁹ realizados recentemente, constatei um número grande de pesquisas que vem sendo desenvolvidas sobre o sistema pretônico medial focando várias cidades do estado. Principalmente oriundos do projeto Vozes da Amazônia, conduzido pelos professores Orlando Cassique e Regina Fernandes Cruz e outras pesquisas realizadas sob a coordenação do

³⁸ MAIA, Vera Lúcia M. As pretônicas médias na fala de Natal. Estudos Linguísticos e Literários, Salvador, n. 5, p. 209-225, 1986.

³⁹ O I Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística aconteceu em 2010, na Universidade do Maranhão, em São Luiz e o segundo, na Universidade Federal do Pará, em Belém, no ano de 2012.

professor Abdelhak Razky, provenientes dos dados do ALIPA (atlas linguístico sonoro do Pará), analisando “as vogais médias pretônicas no falar paraense” e publicado em artigo.⁴⁰

4.4.2.1 Tese: Aspectos da variação fonético-fonológico na fala de Belém. 1991.

Autora: Terezinha de Jesus de Carvalho Nina - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Orientadora: Dinah Maria Isensee Callou

O primeiro trabalho acadêmico, referência sobre a fala paraense é uma tese de doutorado concluída em 1991, por Terezinha de Jesus de Carvalho Nina. Seu estudo analisa os aspectos da variação fonético-fonológico na fala urbana de Belém, no que diz respeito à pauta pretônica medial.

O foco do trabalho é a elevação e abaixamento das vogais. A pesquisadora observa uma sistematicidade nestes dois fenômenos. Pretende investigar em que contextos linguísticos, os falantes estão mais propensos a substituir as vogais médias pelas variantes alta e baixa. Como é uma pesquisa de base sociolinguística, a autora analisa fatores estruturais e sociais. Foram selecionados 30 informantes (15 homens e 15 mulheres), subdivididos nos graus de escolaridade primário, ginásial, colegial e universitário, em três faixas etárias (25 a 35 anos, 36 a 50 anos e de 51 anos em diante) e em zona geográfica de residência (8 bairros de Belém e 4 zonas geográficas). Para análise dos dados faz uso do pacote de programas computacionais Varbrul. Dentre os fatores linguísticos selecionados para análise estão: a natureza da vogal da sílaba seguinte (se alta, média ou baixa), a qualidade da vogal pretônica (se oral, nasal ou nasalizada), a natureza das consoantes adjacentes (ponto de articulação-modo)⁴¹. Observou ainda, o travamento silábico e a posição da vogal em relação à sílaba tônica (distância).

Nas conclusões, Nina destaca que há mais abaixamento do que alteamento na fala de Belém, o alteamento é mais frequente na vogal recuada /o/ do que na vogal não recuada /e/; há uma propensão para a manutenção da pronúncia das vogais médias, apontando para um equilíbrio entre manutenção, alteamento e abaixamento; a autora desconsiderou a nasalidade pelo fato de, a mesma, não se mostrar determinante na aplicação das regras em estudo. Os fatores sociais analisados não apresentaram diferenças significativas.

⁴⁰ RAZKY, A. et al (2012). As vogais medias paraenses.

⁴¹ Inicialmente o modo não entrou na análise, mas a autora acabou inserindo-o no decorrer da pesquisa por considerá-lo relevante.

Em relação à distância entre a pretônica e a vogal tônica, a autora havia selecionado quatro distâncias, que dizem respeito à proximidade entre a sílaba tônica e a pretônica. Percebeu, com a análise, que as distâncias 1 e 2 (mais próximas da tônica), eram indiferentes para o alçamento, pois quanto mais distante da sílaba tônica, mas propensas ficavam, as vogais médias, de se tornarem altas, como no exemplo /pirigosamente/, em que a pretônica, que sofre variação está na distância 4, segundo a gradação proposta pela autora. Embora Nina tenha se proposto a analisar o abaixamento e alteamento da pretônica, acabou dando ênfase aos fatores favorecedores de elevação da vogal. Constata que há mais alçamento para a vogal (o) do que para (e), mas conclui que tanto para o abaixamento quanto para o alçamento, elas se manifestam através de regras variáveis, condicionadas por certos contextos estruturais como altura da vogal seguinte ou consoantes adjacentes. A similaridade da vogal seguinte se apresenta como mais forte favorecedora para a ocorrência de [ɛ,i] e [ɔ,u]. A autora ratifica que a tonicidade não é fator tão expressivo quanto o traço de altura da vogal da sílaba subsequente à pretônica, todavia, o contexto vocálico tônico apresenta maior possibilidade de alteamento.

Atualmente há mais estudos sobre o dialeto do Pará, como as pesquisas de Freitas, 2001, Doriedson Rodrigues, 2005 e Benedita Campos, 2008 (e outras mais recentes que serão discutidas posteriormente). Estes autores tratam do dialeto de outras cidades do Pará, como mostrarei a seguir.

**4.4.2.2 Dissertação: As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança. 2001.
 Autora: Simone Negrão de Freitas - Universidade do Pará.
 Orientador: Prof. Dr. Abdelhak Razky**

Em 2001, o estudo da professora Simone Freitas, também de cunho variacionista, apresenta dados sobre o falar da cidade de Bragança, situada no nordeste do Pará, a 200km de Belém. Freitas analisa /e/ e /o/ (tratada em termos de manutenção ou fechamento, abaixamento e alteamento) nas estruturas silábicas básicas CV e CVC, em posição inicial e medial de palavra. Foram analisados 6.500 dados, mas segundo a autora, esses dados foram reduzidos em função da capacidade analítica do programa Varbrul. Sua amostra corresponde a 32 informantes distribuídos por: faixa etária (15-25, 26 – 45, mais de 45); gênero (masculino, feminino); escolaridade (sem escolaridade, 1º grau e 2º grau); renda (baixa, média/alta), tipo de atividade (rural e urbana).

Quanto aos fatores linguísticos, foram analisados o tipo silábico da vogal tônica, a vogal átona da sílaba seguinte, consoante antecedente e seguinte (bilabiais, labiodentais, velares, alveolares, sibilantes, palatais, fricativa glotal posterior), caráter átono da pretônica no paradigma, classe morfológica (substantivo, verbo, adjetivo, pronome, numeral, advérbio e conjunção).

Os resultados mostram uma predominância das variantes médias [e] e [o], fortemente favorecidas por vogais médias e uma ocorrência bem alta para as baixas [ɛ,ɔ] favorecidas por vogais baixas. As variantes altas [i] e [u], ocorrem em menor frequência, principalmente favorecidas pela vogal alta da sílaba seguinte. De acordo com a autora, a variação da pretônica é desencadeada pelos contextos vocálicos imediatamente seguintes, independente da tonicidade, por processo de assimilação. Outra variável considerada na sua pesquisa, denominada de “caráter átono da pretônica do Paradigma” se apoia na hipótese de Bisol (op.cit), como em p[o]pulação cuja primitiva é p[o]vo, ou s[ɛ]tembro cuja primitiva é s[ɛ]te.

Quanto à realização da pretônica a autora concluiu que:

- a vogal pretônica tende a se manter fechada se a vogal tônica é uma vogal média ou de altura variável entre média e baixa;
- a pretônica tende a abaixar se a tônica for baixa;
- a pretônica tende ao alçamento se a tônica for de altura variável ou média;
- a pretônica /o/ tende a altear se a tônica for média;
- as pretônicas /o/ e /e/ tendem a altear se a tônica for média

E em relação às classes morfológicas, observou-se que a categoria dos verbos favorece a manutenção da vogal pretônica como fechada ou alta. Os nomes favorecem tanto a manutenção fechada quanto desfavorecem o abaixamento e o alteamento. Os advérbios, por sua vez, favorecem o alteamento e desfavorecem a manutenção. Já os pronomes favorecem o abaixamento.

Quanto aos fatores não – estruturais, a autora confirma sua hipótese de que a escolaridade atua como condicionador do comportamento variável das vogais médias pretônicas. Os seus resultados mostram que a escolaridade baixa propicia o alteamento e desfavorece a manutenção e o abaixamento. A escolaridade fundamental produz índices relevantes para todas as variantes, exceto quando favorece o abaixamento da VMPA. E a escolaridade média produz índices favorecedores tanto para a manutenção quanto para o

abaixamento. Freitas conclui seu trabalho destacando a predominância das variantes médias fechadas no dialeto de Bragança, em detrimento das baixas e altas. A autora aponta, também, a semelhança dos seus resultados com a pesquisa de Nina (1991) sobre a variedade de Belém e retoma uma afirmação de Silva (1989) sobre a suposição de que o Pará, em relação aos falares do norte, constitui-se numa ilha dialetal.

Com a contribuição do ALIPA (atlas geo-sociolinguístico do Pará) as pesquisas vêm se ampliando para outras cidades do estado, como os trabalhos que vêm sendo orientados pelos professores Ablelhak Razky e Regina Cruz, contemplando dez cidades do estado: Breves, Abaetetuba, Cametá, Altamira, Santarém, Itaituba, Marabá, Conceição do Araguaia e Belém (contemplada na pesquisa de Nina, 1991) e Bragança (investigada na pesquisa de Freitas, 2001).

4.4.2.3 Dissertação: Da zona urbana à rural/ entre a tônica e a pré-tônica: o alteamento /o/ > [u] no português falado no município de Cametá/NE paranaense – uma abordagem variacionista. 2005.

Autora: Doriedson do Socorro Rodrigues - Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Regina Célia Fernandes Cruz

O município de Cametá é estudado em 2005, pelo pesquisador Doriedson Rodrigues. Ele analisa o alteamento de [o] na posição pretônica e também na tônica. Neste dialeto a variação da vogal média posterior ocorre tanto em posição átona quanto tônica. As pessoas dizem /padrueiro/” para padroeiro,mas também dizem /buka/, para boca.

Na pesquisa, o autor correlaciona as seguintes variáveis linguísticas: natureza da coda, natureza da intensidade, quantidade de sílabas da palavra, natureza da consoante do onset, a monotongação face à não monotongação, posição no grupo de força, classe gramatical, posição da tônica no vocábulo, função de base que o vocábulo integra no grupo de força e as variáveis sociais gênero, faixa etária, escolaridade, procedência do falante. A intenção maior do autor era verificar o alteamento da tônica, fenômeno pouco comum no português do Brasil, que considera como “uma marca de identidade linguística do povo cametaense” (p. 166). Entretanto, acaba mostrando que é nas pretônicas que as vogais tornam-se altas com maior intensidade e mostra a correlação desse fenômeno com a faixa etária, como explicitado na figura 12, com uma tabela extraída da página 161:

Figura 12 - Tabela extraída de Rodrigues, 2005, p.161

Fatores		15 a 25 anos	26 a 45 anos	46 anos em diante
Pré-Tônica	Aplicação	152/205	208/320	256/356
	Percentual	74%	65%	72%
Tônica	Aplicação	329/1100	372/1346	517/1001
	Percentual	30%	28%	52%

Tabela 31: Cruzamento entre os fatores Faixa etária *versus* Natureza da intensidade

O autor conclui então, que o alteamento da vogal tônica vem diminuindo pelo fato de o mesmo ser estigmatizado no dialeto. Sendo assim, o fenômeno vem apresentando, com maior intensidade, na pretônica pois nessa posição essa variante não é tão desprestigiada. Rodrigues não aceita o fato de a variante na tônica está se perdendo no dialeto, por considerá-la a identidade dos falantes, e critica a escola que, segundo ele,

voltada para um ensino prescritivo que apaga as marcas dialetais do município, em proveito de uma pretensa homogeneização linguística, que toma a variedade dita padrão do português como única verdade, favorecendo a baixa estima do cametaense e, por conseguinte, um preconceito. (p.167)

Rodrigues não se aprofunda muito no estudo da pretônica, nesta dissertação, mas em 2007, em um artigo escrito em parceria com Marivana Araújo, intitulado “as vogais médias pré-tônicas /e/ e/o/ no português falado no município de Cametá/Ne do Pará: uma abordagem variacionista”, investiga a harmonização vocálica tanto para médias, baixas e altas no dialeto. Os autores concluem que, contrariamente ao que pensavam, a regra de harmonização vocálica não se aplica de maneira significativa, bem como à realização das vogais como abertas. Registraram uma ocorrência mais substancial para a manutenção das vogais como fechadas no dialeto estudado.

4.4.2.4 Dissertação: Alteamento vocálico em posição pretônica no português falado no município de Mocajuba – Pará. 2008.

Autora: Benedita Maria do Socorro Pinto Campos - Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Regina Célia Fernandes Cruz

Outro município do Pará foi contemplado na pesquisa de mestrado de Benedita Maria do Socorro Pinto Campos. A autora investigou a realização das pretônicas no município de Mocajuba, situado também na parte nordeste do Pará. Ela analisou a ausência e presença de alteamento no município e constatou que dos 2.227 dados efetivamente observados, 1.093

apresentam alçamento, isto é, 49% para presença e 51% para ausência de elevação nas pretônicas. A autora aponta certo equilíbrio nas duas realizações, com ligeira predominância para a manutenção.

4.4.2.6 Dissetação: Comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves.

Autora: Lúcia Helena Ferreira da Silva - Universidade Federal do Amazonas

Orientadora: Maria Luiza de Carvalho Cruz Cardoso

A dissertação de Lúcia Helena Ferreira da Silva (2009) descreve o comportamento da vogal média posterior, nos municípios de Itapiranga e Silves- pertencentes à microrregião do Médio Amazonas. Analisa as pretônicas /e/ e /o/, observando tais vogais em relação à faixa etária: Faixa 01 – de 18 a 35 anos, Faixa 02 – de 36 a 55 anos e Faixa 03 – de 56 em diante. E em relação ao gênero masculino e feminino.

A autora constatou que no município de Silves, as mulheres tendem a utilizar a variante alta, tanto para /e/ quanto para /o/. Em Itapiranga, os homens optam pela variante fechada para /o/. Em relação à faixa etária, em Itapiranga há predomínio da variante fechada /o/ na faixa 1 e em Silves para a variante alta na faixa 3. Quanto à pretônica /e/, em Itapiranga o predomínio é pela variante fechada na faixa 1 e em silves pela variante alta na faixa 1. As variantes abertas [ɛ] e [ɔ] têm baixa produtividade, em ambos os municípios.

Muitos outros estados da região norte ainda não foram contemplados em pesquisas de mestrado e doutorado, como Acre, Rondônia e Roraima, mas há trabalhos na área da dialetologia que fazem parte do projeto Alib-Norte, que estão em andamento. Alguns artigos já foram publicados, como o artigo de Antonieta Buriti de Sousa Hosokawa e Priscila Silva, da Universidade Federal do Acre, sobre “Harmonização vocálica do /e/ e do /o/ no município de Rio Branco-Acre⁴²”. Nesse artigo as autoras apresentam uma amostra muito pequena de dados (108), sendo 52 produções para (e) e 56 para (o) e um percentual que confirma a manutenção da vogal como média fechada no município. Pelo caráter do texto e da amostra esse artigo não é muito adequado como referência para o comportamento nas pretônicas médias no Acre, pois o mesmo não apresenta uma unidade investigativa. O Ideal seria que fosse um trabalho mais consistente e que apresentasse um conjunto maior de dados. Encontrei alguns poucos trabalhos, em forma de artigos sobre o estado do Amazonas, na perspectiva da

⁴² Em meio a tantos pedidos de referências, esse artigo foi enviado por e-mail e eu não tive a referência de data. Tenho apenas uma anotação de rodapé: cadernos CNLP, vol.XIV, n.4, t. 3

geolinguística. Um artigo das professoras Silvia Figueiredo Brandão e Maria Luiza de Carvalho Cruz, que fazem uma análise contrastiva da realização das vogais pretônicas, de acordo com o Atlas linguístico do Amazonas (ALM) e o do Pará (ALISPA). Nesses artigos, as autoras descrevem o comportamento das vogais representadas nas cartas linguísticas, e mostram a diferença entre os dois estados. Elas também sinalizam para a predominância das vogais médias fechadas.

Embora haja mais trabalhos concluídos recentemente sobre as vogais pretônicas no dialeto paraense, destacarei apenas mais um: a pesquisa de mestrado de Edinaldo Gomes dos Santos, defendida em 2009, que apresenta outro olhar para as vogais, pouco abordado nas pesquisas anteriores. Trata-se da contribuição da dialetologia através do método da geolinguística.

4.4.2.5 A Dissertação: distribuição geo-sociolinguística da variável <e> pretônica no português falado no Estado do Pará. 2009.

Autor: Edinaldo Gomes dos Santos- Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Abdelhak Razky

Santos, utilizando os dados registrados no Alib (Atlas linguístico do Brasil), do qual é pesquisador, apresenta um quadro percentual de realização das pretônicas em cinco cidades do Pará: Soure, Belém, Marabá, Altamira e Jacareacanga. O estudo alia a perspectiva sociolinguística variacionista e a geolinguística, para analisar a variação da vogal média anterior oral em posição pretônica, nesses municípios. Diferente de outros trabalhos que investigam o comportamento das vogais médias /e/ e /o/, o autor opta por estudar apenas o comportamento da vogal /e/. Essa vogal apresenta comportamento variável em todos os dialetos do Brasil, mas Santos quer saber se, na região norte, especialmente no estado do Pará, essa variação é motivada por fatores sócio-históricos e espaciais. Por isso seleciona cinco cidades que cortam diametralmente o estado (sudeste, nordeste e sudoeste do Pará). O autor constatou uma tendência à realização das variantes [e], 41% e da baixa [ɛ], 33% nas cidades estudadas, o que as pesquisas anteriores confirmaram sobre a realização das vogais no estado do Pará. Em relação à sua hipótese inicial sobre os fatores geográficos, constatou que em Belém e Soure há preferência pela variante [e]; Belém, Soure, Marabá e Altamira pela variante [i]; e Jacareacanga e Altamira com preferência pela variante [ɛ]. Ressalta que o contexto vocálico desencadeia a variação, mas que outros fatores atuam na realização variável da vogal, como

lexicais, por exemplo. Santos também sinaliza o fato de os fatores sociais (faixa etária e gênero) não serem representativos na variação vocálica. Percebe uma realização maior de [e] e [i] entre os mais jovens e [ɛ] por parte dos mais velhos. Observa ainda, que os homens tendem a abrir mais a vogal e as mulheres a alçar. Os fatores linguísticos observados apresentam resultados comuns nas pesquisas já realizadas sobre outros dialetos do Brasil, o que o faz concluir que

Os grupos de fatores estruturais não garantem que exista um ambiente fonético que possa dar conta de todos os casos de manutenção, alteamento e abaixamento de <e> pretônica, quando encontramos itens que não se deixam controlar por qualquer ambiente, mas talvez pelo léxico, como se verificou nas cartas fonéticas. Surge aqui mais uma questão geradora que Nina já evidenciara do falar de Belém e que tornamos a alegar: o comportamento da variável tratada carece de uma descrição pautada na influência que o léxico exerce sobre a realização de <e> pretônica no Pará. (p.127)

As pesquisas sobre o dialeto paraense tentam contemplar vários municípios da região. O autor destaca o papel que os fatores linguísticos e geográficos desempenham no processo de variação da vogal média anterior em posição pretônica. E a ampliação dos estudos sobre os falares paraenses poderão indicar a variante pretônica das vogais médias que é predominante no dialeto. E dessa forma, observar a diferenciação que a variável ganha a depender do município observado.

4.4.3 Estudo sobre as pretônicas na região Centro Oeste e Distrito Federal

Encontrei poucos trabalhos da parte central do Brasil, alguns artigos e duas dissertações. Uma dissertação sobre o dialeto de Formosa, Goiás e outra sobre a fala de Brasília e um artigo sobre as vogais no Vale do Cuiabá, como resultado de pesquisa do projeto Filoband.⁴³

⁴³ O Projeto Filologia bandeirante foi coordenado pelo prof. Heitor Megale-USP, do período de 1997 a 2003. Tinha como objetivo comprovar a preservação de camadas linguísticas do Português antigo no Brasil e propiciar aos estudiosos da língua um corpus cientificamente preparado para futuros estudos. A pesquisa cobriu os territórios dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

4.4.3.1 Dissertação: Focalização dialetal em Brasília: um estudo das vogais pretônicas e do/s/ pós-vocálico. Brasília. 1998.

Autora: Cíntia da Costa Corrêa – Universidade de Brasília

Orientadora:Stella Maris Bortoni Ricardo

Em 1998, Cintia da Costa Corrêa, estuda as pretônicas no dialeto de Brasília. A proposta é investigar o processo de focalização dialetal⁴⁴, observando a variação das pretônicas e o /s/ pós-vocálico. Como o estudo da autora é mais amplo e ultrapassa o escopo desta tese, me aterei apenas aos resultados quanto à investigação sobre a realização das vogais médias pretônicas. Embora a autora não tenha feito um estudo detalhado da variação destas vogais na capital federal, apresenta uma amostra de abaixamento e alçamento na geração que nasceu e cresceu em Brasília, com faixa etária entre 15 a 25 anos. Ela selecionou apenas duas localidades na cidade, o Plano Piloto e a cidade satélite de Ceilândia. Isso se deve ao fato de Brasília ser uma cidade com constante fluxo de migração, à época, estas duas regiões eram as que apresentavam maior índice de pessoas nascidas e criadas no Distrito Federal (DF): 25,3% no plano piloto e 45% em Ceilândia (p.32). Foram realizadas entrevistas com 24 informantes e coletados 2.716 dados, sendo 1726 da vogal média anterior e 990 da vogal média posterior. A autora justifica que houve uma redução do número de dados da vogal posterior. As entrevistas forneceram um total de 1.285 dados, mas como ela retirou os dados categóricos: *você*, *pessual* e *purque* e os ditongos em que não houve elevação nem abaixamento⁴⁵, a amostra ficou reduzida a 990.

Foram observadas sete variáveis linguísticas (nasalidade, segmento seguinte e precedente, vogal da sílaba seguinte, tonicidade subjacente, distância em relação à tônica e estrutura da palavra, e três não linguísticas (grau de escolaridade, local de residência e gênero). Em relação à variação das pretônicas médias anterior e posterior a autora encontrou, 73% de /e/, 24% de /i/ e 3% de /ɛ/ e 79% de /o/, 17% de /u/ e 4% de /ɔ/. Os resultados obtidos mostrou um índice elevado das médias pretônicas alçadas⁴⁶. O fator que se mostrou mais relevante na análise da VMA, para o alçamento, foi a altura da vogal na sílaba subsequente, o que se configura como harmonia vocálica. Já constatado, também, no artigo de Bortoni (1992). Embora com um índice menor, o abaixamento é destacado na pesquisa e é favorecido pelo o

⁴⁴ Teoria proposta por Robert Le Page - 1975, para distinguir uma variedade linguística marcada por traços peculiares de um determinado dialeto.

⁴⁵ Não há exemplos dos ditongos citados pela autora.

⁴⁶ Nesta pesquisa a autora não utiliza os termos “alçada”, “alçamento” e sim alçada e alçamento. Preferi manter a forma que já venho utilizando no decorrer do trabalho.

contexto fonológico seguinte. A autora também aponta as alveolares e o travamento da sílaba em /r/ como grandes favorecedores da realização da vogal como baixa.

Quanto aos fatores sociais a autora mostra que o fator residência é bem relevante. Os moradores do plano piloto tendem a favorecer o uso das médias e das altas, ao passo que os informantes da Ceilândia, sobretudo com segundo grau de escolaridade, tendem a favorecer as pretônicas abaixadas. Com isso a pesquisadora constatou que o processo de focalização dialetal no DF não se dava da mesma maneira nas cidades-satélites analisadas. Os fatores sociais foram considerados pela autora como os mais influenciadores do processo de abaixamento no dialeto de Brasília. Os moradores da Ceilândia, principalmente aqueles sem escolaridade superior, têm a realização das vogais médias baixas mais acentuadas, mantendo um repertório linguístico típico nordestino. Isso se deve, de acordo com a autora, ao fato de, mesmo que grande parte desses informantes tenham nascido em Brasília, eles mantêm contato intenso com seus familiares. E, desse modo, preservam a forma de falar, prestigiada entre eles. O estudo de Corrêa mostrou que os jovens da Ceilândia não costumam sair da região e quando viajam, em geral, vão para a terra natal de seus pais, o que converge para uma manutenção de características mais peculiares na forma de produzir as vogais médias pretônicas de tal região. Já no Plano Piloto há uma interação linguística mais ampla, os moradores dessa parte dessa cidade convivem com pessoas de diferentes localidades, não sendo possível identificar nenhuma marca dialetal.

**4.4.3.2 Dissertação: A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas.
 Autora: Gerusa de Souza Graebin - Universidade de Brasília
 Orientadora: Maria Marta Pereira Scherre**

A pesquisadora Gerusa de Sousa Graebin investigou a realização das vogais pretônicas médias no município de Formosa, situado a 280 km de Goiânia e a 78 km de Brasília. Ao detectar, em um trabalho monográfico, que a fala deste município, apresentava peculiaridades em relação ao sistema pretônico, Graebin se propôs a aprofundar a investigação em uma pesquisa de mestrado. A autora, tendo como referências as vogais médias em posição pretônica analisa as três variantes presentes no dialeto (abaixamento, elevação e manutenção da vogal média como fechada). São selecionados 14 informantes, estratificados por gênero, classe social e nível de escolaridade. A pesquisadora também delimita o perfil dos informantes quanto ao seu local de trabalho: “trabalha em Brasília *versus* não trabalha em Brasília”, para

que fosse observada a influência de Brasília na pronúncia das vogais. A autora não analisou a faixa etária pelo fato de o grupo escolhido contemplar apenas uma faixa etária (30-45 anos), e ela precisava selecionar informantes economicamente ativos. Foram coletados, por meio de entrevistas 6.546 dados, sendo 3.683, para /e/ e 2.863 para /o/. A análise foi feita com o programa Goldvarb – X, considerando como variável dependente o alçamento, abaixamento e a manutenção das vogais médias anterior e posterior. A pronúncia das vogais médias foi analisada sob a perspectiva da Teoria da Variação, relacionando os fenômenos fonológicos à luz de três modelos teóricos: neogramáticos, difusionistas (cf. Viegas-1991 e Oliveira-1995) e a teoria dos exemplares⁴⁷ (Bybee, 2002). Dentre os fatores linguísticos selecionados para análise estão a zona de articulação da variável dependente (grupo de controle), vogal da sílaba seguinte, segmento precedente, acento secundário e distanciamento da tônica. O fator atonicidade não foi analisado pela pesquisadora, o mesmo já havia sido testado em seu trabalho monográfico e constatado como irrelevante.

Quanto aos fatores extralinguísticos, também selecionou cinco: gênero, escolaridade, classe econômica, contato com Brasília e nível de formalidade do discurso (este incluído posteriormente para verificar se o nível de formalidade do discurso provocava níveis distintos de variação). E por fim, outro grupo de fatores foi analisado para discutir a controvérsia entre os neogramáticos e difusionistas, um grupo de controle lexical, levando em conta as palavras que eram muito frequentes na fala dos informantes. Para esta análise foi utilizado um programa computacional denominado de Z-test, para gerar listas com frequência de itens lexicais. A autora constatou que a diferença ocasionada pela frequência nos casos de elevação e de abaixamento pôde ser vista não apenas no momento em que os itens categóricos ou quase categóricos foram relacionados, mas também quando observada a quantidade e qualidade dos dados que restaram para as variantes média-aberta [ɛ,ɔ] e alta [i,u], após retirada dos contextos. Foram 445 itens com a variante média aberta anterior e 418, de média – aberta posterior e para a variante alta, foram 286 itens da vogal anterior e 251 da posterior.

Com a primeira análise dos dados, a autora obteve o percentual de variação das vogais médias em posição pretônica na fala de Formosa. Sendo 61,5% de ocorrências de [e] e 62,8% de [o], 12,1% para [ɛ], 14,7% para [ɔ] e as vogais altas [i,u] tiveram ocorrências de 26,4% e 23,2%.

⁴⁷ Essa teoria propõe que a mudança/ variação linguística tende a acontecer primeiro em palavras mais frequente e depois em palavras menos frequentes.

A autora conclui, reafirmando resultados de pesquisas anteriores, que as vogais médias [e, o] têm comportamento distintos. Propõe que o estudo sobre a variação das pretônicas seja realizado sempre por dois pontos de vistas que considerem a influência do segmento precedente:

“(i) considerando as vogais médias /e/ e /o/ como integrantes do mesmo conjunto, a saber, as vogais médias;

(ii) considerando as vogais /e/ e /o/ separadamente, por terem traços fonéticos distintos” (p.211)

Na sua pesquisa, o segmento precedente referente à glotal fricativa surda mostrou-se alteamento propício para o abaixamento da anterior, mas não para a posterior. Outro aspecto apresentado em suas conclusões diz respeito ao fato de nem todos os contextos suportarem as três variáveis (e ~ε~i / o~ ɔ~u. Ela exemplifica com os dados do seu *corpus*, mostrando que há contextos que admitem variação entre as três variantes, como “s[e]rviço ~ s[ε]viço ~ s[i]rviço, outros admitem só duas, como [e]ducação ~ [ε]ducação/, c[o]ncurso ~ c[u]ncurso, e os contextos categóricos como p[e]guei, b[u]nito, pass[i]ar. São sugestões apresentadas por ela para futuras pesquisas. É um trabalho bem interessante e muito claro nas análises e na apresentação dos resultados.

Esse capítulo teve como objetivo apresentar uma síntese dos trabalhos lidos e analisados para esta tese. Procurei traduzir de forma bem resumida o trabalho dos pesquisadores, esquivando-me o máximo possível de análises críticas, as quais compõem o capítulo final. Passo agora à análise dos resultados das pesquisas de cunho sociolinguístico, em relação aos fatores que influenciam a variação vocálica em posição pretônica. Por tratar-se de dados já analisados, a análise estatística será dessas análises, isto é, vou utilizar os próprios resultados dos pesquisadores para compreender como eles explicam esta variação.

5 Resultados da meta-análise

De acordo com as pesquisas labovianas tanto fatores linguísticos quanto extralinguísticos corroboram para a variação em uma língua. De fato as pesquisas apontam para a influência de fatores sociais, mas estes não são tão significativos para a alternância no vocalismo pretônico. Algumas pesquisas, como da região sul, por exemplo, destacam o favorecimento da escolaridade mais baixa no alçamento Kailer (2008), Schwindt (1995), Klunck (2010) e outras, como tratarei mais a frente, mostram alguma interferência do gênero e da faixa etária, mas ressaltam que não são relevantes estatisticamente. O que se pode inferir que nem todo fenômeno linguístico sofre influência de fatores sociais. A análise que se segue, diferente daquela proposta na Sociolinguística Quantitativa, tratará dos fatores linguísticos e sociais separadamente. Em seguida far-se-á uma análise qualitativa dos resultados.⁴⁸

5.1 Os fatores linguísticos

Há uma grande quantidade de fatores linguísticos observados nas pesquisas variacionistas sendo os mais recorrentes: o contexto fonético consonantal (ponto e modo), a altura da vogal tônica, a atonicidade e a distância. Apenas esses fatores foram submetidos à meta-análise⁴⁹, no tocante aos fenômenos de abaixamento e alçamento.

Em relação ao contexto fonético, as pesquisas procuram identificar se as consoantes que precedem ou seguem as vogais médias em posição pretônica podem influenciar a alternância vocálica. Entretanto, não seguem um padrão sobre a classificação das consoantes nem justificam suas escolhas. Viegas (1987) constitui exceção, pois justifica a seleção do contexto a ser analisado e a observação do ponto e modo de articulação.

Importa destacar, aliás, que as pesquisas costumam enfatizar mais o ponto de articulação do que o modo. Invertendo essa tendência, começarei a análise pelo modo de articulação.

⁴⁸ As tabelas e os gráficos apresentados nesta sessão ilustram a maneira como a análise foi feita. Mostrarei só o gráfico *Forest plot* e a tabela resumo, pois eles são mais claros para o leitor. As demais tabelas e gráficos serão apresentados no final da tese, no Anexo 4.

⁴⁹ Há um quadro com todos os fatores linguísticos analisados nas pesquisas no Anexo3.

5.1.1- Contexto fonético: modo de articulação precedente e seguinte para o Alçamento vocálico

O modo de articulação das consoantes foi organizado em três grupo: o grupo das obstruintes, das líquidas e das nasais. As análises a seguir mostram os resultados dos pesquisadores em relação à variação vocálica provocada pelo alçamento e abaixamento das vogais pretônicas.

Entre os vários estudos sobre o vocalismo pretônico, destaca-se o fato de as vogais médias /o/ e /e/, tornarem-se altas em posição pretônica, pós-tônica e, às vezes, em alguns dialetos, até em posição tônica, conforme observado em um dialeto do Pará (Rodrigues, 2009). Denominado por alguns pesquisadores como alteamento e por outros como alçamento ou elevação, trata-se do fenômeno mais antigo registrado na bibliografia sobre a língua portuguesa, tema do artigo do prof. Antony Naro, publicado em 1971). De acordo com a literatura histórica, a representação da vogal como fechada [e], [o] seria a forma padrão, e ocorrências em que as vogais se realizam como altas ou baixas caracterizaria uma variação, como registrado em Gladstone Chaves de Melo (1971:122): “(...) todavia a pronúncia normal brasileira é /ê/ e /ô/: *semana, esperança, professor* (...) Os tratados de ortografia até a primeira metade do século XVIII indicam a pronúncia /ê/ e /ô/ para tais vogais antetônicas (...)”.

Na composição do banco de dados desta pesquisa (10 teses e 38 dissertações) percebi um investimento na análise do alçamento. Dentre os trabalhos, treze tratam exclusivamente do alçamento. Apenas uma discute somente o abaixamento (Amaral, op. cit.), as demais analisam os dois fenômenos: alçamento e abaixamento.

Nem todas as pesquisas variacionistas apresentam a análise do modo de articulação, e algumas, mesmo tendo apresentado a análise, não observaram todos os três fatores contemplados aqui, motivo pelo qual não foram aqui analisadas. Daí o número menor de trabalhos que aparecem no gráfico.

5.1.1.1 Alçamento vocálico de e

Para o alçamento da vogal média anterior, os resultados dos pesquisadores, apresentados na análise meta-analítica, mostram a diferença significativa entre os fatores Líquidas e Nasais, sendo a nasais mais propensas ao alçamento, como veremos no gráfico1 e na tabela resumo 1 mais a frente.

O gráfico *Forest plot* a seguir mostra o quanto o fator é significativo pela aproximação da linha pontilhada. Há alçamento que se justifica pelo processo de assimilação da vogal alta da sílaba tônica, mas há outros que não seguem esse paradigma, como apontado em Klunk (2008) e Cruz (2010) em pesquisa realizada sobre o alçamento das vogais em Porto Alegre em que as autoras mostraram que /e/ e /o/ em posição pretônica se tornam altas por assimilação de uma vogal alta na sílaba tônica (harmonia) e também sem a presença da mesma. Esses casos foram denominados de “alçamento sem motivação aparente”. De acordo com as autoras eles têm uma ocorrência baixa no Sul. Bisol (2009:92) assume que esses casos podem ser explicados pelo processo de difusão lexical.

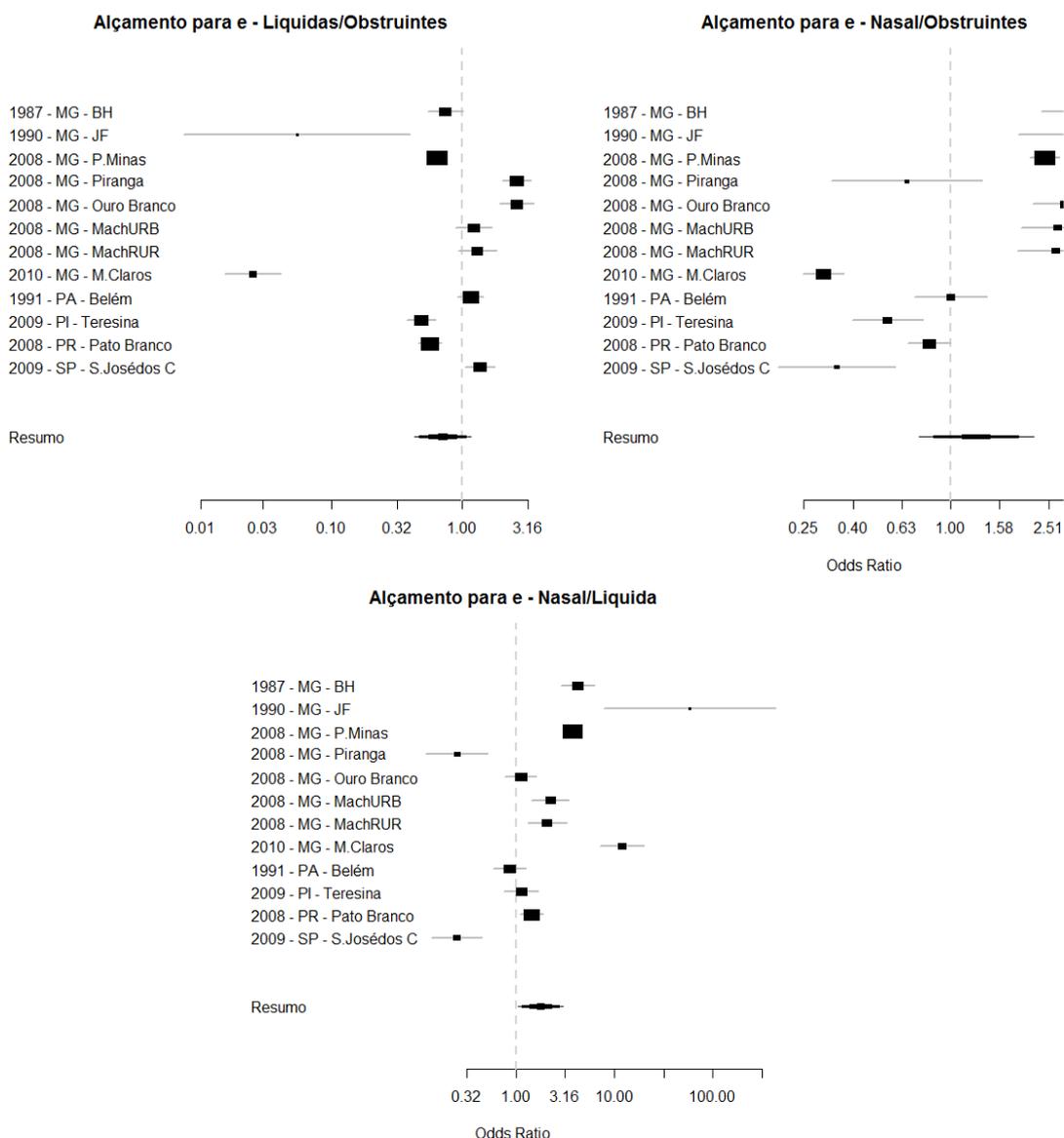
A primeira análise será feita, através de um estimador resumo onde se observa o O.R (*odds ratio*) do cruzamento entre os fatores que favorecem o alçamento no contexto fonético do modo de articulação precedente para a vogal média anterior em posição pretônica. O valor O.R maior indica mais chance de ocorrer alçamento quando a pretônica média anterior está nesta posição, conforme 1. A segunda análise, a partir do gráfico *Forest plot*, nos dá uma visão geral dos resultados dos estudos em relação a esses fatores, como representado na figura 13.

Tabela 2 - Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre o modo de articulação do contexto fonético precedente

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
Líquida/Obstruente	0,71	0,43	1,16
Nasal/Obstruente	1,27	0,74	2,17
Nasal/Líquida	1,78	1,05	3,04

Teste de Woolf para Homogeneidade (p-valor<0,001)

Figura 13 – Gráficos das razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre o modo de articulação do contexto fonético precedente



Em relação à Tabela 2, o estimador resumo apresenta as chances de ocorrer alçamento quando a pretônica vier precedida de uma consoante nasal ou líquida. Percebe-se, no Gráficos da figura 14, uma maior relevância para líquidas. As amostras são bem maiores, principalmente nos estudos de P. Minas (Pará de Minas) e Pato Branco. Para os estudos de Teresina, Belém e Ouro Branco estes fatores não foram significativos. Silva (2009:169), no estudo de Teresina mostra que as vogais pretônicas médias tendem a se manterem fechados

quando precedidas de líquidas e nasais. Dias (2008:155), no estudo de Ouro Branco, afirma que as líquidas não são estatisticamente significativas para o alçamento. A mesma autora também estuda o dialeto de Piranga, próximo à Ouro Branco e aponta que em relação ao modo de articulação a consoante nasal se mostra significativa. Pode-se observar que, analisando dois estudos de uma mesma região, tem-se resultados diferentes para um determinado contexto fonético, sendo que um estudo apresenta significância para tal fator enquanto outro apresenta resultado não significativo. Isso pode ser indício de que a variação aconteça entre falantes. De acordo com Reynolds (1994:122), *an individual speaker clearly may possess a distinct internal grammar for two or more distinct dialects*.

A tendência é de que as consoantes nasais e líquidas favoreçam mais a variação do que as obstruintes, pois são soantes, como as vogais e a assimilação do traço de sonoridade é natural (m[i]dido, al[i]gria).

Para o modo de articulação no contexto seguinte, o estimador resumo na tabela 2, mostra a diferença significativa para a chance de alçamento na vogal ‘e’ entre os fatores líquida e obstruintes, sendo que a chance das consoantes líquidas é maior. Em relação à líquida e nasal, a chance para ocorrer alçamento no modo de articulação do contexto seguinte é maior para nasal.

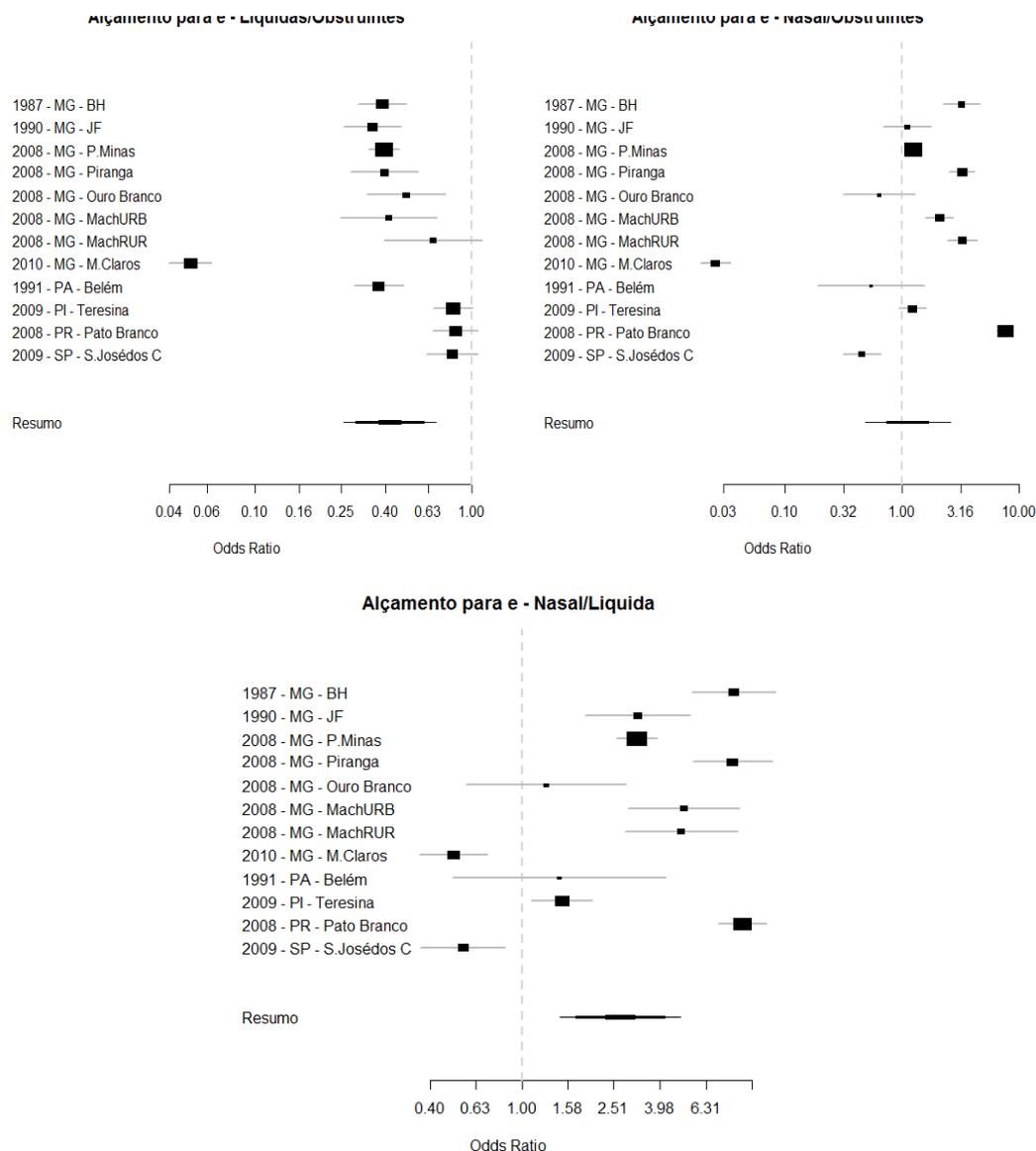
Tabela 3 Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre o modo de articulação do contexto fonético seguinte

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
Líquidas/Obstruinte	0,42	0,26	0,68
Nasal/Obstruinte	1,12	0,48	2,61
Nasal/Líquidas	2,68	1,47	4,90

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Observa-se ainda que, em relação líquida e nasal, a chance para ocorrer alçamento no modo de articulação da consoante seguinte é maior para as nasais. Como não há diferença significativa entre nasais e obstruintes, conclui-se que as consoantes deste grupo, na posição seguinte à pretônica, não são significativas para o alçamento da média anterior. Para exemplificar podemos citar as palavras *prefeito* e *programa*, que em nenhuma pesquisa consultada aparecem como *prifeito* e *prugrama*.

Figura 14 - Gráficos as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre o modo de articulação do contexto fonético seguinte.



Os gráficos mostram os resultados das pesquisas selecionadas e verifica-se o efeito do fator ‘obstruintes’ nos estudos. Os resultados para o fator ‘Líquidas’ são bem mais homogêneos, mostrando que as pesquisas apontam esse fator como favorecedor para o alçamento de ‘e’ na posição seguinte à vogal.

5.1.1.2 Alçamento de o

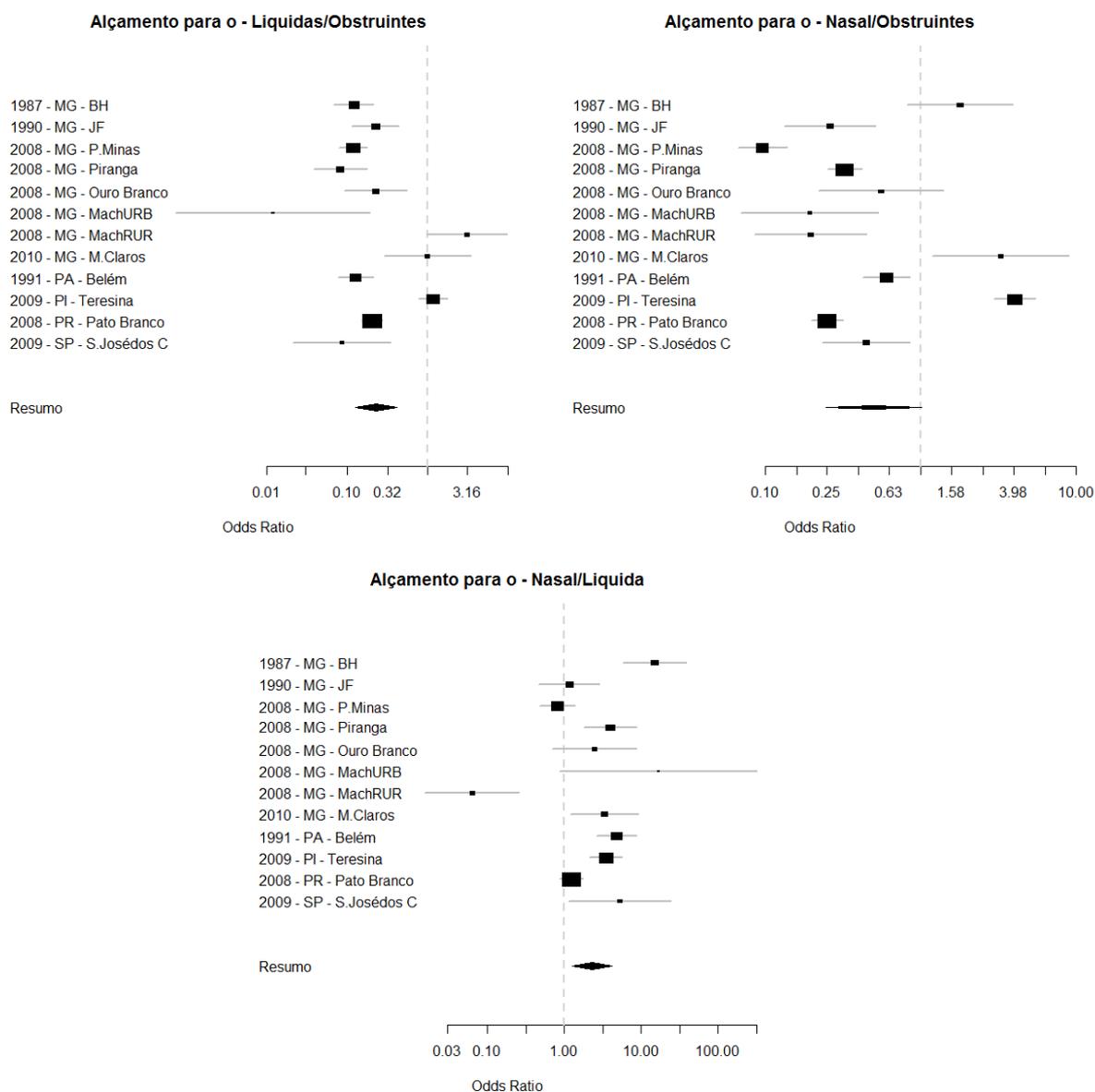
A tabela 3 mostra resultados para o alçamento de /o/. Este é influenciado pelos três fatores analisados, mas as líquidas e nasais se sobressaíram. As consoantes líquidas têm 0,23 (0,13 – 0,42) vezes a chance de favorecer o alçamento de /o/ em relação às consoantes obstruintes. Em relação às consoantes líquida/nasal, a chance de alçamento nas nasais é 2,28 (1,25 – 4,18) vezes a chance de alçamento nas líquidas.

Kailer (2008), sobre o dialeto Pato Branco aponta a influência das nasais para o alçamento de /o/, principalmente quando precedidas de consoante velar: *conversa, comrade, conheço*, etc). No gráfico 2, a seguir, pode-se observar que para o par nasal/obstruintes o quadradinho de Pato Branco está maior e colado à linha pontilhada, mostrando que há uma amostra grande para as nasais, mas a presença de uma consoante nasal precedente não é significativo para o alçamento de /o/. Observando figura 15, nota-se que a única pesquisa que apresenta significância entre nasal/líquida é a da área rural de Machacalis, resultado de Almeida (2008:168)

Tabela 4 - Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “o” entre o modo de articulação do contexto fonético precedente.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
Líquidas/Obstruinte	0,23	0,13	0,42
Nasal/Obstruinte	0,50	0,25	1,00
Nasal/Líquidas	2,28	1,25	4,18

Figura 15 Gráficos com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para alçamento de “o” entre o modo de articulação do contexto fonético precedente.



Os gráficos mostram a heterogeneidade nos dados. Em meta-análise quando há uma variabilidade entre os resultados dos estudos diz-se que eles são heterogêneos. Para testar a existência de variabilidade, existem diversos testes estatísticos. Neste trabalho foi adotado o teste de Woolf. Para este teste, a hipótese nula é definida como H_0 : os dados são homogêneos. Calcula-se a estatística de teste que fornece um p-valor para análise do resultado do teste. Um p-valor alto indicaria forte evidência de que os dados são homogêneos; e, por

outro lado, um p-valor menor que 0,05 indica que os dados são heterogêneos. Em todos os casos analisados neste trabalho, foi aplicado o teste de Woolf, que resultou em rejeição da hipótese nula; ou seja, em todos os casos houve presença significativa de não homogeneidade. Dessa forma, foi empregado o modelo aleatório, através do método de *DerSimonian-Laird*, para os estudos que foram submetidos à meta-análise. Esse método, próprio para estudos que apresentam heterogeneidade, combina os efeitos individuais da amostra.

5.1.1.3 *Abaixamento vocálico*

Embora as pesquisas mineiras denominem esse fenômeno de abertura vocálica, optamos por utilizar o termo *abaixamento*, por ser mais comum na maioria dos trabalhos analisados. O fenômeno que torna baixa as vogais /e/ e /o/ em posição pretônica – é peculiar às regiões Norte e Nordeste do Brasil e não é foco de muitos estudos. Como dito anteriormente, a tradição das pesquisas sobre as vogais concentram-se na região e Sul e Sudeste, e como o abaixamento não é comum nessas regiões, encontramos poucos trabalhos que se concentram em pesquisar esse fenômeno na mesma proporção em que se discute o alçamento. Foram encontradas treze pesquisas tratando especificamente do alçamento vocálico. Excluindo Amaral (1996), os demais 28 trabalhos discutem os dois fenômenos, mas apenas quinze fazem parte da meta-análise por serem de base variacionista e contemplarem os mesmos fatores analisados, conforme tabela a seguir:

Tabela 5– Pesquisas que contemplaram fatores semelhantes

Ano	Estudo	Estado
1. 1990	Juiz de Fora	MG
2. 2008	Piranga	MG
3. 2008	Ouro Branco	MG
4. 2008	MachURB	MG
5. 2008	MachRUR	MG
6. 2008	Pará de Minas	MG
7. 2006	Rio de Janeiro	RJ
8. 2008	Nova Venécia	ES
9. 2008	Formosa	GO
10. 2006	Bragança	PA
11. 1998	Brasília	DF
12. 2007	Fortaleza	CE
13. 2009	Recife	PE
14. 2009	Teresina	PI
15. 2007	João Pessoa	PB

5.1.1.3.1- Abaixamento de /e/

’Para o contexto precedente dos fatores líquida, nasais e obstruintes, têm-se as informações provindas de cada estudo referente ao abaixamento da vogal “e”, observando os gráficos, percebe-se que não há diferença significativa para a chance de abaixamento na vogal “e” entre os fatores Líquida e Obstruinte e entre os fatores Nasal e Obstruinte, pois o diamante⁵⁰ encosta na linha pontilhada. Observa-se que apenas três estudos cruzam a linha (M. Claros, Ouro Branco e Juiz de fora). Conclui-se então, que, de um modo geral, as líquidas e nasais favorecem o abaixamento; as obstruintes, não.

⁵⁰ A marca no final da linha pontilhada de cada gráfico, é denominada de “diamante”, conforme explicitado na seção 3.6.2. Ela indica a significância dos fatores nas pesquisas como um todo. Quanto mais próximo do valor 1, menos significativo, sendo que se o diamante cruzar a linha não há significância.

Tabela 6- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “e” entre o modo do contexto fonético precedente.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
Líquida/Obstruinte	0,81	0,44	1,50
Nasal/Obstruinte	1,59	0,94	2,67
Nasal/Líquida	1,77	1,16	2,71

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

O estimador resumo acima mostra um índice maior para a nasal precedente, tanto no cruzamento com obstruinte quanto com a líquida, como em *Melina, parecida, aparelhado*, por exemplo.

Os resultados mais homogêneos são os mais significativos, como mostra o gráfico que representa o cruzamento entre Nasal/Líquidas. Os estudos apresentam uma quantidade maior na amostra, quando se observa o tamanho do quadrado.

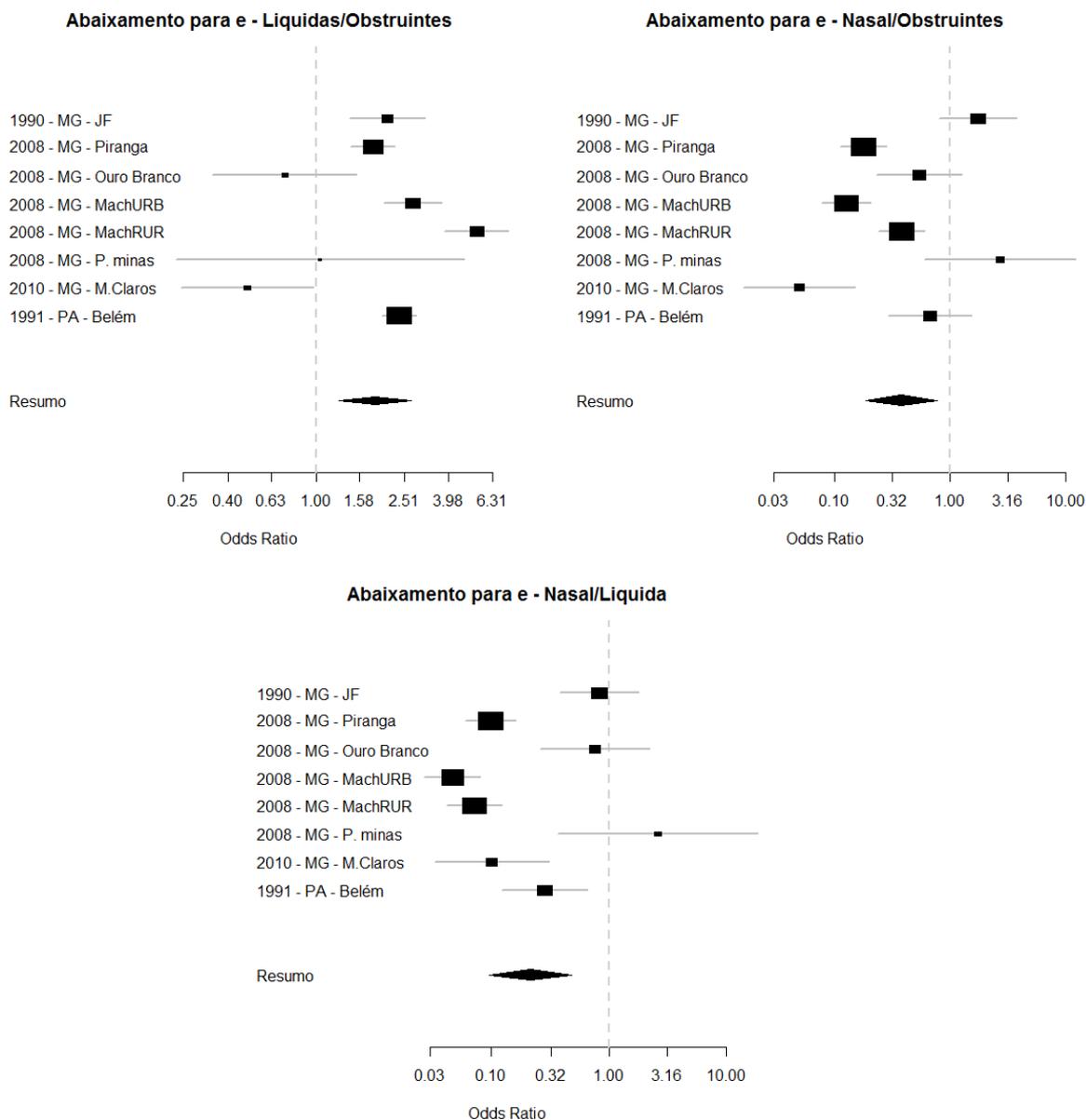
Os resultados da meta-análise para o contexto fonético em relação ao modo de articulação, mostraram que há mais chance de o contexto seguinte favorecer mais o abaixamento do que o contexto precedente, observa-se que em nenhum exemplos do gráfico 5, o diamante encosta na linha pontilhada.

Tabela 7- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “e” entre o modo de articulação do contexto fonético seguinte.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
Líquidas/Obstruinte	1,86	1,28	2,71
Nasal/Obstruinte	0,30	0,19	0,78
Nasal/Líquidas	0,21	0,09	0,48

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Figura 16 Gráficos- As razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “e” entre o modo de articulação do contexto fonético seguinte.



A apresentação dos resultados do abaixamento de /e/ no contexto seguinte, mostra, no conjunto dos trabalhos, que esses fatores são significativos. A análise variacionista apresenta a probabilidade de determinado fator influenciar a variação em dada pesquisa. A meta-análise representa cada estudo individualmente, aqueles que mostram resultados significativos e os que não mostram, depois analisa os resultados desses estudos como um todo. Isso favorece uma visão mais ampla, um panorama dos efeitos de cada variável. Observa-se abaixo que dos oitos trabalhos analisados em relação ao modo de articulação para o contexto precedente, três deles têm resultado negativo para os fatores analisados, mas isso não impediu que o resultado da meta-análise mostrasse relevância para tais variáveis. Os

estudos que se concentram de um lado do gráfico apresentam resultados semelhantes. Observa-se que a amostra para a consoante líquida, nos três trabalhos (P. minas, M. Claros e Ouro Branco), é bastante pequena, o que pode interferir no resultado.

5.1.1.3.2- Abaixamento de /o/

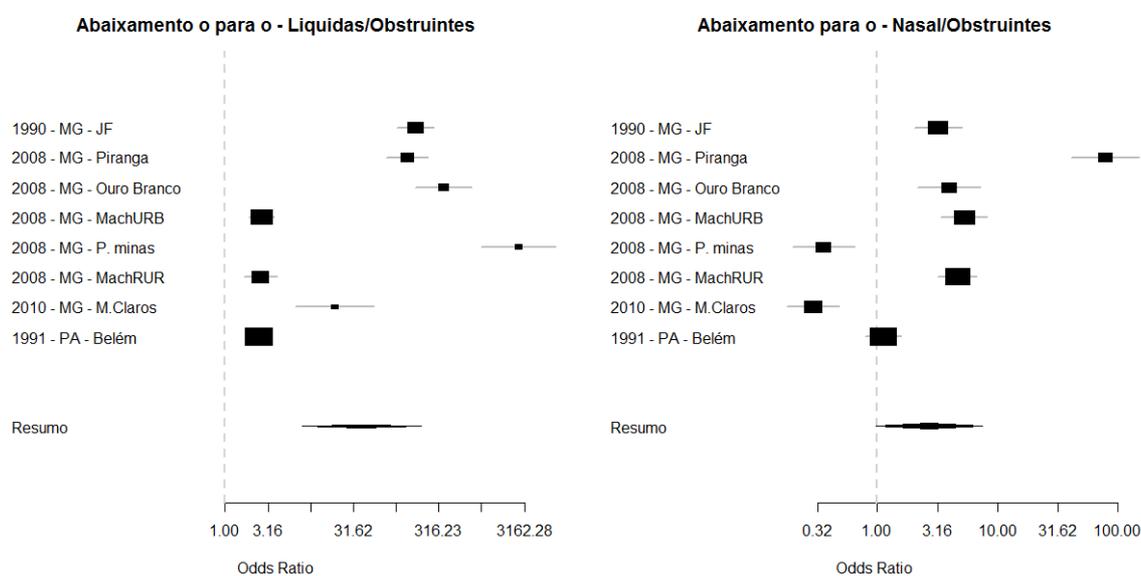
Em relação à média posterior, a diferença significativa é observada para a chance de abaixamento entre os fatores Líquida e Obstruinte, sendo que a chance de abaixamento na vogal “o” no fator Líquida é 39,3 (7,86 – 196,5) vezes a chance do fator Obstruinte e entre os fatores Líquida e Nasal. Importante ressaltar a amplitude do intervalo de confiança, fato este que pode ser ocasionado por uma amostra pequena. A consoante Nasal tem 0,07 (0,01 – 0,39) vezes a chance de favorecer o abaixamento se comparada com uma consoante líquida, como mostra tabela

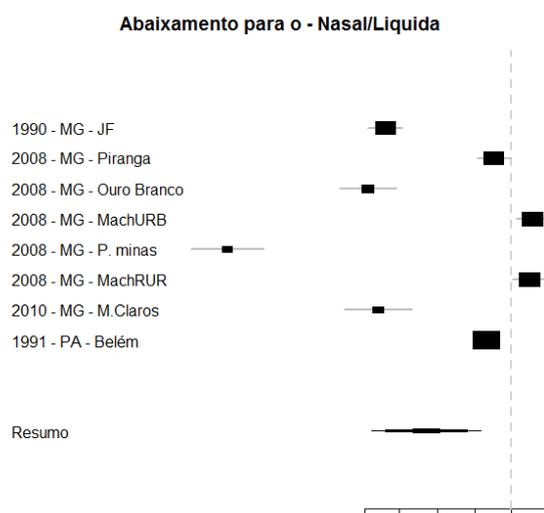
Tabela 8- modo de articulação precedente.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
Líquidas/Obstruinte	39,31	7,86	196,5
Nasal/Obstruinte	2,68	0,97	7,42
Nasal/Líquidas	0,07	0,01	0,39

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Figura 17 - Gráficos As razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “o” entre o modo de articulação do contexto fonético





A figura 19, a seguir confirma que não há diferença significativa para a chance de abaixamento na vogal “o” entre os fatores Nasal e Obstruente apresentada nos gráficos.

Nesse conjunto de gráficos é possível perceber que as amostras são maiores e constatar resultados mais homogêneos. O modo de articulação precedente não se mostra significativo para o abaixamento de ‘o’.

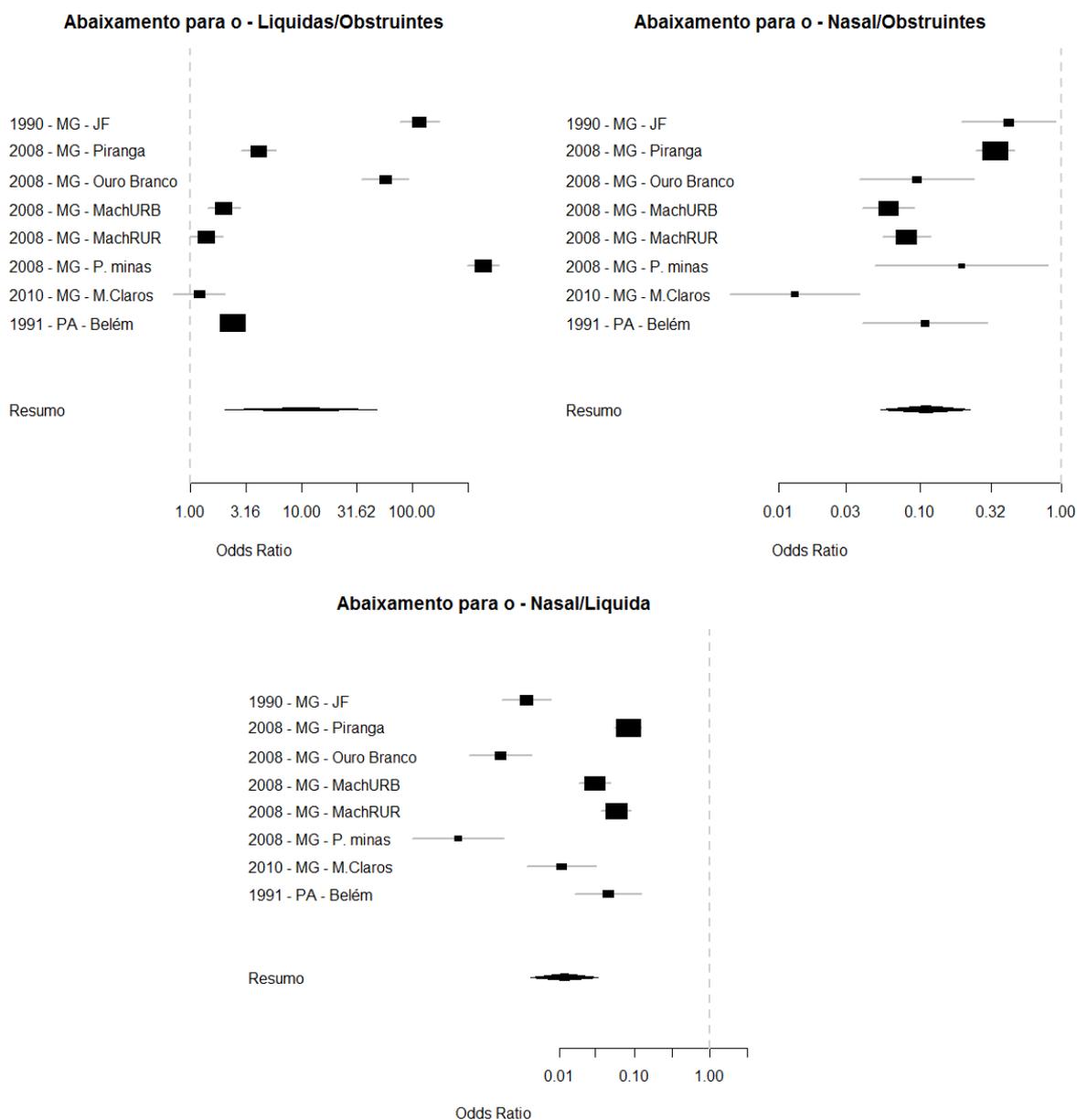
Tabela 9- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “o” entre o modo de articulação do contexto fonético seguinte.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
Líquidass/Obstruente	9,93	2,06	47,93
Nasal/Obstruente	0,11	0,05	0,23
Nasal/Líquidass	0,01	0,00	0,03

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Observa-se no estimador resumo que há diferença significativa para a chance de abaixamento na vogal “o” entre os fatores Líquida e Obstruente, sendo que a chance de abaixamento na vogal “o” no fator Líquidas é 9,93 (2,06 – 47,93) vezes a chance do fator Obstruente. A chance de abaixamento na vogal “o” Nasal é maior do que o fator Obstruente. Também percebe-se a diferença significativa para o abaixamento na vogal “o” entre os fatores Líquidas e Nasal. A consoante nasal seguinte à pretônica, apresenta índice maior de abaixamento: *tomada*, *pomar*, *pomada*.

Figura 18 - Gráficos com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “o” entre o modo de articulação do contexto fonético seguinte.



O modo de articulação, tanto precedente quanto seguinte, se mostraram relevantes para a variação pretônica. Percebe-se que a vogal média posterior se mostrou mais significativa para o abaixamento do que a anterior. O mesmo pode ser observado para o alçamento. Nem todas as pesquisas selecionaram esse fator, ele é mas investigado nas pesquisas mineiras.

5.1.2 - Contexto fonético: ponto de articulação precedente e seguinte

O ponto de articulação das consoantes fora agrupado em dorsal (Dor), coronal (Cor) e labial (Lab). E, como se pode observar nos gráficos seguintes, as pesquisas contemplam mais o ponto de articulação do que o modo, haja vista a quantidade de estudos.

5.1.2.1 Alçamento de e

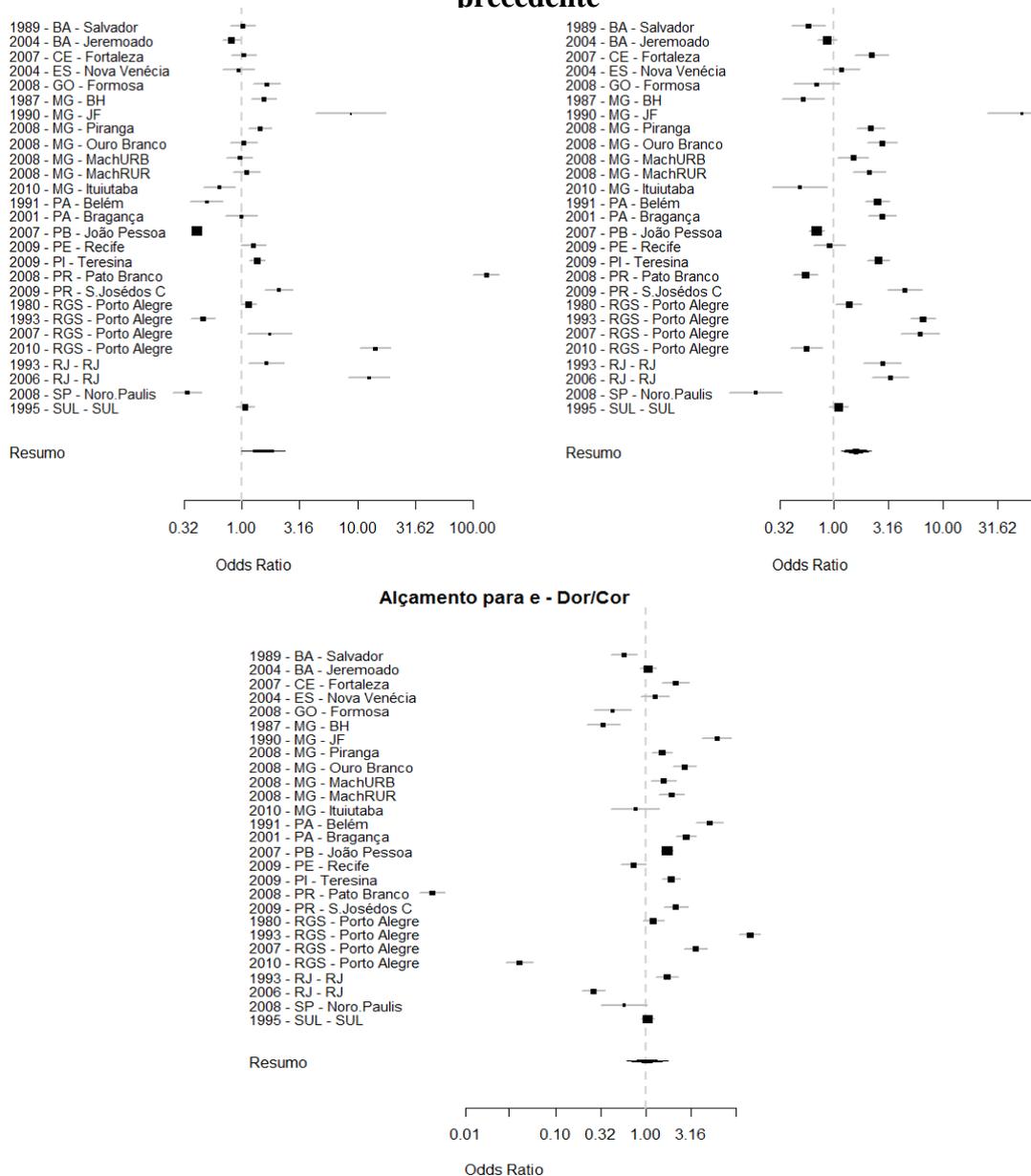
Em relação ao ponto de articulação precedente observou-se a diferença significativa para a chance de alçamento entre o fator Cor e fator Lab (Cor é 1,55 (1,01 – 2,37) maior do que o fator Lab). Também há diferença significativa para a chance de alçamento entre os fatores Dor e Lab, sendo que a chance de a vogal anterior se realizar como alta no fator Dor é 1,60 (1,17 – 2,20) maior do que o fator Lab. Entre DOR e COR não há diferença.

Tabela 10 -Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre o ponto de articulação do contexto fonético precedente.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
Cor/Lab	1,55	1,01	2,37
Dor/Lab	1,60	1,17	2,20
Dor/Cor	1,04	0,61	1,77

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Figura 19 - Gráficos com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre o ponto de articulação do contexto fonético precedente



Através do estimador resumo das razões de chance observamos que os resultados são significativos. Os pares coronais / labiais e dorsais / labiais são mais favoráveis ao alçamento. É notória a quantidade de pesquisas que selecionaram o ponto de articulação como um fator provável de influenciar a variação da pretônica. O que pode ser visto no conjunto de estudos apresentados. A razão pela qual os pesquisadores selecionam o ponto de articulação não é explicitada nas pesquisas. Em geral apenas apresentam-se as variáveis que serão analisadas, descrevendo-as. Bisol (1981), cuja referência muitas vezes é justificada pela

seleção de tal fator, também não explica: A autora diz apenas que “sabendo que as consoantes podem exercer influência sobre as vogais com que vizinham, as que precedem ou seguem a vogal em estudo foram classificadas de acordo com o ponto de articulação (...)” p. 43.

Embora Bisol descreva claramente o que faz com que as consoantes selecionadas favoreçam ou não a elevação das vogais, não há uma contextualização sobre o fato de ela só ter observado o ponto de articulação e não o modo. As demais pesquisas seguem o mesmo padrão, apresentam as variáveis independentes, dividindo-as em estruturais /não estruturais/ ou linguísticas e sociais, descrevem-nas, mas não dá para saber o porquê do uso de tais variáveis e não outras.

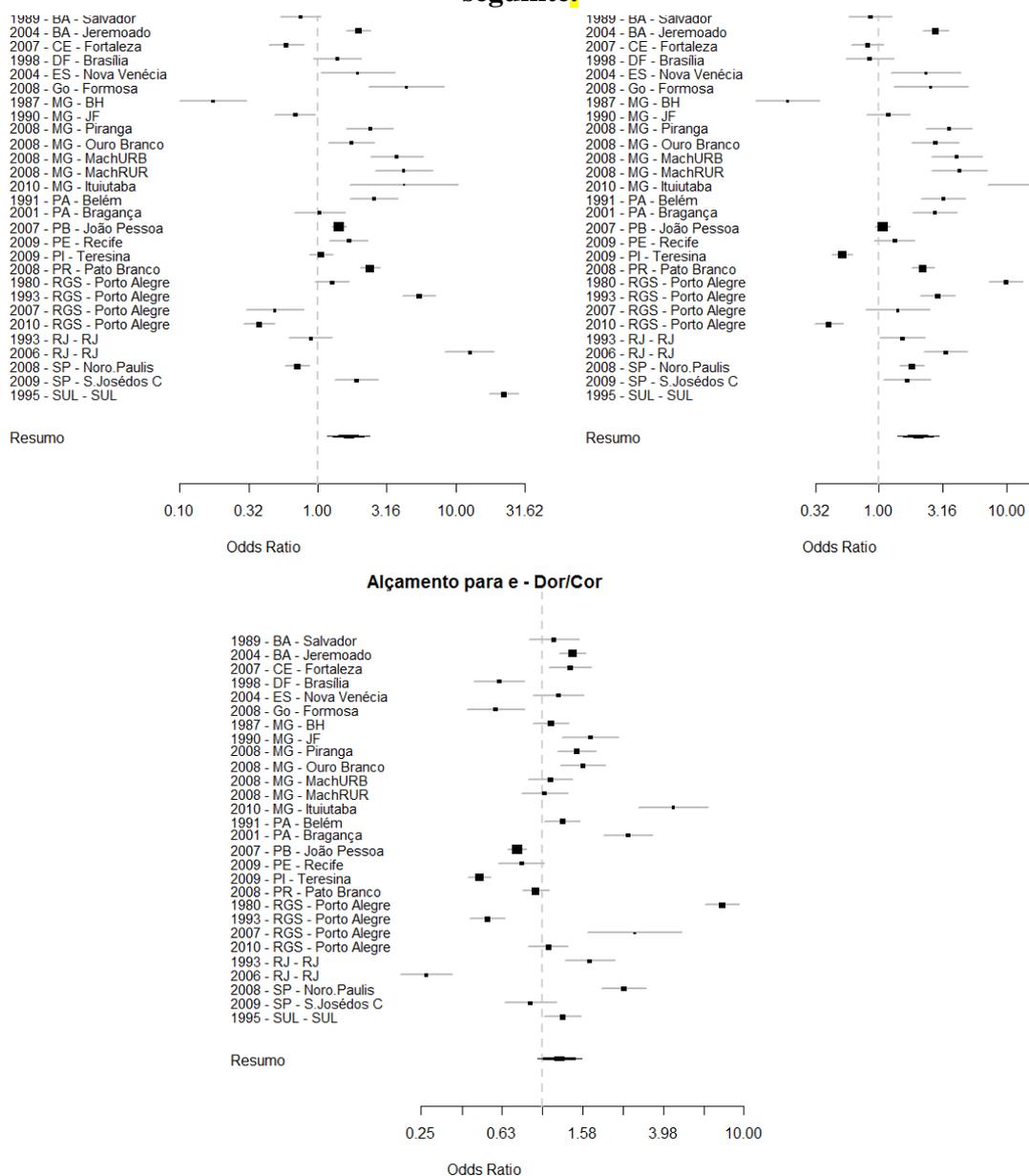
Para o contexto seguinte observa-se diferença significativa para a chance de alçamento entre o fator Cor e fator Lab, sendo que a chance de alçamento na vogal “e” no fator Cor é 1,67 (1,18 – 2,38) vezes a chance do fator Lab. Também foi observada significância entre Dor e Lab, sendo que a chance de alçamento na vogal “e” no fator Dor é 2,03 (1,40 – 2,95) vezes a chance do fator Lab. Entre Cor e Lab não foi observada significância para o contexto seguinte à vogal pretônica.

Tabela 11- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre o ponto de articulação do contexto fonético seguinte.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
Cor/Lab	1,67	1,18	2,38
Dor/Lab	2,03	1,40	2,95
Dor/Cor	1,22	0,95	1,56

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Figura 20 -Gráficos com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre o ponto de articulação do contexto fonético seguinte.



A figura 21 ilustra como os contexto seguinte foi explorado nas pesquisas e com resultados

5.1.2.2 Alçamento de o

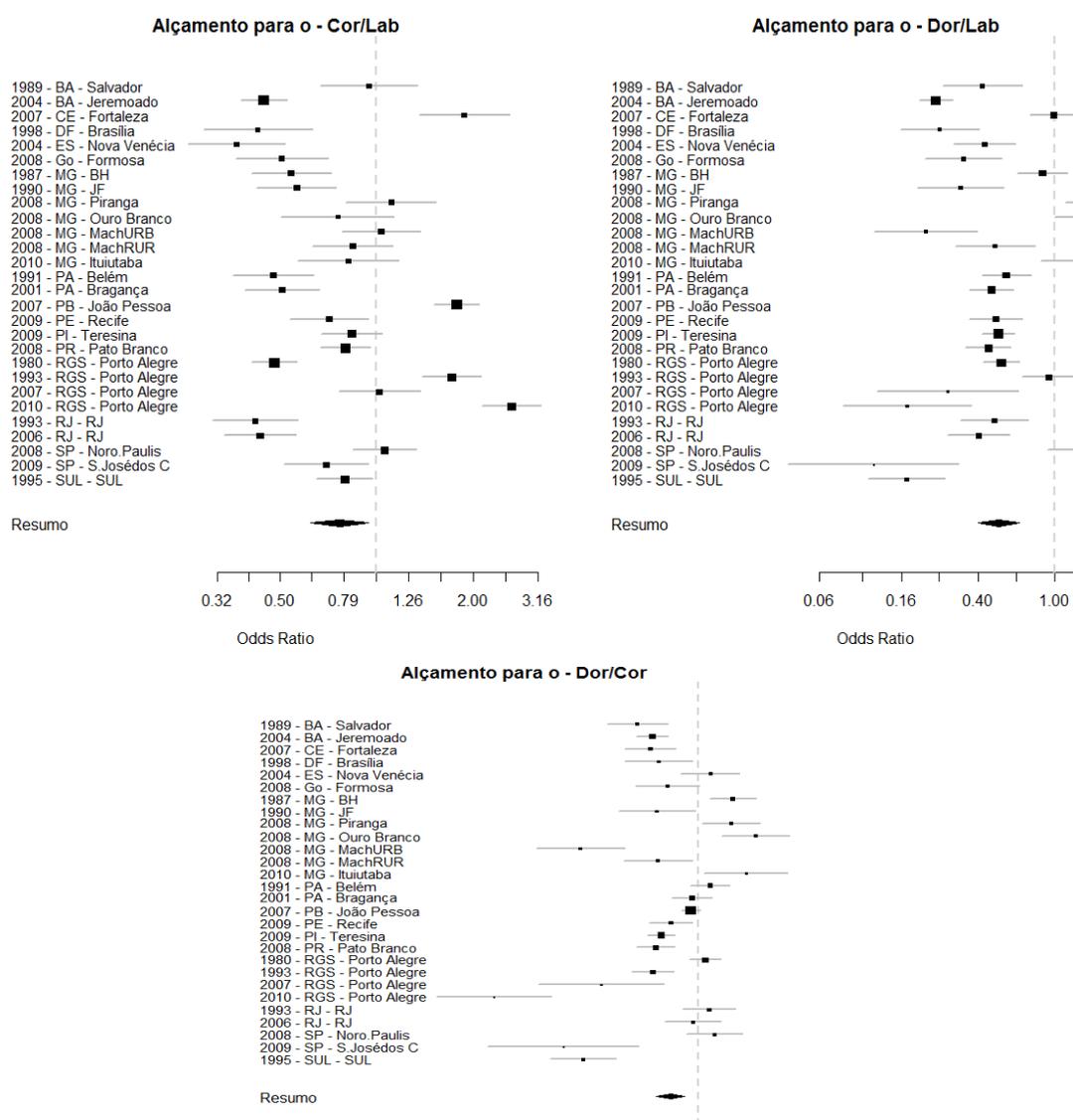
Para o contexto fonético precedente, a figura 22 traz informações gráficas providas de cada estudo referente ao alçamento de /o/ entre os diferentes pontos do contexto fonético precedente. Dessa forma, pode-se verificar, através do estimador resumo das razões de chance, que só o par cor/lab se apresentam como significativos.

Tabela 12- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “o” entre o ponto de articulação do contexto fonético seguinte.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
Cor/Lab	0,77	0,63	0,94
Dor/Lab	0,51	0,40	0,65
Dor/Cor	0,69	0,57	0,84

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Figura 21 - Gráficos - As razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para alçamento de “o” entre o ponto de articulação do contexto fonético seguinte.



A posição do diamante, em cada um dos gráficos, mostra que há diferença significativa para

a chance de alçamento de /o/ entre Cor e Lab, sendo que a chance de alçamento, quando um consoante coronal preceder a pretônica é 0,68 (0,51 – 0,92) vezes a chance de uma consoante labial. Entre os fatores Dor/Lab e Dor/Cor não houve significância.

Quanto ao contexto seguinte foi observada diferença significativa para todos os contextos, sendo que as dorsais e coronais têm mais chance de favorecer o alçamento de /o/ do que as labiais. Como podemos observar na tabela do “estimador resumo” abaixo:

A heterogeneidade dos dados não nos permite avaliar certamente qual contexto seguinte influencia mais a variação pretônica em relação ao alçamento. Veremos agora como esses fatores se comportam para o abaixamento.

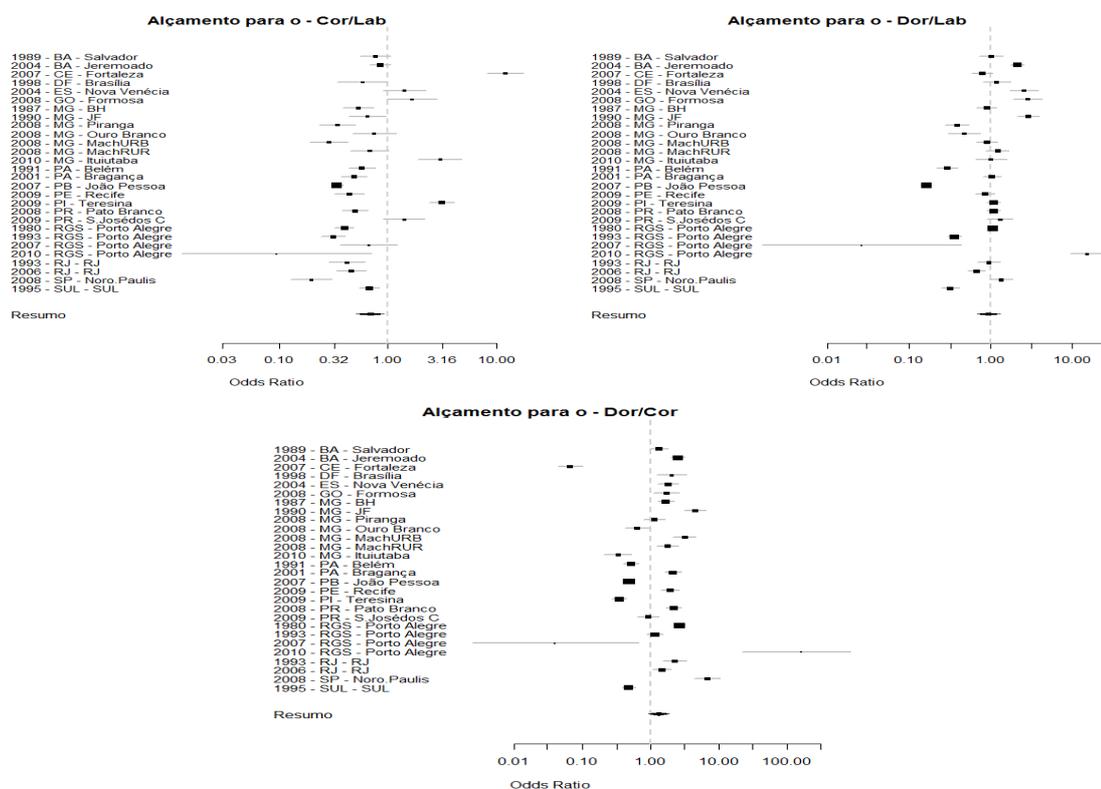
Tabela 13- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “o” entre os pontos do contexto fonético precedente.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
Cor/Lab	0,68	0,51	0,92
Dor/Lab	0,94	0,69	1,29
Dor/Cor	1,30	0,93	1,84

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p- valor<0,001)

Vários estudos testaram o ponto de articulação, como podemos observar na figura 23. As coronais se mostram mais propensas ao alçamento.

Figura 22 - Gráficos com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para alçamento de “o” entre os pontos do contexto fonético precedente.



5.1.2.3 Abaixamento de /e/

Em relação ao ponto de articulação precedente que favorece o abaixamento de /e/, a análise nos mostra que não existe diferença significativa para a chance de abaixamento na vogal em nenhum dos contextos, como observado na Tabela 14. Observamos a diferença significativa para a chance de alçamento na vogal “o” no cruzamento de coronais e labiais. As coronais são mais favoráveis ao alçamento. Não há diferença para os demais contextos. O forest plot abaixo apresenta o ‘diamante’ cortando a linha pontilhada, indicativo de não significância.

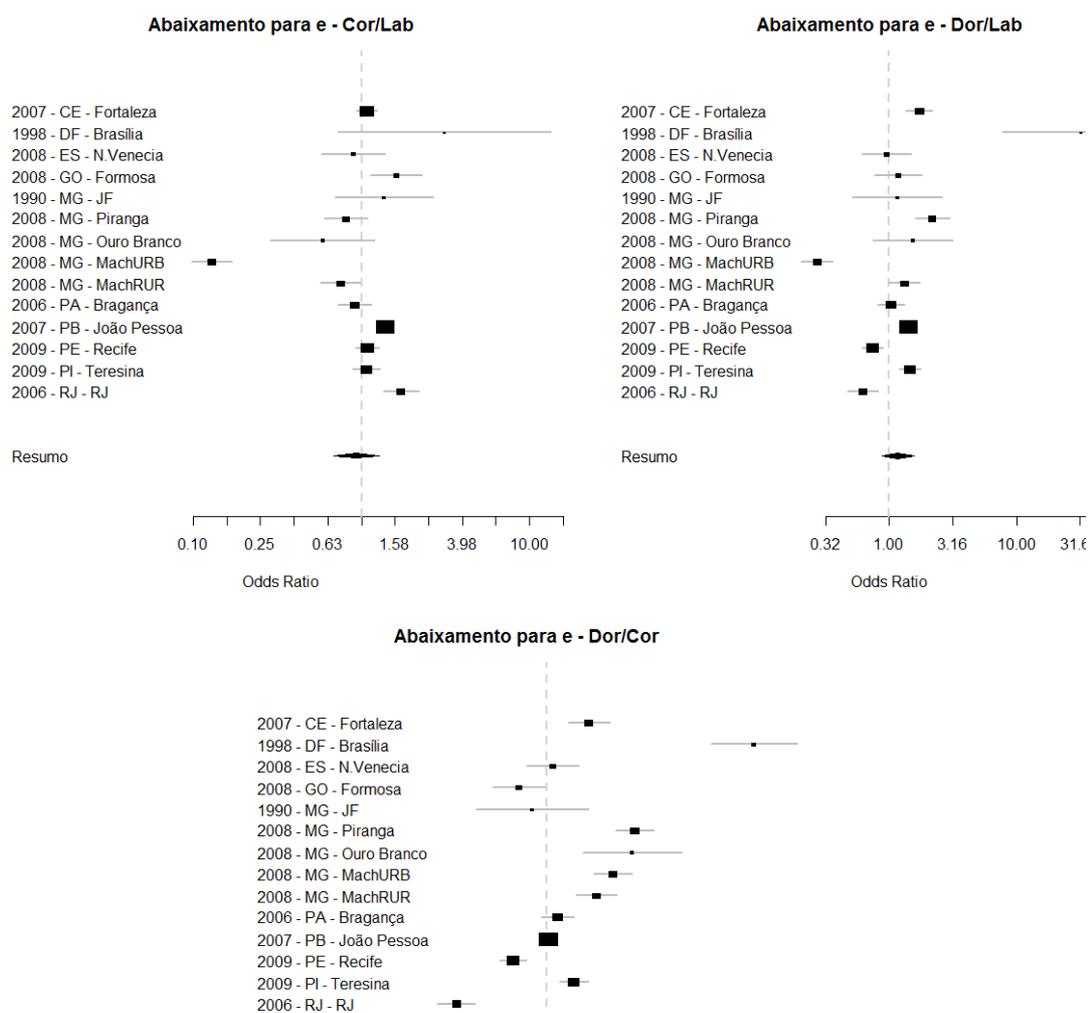
Tabela 7 - Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “e” entre o ponto de articulação do contexto fonético seguinte.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
Cor/Lab	0,93	0,69	1,27
Dor/Lab	1,18	0,87	1,58
Dor/Cor	1,37	1,01	1,86

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-Valor<0,001)

O ponto de articulação seguinte não apresentou diferença significativa para a chance de abaixamento na vogal “e” entre os fatores Lab e Cor, e entre os fatores Lab e Dor, porém existe diferença significativa para a chance de abaixamento na vogal “e” entre os fatores Cor e Dor, sendo que a chance de abaixamento na vogal “e” no fator Cor é 1,37 (1,01 – 1,86) vezes a chance do fator Dor.

Figura 24 Gráficos com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “e” entre os pontos do contexto fonético seguinte.



5.1.2.4 Abaixamento de o

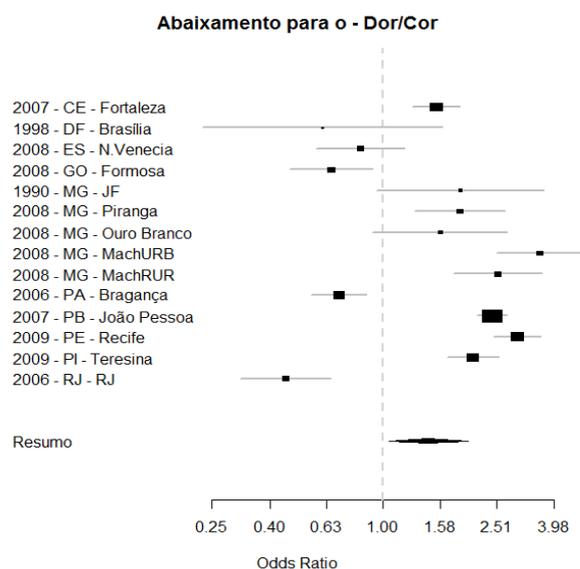
Observando figura 25, percebe-se que não há diferença significativa para a chance de abaixamento de /o/ entre os fatores Lab e Cor. Foi observada significância na chance de abaixamento entre os fatores Lab e Cor, e também entre os fatores Cor e Dor. As consoantes dorsais são as que mais influenciam para o abaixamento da vogal média posterior.

Tabela 8- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “o” entre o ponto de articulação do contexto fonético seguinte.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
Cor/Lab	1,17	0,73	1,87
Dor/Lab	1,68	1,23	2,30
Dor/Cor	1,44	1,04	1,98

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Figura 25 - Gráfico com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “o” entre o ponto de articulação do contexto fonético seguinte.



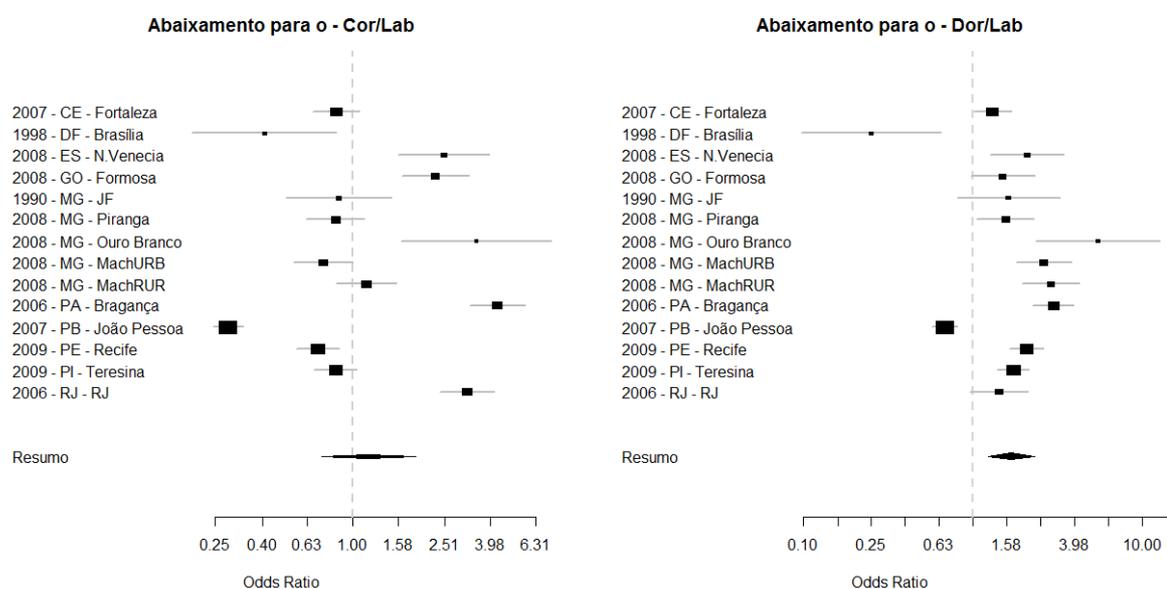
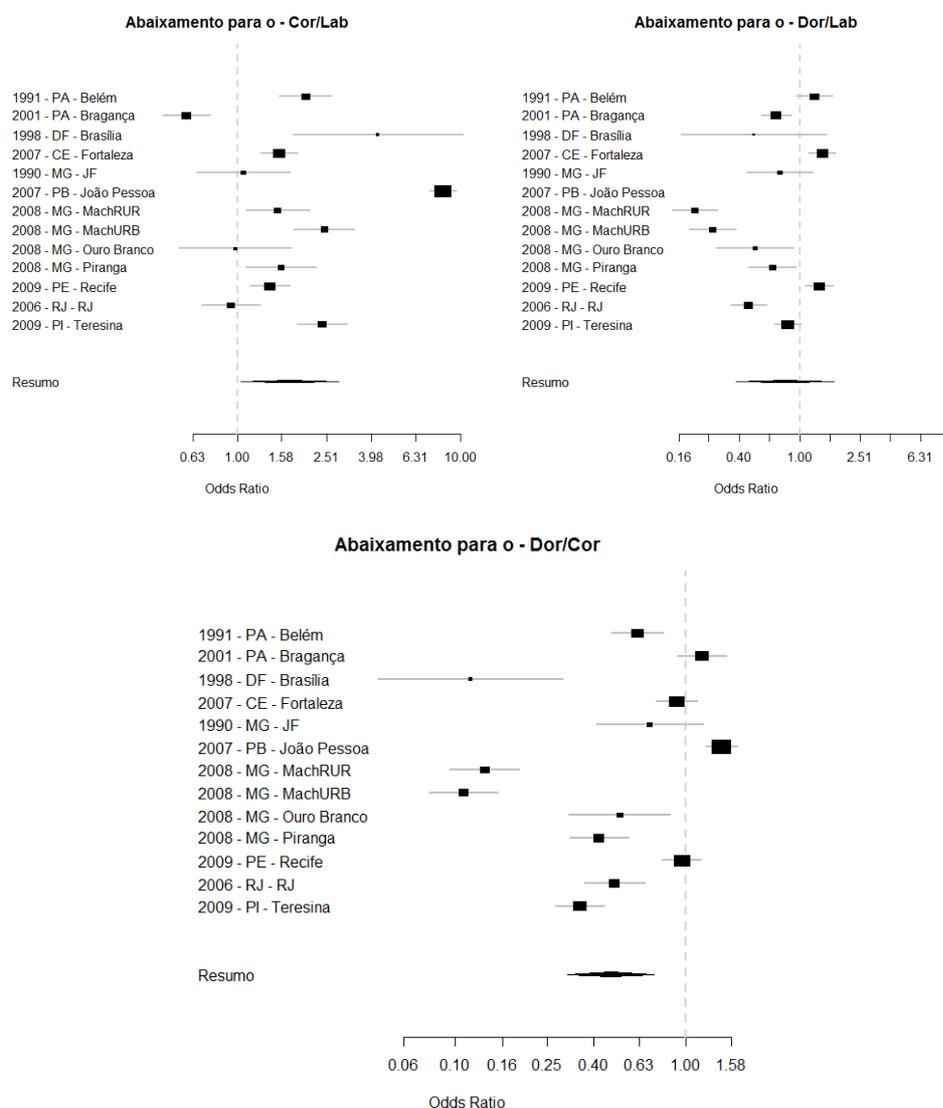


Tabela 9- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “o” entre os pontos do contexto fonético precedente.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
Cor/Lab	1,72	1,03	2,86
Dor/Lab	0,80	0,38	1,69
Dor/Cor	0,47	0,31	0,73

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Figura 26- Gráficos com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “o” entre os pontos do contexto fonético precedente.



5.1.3 Considerações parciais sobre o contexto fonético

Dentre os contextos selecionados e analisados nos trabalhos sobre as vogais pretônicas médias, nenhum deles é condicionador da variação pretônica, seja para o alçamento, seja para o abaixamento. Pode-se dizer que todos, de alguma maneira exerce uma ação sobre estas vogais, no sentido de favorecer a realização variante das mesmas. Em alguns dialetos mais e em outros menos. Coronais, Dorsais e nasais influenciam os dois processos. O *xis* da questão é saber por que algumas consoantes parecem influenciar mais a pronúncia de

vogais altas ou baixas do que outras. Isso nenhuma pesquisa investigou. Outra incógnita dos estudos se refere à seleção dos fatores linguísticos relacionados às consoantes. Além de não haver um padrão sobre o que observar em relação às características do grupo consonantal, não fica claro, nas pesquisas, se que a escolha é aleatória ou segue apenas a tendência de trabalhos anteriores. As análises formais não assumem as consoantes como condicionadoras da alternância vocálica. Cunha (1991:129), comenta, rapidamente, que o timbre fechado da vogal ‘e’ em alguns verbos, pode estar relacionado com a proximidade das consoantes palatais. Bisol (op.cit. p.254), afirma que um contexto com consoante velar seguinte ou precedente raramente favorece o alçamento (*permanente, apertado*), a não ser que tenha uma vogal alta na sílaba tônica. Nos dados de Minas Gerais e nos estudos do nordeste encontramos esse mesmo contexto com as vogais abertas (*n[ɛ]rvosos, p[ɛ]rguntava*). As análises variacionistas avaliam os contextos seguinte e precedente às vogais pretônicas, mas, no final, apenas descrevem aqueles que favorecem ou desfavorecem. A meta-análise mostrou que as análises, em relação às consoantes, são bastante heterogêneas, o que se pode ver pela distribuição dos estudos nos gráficos nos dois lados da linha horizontal pontilhada. Exceto para o abaixamento de /o/ no contexto seguinte, em que todos os estudos apresentaram resultados significativos. A vogal média posterior tende a se tornar baixa se logo em seguida vier uma consoante nasal: *c[ɔ~mércio, agl[ɔ]merado, d[ɔ]méstica, c[ɔ]memoração*.

A heterogeneidade, na meta-análise, é sempre complexa para a análise estatística, pois dificulta uma conclusão mais assertiva sobre o fato, por outro lado, indica para o pesquisador que o fato deve ser melhor observado.

Outro fator linguístico bastante investigado nas pesquisas de cunho variacionista diz respeito à altura da vogal tônica, que será discutido na seção seguinte.

5.2 Altura da Vogal Tônica

Em se tratando de um processo de assimilação, era de se esperar que toda vogal tônica alta ou baixa condicionasse a altura da pretônica, pois de acordo com Câmara Jr. a assimilação do traço de altura da vogal tônica pela vogal pretônica é uma tendência natural da língua. Entretanto, nem sempre isso ocorre. Várias pesquisas investigaram sobre o comportamento das pretônicas em relação à vogal tônica (Bisol, 1981; Viegas, 1987; Battisti, 1993; Schwindt, 1995), além da vogal seguinte à pretônica, independentemente de ser tônica ou não. Como a altura da vogal tônica foi contemplada em mais pesquisas, a meta-análise foi feita apenas com

esse fator. Foram analisados quatorze estudos. Algumas pesquisas categorizam a vogal tônica como: alta, alta nasal, baixa, baixa nasal, média, média nasal (Yaconenco, 1993, por exemplo), outras só como média, baixa e alta (Silva, 2009). Para facilitar a meta-análise, também categorizei desta maneira. Foram três grupos de altura da vogal: alta (i,u,) média (e,o) e baixa (a, ε,ɔ). Nesses grupos entraram as orais e nasais, pois dentre os dados das pesquisas foram encontrados exemplos como *prisunto, disavença comando, recinto, redondeza*, ora alçados ou realizados como média baixa. Foram extraídos das pesquisas o número de ocorrências dessas vogais na sílaba tônica para o alçamento e não alçamento e para o abaixamento e não abaixamento.

5.2.1 Alçamento vogal média anterior

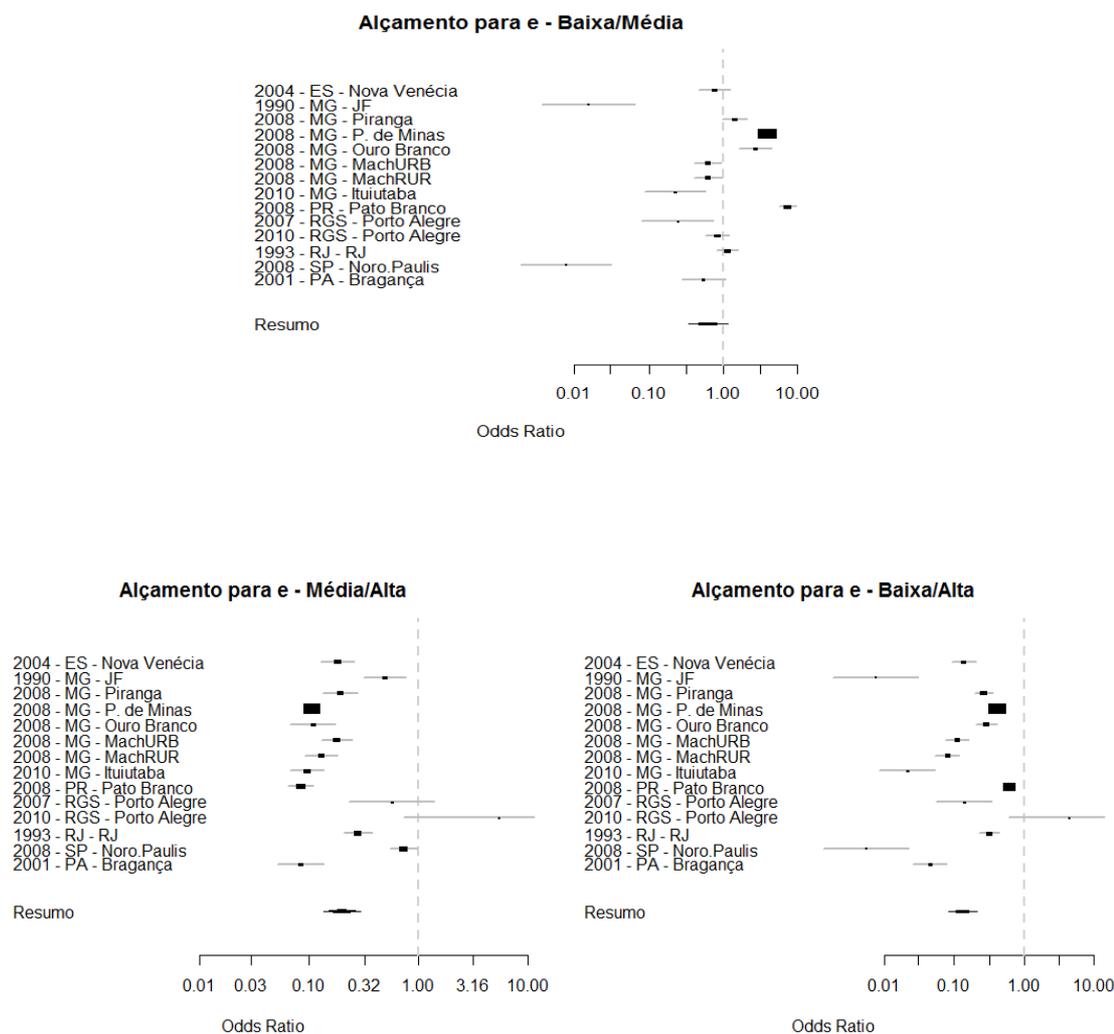
A altura da vogal tônica é citada em várias pesquisas como favorecedora do alçamento, desencadeado um processo de assimilação de altura para a vogal pretônica.

Observa-se, pelos gráficos que não existe diferença significativa para o alçamento quando a vogal tônica é uma Média e Baixa, mas existe diferença significativa entre Alta e Média, sendo que a chance de alçamento quando a vogal tônica é uma média é 0,20 (0,14 – 0,29) vezes a chance da alta. Há diferença, também, altas e baixas, sendo que a chance de alçamento para as baixas é 0,13 (0,08 – 0,21) vezes a chance nas altas. Para os estudos de Porto Alegre a altura da vogal não foi significativa. Há de se levar em conta que os trabalhos lidam com “o alçamento sem motivo aparente”, e a amostra é realmente muito pequena (Klunck, 2007; Cruz 2010) e ainda há o fato de o fenômeno de alçamento não ser representativo nos dialetos do Sul.

Tabela 10- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre a altura da vogal tônica.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
<i>Média/Alta</i>	0,2	0,14	0,29
Baixa/Alta	0,13	0,08	0,21
Baixa/Média	0,62	0,33	1,15

Figura 23 - Gráficos com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para o alçamento “e” entre as alturas da vogal tônica.



5.2.2 Alçamento vogal média posterior

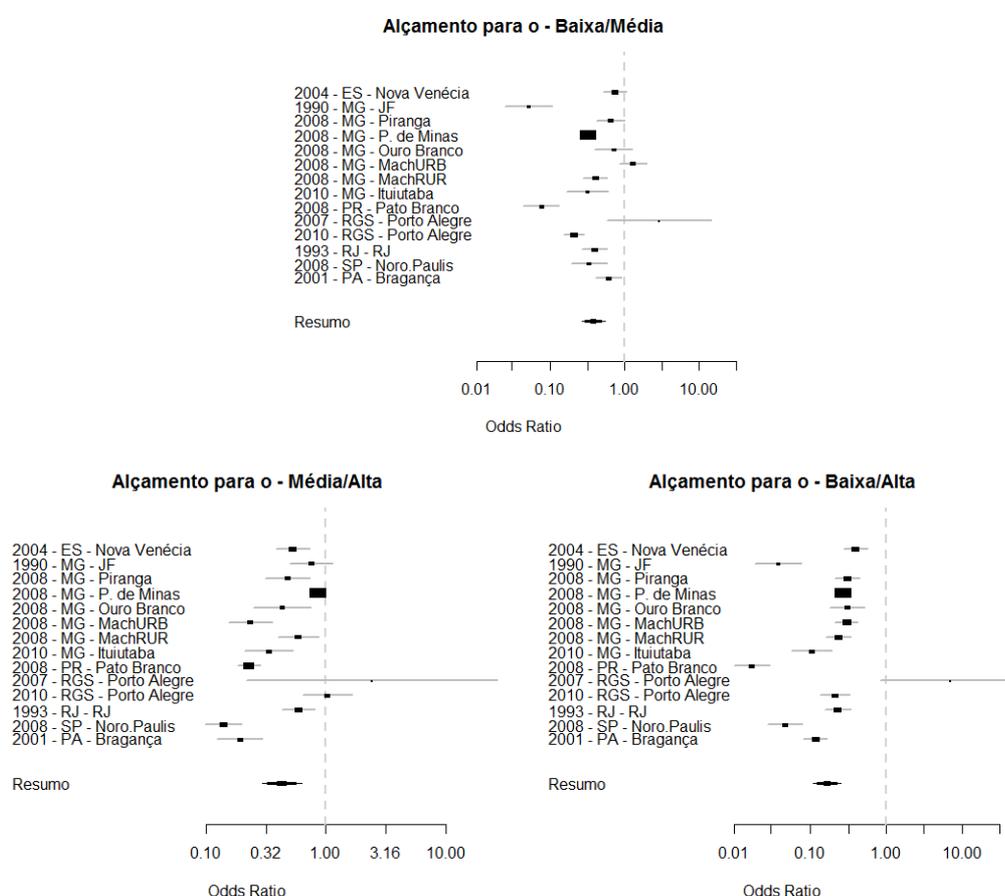
Percebe-se um comportamento bem semelhante entre /e/ e /o/ em relação à altura do vogal, para os dois fenômenos. Há diferença significativa em relação à altura da vogal tônica e todas as vogais atuam no alçamento, isto é, a posição do diamante indica que, de um modo global, o alçamento de /o/ pode ocorrer com qualquer vogal na posição tônica (tanto baixa quanto média ou alta).

Tabela 11- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “o” entre as alturas da vogal tônica.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
Média/Alta	0,43	0,30	0,63
Baixa/Alta	0,17	0,11	0,25
Baixa/Média	0,38	0,27	0,55

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Figura 24 - Gráficos Ocorrência do alçamento de ‘o’ com vogal tônica baixa/média, média/alta e baixa/alta



Observa-se em alguns estudos as linhas horizontais estão maiores, como de Porto Alegre, por exemplo. Estas linhas representam os intervalos de confiança. Quanto maior o intervalo de confiança maior a incerteza na estimativa daquela OR e possivelmente menor é o tamanho da amostra do estudo. O estudo de Bisol (1980) ficou de fora dessa análise porque a autora analisa vogais tônicas altas e não altas, não verifica a influência da vogal tônica baixa, separadamente. Isso ocorre, posteriormente nos estudos sobre ‘o alçamento sem motivação aparente’ (Cruz e Klunck, 2007,2010). Como a análise foi feita contemplando três alturas,

como ocorre na maioria das pesquisas estudadas, não foi possível analisar este estudo. Porém, a autora apresenta na sua conclusão (p.257) que ocorre por assimilação da vogal alta da sílaba imediatamente seguinte, independentemente de ser tônica ou não.

5.2.3 *Abaixamento da vogal média anterior*

O número de trabalhos que tratam do abaixamento cai drasticamente, como se observa nos gráficos. Como já dito, anteriormente, há mais discussões sobre o alçamento. Além de esses estudos serem em menor número, nem todos focalizam essa variável e apenas cinco foram submetidos à meta-análise por contemplarem as características estabelecidas: terem como suporte a teoria da variação, mesmo objeto de investigação e discussão semelhante em relação à seleção dos fatores e análises. Observamos que não existe diferença significativa para a chance de abaixamento na vogal “e” entre as alturas alta e baixa. A diferença está entre as alturas alta e média, sendo que a chance de abaixamento na vogal “e” na altura média é 0,18 (0,08 – 0,41) vezes a chance na altura alta. Há, também, diferença significativa entre as alturas média e baixa, sendo que a chance de ocorrer abaixamento quando a vogal tônica é baixa é 10,43 (2,83 – 38,36) vezes a chance da altura média.

A tese de Silva (2009), embora tenha tido como foco de investigação as vogais médias abertas no dialeto de Teresina, este estudo ficou fora da meta-análise em relação à influência da vogal tônica. A autora, assim como Bisol (op.cit.) não observa a influência da tônica baixa e sim a homorganicidade. Desta forma não foi possível inserir os dados de vogal tônica no programa, tendo em vista a categorização que eu havia feito. E como só encontrei três trabalhos que selecionaram a variável “homorganicidade” (Bisol1980, Shwindt,1995, e Silva,2009) esta variável não foi submetida à meta-análise. Mas, Silva, na sua análise conclui que essa variável parece não ter papel sobre a presença da vogal média aberta na pretônica, e diz, ainda, que “se a emergência da vogal média aberta fosse regida pela harmonização, a homorganicidade seria um fator que favoreceria a aplicação da regra de abaixamento”. E os resultados da pesquisa não mostram isso. Isto é, harmonia vocálica não é o único processo que explica a alternância vocálica. Entretanto, os gráficos abaixo apontam para uma predominância das médias e baixas como favorecedoras do abaixamento tanto de /e/ quanto de /o/, o que se refere ao reagrupamento feito neste trabalho (média se refere à [e] e [ɔ], [o] e [ɛ] e baixa [a], incluindo nasais. O estudo de Teresina mostra ainda, um índice alto de abaixamento com a vogal tônica alta, como v[ɛrdura e f[ɔ]rmiga. Para os estudos que analisaram essa variável, vogais altas na sílaba tônica não apresentaram resultados

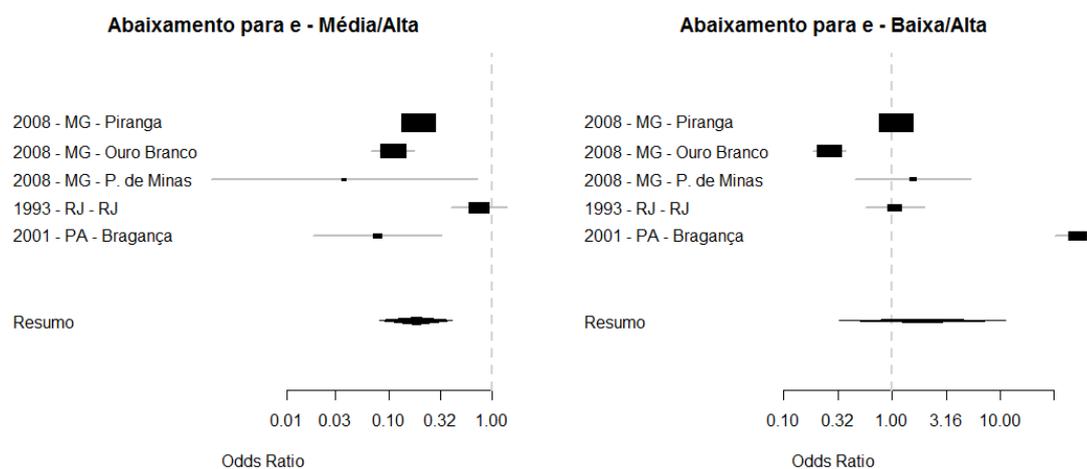
significativos. Nos exemplos apresentados por Silva (op.cit) na pesquisa de Teresina, o abaixamento parece ser mais influenciado pela consoante dorsal seguinte.

Tabela 12- resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “e” entre a altura da vogal tônica.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
Média/Alta	0,18	0,08	0,41
Baixa/Alta	1,89	0,32	11,06
Baixa/Média	10,43	2,83	38,36

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Figura 25 - Gráficos Ocorrência do- abaixamento de ‘e’ com vogal tônica média/alta-e -baixa/alta



5.2.4 Abaixamento da vogal média posterior

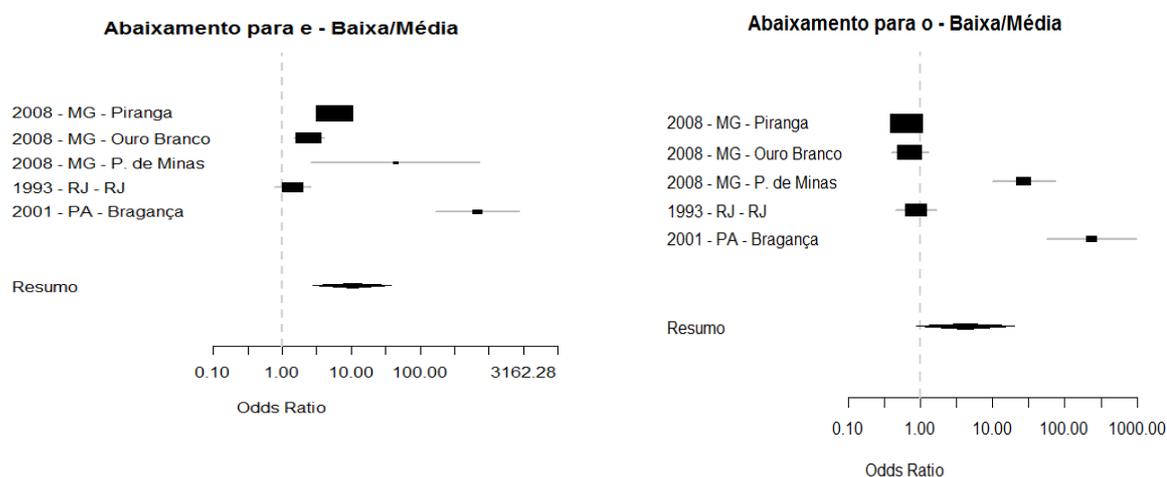
As informações providas dos estudos mostram a vogal da sílaba tônica não é um fator significativo para o abaixamento da pretônica posterior, conforme pode ser visualizado nos gráficos a seguir.

Tabela 13- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “o” entre as alturas da vogal tônica.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
Média/Alta	0,49	0,17	1,41
Baixa/Alta	2,17	0,50	9,47
Baixa/Média	4,23	0,88	20,2

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Figura 26 - Gráficos Ocorrência abaixamento de ‘o’ com vogal tônica média/alta- Gráfico 1-baixa/alta/Baixa Média



O estudo de Bragança apresenta uma amostra pequena de abaixamento, confirmando uma tendência à manutenção da vogal como fechada nos dialetos do Pará (Nina, 1991, Rodrigues, 2005, Santos 2009, entre outros que estudaram dialetos da região). Freitas (2001:108), conclui que as vogais médias em posição pretônica, sofrem variação quando o contexto imediatamente seguinte é vocálico, independente da altura e da tonicidade. No estudo de Pará de Minas, embora a amostra tenha um peso pequeno, a vogal média na sílaba tônica se mostrou relevante para o abaixamento. Parece evidente que, por assimilação, quando a vogal é [+alt] haja mais chance de a pretônica ser alta, mas isso não é condição mister.

2.5 Considerações parciais sobre a altura da vogal

Alguns trabalhos analisam as vogais orais separadamente em relação à pretônica (Estudo JF, Fortaleza); outros, além dessas analisam as nasais (Ouro Branco e Piranga e P. Minas). Viana (2008), no estudo de P. Minas, único que analisa as vogais orais, especificamente, diz que a nasalidade da vogal tônica inibe o alçamento. Sua análise mostra ainda, que não há diferença significativa entre vogais orais e nasais para a variação da pretônica. Observando os gráficos (número dos gráficos), tanto para o alçamento quanto para o abaixamento, constata-se, conforme pesquisas anteriores (Sândalo, 2012), que a harmonia vocálica pode ocorrer com vogais altas e baixas. Os resultados meta-analíticos para os dois fenômenos analisados não são diferentes, mas as amostras para o alçamento são maiores do que para o abaixamento. Observa-se mais homogeneidade para o alçamento de /o/ em relação à influência das vogais tônicas médias e baixas. Apenas os estudos do Sul mostram a atuação de vogais altas. Os resultados de /e/ são mais heterogêneos para o alçamento. As vogais tônicas médias/baixas não foram significativas para o alçamento /e/ e as baixas /altas não foram significativa para o abaixamento, o que confirma a harmonia. Não existe um tipo de vogal tônica que influencia a alternância da pretônica e sim uma tendência pela vogal alta. Nos dados dos autores encontramos formas variantes da pretônica com todas as vogais em posição tônica, oral ou nasal (s[u]taque, f[ɔ]rmiga, v[ɛ]rdade, v[i]ludo, g[ɛ]rente, pr[ɔ]núncia, h[ɔ]rizonte p[i]dinte, imp[ɔ]rtante, m[ɛ]leca, b[u]neca, pr[ɔ]nuncia).

5.3 Atonicidade

A natureza da vogal pretônica também foi um dos fatores presentes em boa parte das pesquisas analisadas. A finalidade é verificar se a atonicidade da vogal pretônica interferiria na sua realização. Bisol (1981) e outras pesquisas seguintes constataram que, em relação ao alçamento, quando a pretônica é átona é mais propensa à elevação.

Para fazer a análise da atonidade, organizei os resultados em dois grupos: átona permanente (ATP) e átona casual (ATC). Dos trabalhos analisados, quatorze investigam a atonicidade em relação às duas pretônicas, destes, a maioria divide a atonicidade em dois grupos: ‘permanentes’, quando há preservação da pretônica em todo o processo de derivação (*c[o]mércio, c[o]merciante, c[o]mercial*)⁵¹ e ‘casual’, quando há alteração no timbre da vogal

⁵¹ Exemplo de Castro, 1990:137

no processo derivacional, como b[ε]lo, bel[e]za. O grupo da atonicidade casual apresenta algumas variações, há autores que faz uma subdivisão entre casual baixa, médias e variável (Célia, 2004, no estudo de Nova Venécia e Castro, 1990, no estudo de Juiz de Fora-JF) Castro(1990) divide em casual com altura e sem altura. Preferi manter os dois grupos: ATP e ATC, as subdivisões foram agrupadas e somadas.

5.3.1 Alçamento “e”

O fator atonicidade, foi discutido em Bisol, 1981 e em várias pesquisas seguintes (Célia, 2004, Araújo, 2009, etc). Segundo Bisol, a pretônica mais suscetível de ser atingida pela regra de elevação é a que preserva o caráter de atonicidade, isto é, se a vogal tônica da palavra primitiva é baixa ou alta, na sua derivada, a vogal pretônica tende a se conservar como baixa ou alta (f[ɔ]ra/ f[ɔ]rinha)⁵², nesse caso, denominada de átona permanente (ATP). E quando há oscilação no processo de derivação entre baixas e fechadas ou altas e fechadas, diz-se que ocorre atonicidade casual (ATC): cobre/c[ɔ]brado; fecha/f[ε]cha.⁵³

Pode-se dizer que para o alçamento de /e/ a chance de alçamento na ATC é 0,56 vezes (0,36 – 0,87) vezes a chance de alçamento de /e/ na ATP, conforme pode ser visualizado na tabela 15

Tabela 14- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre a atonicidade.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
ATC/ATP	0,56	0,36	0,87

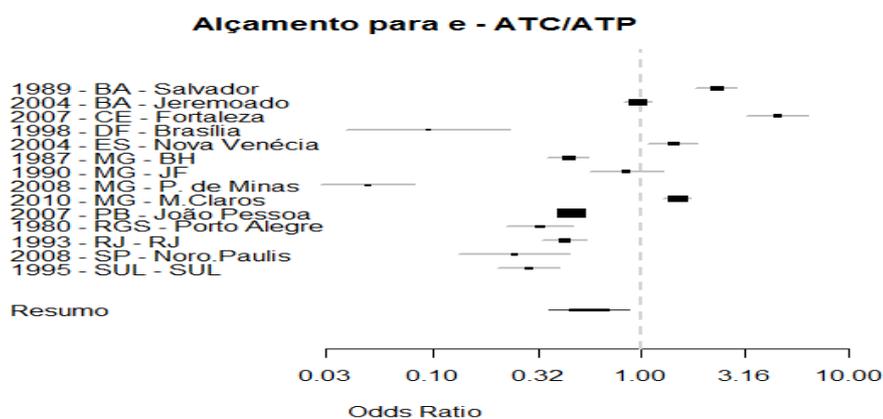
Teste de Woolf para Homogeneidade (p-valor<0,001)

Dentre os trabalhos arrolados na análise, oito deles apresentaram resultados significativos para a influência da atonicidade casual no alçamento de /e/.

⁵² Exemplo de Bisol, op.cit, p. 257)

⁵³ Exemplo de Araújo, p. 30

Figura 27 - Gráfico Ocorrência do alçamento de ‘e’ com atonicidade casual/atonicidade permanente



A quantidade de estudos que evidenciam que a atonicidade casual favorece mais o alçamento do que a atonicidade permanente, mas os resultados não são homogêneos. Para Bisol (1981), Silva (1989) e Viegas (1987), a atonicidade casual favorece /e/ e permanente /o/. Há uma diferença em relação aos resultados da meta-análise, pois os resultados das pesquisas utilizadas nesta tese apontam para a átona permanente atuando como favorável ao alçamento e, ao observar o gráfico da figura 31., percebe-se que a tendência é para a atonicidade casual. Em geral, os estudos apontam para um comportamento variável da atonicidade e apresentam efeitos diferentes. Nesse caso tivemos de utilizar o modelo aleatório para produzir um valor médio para tais estimativas para a variabilidade.

5.3.2 Alçamento “o”

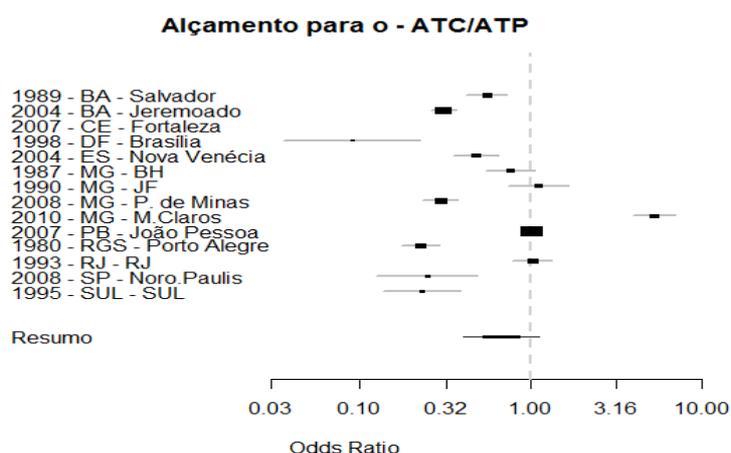
Em relação à vogal média posterior, , percebemos que o “diamante” começou a cruzar a linha pontilhada, indicando que, de modo geral, a atonicidade não é significativa para a elevação da vogal média posterior. As amostras que têm maior peso, como o estudo de João Pessoa (J.Pessoa) está bem no meio da linha pontilhada, o que mostra que a atonicidade não é significativa para o alçamento das vogais pretônicas nesse dialeto.

Tabela 15- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “o” em relação à atonicidade.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
ATC/ATP	0,67	0,4	1,11

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Figura 28 - Gráfico Ocorrência do- alçamento de ‘o’ com atonicidade casual/aticidade permanente



Observa-se no gráfico que há uma tendência para a atonicidade casual o que reforça a variação nas ocorrências. Apenas em Montes Claros foi encontrado significância para a atonicidade permanente. Tondinelli (2010:118) constata que a átona permanente favorece o alçamento. A sua amostra para a átona permanente é bem menor do que para a átona casual. Dos 2704 dados, 667 era de palavras com átona permanente e 2037 com átona casual.

5.3.3 Abaixamento “e”

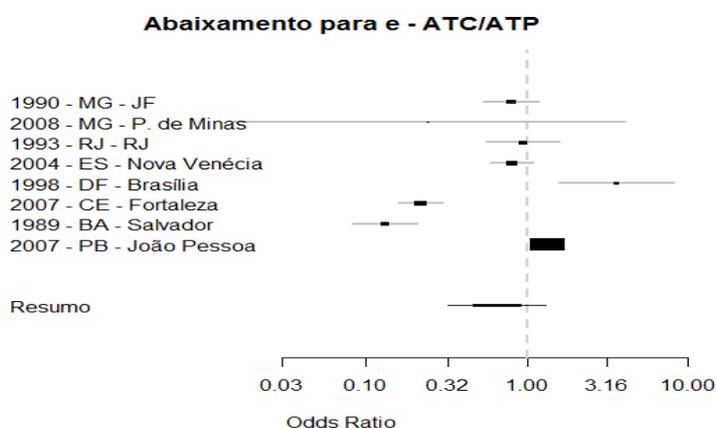
Apenas metade dos estudos que investigaram esse fator para o alçamento o fizeram para o abaixamento. A conclusão é que atonicidade não se mostrou significativa para o fenômeno de abaixamento nem de /e/, conforme pode ser visualizado no gráfico 55 e nem de /o/, conforme pode ser visualizado na figura 33

Tabela 16- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “e” entre as atonicidades.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
ATC/ATP	0,65	0,32	1,29

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Figura 29 - As razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para o abaixamento “e” em relação à atonicidade.



5.3.4 Abaixamento “o”

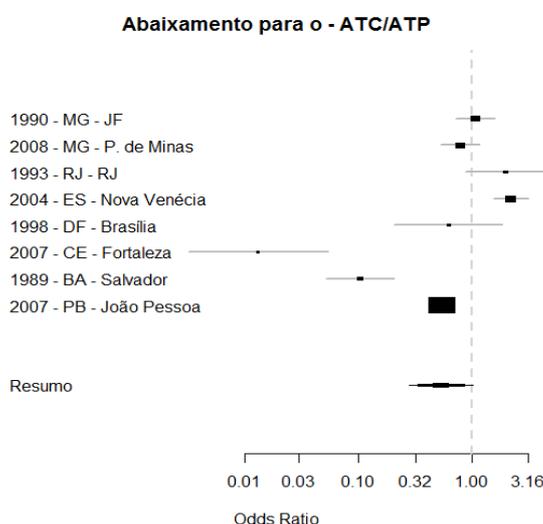
Pode-se observar no gráfico a seguir que, embora alguns estudos apresentem relevância para a atonicidade, no geral esta significância não foi observada. É importante ressaltar o pequeno tamanho amostral, que pode ter sido um fator que influenciou a estimativa geral da meta análise neste caso, apresentando resultados diferentes do esperado.

Tabela 17- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “o” em relação à atonicidade.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
ATC/ATP	0,54	0,28	1,02

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Figura 30 - Gráfico para abaixamento de “o” com atonicidade. Casual/ atonicidade permanente



Dentre os trabalhos que investigaram o abaixamento pretônico, apenas as pesquisas do nordeste aparecem à esquerda da linha pontilhada, demonstrando que esse fator se mostrou relevante nestes dialetos. A dissertação sobre o dialeto de João Pessoa apresentou maior peso, também é a pesquisa com o número maior de dados analisados. Pereira (2007:71) verificou índices altos para as variantes [i] e [u] quando a pretônica é alta permanente.

5.3.5 Considerações parciais sobre a atonicidade

A preservação da característica átona da vogal não parece influenciar a alternância em posição pretônica. Como observamos nessa seção, apenas para o alçamento de /e/ os resultados se mostraram significativos. Em relação à vogal média posterior o resultado não foi significativo nem para o alçamento, nem o abaixamento.

5.4 Distância

O fator distância foi bastante investigado, mas, para o alçamento, só analisei quinze pesquisas. Em alguns casos, porque o próprio programa utilizado pelo pesquisador acabou descartando tal fator por considerá-lo não relevante, como no estudo de Fortaleza, por exemplo. Outros pelo fato de não seguir os critérios estabelecidos para a meta-análise sobre esse fator (observar de 3 a mais distâncias, os dois fenômenos e as duas vogais). Para a análise os dados sobre a distância entre a vogal tônica e a pretônica alvo foram organizados em três grupos: D1 (distância 1 – a pretônica está na primeira sílaba antes da tônica= perigo), D2 (segunda sílaba antes da tônica=perigoso) e D3 (terceira ou mais antes da tônica= perigosamente).

5.5.1.1 Alçamento “e”

Conforme pode ser percebido na tabela 19, não foi observada diferença significativa para a chance de alçamento de /e/ entre as distâncias 2 e 3; mas foi observada uma diferença significativa nos casos D2/D1 e D3/D1.

Tabela 18--Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre as distâncias.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
D2/D1	1,9	1,14	3,16
D3/D1	2,85	1,47	5,54
D3/D2	1,53	0,93	2,52

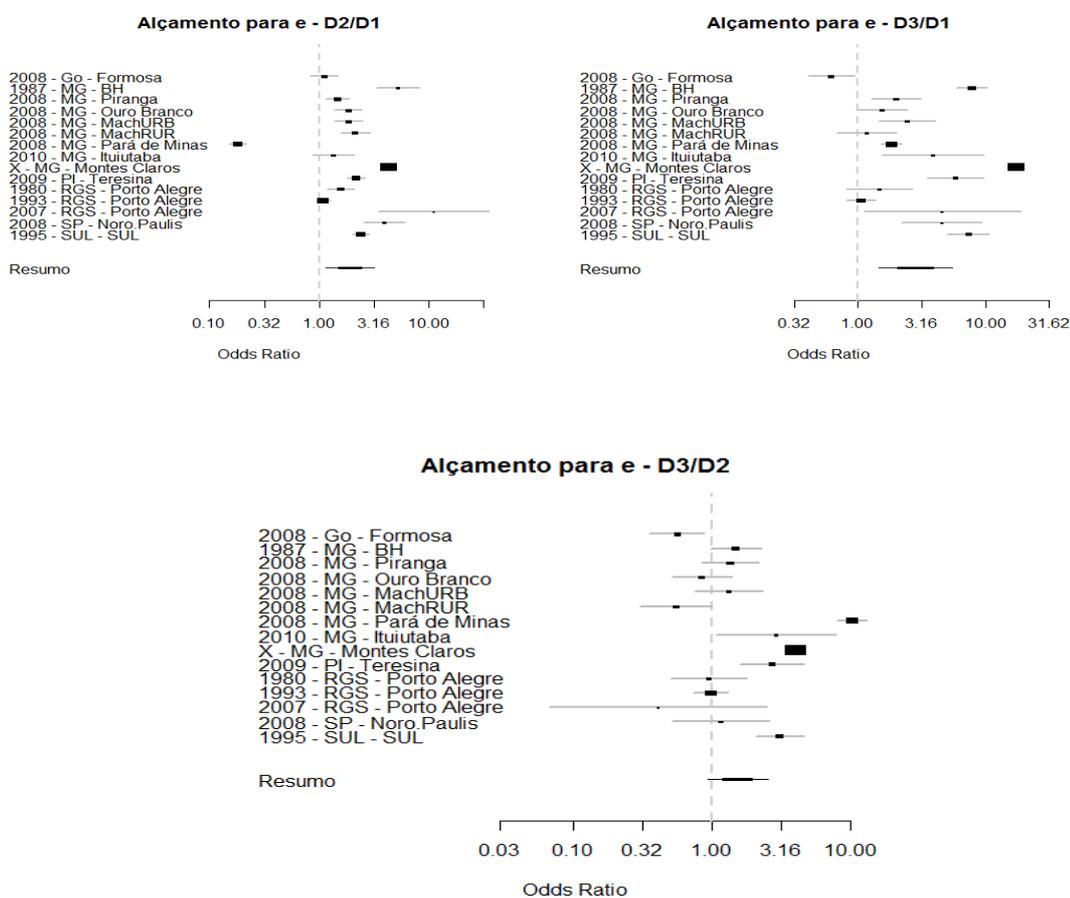
Teste de Woolf para Homogeneidade (p-valor<0,001)

Pela análise dos gráficos na figura 31 é possível observar que muitos trabalhos cruzam a linha pontilhada. A diferença é marcada entre D1 e D2 e D1 e D3, fato que já havia sido exposto nos resultados da tabela 19. No estudo de Pará de Minas (P. Minas), o gráfico mostra que o alçamento é mais significativo na distância 2 do que na distância 1, o que se confirma em Vianna(2008:82). Os resultados para os estudos que compararam a D1 são bem mais homogêneos, mostrando que a proximidade com a vogal tônica influencia o alçamento.

Analisando os resultados dos gráficos na figura 35 , observa-se que não houve diferença significativa para as distâncias 2 e 3. A amostra de Montes claros é bem representativa e nesse estudo a autora mostra que a distância 2 é a que favorece o alçamento de /e/ (p.103). No estudo de Teresina, Silva (2009), não consegue estabelecer uma conclusão sobre o resultado da distância, segundo a autora a tendência é que as vogais fiquem fechadas quando próximas da tônica (p.168).

5.5.1.2 Alçamento “o”

Figura 31 - Gráficos Ocorrência do alçamento de ‘e’ para a distâncias 02/01, 03/01/ e 03/02 -

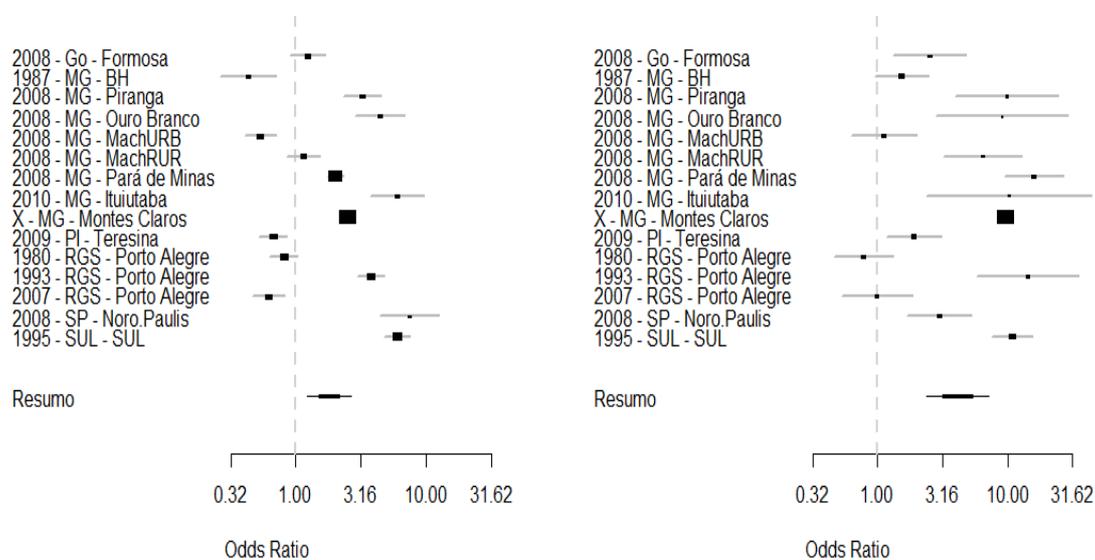


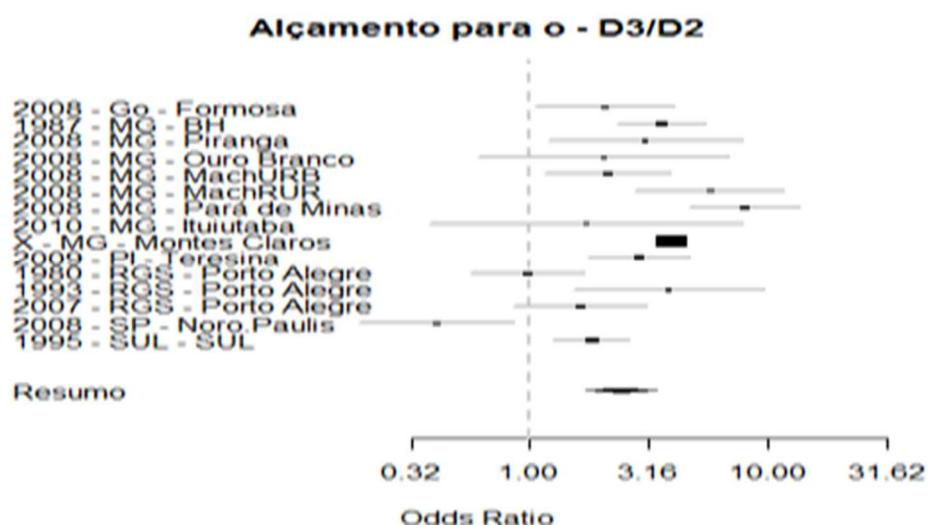
Para o alçamento da vogal posterior, todas as distâncias se mostraram significativas, conforme pode ser observado na tabela 19.

Tabela 19- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “o” entre as distâncias.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
D2/D1	1,8	1,22	2,68
D3/D1	4,12	2,38	7,11
D3/D2	2,41	1,72	3,39

Figura 32 - Gráficos alçamento de 'o' com distância 2/1-, 3/1e distância 3/ 2





O estudo de Montes Claros apresenta uma amostra com peso maior e a distância 1 como mais favorecedora para o alçamento de /o/, conforme Tondinelli (2010:118). Observa-se na figura, uma certa homogeneidade para a distância 2.

5.5.1.3 Abaixamento “e”

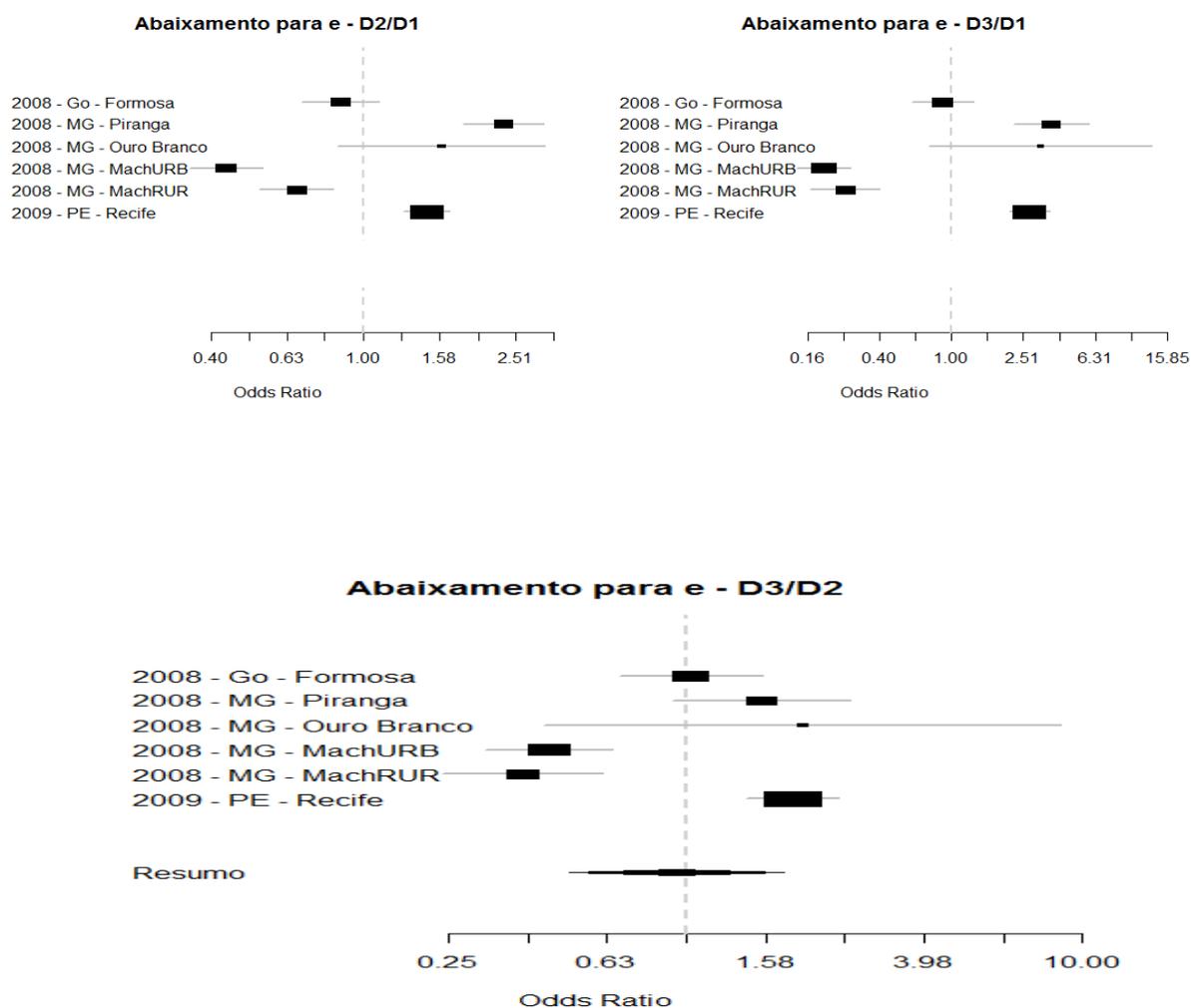
O Fator Distância para o abaixamento, foi investigado em dez pesquisas, mas apenas seis foram submetidas à meta-análise porque não contemplaram as três distâncias (como o estudo de João Pessoa), ou só analisou a distância para uma das vogais (estudos de Bragança e Belém- estes estudos só analisaram a pretônica/e/). Outra pesquisa que ficou de fora para esse fator foi a de Pará de Minas, pois não houve dados para a distância 3. A marca no final cruzando a linha pontilhada mostra que o fator distância não foi significativo para o abaixamento da pretônica nas pesquisas em geral.

Tabela 20- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “e” entre as distâncias.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
D2/D1	1,04	0,63	1,72
D3/D1	1,01	0,34	3,01
D3/D2	0,94	0,51	1,75

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Figura 33 - Gráficos Ocorrência- abaixamento de 'e' com distância 2/1, 3/1 e 3/ 2



Na figura 34, observamos amostras grandes para a distância em relação ao abaixamento, entretanto esse fator não se mostrou significativo, comprovando que o tamanho da amostra não influencia no resultado significativo.

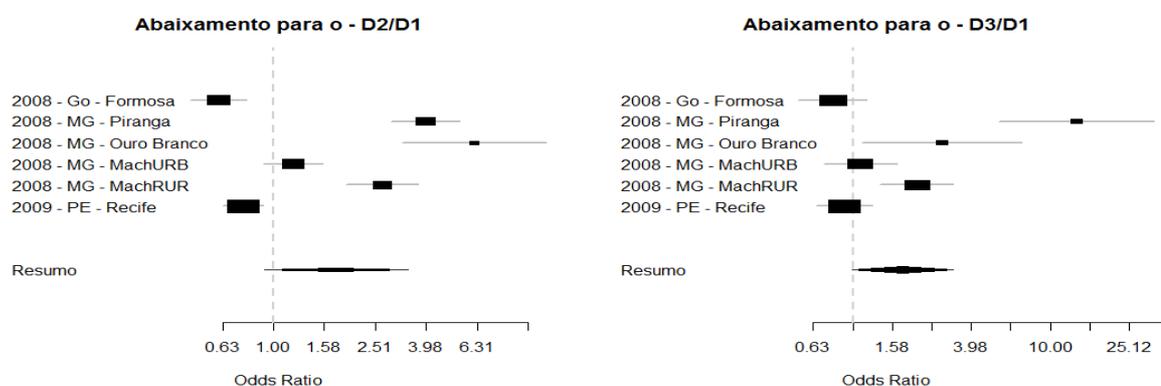
5.5.1.4 Abaixamento “o”

O abaixamento de “o” em relação à distância também não se mostrou significativo. Os resultados são muito parecidos. Nota-se uma pequena diferença em relação ao cruzamento da D3 com D1 e D2.

Tabela 21- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “o” entre as distâncias.



Figura 34 - Gráficos Ocorrência abaixamento de ‘o’ distância2/, 1/ , 3/1 e 3/2



Para a distância 2 e 3 todos os estudos cruzam a linha pontilhada e o diamante, em tamanho maior mostra que esse fator não é significativo para o abaixamento de /o/ em posição pretônica. O “diamante” indica o efeito médio obtido através da combinação dos seis estudos que analisaram o abaixamento. Cada estudo fornece uma informação individual, representada pelo quadrado, como as informações obtidas pelos estudos podem diferir (alguns estudos são maiores do que outros), através da combinação de todos, tem-se um resultado mais próximo do que realmente acontece no processo de variação. Assim, o tamanho do diamante indica o peso resumo da amostra dos estudos e estar exatamente no meio da linha pontilhada mostra que a distância 2 e 3 não faz diferença para esse fenômeno.

5.4.5. Considerações parciais sobre a distância entre a vogal pretônica e a tônica

Os resultados em relação à distância entre a pretônica e a sílaba tônica, no que diz respeito ao processo de variação são distintos. Em relação ao alçamento a distância é um fator favorável,

mas para o abaixamento não. Mesmo tendo um número pequeno de pesquisas analisadas, ainda assim se constata heterogeneidade dos resultados.

5.5 Os fatores sociais

Os fatores sociais, por serem o ponto central das pesquisas sociolinguísticas, foram investigados em todos os trabalhos. Observei que não há um padrão sobre quais e quantos fatores selecionar, pois nem todos os pesquisadores utilizam o grupo de fatores sociais proposto em Labov (1972). Entretanto, a escolaridade, gênero e faixa etária estão sempre presentes. Algumas pesquisas contemplam os seguintes fatores: zona de residência ou região (estudos de Brasília, Pará, RJ), classe social e estilo da fala (estudos de MG), renda (estudo de Bragança- Pará) escolaridade, gênero e faixa etária (todas as pesquisas). Sendo assim, apenas esses três últimos fatores foram submetidos à meta-análise, pois cumprem o critério de recorrência, imprescindível para a análise meta-analítica. Na sequência, esses fatores serão analisados.

5.5.1 Escolaridade

O nível de escolarização do informante é um dos preceitos de uma pesquisa sociolinguística e, de acordo com Freitag (2009), é o fator de estratificação social que mais apresenta comportamento irregular e pouco previsível em fenômenos de variação, mas mesmo assim as pesquisas partem do pressuposto de que os fenômenos de variação linguística são afetados pela escolarização. A autora trata de níveis gramaticais, como concordância verbal e nominal, por exemplo, o que acredito pode ser influenciado pelo grau de escolaridade. No caso da variação vocálica, os resultados das pesquisas foram bastante heterogêneos e, de um modo geral, não é possível precisar a significância desse fator. Alguns pesquisadores concluem que o nível de escolaridade não influencia na realização das pretônicas, outros, entretanto, já associam esse fator ao processo variável das vogais médias. Silva (2009), no estudo de Teresina, afirma que o grau de instrução do falante não exerce qualquer influência sobre a pronúncia de cada variante do dialeto. No estudo de Formosa (GO), Graenbin (2008), já aponta o fato de o nível escolar maior, favorecer a realização de vogais médias fechadas, em relação às formas abertas encontradas no dialeto.

Analisar o fator nível de escolaridade não foi tarefa das mais fáceis, pois há várias subdivisões no universo das pesquisas e não existe unidade na seleção dos níveis. Dos onze trabalhos submetidos à meta-análise, dois investigaram apenas um nível, como a pesquisa de Juiz de Fora (MG) e de Nova Venécia (ES), que só selecionaram o nível superior de instrução. E ainda há diferenças na classificação dos níveis. Alguns pesquisadores utilizam dois níveis

(ensino fundamental e médio) ou um (ensino Superior). Outros utilizam três níveis (baixa, fundamental e média ou 1º grau, 2º grau, 3º grau) ou quatro (analfabeto, fundamental, Ensino médio, superior). Graenbin (dialeto de Formosa - GO) agrupa por tempo de escolaridade: até 8 anos, 8 a 11 anos e acima de 11 anos. Após analisar todas as pesquisas e, ao verificar a semelhança dos resultados nos níveis de escolaridade intermediários (entre o analfabeto e o superior), e constatar que havia poucos indícios de que a variável escolaridade fosse relevante para a variação da pretônica, optei em organizar o fator escolaridade em dois grupos: *escolaridade 1 (Esc1)*, dados de analfabetos até o fundamental inicial e *escolaridade 2 (Esc2)* do fundamental final e ensino médio em diante. Além de simplificar o quadro diversificado dessa variável, facilitaria a entrada dos dados no programa estatístico.

5.5.5.1 Alçamento /e/

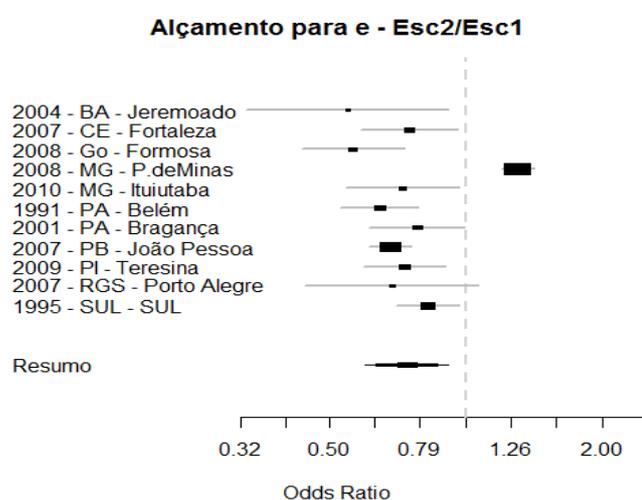
Nos estudos referentes ao alçamento da vogal “e” entre os dois grupos de escolaridade, observa-se diferença significativa para a chance de alçamento entre os fatores Esc1 e Esc2, sendo que a chance de alçamento em Esc2 é - 0,74 (0,6 – 0,92) - vezes a chance do fator Esc1.

Tabela 22-Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre as escolaridades.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
Esc2/Esc1	0,74	0,6	0,92

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Figura 35 - As razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para o alçamento “e” entre as escolaridades.



Os resultados para escolaridade em relação ao alçamento /e/ foram homogêneos. Apenas O estudo de Pará de Minas-MG (P. de Minas) apresenta diferença. Vianna (2008), constatou que no processo de alçamento os informantes do ensino médio optam pela manutenção da vogal como fechada e no processo de abaixamento, são os informantes do ensino superior que preferem a vogal fechada. “Os analfabetos são, de um lado, os inibidores da variação [e~i], de outro lado, são os influenciadores da variação [e~ ε] (p. 109)”.

5.5.1.2 Alçamento /o/

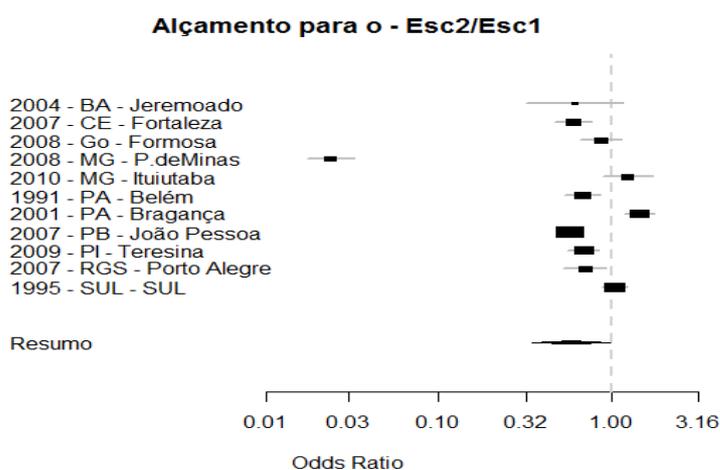
O estudo de Pará de Minas apresentou resultados bem significativos para fator escolaridade.

Tabela 23-Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “o” entre as escolaridades.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
Esc2/Esc1	0,59	0,35	0,98

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Figura 36 Gráfico as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para o alçamento “o” entre as escolaridades.



Para cada estudo referente ao alçamento de /o/ percebe-se uma diferença entre Esc1 e Esc2, sendo que a chance de alçamento em Esc2 é -0,59 (0,35 – 0,98)- vezes a chance do fator Esc1.

O estudo que novamente apresenta maior relevância para a escolaridade foi de P. de Minas. Segundo Vianna (2008:102), no processo de alçamento de /o/, a variação se destaca no grupo de analfabetos e no abaixamento este grupo opta pela forma fechada. É possível perceber, pela análise do gráfico que o resultado do estudo de P.de Minas (Pará de Minas) é bastante significativo, uma vez que seu valor OR e respectivo intervalo de confiança encontram-se longe da linha pontilhada

5.5.1.4 Abaixamento /e/

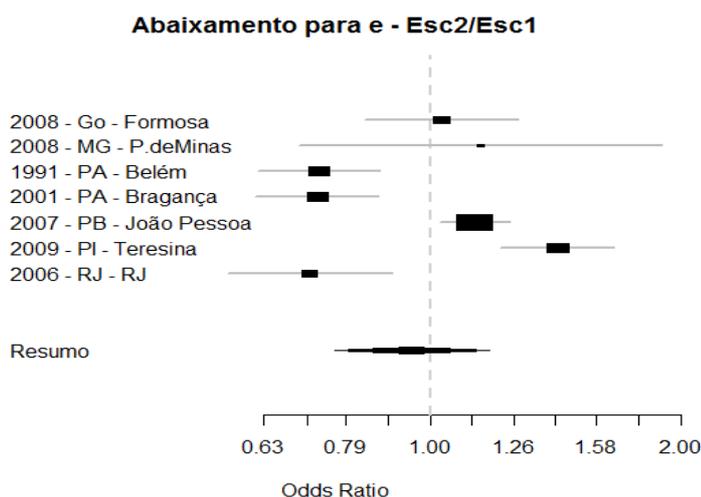
Para o abaixamento observamos que não há diferença significativa para a chance de abaixamento de /e/” entre nenhum dos fatores de escolaridade. Observa-se que o intervalo de confiança é bastante extenso na maioria dos estudos, o que poderia indicar que tal fator não é significativo do ponto de vista estatístico. Além disso, pode-se dizer ainda que, em virtude da presença de estudos com resultados apontando em direções opostas (heterogeneidade de resultados), a OR obtida ao final apresentou-se não significativa, uma vez que seu respectivo intervalo de confiança contém o valor 1.

Tabela 24-Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “e” entre as escolaridades.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
Esc2/Esc1	0,95	0,77	1,17

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Figura 37 - Gráfico as razões de chances e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para o abaixamento “e” entre as escolaridades.



a.2.1 Abaixamento /o/

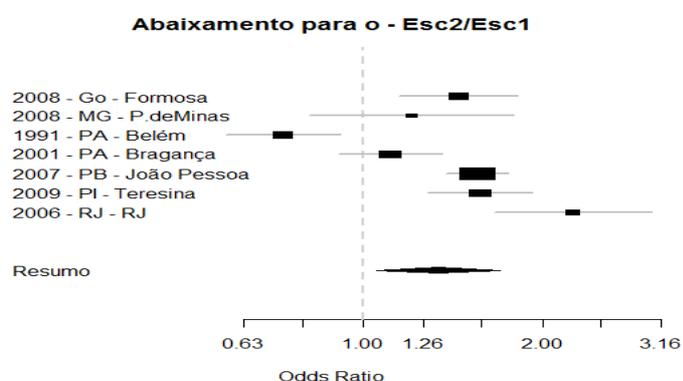
Em relação ao abaixamento da vogal posterior já observamos uma diferença. De modo geral o fator escolaridade influenciou a variação. Apenas os estudos de P. Minas - MG e Bragança-PA, cruzam a linha pontilhada, mostrando que para a vogal média posterior o fator não foi significativo.

Tabela 25 -Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “o” entre as escolaridades.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
Esc2/Esc1	1,34	1,05	1,69

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Figura 38 - Gráfico - As razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para o abaixamento “o” entre as escolaridades.



Em Pará de Minas a autora não encontrou diferença significativa, pois tanto o alçamento quanto abaixamento ocorrem em todos os níveis de escolaridade analisados. Em Bragança-PA, os resultados apresentados por Freitas (2001), deixam-na embaraçada, pois não confirmam sua hipótese inicial:

“A razão que sustenta a variável escolaridade, nessa análise, consiste na hipótese que a considera um fator condicionador da atitude linguística do falante, fato que, por sua vez, deve ter forte influência nas escolhas entre as formas ditas de prestígio e as estigmatizadas. (p.98).”

Também não consegue provar o contrário, pois há índices, mesmo que pouco relevantes, de preferência por determinada forma entre mais escolarizados e menos escolarizados.

No estudo de João Pessoa–PB, observa-se uma maior homogeneidade nos dados, indicada graficamente pelo formato do quadrado e a disposição das linhas que representam o intervalo de confiança (intervalo pequeno). A realização de vogais baixas é marca no dialeto e Pereira (2010:80) afirma que “os anos de escolarização não exercem quaisquer condicionamentos sobre a regra de abertura”. A autora comenta a dificuldade em realizar uma leitura mais sistemática pela diversidade dos resultados, mas constata que os menos escolarizados apresentam índices mais altos de elevação da pretônica. A forma padrão do dialeto pessoense é a realização das pretônicas baixas, então não há distinção em relação aos anos de escolaridade. O que a meta-análise mostrou é que a escolaridade tende a exercer mais influência na variação vocálica do que a faixa etária e o gênero, como apresentarei a seguir. Tal fato pode estar relacionado ao valor que cada variante representa no respectivo dialeto.

5.5.2 *Faixa etária*

A variável faixa etária é muito importante nos estudos sociolinguísticos para a análise da variação em tempo aparente, conforme os estudos labovianos (1972 e outros). Entretanto, percebe-se, novamente, nos trabalhos variacionistas uma não homogeneidade na seleção dessa variável, isto é, não há um padrão de recorte para a idade dos informantes que farão parte da pesquisa e nem explicação de como o pesquisador optou por determinado recorte. Labov (1972a) seleciona quatro faixas para o estudo de Martha’s Vineyard (14-30 anos, 31-45 anos, 46-60 anos, 61-75 anos e acima de 75), mas não segue o mesmo padrão em outros trabalhos, como o estudo da estratificação do /r/ em Nova Iorque, cujo recorte é de três faixas. No Brasil, o projeto Nurc (Norma Culta Urbana) distribui o grupo etário em três faixas (25-35 anos, 36-55 e acima de 56 anos), mas também não é utilizada pela maioria dos pesquisadores. Em relação aos estudos das vogais pretônicas, essa variável está sempre presente, entretanto, não encontrei na literatura nenhuma explicitação sobre o recorte ideal, observei, na verdade, uma diversidade na organização etária dos informantes. E isso dificultou a análise proposta nesta tese. Castro (1990), no estudo de Juiz de Fora-MG, faz sua investigação apenas com informantes de nível superior e pós-graduados. Dessa maneira, a faixa etária ficou restrita ao grau de escolaridade do informante, uma vez que todos estariam entre 25 a 56 anos. Graebin (2008), no estudo de Formosa-GO, estabeleceu a faixa etária de 30 a 45 anos, porque observou informantes em idade economicamente ativa. Os demais estudos traçam uma linha entre 15 e 56 anos ou mais. Diante disso, e para facilitar a análise, também, fiz um recorte em relação à faixa etária, dividindo-a em dois grupos que denominei de J (jovem) e A (adulto) compostos, respectivamente por pessoas de idades variando de 15 a 35 anos(J), e por pessoas com idade

acima de 36 anos (A). Algumas pesquisas fazem isso, organizam os informantes apenas em dois grupos etários, por exemplo: Dias (2008); Almeida (2008). Para aquelas que apresentavam diferentes recortes, os resultados foram agrupados e nos casos em que houve subdivisão no intervalo de 15 a 35, ou 36 a 55, esses eram somados e mantidos na linha de corte estabelecida:

- a) Ex. (Castro, 1990): 25 – 35 anos (44/1498) - J, onde os dados entre parênteses e separados pela barra, correspondem à ocorrência de alçamento e número de dados analisados, respectivamente.

36-55 anos (634/2398) - A
+ 56 anos (486/1822) – A

Como no grupo A existe um recorte no intervalo de 36 a mais de 56 anos, para adequar à meta-análise, o número de ocorrências (634+486) e total de dados (2398+1822), foram somados e, posteriormente, do total de dados(4220), foi subtraído o número de ocorrências de alçamento/abaixamento (4220-1220).

Assim como apresentado nos resultados das pesquisas analisadas, a variável faixa etária não é significativa para esse fenômeno analisado. Os gráficos meta-analíticos abaixo confirmam este fato, uma vez que é possível observar o “diamante” sempre cruzando a linha pontilhada, como demonstrado nos gráficos a seguir. Nota-se também, que os resultados dos estudos são bastante heterogêneos, isto é, não se concentram apenas de um lado da linha pontilhada. Isso pode ser explicado devido ao tamanho da amostra dos estudos, representado pelo quadradinho. É importante ressaltar que os resultados não foram ocasionados pelo tipo de recorte feito, já que analisando o gráfico 67 percebe-se que há mais estudos que são significativos no alçamento de /o/.

Tabela 26-Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “e” entre as idades.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
A/J	0,98	0,83	1,15

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Figura 39 - Gráfico com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “e” entre as idades.

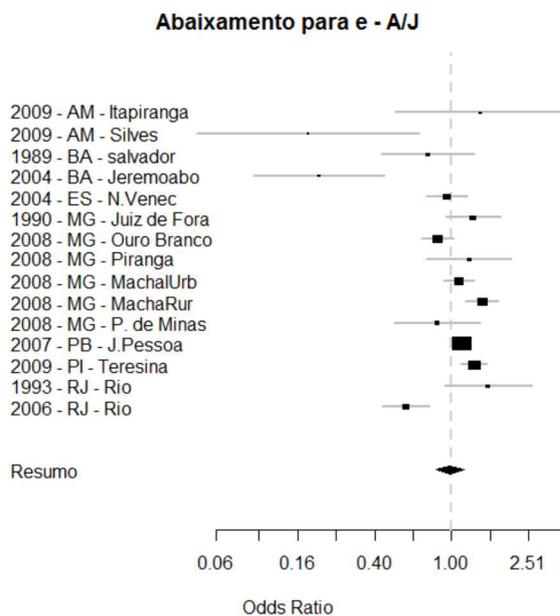


Figura 40 - Gráfico com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para o alçamento “o” entre as idades.

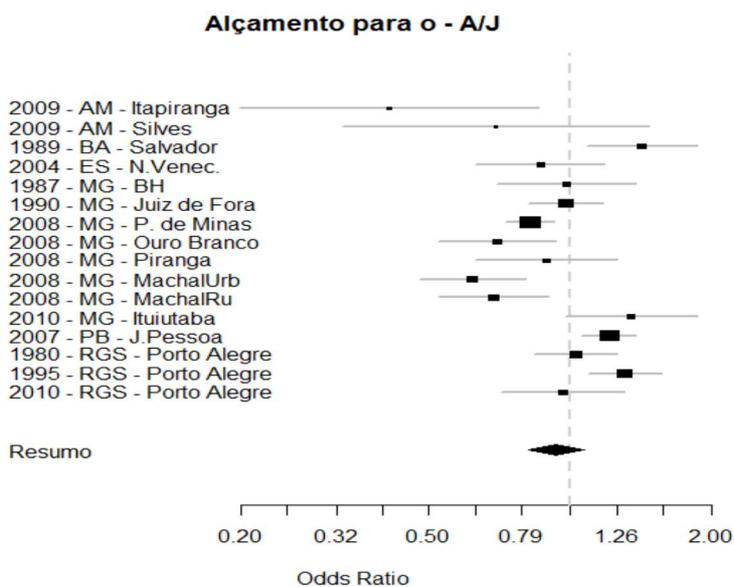
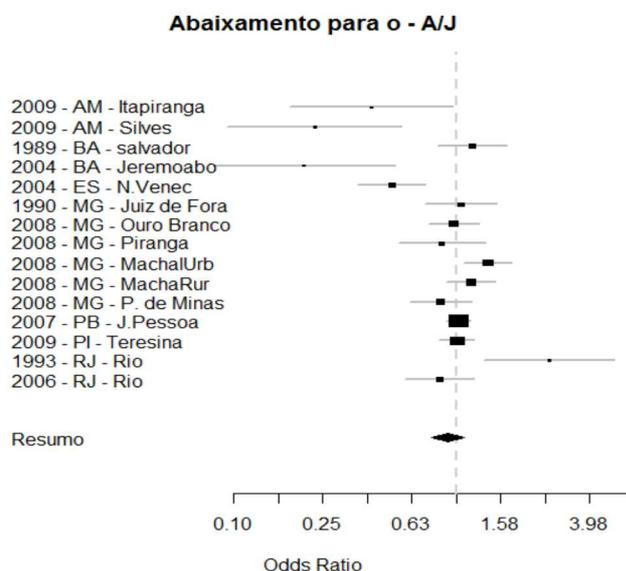


Figura 41 - Gráfico As: razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para o abaixamento “o” entre as idades.



5.5.2.1 Considerações parciais sobre a influência da faixa etária

A heterogeneidade dos resultados não permite uma conclusão mais efetiva sobre a influência da faixa etária na variação pretônica. Estatisticamente, esse fator não se mostrou relevante, ainda que as pesquisas mostrem sua recorrência. Concordo com Araújo (2007)⁵⁴ quando diz que:

“os estudos sociolinguísticos carecem ainda de um rigor metodológico no que diz respeito à *faixa etária*, o que se observa é que a maioria dos pesquisadores tenta manter um padrão, mas não é fácil estabelecer limites; não há, portanto, uma fundamentação teórica concreta em que o pesquisador possa se basear para que se faça um devido recorte em detrimento de outro (p.396)”.

Acredito que o fato de a variável faixa etária não ser significativa para a variação da pretônica, não inviabiliza o seu estudo posterior, pois pelo recorte feito nas pesquisas observa-se um

⁵⁴ Araújo, Leonardo Eustáquio Siqueira. Revista de estudos linguísticos, XXXVI(2), maio-agosto, 2007, p. 395/398

percurso não analisado, como a faixa infantil de 4 a 12 anos. Pesquisas recentes têm direcionado um olhar para a aquisição, como Vogeley (2011), que investiga a aquisição de variação das vogais médias pretônicas por crianças de 0 a 4 anos no dialeto de Recife. A autora conclui que as crianças adquirem as formas vocálicas utilizadas pelos falantes que fazem parte da sua comunidade linguística, mas seria interessante investigar a faixa etária de 4 a 12 anos, comparando com jovens e adultos.

5.6 - Gênero

Há várias discussões sobre o papel do gênero nos estudos sociolinguísticos. Chambers (1995:102) apresenta algumas considerações sobre a distinção entre “sexo” e “gênero”. Para o autor diferenças entre o “sexo” estão relacionadas com os aspectos biológicos e o “gênero” com aquisição social. Segundo Labov (1972:243) “In careful speech, women use fewer stigmatized forms than men, and are more sensitive than men to prestige pattern (Labov, 1972: 243)”

Embora essa discussão seja recorrente em estudos de variação linguística, não há nenhum consenso de que o gênero seja favorecedor para casos de alternância vocálica. Há dados mais concisos em relação a alguns aspectos gramaticais, como pronomes e verbos, por exemplo em Scherre (2011)⁵⁵. Alguns resultados da amostragem evidenciaram que o gênero é relevante, mas isso não se confirma na maioria dos estudos. Observando os gráficos *Forest Plot*, percebe-se, pela posição do diamante, que esse fator não é significativo nem para o fenômeno de alçamento, nem para o abaixamento.

Tabela 27– Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “e” entre gênero.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
F/M	1,04	0,91	1,18

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

⁵⁵ SCHERRE, 2011.

Figura 42 - Gráficos com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para o alçamento “e” entre gênero.

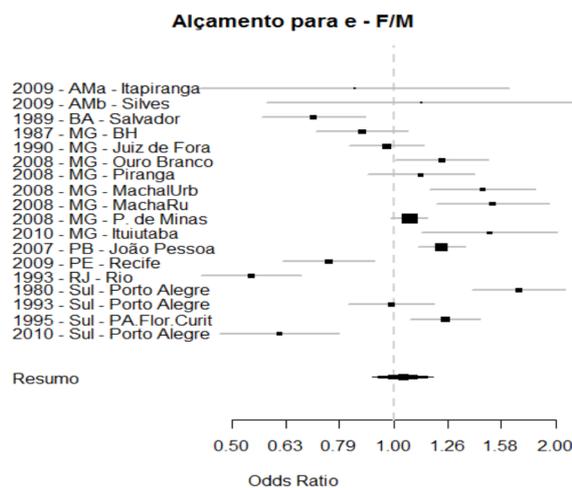
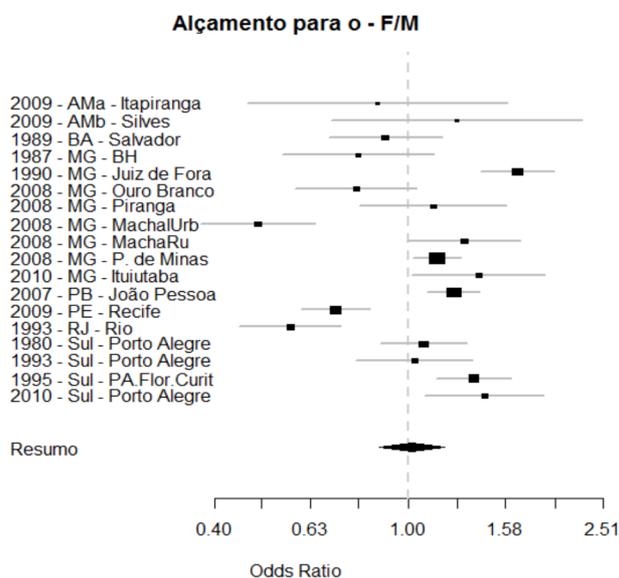


Tabela 28- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para alçamento de “o” entre gênero.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
F/M	1,02	0,87	1,18

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Figura 43 - Gráfico com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para o alçamento “o” entre gêneros.



Em relação ao alçamento, alguns estudos apontaram para a preferência das mulheres pela forma média-alta, enquanto os homens tendem a elevar a vogal, como no estudo de Recife (2009) e de Rio de Janeiro (1993). Vianna (2008), no estudo de Pará de Minas-MG, mostra que tanto homens quanto as mulheres preferem a manutenção da vogal. Não há dados significativos nem de alçamento, nem de abaixamento, mas quando ocorre abaixamento, é na fala das mulheres que apresenta um índice maior de ocorrências.

Tabela 29 Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “e” entre gêneros.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
F/M	1,01	0,79	1,27

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Figura 44 - Gráfico com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para o abaixamento “e” entre gêneros.

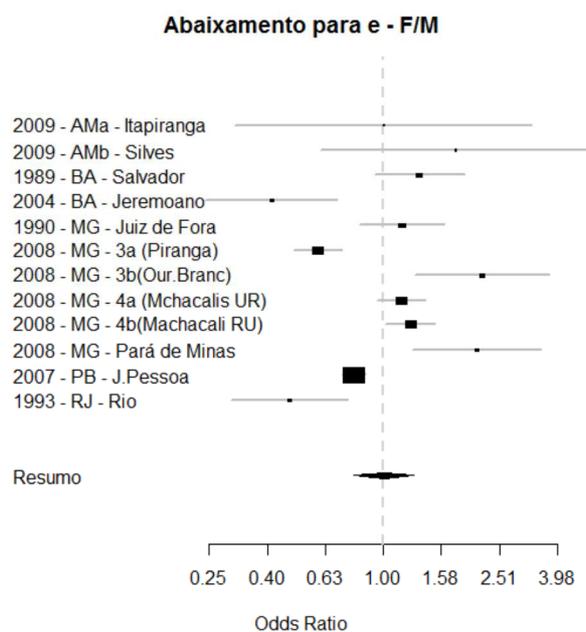
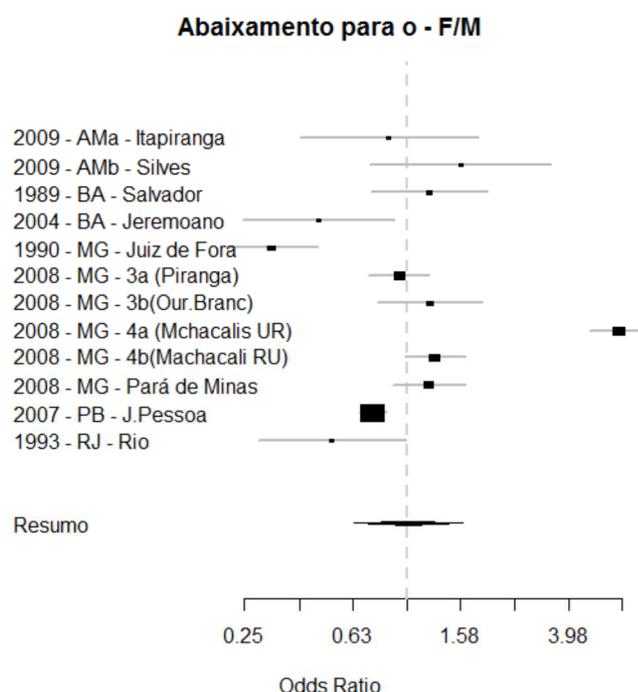


Tabela 30- Estimador resumo via modelo aleatório (DerSimonian-Laird) para abaixamento de “o” entre os sexos.

Resumo	O.R.	I.C. - 95%	
		L.I.	L.S.
F/M	1,01	0,64	1,62

Teste de Woolf para Heterogeneidade (p-valor<0,001)

Figura 45 - Gráficos com as razões de chance e resumo via modelo (DerSimonian-Laird) para o abaixamento “o” entre gêneros.



Analisando os quatro gráficos apresentados anteriormente (dois gráficos de alçamento e dois gráficos de abaixamento), observa-se que o tamanho amostral para os casos de abaixamento é menor do que para os casos de alçamento. Pela análise dos dois últimos gráficos apresentados, observa-se uma representatividade maior do estudo de João Pessoa-PB, que poderia ser explicada pelo tamanho amostral (o referido estudo contou com 60 informantes). A diversidade em relação ao número de informantes e tamanho da amostra é um problema para a meta-análise, pois gera heterogeneidade nos resultados. Mesmo o gênero não sendo considerado significativo estatisticamente, assim como os demais fatores sociais analisados, sua recorrência também não pode ser desprezada.

5.7 Considerações parciais sobre os fatores sociais

A análise meta-analítica mostrou que os fatores sociais, de uma maneira geral, não foram significativos para a alternância da pretônica. Isso já foi constatado por Bisol (1981:259), ao afirmar que, para o dialeto gaúcho, a variação da pretônica, no que diz respeito à elevação, não apresenta estigma social. Percebi, nos resultados das pesquisas, que nos dialetos em que as vogais médias tornam-se altas, não há relação de prestígio entre as pretônicas [o] e [u], [e] e [i], mas nos dialetos em que as amostras de vogal média baixa são maiores em relação à alta, como nos estudos de Belém, Teresina, Fortaleza, Salvador e João Pessoa, as vogais altas são mais estigmatizadas. De acordo com esses estudos, a forma prestigiada nos dialetos estudados é a realização das vogais médias como fechadas. Araújo (2010:45), afirma que a realização das vogais médias como fechadas são mais valorizadas na fala dos nordestinos por estar associada aos dialetos do sul/sudeste. Isso indica por que as pesquisas do Norte e Nordeste sinalizam a tendência à manutenção das vogais médias em todos os estudos. Tanto Araújo (2007), no estudo de Fortaleza e Silva (2009), Teresina, constatam na fala dos jovens (15-25 anos, Fortaleza e 20-35 anos, Teresina) que as vogais tendem a se manter como fechadas, mas também destacam que os índices não são grandes. De acordo com Labov (1982: 80) o falante avalia positivamente as formas com as quais há mais identificação no seu grupo social, podendo intuitivamente utilizar uma forma que julga ter mais valor do que outra e considerá-la mais prestigiada.

No que concerne ao vocalismo pretônico, as pesquisas investigadas apontam haver tal identificação somente em relação ao abaixamento, mas o resultado da meta-análise mostra que tanto a manutenção quanto o abaixamento são comuns nos dialetos em que ocorre essa variante de forma marcada. Há muitas discrepâncias em relação aos critérios de seleção dos fatores sociais em todos os estudos, e isso pode justificar a heterogeneidade nos resultados.

A minha hipótese inicial, desde que comecei a pesquisar sobre o vocalismo pretônico em Paracatu-MG⁵⁶ era de que fatores sociais não seriam relevantes para a variação vocálica, no entanto, todo esse estudo mostrou que eles não são estatisticamente significativos, mas de alguma maneira são relevantes. Porém as pesquisas, cujos resultados não foram considerados na análise estatística, não exploram cientificamente essa relevância. É necessário

⁵⁶ Essa pesquisa teve início em 2003, com um estudo piloto sobre a realização das vogais médias pretônicas em Paracatu, cidade do noroeste de Minas Gerais.

que as estratégias metodológicas se voltem para uma investigação linguística dos fenômenos de alternância vocálica, de modo mais eficiente, no que diz respeito aos fatores sociais.

Partindo dos pressupostos dos resultados do panorama que tracei até aqui, seria fácil concluir que os novos trabalhos sobre as vogais pretônicas deveriam ignorar os fatores sociais e se concentrar nos fatores linguísticos, como as consoantes, por exemplo. Mas esse posicionamento seria imaturo, pois, como afirma Matt e Cook (2009:540) um meta-analista não pode contar com os dois principais mandados científicos para obter uma generalização sobre determinado fenômeno: a amostragem e a conclusão. Amostras pequenas e conclusões apressadas ameaçam o propósito da meta-análise que são a síntese e generalizações empíricas. Sendo assim, o que coube a um estudo dessa natureza foi apenas realizar inferências de acordo com o modelo estabelecido em cada pesquisa. Ainda segundo os autores citados acima:

the generalized inferences possible in a research synthesis are different from those in a primary study because, in the latter, inferences are inextricably limited to the relatively narrow ways in which times, research participants, settings, and cause and effects are usually sampled or measured.

Futuras pesquisas deveriam, então, partir do que já existe em termos de dados coletados e análises já realizadas, em relação aos fatores sociais e estudar esses dados numa perspectiva fonológica. O modelo de meta-análise pode ser bem aproveitado nos estudos linguísticos, nas pesquisas de base sociolinguística e fonológica, pois já temos uma longa história de trabalhos sobre a linguagem que se dispersam nos congressos cada vez mais fechados em áreas específicas de estudo.

5.8 Análise Quantitativa

A análise realizada nesta tese buscou visualizar os fatores sociais e linguísticos separadamente, mostrando como cada um deles atua no processo de alternância da pretônica em cada dialeto, diferentemente do que fazem as pesquisas variacionistas, que analisam os dados em conjunto. A recorrência na seleção dos mesmos fatores nas pesquisas não é por acaso, eles realmente têm atuação em relação à variação, uns menos outros mais. Na verdade, as análises em relação ao vocalismo pretônico, da maneira como foram feitas nos últimos anos, buscaram explicar a ocorrência da variação vocálica, mas nenhum aporte teórico resolveu a questão. O mapa conceitual (figura 50), apresentado na seção seguinte, mostra as direções das pretônicas e as propostas de análises. O quadro parece confuso, mas apresenta uma tendência em determinados pontos para a ocorrência de variação nas vogais médias em

posição pretônica. Esse mapa conceitual, ainda que precário, resume o que pude inferir nas minhas pesquisas, isto é, faz um panorama dos estudos das vogais pretônicas. Do lado direito se vê a realização destas vogais mais fechadas com flutuação para o alçamento, do lado esquerdo, também, se observa a ocorrência de vogais fechadas, mas neste lado há ocorrência, também, de abaixamento. No meio, onde se concentram as pesquisas da Região Sudeste, Nordeste, Centro-oeste e distrito Federal, há um entrelaçamento das formas variantes.

5.8.1 Panorama dos estudos sobre as vogais pretônicas

A variação no quadro vocálico do português do Brasil (PB) tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores, tanto em grupos de pesquisas quanto em trabalhos individuais como Bisol (2003) Callou e Leite (1986, 1991), Wetzels (1991, 1992, 1995), Oliveira (2008, 2011, 2013), Lee (2006). Nos trinta anos de pesquisas contemplados nesta tese, tivemos um número significativo de estudos sobre as nossas vogais, tanto no que diz respeito à posição tônica, pretônica ou pós-tônica. Diferente do que ocorre no português europeu (PE), em que há uma tendência ao apagamento das vogais, no português do Brasil (PB) elas se mantêm com força total, principalmente na posição pretônica.

Dentre as várias pesquisas analisadas nesta tese, boa parte delas foi realizada com base na teoria da variação e como tal, destacam fatores linguísticos e sociais que possam influenciar o fenômeno em estudo, no nosso caso, a variação vocálica. Os diversos trabalhos, aqui analisados, apresentam grupos de fatores que foram selecionados para observar a ocorrência da vogal pretônica. Alguns representam a escolha dos pesquisadores e acabam se repetindo em muitas pesquisas. A distância entre a vogal tônica e a pretônica, por exemplo, um dos fatores selecionados em pesquisas desse tipo, é analisada em treze das 29 dissertações estudadas, e o gênero, estudado em 21 delas. É nesse ponto que se insere a pesquisa de meta-análise. O fato de haver uma quantidade de pesquisas de cunho sociolinguístico, abordando a mesma questão acaba gerando dúvidas sobre a seleção do melhor estudo como referência para uma pesquisa ou mesmo sobre que conclusões tirar a respeito da questão estudada. Uma maneira de se resolver isso é combinar os resultados utilizando de técnicas estatísticas adequadas. A meta-análise é um tipo de análise de dados em que os resultados de vários estudos, que discutem o mesmo assunto, são combinados, gerando assim, estimativas que resumem o todo, denominadas de estimativas meta-analíticas.

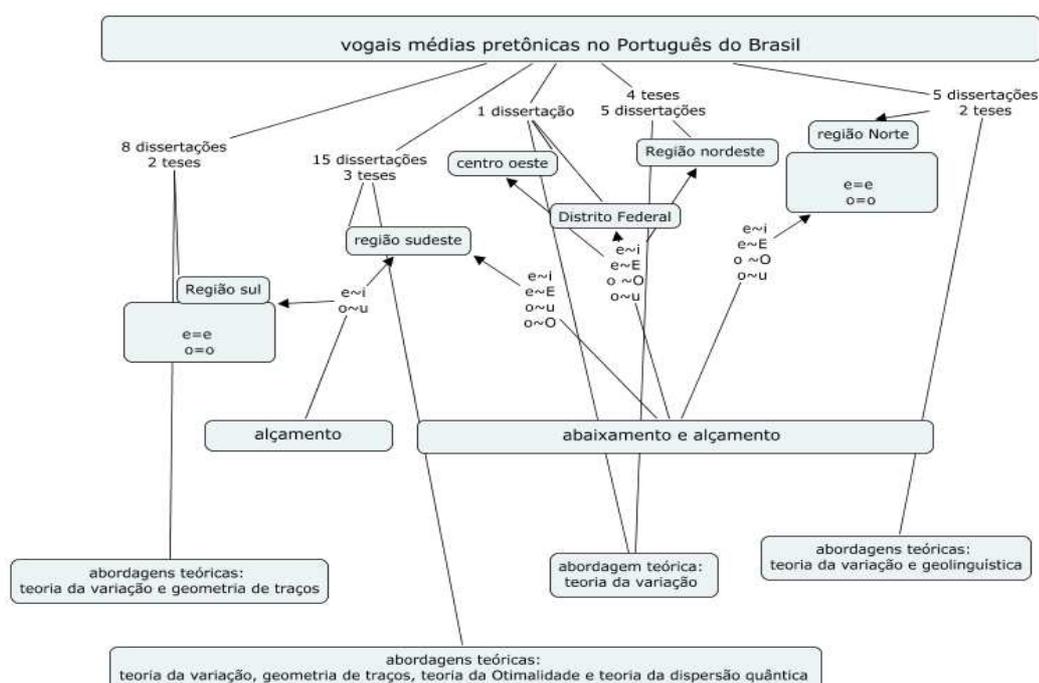
A meta-análise realizada neste trabalho mostrou a sua capacidade de síntese de informação. apresentando os resultados de muitos trabalhos, o que nos permitiu analisar as

diferenças metodológicas e explicar algumas divergências nos resultados. Estamos cientes das limitações inerentes aos estudos aqui abordados, seja na análise estatística ou na organização dos dados. Mesmo encontrando todos os estudos sobre as vogais pretônicas, não foi possível ter acesso aos dados completos de cada estudo, por isso, não dá para ir além do que foi apresentado pelo pesquisador, tanto por não ter acesso aos dados coletados, tanto por eles próprios poderem ter limitações e falhas.

Por fim, reforço que as medidas encontradas neste estudo meta-analítico são produtos de uma amostra que representa cada dialeto estudado, cujo principal objetivo foi traçar um panorama das pesquisas que vem sendo realizadas nos últimos anos, a fim de direcionar o foco de análise para novas pesquisas, bem como mostrar, dentre os fatores analisados, quais são mais relevantes na variação vocálica.

Esta pesquisa mostrou que há vários estudos muito parecidos na abordagem sobre o sistema pretônico medial e que, também, é um dos aspectos da língua portuguesa, relacionado às vogais, que mais foram explorados na literatura. As vogais pretônicas, no português do Brasil, têm realizações variadas. É um fenômeno linguístico disparado por processos fonológicos de assimilação ou redução vocálica.

Figura 46– mapeamento dos estudos



Não encontrei uma explicação única para a variação pretônica, mas as pesquisas apontam que o ambiente fonético e a altura da vogal são grandes favorecedores. Entretanto não há uma hipótese mais provável. Alguns autores (Viegas, 2001, Bisol, 2009, Cruz, 2010) assumem que o alçamento de alguns itens têm explicação através do léxico. A tese de doutorado de Viegas (2001), sobre o alçamento vocálico, tem como suporte teórico o modelo de difusão lexical proposto por Wang e Lien, 1993. Nas suas conclusões a autora constata que algumas palavras propiciam a mudança, outras não, e que há influência da frequência e também do próprio falante. A maioria das pesquisas afirma que, estatisticamente, os condicionadores sociais não são relevantes para a variação da pretônica, mas isso ocorre em função da significância estatística. Em alguns trabalhos encontram-se índices de favorecimento do fator escolaridade (Freitas, 2001 – Pará), em outros de faixa etária e gênero.

Nenhuma pesquisa variacionista aponta fatores muito diferentes, apenas a tese de Sandra Marques, 2006, Investiga a variação das pretônicas no Rio de Janeiro, na fala de imigrantes paraibanos, a luz da teoria do contato dialetal (Trudgill, 1986) e Teoria da Acomodação (Howard Giles, 1973) e conclui que a partir de cinco anos de contato com outra variedade, no caso a fala paraibana com a fala carioca, o falante tende a produzir as vogais médias como fechadas e vai deixando de produzi-las abertas. Mas não deu para saber se essa perda é total com um prazo maior de contato.

Schwindt (1995) faz uma observação em sua dissertação de mestrado, dizendo que a variação entre /e ~ i / e entre /o ~ u / parece ser mais frequente nos casos em que há uma ação conjugada entre vários fatores”. O autor não aprofunda o assunto, e nenhuma outra pesquisa faz alusão a isso posteriormente.

Uma das inquietações dessa pesquisa era definir o movimento da variação pretônica, se é de /e, o / → /ε,ɔ/ ou de /e, o / → i, u. Não encontrei trabalho algum que discutisse nessa perspectiva. Há indícios, nos estudos antigos (Naro, 1971), Melo (1971) e Silva Neto (1970) de que as realizações mais fechadas das vogais sofrem a variação de altura.

A explicação através da assimilação do traço [+ alto] na sílaba tônica não se sustenta em casos de variação como *boneca*, *tomate*, pois não há vogal alta na sílaba tônica. Bisol (2009) assume que esses casos podem ser explicados através do léxico. Os trabalhos que têm como suporte a teoria da variação têm metodologia e resultados comuns. Não há divergências, apenas uma imensa variação em relação aos aspectos metodológicos. Foi difícil organizar os dados com tanta disparidade em relação aos critérios para selecionar os fatores entre as pesquisas variacionistas.

Observa-se que algumas regiões produzem mais estudos sobre o próprio dialeto do que outras e não há diferenças marcantes nos resultados.

Abordagem teórica mais utilizada foi a teoria da variação e o alicamento foi o processo mais analisado. Não se pode dizer sobre a melhor ou a pior análise, todas cumpriram o propósito do pesquisador e as conclusões ficam sempre por conta do leitor. Esses mais de trinta anos de pesquisa sobre o vocalismo pretônico não nos trouxe muitas novidades, entretanto a constância nas investigações ao longo desses anos nos mostra que o processo de variação das vogais médias pretônicas não se altera. Não há mudança linguística na realização dessas, nem uma tendência à realização de uma variante em detrimento de outra em um mesmo dialeto.

Mesmo sendo a teoria da variação a que mais deu sustentação teórica às pesquisas, tivemos algumas tentativas de análises fonológicas, que de alguma maneira, buscaram explicar a realização variável das médias pretônicas. Algumas pesquisas revelaram realizações inusitadas dessas vogais, presentes nos dados do português do Brasil. Amaral (1996), em estudo sobre um dialeto da Região Sul, encontrou as formas *d[e]reinho*, *e m[e]lagre* e Campos (2009) em um estudo sobre o dialeto de Borda do Amazonas, na Região Norte, constatou alicamento em vogais tônicas: *ceb[u]la*, *para cebola*, *cab[u]ca*, *para cabocla*. Estamos diante de casos de variação que ocorre com as vogais médias, que insistem em fugir à suposta racionalidade da estatística, enquanto ciência da previsibilidade. Isso só vem confirmar a complexidade do fenômeno da variação vocálica pretônica no português do Brasil.

O mapa conceitual apresentado, então, mostra a realização das pretônicas em cada região, ainda que nos pareça caótico, ele desvela uma regularidade insistente. As realizações das vogais mais fechadas se concentram nas extremidades do país - Região Sul e Norte. Conforme Cruz (2012:202)⁵⁷ há uma tendência à predominância da manutenção da vogal como fechada na região norte do Brasil, embora ocorram as três realizações. Na Região Sul, diferentemente do Norte, não há realização de vogais médias baixas. Ressalta-se que os resultados concentram-se, basicamente, no estado do Pará. Ainda não temos muitos estudos sobre outros estados do norte do país, como Tocantins, por exemplo, onde não foi encontrada nenhuma pesquisa. Assim, podemos constatar que a divisão proposta por Nascentes (1953:25) está presente no mapeamento. Os dois grupos sul e norte estão demarcados e o “território incompleto”, apontado pelo autor na sua subdivisão dialetal, que contempla a região de

⁵⁷ <http://www.lettras.ufmg.br/site/E-livros/VogaisAlemdeBH2012.pdf>

Mato Grosso e Tocantins, continua assim, pois não encontramos nenhuma tese ou dissertação sobre as vogais nessas localidades.

No universo das pesquisas analisadas, não há respostas sobre o porquê de as vogais médias variarem em todas as regiões do Brasil. Há muitos dados coletados e analisados estatisticamente, mas percebe-se um certo distanciamento do escopo da linguagem como uma atividade verbal, que envolve, principalmente, um espaço geográfico e um indivíduo, nada disso é discutido, de fato, nas pesquisas. O que temos é um vasto inventário de dados, separados por itens lexicais e analisados estatisticamente quanto à ocorrência ou não de variação.

Os estudos variacionistas percorreram um longo caminho na pesquisa linguística sobre o fenômeno de variação e mudança nas línguas. Se agora temos uma história descritiva de como e porque as línguas mudam ou variam, devemos isso aos estruturalistas e às análises estatísticas da Sociolinguística Quantitativa. Muitas pesquisas tentaram explicar a variação pretônica no português do Brasil, seja através da teoria da variação ou através de teorias fonológicas. A minha pesquisa demonstrou que os estudiosos se limitam, quase sempre à descrição dos fatos linguísticos, e não à sua explicação. A análise descritiva é um importante componente da pesquisa linguística, mas ainda há uma ausência explicação para o fenômeno.

Diante desse contexto é preciso uma abordagem teórica que apresente as razões que justificam a variação.

Desde 2009⁵⁸, em uma conferência da Anpoll, Oliveira, vem amadurecendo a proposta de uma explicação através de um novo arcabouço teórico, propondo que a variação é licenciada pela arquitetura interna da ‘faculdade de linguagem’, e que a variação linguística é propriedade da língua materna. Isto é, nenhuma análise estatística ou teoria fonológica seria capaz de explicar porque ocorre a variação.

Em um artigo de 2011⁵⁹, Oliveira apresenta um novo direcionamento para o estudo das pretônicas. No seu texto, assume que:

a forma fonética específica, atribuída a um item lexical específico da classe /e,o/ pretônico é função de uma combinação de atratores: a região em que a variedade é falada, o item lexical, o indivíduo e, provavelmente, algum outro atrator Z (p. 637)

⁵⁸ Conferência ministrada na Anpoll em 19 de julho de 2006.

⁵⁹ OLIVEIRA, Marco Antônio de. Variação fonológica: o indivíduo e o léxico como atratores na perspectiva dos sistemas complexos. In: Augusto Soares da Silva; Amadeu Torres; Miguel Gonçalves. (Org.). *Línguas Pluricêntricas - Variação linguística e dimensões sociocognitivas*. 1ªed.Braga: ALETHEA - Associação Científica e Cultural, 2011, v. 01, p. 669-680.

Nessa perspectiva, o autor apresenta uma proposta de análise através da teoria da complexidade (que será mais detalhada na próxima seção). Esta teoria, oriunda da física, tem como um dos seus conceitos básicos a ação de atratores⁶⁰. Nesse mesmo artigo Oliveira conjectura a possibilidade de uma solução para a variação fonológica, através da atuação atrativa de determinados fatores. Isso possibilitaria estabelecer um padrão de comportamento para as vogais médias pretônicas, a partir da identificação de aspectos linguísticos e não linguísticos, que agem na realização das vogais como altas ou baixas.

Em artigo mais atual (2013)⁶¹, finalmente o autor assume que essa nova abordagem teórica é necessária, para que se explique a alternância vocálica e deve contemplar a linguagem como um sistema adaptativo complexo⁶². E assim, explicar os fenômenos de elevação e abaixamento das vogais médias pretônicas, considerando os fatos da variação e mudança em termos da teoria da complexidade. Na próxima seção apresento indicativos de que, de acordo com o panorama sobre as vogais pretônicas apresentado nessa tese até agora, e a proposta de análise apresentada por Oliveira, a teoria da complexidade, pode mesmo, ser capaz de explicar o processo variável das vogais pretônicas médias nos dialetos estudados.

5.8.2 Possibilidades de uma nova abordagem: teoria da complexidade

Os estudos que envolvem sistemas complexos, Teoria do Caos ou Complexidade são recentes nos estudos linguísticos do Brasil, e fundamentam, mais especificamente, os estudos em Linguística Aplicada. Em alguns textos encontramos denominações diferentes para se referir a tal teoria: como Teoria de Sistemas Dinâmicos (TSD), outros como Teoria dos sistemas adaptativos complexos (TSAC), e ainda, outros como Teoria do Sistema não linear. Dependendo da ênfase teórica de cada autor, estes termos podem transmitir diferentes características dos sistemas em análise. Ou autores mais citados, são os que trabalham com a aprendizagem de línguas: Larsen-Freeman (1997, 2007), Larsen-Freeman; Cameron (2008a, 2008b), conforme Lima Junior-2013⁶³. Segundo esses autores, a teoria da complexidade lida

⁶⁰ De acordo com Larsen-Freeman; Cameron, 2008, denomina-se atratores, um ponto ou um conjunto de pontos que representa as várias condições de estabilidade possíveis de um sistema dinâmico.

⁶¹ Este artigo, até o momento da redação dessa parte, ainda não havia sido publicado. Texto cedido, gentilmente, pelo autor

⁶² De acordo com o autor, sistema adaptativo complexo é constituído por um conjunto de componentes que interagem, entre si, de modo definitivo, que se auto-organizam, conduzindo a um comportamento final que é complicado, organizado e imprevisível.

⁶³ LIMA JUNIOR, Ronaldo Manguiera. Complexity in second language phonology acquisition. *Rev. bras. linguist. apl.* [online]. ahead of print, Epub June 11, 2013. ISSN 1984-6398.

com o estudo de sistemas complexos, dinâmicos, não lineares, sistemas emergentes, às vezes caóticos e adaptativos LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008a, p 4). O termo *sistema*⁶⁴, refere-se a um conjunto de componentes que interagem entre si e formam um todo integrado e coerente. O termo *complexo* refere-se ao fato de um sistema ser formado por vários componentes, apresentando relações de interdependência entre os mesmos. Os sistemas são considerados dinâmicos porque tendem a mudar com o tempo, são adaptativos, porque se mantêm e se ajustam às mudanças que ocorrem em seus ambientes. São, ainda, não lineares, porque uma determinada variação não implica correlação com outras variáveis. São sistemas emergentes porque novos subsistemas podem surgir com o tempo. A língua como sistema dinâmico satisfaz a definição de complexidade, pois é composta de subsistemas, como fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática etc. Estes são interdependentes e interagem uns com os outros e com o meio ambiente, no uso social da linguagem. Também podem provocar alterações no sistema.

De acordo com Dewaele⁶⁵ a teoria da complexidade examina a síntese dos fatos que emergem, estudando as interações individuais entre os componentes que agem e reagem de acordo com o ambiente ou outros agentes e características do próprio ambiente. Nos dialetos do norte e nordeste, não observamos equilíbrio entre a realização das pretônicas. Ao contrário do que ocorre na região Sul, onde as vogais se realizam como fechadas, com oscilações de alçamento. Ao analisarmos à luz da teoria da complexidade, podemos dizer que quando sistemas dinâmicos estão longe de seu equilíbrio, percebemos uma reestruturação espontânea, quando o sistema está perto do ponto de equilíbrio, como ocorre na Região Sul do Brasil, há uma certa estabilidade com pequenas flutuações. De acordo com esses estudos (Larsen – Freeman, 1997)⁶⁶, os sistemas dinâmicos avançam através do tempo e do espaço e sofrem alterações provocadas por atratores, padrão para o qual um sistema dinâmico se direciona. Assim, na teoria da complexidade, os atratores se destacam como a representação das várias condições que possibilitam uma tendência a um determinado comportamento, uma determinada forma. Se essa forma se move para direções atrativas, elas se equilibram. O fato de, nas pesquisas sobre o vocalismo pretônico, encontrarmos muitas análises considerando o

⁶⁴ De acordo com o *Complex Systems Glossary*. <http://www.calresco.org/glossary.htm>, acessado em 10/08/2013).

⁶⁵ DEWAELE J.-M., 2001, « L'apport de la théorie du chaos et de la complexité à la linguistique », La Chouette n° 32, publication du French Department School of Languages, Linguistics and Culture, Birkbeck, University of London, pp.77-86, disponible sur www.bbk.ac.uk/lachouette.

⁶⁶ LARSEN-FREEMAN, D. Chaos/complexity science and second language acquisition. *Applied Linguistics*, v. 18, n. 2, p. 141-165, 1997.

contexto fonético consonantal como favorecedor para a alternância vocálica, isso significa que é possível que alguns desses contextos sejam atratores para a produção variável da vogal média. Nos exemplos apresentados por Silva (2009) na pesquisa de Teresina, o abaixamento parece ser mais influenciado pela consoante dorsal seguinte, ou seja, as consoantes dorsais são atratores para a realização da vogal média como baixa, em posição pretônica (*perseguir*, *permanecer*), tendência também retratada na meta-análise.

Lewin, 1994: 65 (apud Paiva, 2005), diz que muitos sistemas dinâmicos apresentam três tipos de atratores, que Oliveira (op.cit.: 9) denomina de *fixed point*, *limit cycle* e *strange*. Através do atrator *strange* é possível explicar a heterogeneidade apresentada na meta-análise, pois conforme Oliveira, as regiões geográficas atuam como atratores *strange*. A figura 50 – (mapa conceitual) mostra a influência da área dialetal, o que não foi explorado na maioria das pesquisas.

A variação que ocorre nas vogais médias pretônicas no dialeto mineiro é bastante intrigante, se comparado com os resultados do que ocorre na Região Sul. Parece-nos que há um percurso em que as vogais vão ampliando o seu escopo de variação, enquanto no Sul ocorre a elevação, em Minas Gerais inicia um processo de abaixamento que vai seguindo em direção ao Nordeste para novamente se curvar na região Norte.

Ao longo desse trabalho, através das pesquisas realizada nas várias regiões, pude observar que as vogais pareciam traçar uma linha de variação do sul em direção ao norte do Brasil. Através dos resultados que os pesquisadores encontraram em cada dialeto estudado, percebe-se uma tendência à preservação das vogais médias fechadas em direção ao alçamento e deste para o abaixamento. Esse processo se inicia na Região Sul, aparece em parte do Sudeste (São Paulo e Rio de Janeiro), se apresentando mais rebaixadas em Minas Gerais e no Espírito Santo, avançando em direção ao Nordeste e, novamente, se fechando, na Região Norte (pesquisas do Pará mostram um percentual alto de vogais fechadas), descrevendo um movimento circular.

Alguns estados da região norte (Acre e Rondônia) e boa parte do centro-oeste não foram contemplados nas pesquisas, dessa forma, não é possível afirmar se nessas regiões ocorre abaixamento na pretônica.

6 Considerações finais

Este estudo teve como objetivo identificar, por meio da meta-análise, as diferenças e semelhanças entre as características apontadas como responsáveis pelos dois fenômenos (alçamento e abaixamento) que ocorrem com as vogais médias [e] e [o] quando elas tornam-se altas ou baixas em posição pretônica.

O estudo de meta-análise apresentou resultados muito heterogêneos, mas possibilitou uma visão das pesquisas como um todo e nos permitiu perceber que todos os fatores selecionados pelos pesquisadores, de alguma maneira, exercem influência na realização das vogais pretônicas. Não ser estatisticamente significativo não quer dizer que determinado fator não tenha nenhuma atuação no processo variável da pretônica, ele pode ter sido descartado pelo programa estatístico, mas é relevante na análise, pois atua na variação. Mesmo com amostras muito pequenas, em algumas pesquisas, o gráfico *forest plot* nos possibilitou visualizar onde ocorre com mais frequência, determinada variante. Como por exemplo, observar (ver figura 20) que o alçamento de /e/, entre cor/lab é menos significativo em JF (Juiz de Fora -MG) do que em Belo Horizonte (MG).

Após a exploração de todas as pesquisas copiladas nessa tese, a conclusão que se chega é de que nenhuma estatística e nenhuma teoria fonológica consegue ir além de descrever os fatos.

A variação linguística é a consequência imediata e inevitável do uso da língua, daí o fato de uma comunidade linguística ser heterogênea. O “falante/ouvinte ideal”, como postulava Chomsky, conhece perfeitamente a sua língua. Neste estudo, procurei respostas nas pesquisas já realizadas para algumas das perguntas propostas ao longo do texto: Por que ocorre variação na realização das vogais médias pretônicas? Qual é a hipótese mais provável? Seria difusão lexical? Assimilação de traços? Condicionadores sociais estariam interferindo no processo? Outro fator como área dialetal, poderia ser uma variável de influência? Ou seria um conjunto de fatores agindo ao mesmo tempo? O que os pesquisadores descobriram sobre a variação vocálica?

O primeiro fato a se levar em conta em um estudo sobre variedades de uma língua é o comportamento linguístico dos falantes. São os falantes individuais em interação uns com os outros que fazem a língua acontecer. O que Oliveira diz (op.cit,2011) é que há uma estrutura subjacente ao comportamento linguístico individual dos falantes, ou seja, o conhecimento da própria língua, quer no nível intraindivíduo ou compartilhados na sua

comunidade de fala. A meta-análise mostrou, na maioria das pesquisas analisadas, que não uma resposta definitiva. Algumas conclusões dos estudos mencionaram o léxico como algo a ser investigado, outras a prosódia ou a localização geográfica. Entretanto os resultados aqui encontrados, e a lista de itens apresentados nas pesquisas, revelam que as escolhas pela realização da vogal se concretizam em /ε,i,ɔ,u/, como afirma Oliveira (op.cit). Essas escolhas são determinadas por diferentes fatores, como a região onde a variedade é falada”, “o item lexical”, a pragmática, os aspectos prosódicos, “o indivíduo”, o contexto fonético e outros (como a 1ª entrada lexical - a primeira vez que o falante ouviu tal palavra ela tinha aquela forma). Para exemplificar isso, recorro à forma escolhida pelo meu filho de oito anos para o item *derrubar*. Percebi que ele fala /dirrubá/, enquanto eu, com resquícios da minha origem no Norte de Minas, falo /derrubá/ ou às vezes /derrubá/. Constatei que ele escolheu a forma do pai, de Belo Horizonte, que utiliza a forma /dirrubá/. . Isto é, ele escolheu uma forma e não outra numa mesma comunidade de fala, no caso a forma do pai. Oliveira tem, então, razão quando diz que “a montagem da forma fonética do léxico é individual”(2013:21), ou estamos diante de um outro atrator relacionado à afetividade.

A viagem empreendida neste estudo revelou aspectos instigantes e, ao mesmo tempo, sem a correspondente resposta teórica. A perspectiva panorâmica, numa analogia com o termo empregado em fotografia, busca um enquadramento total, uma visão ampla. As particularidades que emergem são sempre uma percepção do indivíduo que é exposto àquela totalidade. Nesse sentido, posso concluir que esta tese não termina aqui. Muitos estudos ainda virão para analisar o quadro pretônico no português do Brasil, mas sob novas perspectivas teóricas.

Um panorama é uma visão geral, os detalhes se apresentam para quem lê. As escolhas serão sempre suspeitas, cabe à cientificidade a fuga aos juízos de valor e à busca da objetividade. Meu trabalho pretende ser uma referência, não uma sentença. Se proporcionar uma introdução àqueles que desejam conhecer a produção acadêmica acerca das pretônicas, levando em conta, minha subjetividade e, por conseguinte, minhas falhas como pesquisadora, sejam bem -vindos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

a) Referências gerais

ANTILLA, Arto; CHO, Young-mee Yu. Variation and change in Optimality Theory. *Lingua*, Boston, n.104, p. 31-56, 1998.

ARAÚJO, Marivana dos Prazeres ; RODRIGUES, Doriedson Do Socorro . A variação das vogais médias pré-tônicas /e/ e /o/ no português falado no município de Cametá/Nordeste do Pará: um estudo, numa abordagem variacionista, sobre a não aplicação da regra de elevação. Anais da Jornada de Estudos Lingüísticos e Literários, 2008.

BISOL, Leda. O alçamento da pretônica sem motivação aparente. In. Português do Sul do Brasil: variação fonológica. Porto Alegre. Edipurs, 2009: 73- 92.

BOERSMA, Paul. *Functional Phonology*. Amsterdam: University van Amsterdam, 1998. 485p.

BORTONI Stella Maris. *et al.* Um estudo preliminar do /e/ pretônico. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, Unicamp, v. 20, p. 75-90, jan. /jul., 1991.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo e Maria Luiza de Carvalho CRUZ. AGUILERA. Vanderci de Andrade (org), *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel.,2005.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *As vogais pretônicas no Brasil: uma visão diatópica*. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos*. Londrina: Ed.UEL, 1999, p.93-108.

_____. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 200p.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. As vogais pretônicas no falar carioca. *Estudos lingüísticos e literários*, Salvador, n.5, dez, 1986.

CALLOU, D. *et al.* A elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. *Rio de Janeiro. Origin*, n.18, p.71-78, 1991.

CAMARA JR. Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977. 176p.

_____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 11ª . ed. Petrópolis R/J: Vozes Limitada, 1989.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social*. Oxford-Cambridge, blackwell, 1996.

CLEMENTS, George N.; HUME, Elizabeth. The internal organization of speech sounds. In.: GOLDSMITH, John A. (Ed.). *A handbook of phonology*. Oxford: Basil Blackwell, 1995. 868p.

COLLISCHONN, Gisela e SCHWINDT, Luiz Carlos. *Teoria da otimidade em fonologia: discutindo conceitos*. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, p. 200-231, 2003.

COOPER, Harris and Hedges, Larry. *The handbook of research synthesis and meta-analysis*. New York, Jeffrey C. Valentine, editors.-2nd ed. 2009.

CUNHA, Viviane. *Um traço do vocalismo português: a metafonía*. 1991. 154f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1991.

DEWAELE J.-M., 2001, « L'apport de la théorie du chaos et de la complexité à la linguistique », *La Chouette* n° 32, publication du French Department School of Languages, Linguistics and Culture, Birkbeck, University of London, pp.77-86, disponible sur www.bbk.ac.uk/lachouette.

ELLIS, Nick C., *Meta-analysis, human cognition, and language learning*. In. NORRIS J. and ORTEGA L. *Synthesizing Research on Language Learning and Teaching*. Philadelphia: John Benjamins, 2006.

EVERITT Brian S e HOTHORN Torsten. *A Handbook of Statistical Analyses Using R*. 2.ed. Florida: Chapman & Hall/CRC, 2010. 376p.

FREITAG, Raquel Meister Ko. *Problemas teórico-metodológicos para o estudo da variação linguística nos níveis gramaticais mais altos*. *Matraga*, v. 16, pp. 115-132, 2009.

GILES, H.; TAYLOR, D. & BOURHIS, R. Toward a theory of interpersonal accommodation through speech: some Canadian data. *Language in Society*, 2, 1973, p. 177-192.

GLASS GV. Primary, Secondary, and Meta-Analysis of Research. *Educational Researcher*. Vol. 5, 1976. (<http://edr.sagepub.com/content/5/10/3.extract>). Data de acesso: 22/10/2011.

_____. Smith, M. *Meta- Analysis of Psychotherapy outcome studies*. American Psychologist, September, 1977. Disponível em: www.csrp1.hku.hk/files/975_3792_927.pdf.

GROS, Claudios. *Complex and Adaptive dynamical systems*. 2011 (adquirido por gros07@itp.uni-frankfurt.de. Em 27/07/2013.

HORA, Demerval. Teoria da Variação: trajetória de uma proposta. In. : *Estudos sociolinguísticos*. João Pessoa. Editora Universitária - UFPB, 2004, 13-28.

LABOV, W.; *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. Contraction, deletion, and inherent variability of the English Copula. *Language*, n. 45, p. 715-762, 1969.

_____. Resolving the neogramarian controversy. *Language*, v.57, n.2, p.267-308, 1981.

LARSEN-FREEMAN, D. Chaos/complexity science and second language acquisition. *Applied Linguistics*, v. 18, n. 2, p. 141-165, 1997.

LEE Seung-Hwa Sobre as vogais pretônicas no Português Brasileiro. *Estudos Lingüísticos*, Araraquara, v. 1, n. 35, p. 166-175, 2006.

LEE Seung-Hwa; OLIVEIRA, Marco Antônio. Variação inter e intra - dialetal no português brasileiro: um problema para a teoria fonológica. In: HORA, Demerval da; COLLISCHONN. *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 67-91, 2003.

LIMA JUNIOR, Ronaldo Mangueira. Complexity in second language phonology acquisition. *Rev. bras. linguist. apl.* [online]. ahead of print, Epub June 11, 2013. ISSN 1984-6398.

Lovatto P.A., Lehnen C.R., Andretta I., Carvalho A.D., Hauschild L. R. Bras. Zootec., *Meta-análise em pesquisas científicas - enfoque em metodologias* v.36, suplemento especial, p.285-294, 2007

MAIA, Vera Lúcia M. As pretônicas médias na fala de Natal. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 5, p. 209-225, 1986.

Matt, George e Cook, Thomas. Threats to the validity of generalized inferences. In *The handbook of research synthesis and meta-analysis*. Cooper and Hedges, 2009: 540.

MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. Série Universidade. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1971

MOLLICA, Maria C. e PAIVA, Maria da Conceição. Restrições estruturais atuando na relação entre [l] > [r] e [r] > 0 em grupos consonantais em português. In: *Boletim*

da Associação Brasileira de Linguística, Nº 11, 1991.

MORAES, João; CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. O sistema vocálico do Português do Brasil: caracterização acústica. 2. ed. In: KATO, Mary (org.). Gramática do Português Falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 33-51.

Nagy, Naomi. Phonology and Sociolinguistics. In Bayley, Robert, Richard Cameron, and Ceil Lucas (Eds.) *The Oxford Handbook of Sociolinguistics*. 425-444. 2013.

NARO, Anthony J. The history of e and o in Portuguese: a study in linguistic drift. *Language*, Baltimore, v.47, p.615-645, 1971.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953. 217p.

OLIVEIRA MELLO, Antônio de. *Paracatu do Príncipe: minha terra*. Paracatu: Academia Paracatuense de Letras e Prefeitura Municipal de Paracatu, 1979. 144p. il.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Variação fonológica: o indivíduo e o léxico como atratores na perspectiva dos sistemas complexos. In: SILVA, Augusto Soares da; TORRES, Amadeu; GONÇALVES, Miguel (Org.). *Línguas Pluricêntricas - Variação linguística e dimensões sócio cognitivas*. Braga: ALETHEA - Associação Científica e Cultural, 2011, v. 01, p. 669-680.

_____. The neogrammarian controversy revisited. *International Journal of the sociology of language*. Berlim, v. 89, p. 93-105, 1991.

_____. LEE, Seung-Hwa. Teorias fonológicas e variação linguística. *Estudos da linguagem*. Vitória da Conquista, n.3, p. 41-67, 2006.

_____. A variação fonológica na perspectiva da linguagem como sistema adaptativo complexo. (no prelo)

OLKIN I. Meta-Analysis: Reconciling the Results of Independent Studies. *Statistics in Medicine*, vol.14, p.457-472, 1995.

PEREIRA, Regina C. M. *Uma análise variacionista das vogais médias pretônicas*. João Pessoa: Editora Universitária da EFPB, 2010, 93p.

PONTES, Smael et al. Alçamento, abaixamento e [e.o] pretônicos e ditongação de hiatos nos altas regionais. Londrina. *Signum:Estudos linguísticos*, n. 7/1, p. 107-121, junho, 2004.

RAZKY, A. et all. As vogais medias paraenses. In Signun: estudos linguísticos. Londrinha, PR. N. 15/1, p.293-310, jun.2012.

REYNOLDS, William Thomas. *Variation and phonological theory*. Dissertation (Doctor of Philosophy) - Faculties the linguistic, University of Pennsylvania, Pennsylvania, 1994.

RODRIGUES, Caroline Legramanti. Meta-análise: um guia prático. Universidade Federal Rio Grande do Sul, 2010.

SANKOFF, TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. GOLDVARB X – A multivariate analisys application. Toronto: Department of linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GVindex.htm#ref>>. Acesso em: 10 de julho de 2009. SHOEMAKER P.J, TANKARD J.W. E LASORSA D.L. *How to Build Social Science Theories*. Sage: Thousand Oaks, 2003.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. *Revista da ABRALIN*, v. Eletrônico, n. Especial, p. 121-146. 1ª parte 2011. Disponível em <http://www.abralin.org/site/data/uploads/revistas/2011-vol-especial-1o-parte/a-variacao-linguistica-2.pdf> (data de acesso: 07/04/2013)

SILVA, Myrian Barbosa da. Breve notícia sobre as vogais pretônicas na variedade culta de Salvador. *Estudos linguísticos e literários*, Salvador, UFBA, v.14, 64-77, 1993.

SILVA NETO, Serafim da Silva. *História da Língua Portuguesa*. Livros de Portugal. Rio de janeiro, 1970

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo, Ática, 1985.

TRUDGILL, P. *Dialects in contact*. Oxford: Blackwell, 1986.

VIECHTBAUER Wolfgang. Conducting Meta-Analyses in R with the metafor Package. *ournal of Statistical Software*, vol.36, 2010.

VIEIRA, M.J. Blaskoviski. As vogais medias átonas nas três capitais do sul do país. In.: *Português do Sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre. Edipurs, 2009. P.50-72

WANG, W.; LIEN. Bidirectional diffusion in sound change. In JONES, Charles (Ed.), *Historical Linguistics: problems and perspectives*. Londres: Longman, 1993.

WETZELS, W. L. Harmonização vocálica, truncamento, abaixamento e neutralização no sistema verbal do português: uma análise auto-segmental. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 21, p. 25-58, 1991.

_____. Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 23, p. 19-55, 1992.

_____. Mid-vowel Alternations in the Brazilian Portuguese Verb. *Phonology* 12. 1995.

VIECHTBAUER, Wolfgang. Conducting Meta-Analyses in R with the metaphor. *Journal of Software*: vol.36, Issue 3, 2010. Disponível em: <http://www.jstatsoft.org/>

ZÁGARI, M. R. L. Atlas Linguístico. Atlas Linguístico: a língua falada em Minas Gerais. *Revista Minas Faz*, v.10, março a maio/2002. Disponível em: <http://revista.fapemig.br>. Acesso em 22/09/2003).

b) Referências das teses e dissertações consultadas

ALMEIDA, Luciana de Fátima. *A variação das vogais médias pretônicas na cidade mineira de Machacalis*. 2008. 283f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ALVES, Marlúcia Maria. *As vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de Belo Horizonte: um estudo da variação à luz da Teoria de Otimalidade*. 2008. 341f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

_____. *As vogais médias em posição tônica nos nomes do português brasileiro*. 1999. 340f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

AMARAL, Luis I. C. *O abaixamento do /i/ e /u/ no português da campanha gaúcha*. 1996. 132f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Pelotas, Rio Grande do Sul.

AMORIM, Gustavo da Silveira. *O comportamento do /e/ e do /o/ pretônicos: um estudo variacionista da língua falada culta do Recife*. 2009. 171f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

ARAÚJO, Aluiza Alves de. *As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista*. 2007. 156f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

BATTISTI, E. *Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha*. 1993. 283f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BISINOTTO, Allyne Garcia. *O alçamento das vogais médias pretônicas: um estudo do falar ituiutabano*. 2011. 118f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG.

BISOL, Leda. *Harmonização vocálica – uma regra variável*. 1981. 333f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CAMPOS, Benedita Maria do Socorro Pinto. *Alteamento vocálico em posição pretônica no português falado no município de Mocajuba – Pará*. 2008. 202f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Pará.

CAMPOS, Maria Sandra. *O alçamento das vogais posteriores em sílaba tônica: um estudo do português falado em Borba no Amazonas*. 2009. 204f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

CARMO, Maria Cristina do. *As vogais médias pretônicas nos verbos da fala culta do interior paulista*. 2009. 122f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do rio Preto.

CARVALHO, Sérgio Drummond Madureira. *As pretônicas <e> e <o> no português do Brasil e no português europeu*. 2010. 183f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

CASTRO, Elzimar César. *As pretônicas na variedade mineira juizdeforana*. 1990. 308f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CASTRO, Maria Célia Dias de. *Descrição histórica das vogais na fala do sertanejo da região de Balsas – MA*. 2008. 186f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás.

CELIA, Gianni Fontes. *As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia – ES*. 2004. 144f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

CORREIA, Cintia da Costa. *Focalização dialetal em Brasília: um estudo das vogais pretônicas e do /s/ pós-vocálico*. 1988. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Distrito Federal.

CRUZ, Marion Costa. *As vogais médias pretônicas em Porto Alegre - RS: um estudo sobre o alçamento sem motivação aparente*. 2010. 203f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

DIAS, Melina Rezende. *A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Outro Branco*. 2008. 296f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

FREITAS, Simone Negrão de. *As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança*. 2001. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Letras e Artes, Universidade do Pará, Pará.

GRAEBIN, Geruza de Souza. *A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas*. 2008. 2443f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Distrito Federal.

GUIMARÃES, Rubens Vinicius Martins. *Variação das vogais médias na posição pretônica nas regiões norte e sul de Minas Gerais: uma abordagem à luz da Teoria da Otimalidade*. 2006. 212f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

GUZZO, Natália Brambatti. *A elevação da vogal média anterior átona em Flores da Cunha (RS)*. 2010. 158f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) - Universidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul.

KAILER, Dircel Aparecida. *Vogais pretônicas /e/ e/o/: um estudo em tempo aparente*. 2008. 302f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua portuguesa) - Universidade Estadual do Noroeste Paulista, Araraquara.

KLUNCK, Patrícia. *O alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente*. 2007. 112f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

MACHADO, Luana Maria Siqueira. *Análise acústica das vogais pretônicas [-bx] no falar do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. RJ, 2010.

MARQUES, Sandra Maria Oliveira. *As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal*. 2006. 159f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MOTA, Jacyra Andrade. *Vogais antes do acento em Ribeirópolis- SE*. 1979. 2v. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Bahia, Salvador.

NINA, Terezinha de Jesus de Carvalho. *Aspectos da variação fonético-fonológico na fala de Belém*. 1991. 214f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

RODRIGUES, Doriedson do Socorro. *Da zona urbana à rural/ entre a tônica e a pré-tônica: o alteamento /o/ > [u] no português falado no município de Cametá/NE paranaense – uma abordagem variacionista*. 2005. 176f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Pará.

SANTOS, Edinaldo Gomes Dos. *A distribuição geo-sociolinguística da variável <e> pretônica no português falado no Estado do Pará*. 2009. 133f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Pará.

SCHWINDT, Luiz Carlos da Silva. *A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista*. Porto Alegre: PUCRS, 1995. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1995.

SILVA, Ailma do Nascimento. *As pretônicas no falar teresinense*. 2009. 236f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

SILVA, Myrian Barbosa da. *As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador*. 1989. 377f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SILVA, Susiele Machry. *Elevação das vogais médias átonas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho – RS*. 2009. 172f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul, Rio Grande do Sul.

SILVA, Marcia Eliane da. *O alçamento das vogais médias pretônicas na fala de São José do Norte/ RS: Harmonia Vocálica*. 2012. 144f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SILVEIRA, Ana Amélia Menegasso de. *As vogais pretônicas na fala culta do noroeste*

paulista. 2008. 143f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São Paulo.

SOARES, Adriana de Santana. *As pretônicas médias em comunidades rurais do semi-árido baiano*. 2004. 144f. Dissertação (Mestrado em Linguística Histórica) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Bahia.

TONDINELI, Patricia Goulart. *A variação fonética das vogais pré e postônicas na variedade linguística de Montes Claros/MG*. 2010. 195f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais.

VIANA, Vanessa Faria. *As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: um caso de variação linguística*. 2008. 146f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais.

VIEGAS, Maria do Carmo. *Alçamento das vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística*. 1987. 231 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

VIEGAS, Maria do Carmo. *O alçamento das vogais médias pretônicas e os itens lexicais*. 2001. 257f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

YACOVENCO, Lilian Coutinho. *As vogais médias pretônicas no falar culto carioca*. 1993. 189f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ZANI, Juliana Camargo. *O alçamento das vogais médio-baixas no falar da cidade de São Paulo*. 2009. 177f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Anexos

Anexo 1 – Formulário para coleta de dados

FORMULÁRIO DE COLETA DE DADOS ID _____ <i>Estudo da posição das vogais médias – anterior e posterior – em posição pretônica</i>																																																																			
Localidade do dialeto: _____																																																																			
Fonte: () Dissertação () Tese Ano: _____																																																																			
Autor (a): _____																																																																			
Título: _____																																																																			
Número de entrevistados: _____ Local da coleta: _____																																																																			
Forma de coleta: _____																																																																			
Suporte teórico: _____																																																																			
Metodologia utilizada: _____																																																																			
Quantidade de dados: _____ Vogal anterior: _____ Vogal posterior: _____																																																																			
Frequência da vogal média anterior (%)																																																																			
Média baixa _____																																																																			
Alta _____																																																																			
Média fechada _____																																																																			
Frequência da vogal média posterior (%)																																																																			
Média baixa _____																																																																			
Alta _____																																																																			
Média fechada _____																																																																			
Fatores			linguísticos				significativos:																																																												

Fatores			extra-linguísticos				significativos:			ID																																																									

Fatores mais relevantes																																																																			
Escolaridade (categorias) _____																																																																			
Faixa etária (categorias) _____																																																																			
(Colocar as porcentagens relativas à cada categoria de cada fator, linguístico e extra-linguístico, relevante – selecionar os fatores que serão estudados. Exemplo:)																																																																			
Colar tabelas das pesquisas																																																																			
Ex: Variável: Idade (faixa etária)																																																																			
<table border="1"> <thead> <tr> <th rowspan="2">Fatores</th> <th colspan="4">Média [-post]</th> <th rowspan="2">Fatores</th> <th colspan="4">Média [+post]</th> </tr> <tr> <th>Ocorrências</th> <th>Aplicação</th> <th>%</th> <th>Peso</th> <th>Ocorrências</th> <th>Aplicação</th> <th>%</th> <th>Peso</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>+ de 50 anos</td> <td>1046</td> <td>718</td> <td>69%</td> <td>0,56</td> <td>+ de 50 anos</td> <td>726</td> <td>375</td> <td>52%</td> <td>0,52</td> </tr> <tr> <td>35 a 50 anos</td> <td>1158</td> <td>758</td> <td>65%</td> <td>0,50</td> <td>35 a 50 anos</td> <td>729</td> <td>400</td> <td>55%</td> <td>0,53</td> </tr> <tr> <td>20 a 35 anos</td> <td>1015</td> <td>603</td> <td>59%</td> <td>0,43</td> <td>20 a 35 anos</td> <td>634</td> <td>301</td> <td>47%</td> <td>0,44</td> </tr> <tr> <td>Total</td> <td>3219</td> <td>2079</td> <td>65%</td> <td>-</td> <td>Total</td> <td>2089</td> <td>1076</td> <td>52%</td> <td>-</td> </tr> </tbody> </table>										Fatores	Média [-post]				Fatores	Média [+post]				Ocorrências	Aplicação	%	Peso	Ocorrências	Aplicação	%	Peso	+ de 50 anos	1046	718	69%	0,56	+ de 50 anos	726	375	52%	0,52	35 a 50 anos	1158	758	65%	0,50	35 a 50 anos	729	400	55%	0,53	20 a 35 anos	1015	603	59%	0,43	20 a 35 anos	634	301	47%	0,44	Total	3219	2079	65%	-	Total	2089	1076	52%	-
Fatores	Média [-post]				Fatores	Média [+post]																																																													
	Ocorrências	Aplicação	%	Peso		Ocorrências	Aplicação	%	Peso																																																										
+ de 50 anos	1046	718	69%	0,56	+ de 50 anos	726	375	52%	0,52																																																										
35 a 50 anos	1158	758	65%	0,50	35 a 50 anos	729	400	55%	0,53																																																										
20 a 35 anos	1015	603	59%	0,43	20 a 35 anos	634	301	47%	0,44																																																										
Total	3219	2079	65%	-	Total	2089	1076	52%	-																																																										

**Anexo 2 – Quadro das teses e dissertações sobre as vogais médias pretônicas no Brasil
Década de 70-80**

Dissertações/ tese	Autor (a)	Dialeto estudado	Ano de finalizaç ão	Suporte teórico	Tipo de trabalho	Instituição
1-Vogais antes de acento em Ribeirópolis	MOTA, Jacira	SE Sergipe	1979	Fonologia Gerativa	dissertação	UFBA
2-Análise fonético-fonológica das vogais médias pretônicas na fala de Manaus *Trabalho não lido	unha	PA Manaus	1980		dissertação	PUC-RJ
3-Harmonização vocálica: uma regra variável	BISOL, Leda.	RS Porto Alegre	1981	Teoria da variação	tese	UFRJ
4-Alçamento das vogais pretônicas: uma abordagem sociolingüística	Viegas, Maria do Carmo.	MG Belo Horizonte	1987	T.variação	dissertação	UFMG
5-As pretônicas no falar de Baiano: a variedade culta de Salvador.	SILVA, Myrian Barbosa da	BA Salvador	1989	T. Variação	tese	UFRJ

**Quadro das teses e dissertações sobre as vogais médias pretônicas no Brasil
Década de 90**

Dissertações/ tese	Autor (a)	Dialeto estudado	Ano de finalização	Suporte teórico	Tipo de trabalho	Instituição
1.As pretônicas na variedade mineira de Juiz de fora	Elzimar Cesar de Castro	MG Juiz de Fora	1990	Teoria da variação	Dissert.	UFRJ
2- aspectos fonéticos-fonológicos da fala de Belém	Terezinha de Jesus de Carvalho Nina	PA	1991	Teoria da variação	tese	UFRJ
3.A elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha.	Elisa Battisti	RS	1993	Teoria da variação e fonologia aotossegmental	Dissertaçã o	UFRGS
4.As vogais médias pretônicas no falar culto carioca	YACOVENCO, Lilian Coutinho	RJ Rio de Janeiro	1993	Sociolingüística quantitativa	Dissert.	UFRJ
5. A HARMONIA VOCÁLICA EM DIALETOS DO SUL DO PAÍS: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA	Luiz Carlos da Silva Schwindt	Porto Alegre Florianópolis Curitiba	1995	T. variação	Dissert.	PUCRS
6. O abaixamento de /i/ e /u/ no português da campanha gaúcha	LUÍS I. C. AMARAL	RS	1996	T. variação Geometria de traços	dissertaçã o	UCEPEL
7.As vogais médias pretônicas na fala pessoense urbana	PEREIRA, Regina C. M	PB João Pessoa	1997	T. variação	dissertaçã o	UFPB

**Quadro das teses e dissertações sobre as vogais médias pretônicas no Brasil
Década de 2000-2010**

Dissertações/ tese	Autor (a)	Dialeto estudado	Ano de conclusão	Suporte teórico	Tipo de trabalho	Instituição
1-As Vogais Médias Pretônicas No Falar Da Cidade De Bragança	Freitas, Simone Negrão De	PA Bragança	2001	Sociolinguística Quantitativa	Dissert	UFP A
2.O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais	Viegas, Maria do Carmo	MG-Belo Horizonte	2001	Difusão lexical	Tese	UF MG
3.As Vogais Médias Pretônicas Na Fala Culta De Nova Venécia – Es	Gianni Fontis Celia	ES-Nova Venécia	2004	Sociolinguística	Dissert.	UNI CA MP
4.As pretônicas médias em comunidades rurais do semi-árido baiano	Soares, Adriana Santana	BA	2004	T.variação	Dissert	UFB A
5.Da zona urbana à rural/entre a tônica e a pré-tônica: o alteamento /o/ > [u] no português falado no município de Cametá/Ne paraense - uma abordagem variacionista.	Rodrigues, Doriedson do Socorro	PA	2005	Teoria da Variação	Dissert.	UFP A
6.As Vogais Médias Pretônicas Em Situação De Contato Dialeto	Marques, Sandra Maria Oliveira	Carioca - RJ	2006	Contato Dialeto	Tese	UFR J
7.Variação Das Vogais Médias Em Posição Pretônica Nas Regiões Norte E Sul De Minas Gerais: Uma Abordagem À Luz Da Teoria Da Otimalidade	Rubens Vinícius Martins Guimarães	MG	2006	Teoria Otimalidade	Dissert	UF MG
8.Alçamento Das Vogais Médias Pretônicas Sem Motivação Aparente	Patricia Klunck	Porto Alegre	2007	Teoria Da Variação	Dissert.	Puc RS
9. As vogais médias pretônicas no falar popular de fortaleza: uma abordagem variacionista	Aluiza Alves de Araújo	CE	2007	Teoria da variação	Tese	UFC E
10.As vogais no dialeto do sertanejo da região de Balsas-MA	Maria Célia Dias De Castro	MA	2008	Linguística histórica/T.variação/ geolinguística	Dissert.	UF G
11. Alteamento vocálico em posição pretônica no português falado no município de Mocajuba-Pará	Benedita Maria do Socorro Pinto Campos	PA Mocajuba	2008	Sociolinguística quantitativa	Dissert	UFP A
11.A Variação Das Vogais Médias Pretônicas No Falar Dos Mineiros.	Melina Rezende Dias	MG Piranga E De Ouro Branco	2008	Teoria Da Variação E Mudança	Dissert.	UF MG
12.A Fala De Formosa/Go: A Pronúncia Das Vogais Médias Pretônicas	Geruza Graebin	Go	2008	Modelos: Neogramáticos, Difusionista -E Teoria De Exemplares	Dissert.	UN B
13.As Vogais Médias Pretônicas Em Pará De Minas: Um Caso De Variação Linguística	Vanessa Faria Viana	MG	2008	Teoria Da Variação	Dissert.	PUC MG

14.As vogais médias em posição pretônica nos nomes do dialeto de Belo Horizonte	Marlúcia Maria Alves	MG	2008	Teoria da otimalidade	Tese	UF MG
15.A variação das vogais médias pretônicas na cidade mineira de Machacalis	Luciana de F. Almeida	MG	2008	T. variação	Dissert.	UF MG
16- As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista	Ana Amélia Menegasso da Silveira	SP	2008	T.variação	Dissert.	UN ESP São J.do R.Pr eto
17- Vogais pretônicas /e/ e /o/: um estudo em tempo aparente	Dircel Aparecida Kailer	PR	2008	Socioling.Quant	Tese	UNesp Araraquara
18- o alicamento das vogais médio-baixas no falar da cidade de São Paulo	Luciana Camargo Zani	SP	2009	Fonologia lexical	Dissert.	USP
19- Márcia Cristina do Carmo	As vogais médias na fala culta do interior paulista	SP	2009	T. variação, geometria de trações e autossegmental	Dissert	UN ESP São J.do R.Pr eto
20. O comportamento do /e/ e do /o/ pretônicos: um estudo variacionista da língua falada culta do Recife	Gustavo da Silveira Amorim	PE	2009	T.variação	Dissert.	UFP E
21.As pretônicas na fala teresinense	Ailma do Nascimento Silva	PI	2009	t. variação	Tese	PUC RS
23.As vogais médias pretônicas de Porto Alegre: um estudo sobre o alicamento sem motivo aparente	Marion Costa Cruz	RS	2010	t. variação	Dissert	PUC RS
24. As pretônicas E e O no português do Brasil e no português europeu	Sérgio Drummond Madureira Carvalho	geral	2010	t. variação	Tese	UFR J
25. A variação fonética das vogais médias Pré e pós-tônicas na variedade linguística de Montes Claros	Patrícia Goulart Tondineli	MG	2010	t. variação	Dissert	Puc-Minas
26. Apagamento de vogais pretônicas no POBH- norma culta	Aline Rabelo Assis	MG-BH	2010	T.variação, Teoria dos processos fonológicos	Dissert	UF MG
27. O alicamento das vogais médias pretônicas: um estudo do falar Ituiutabano	Allyne Garcia Bisinotto	Ituiutaba-MG	2011	Teoria da variação	Dissert.	UF U

Anexo 3 – variáveis analisadas nas dissertações(d) e teses (t)

Variáveis analisadas	Dissert	total	tese	totall
Escolaridade	D3,d5a,d5,d6,d7,d8,D9,d10,d12,d13,d14,d16,d17,d18,d19,d20,d25,d26	18	T3,t4,t5,t6,t7,t8,t9,	7
Gênero/sexo	D3,d4a,d4,d5a,d5,d6,d7,d10,d12,d13,D14,d15,d16,d17,d18,d19,d20,d22,d23,d25,d26	21	T1,t2,t3,t4,t6,t8,t9,t10	8
Faixa etária	D3,d4a,d4,d5a,d5,d6,d7,D9,d10,d12,D14,d15,d16,d17,d18,d19,d20,d22,d23,d25,d26	21	T1,t2,t3,t4,t5,t6,t7,t8,t9,t10	10
Classe social	D5a,d7,d16,d17,d26	5	T2.t8	2
Contexto fonológico				
Alveolar	D3,d4,d5a,d5,d6,d7,D9,d10,d16,d20,d23,	11	T3,t5,t6,t10	4
Pos-alveolares palatais	D16	1		-
Palatal	D3,d4a,d4,d5a,d5,d6,d7,D8,D9,d10,d14,d20,d23,d25	14	T2,t3,t5,t6,t8,t9,t10	7
Palatal nasal	D14	1		-
Alveopalatal	D15	1		-
Velar	D3,d4a,d4,d5a,d5,d6,d7,D8,D9,d10,d15,d16,d19,d20,d23	15	T2,t3,t5,t6,t8,t9,t10	7
Labial	D3,d4a,d4,d5a,d5,d6,d7,D8,d10,d14,d20,d25	12	T2,t3,t5,t6,t9,t10	6
Dorsal	D14,d24,d25	3		-
Lábio-dorsal	D24	1		-
Aspirada			T6,	1
Africada	D15,d19	2		-
Dento alveolar			T2,t6	2
Glotal	D16,d23	2		-
Coda em /S/	D16	1		-
Coda em /R/	D16	1		-
Dentais	D16,d23	2		-
Não lateral			T2	1
Uvulo-faríngea			T2	1
Bilabial	D5,D9,d16,d23	4	T8	1
Labio-dental	D5,D9,d16,d23	4	T8	1
Líquidas	D19,d25	2		-
Oclusiva	D4,d19,d26	3	T8	1
Nasal	D3,d4,d19,d26	4	T8	1
Tepe	D15,d19,d26	3	T8	1
Lateral	D3,d4,d26	3	T8	1
Vibrante	D3,d4,d6	3	T8	1
Posição inicial	D16	1		-

Fricativa	D4,d17,d19,d26	4	T8	1
Coronal	D4a,d14,d17,d24,d25	5	T9	1
Não coronal	D17	1		-
Ostruente				-
Sinbilante	D4a,d6,D8	3		-
Ausente	D4,D9	2		-
Vogal	D26	1		-
Semivogal	D26	1		-
Ausência de consoante precedente	D14	1		-
Natur. da vogal da sílaba seguinte	D4a,d5a,d26	3	T3,t5,t8	3
Qualidade da vogal pretonica			T3	1
Tipo de pretonica	D4,d5a	2		-
Tipo de Tônica	D4,d5a	2		-
Tipo de sílaba	D14,d15,d20,d23	4		-
Natur. das consoant. adjacentes			T3	1
Distancia da Tônica	D4a,d4,d5a,d5,d6,D9,d12,d14,d15,d17,d18,d23,d26	13	T3,t9	2
Altura da vogal	D3,d7,d14,d17,d23,d24,d25	7	T3	1
Grau de tonicidade	D5a,d7,d22,d26	4	T3,t5,t7,t8,t9,t10	6
Grau de atonicidade	D4,d20	2		-
Nasalidade	D4a,d5a,d5,d7,D9,d14,d16,d17,d20,d25,d26	11	T3,t8,t10	3
Classe de palavras	D15,d17,d19,d26	4	T3,t8,t10	3
Classe morfológica	D26	1		-
Tipo de vogal	D3,d4,d5a,d6	4	T6	1
Tipo de consoante	D5a,d19	2	T6	1
Atonicidade	D3,d4a,d4,d5a,d6,D9,d10,d16,d17	9	T6,t8	2
Sulfixo	D4a,d4,d5a,d7,d22	5	T6	1
Natureza da vogal Tônica	D4,D9,d12,d20,d22	5	T6,t10	2
Natureza da pretonica	D6,D9,d18	3		-
Contigüidade da vogal	D5a	1	T6,t8,t9	3
Honorganicidade			T8,t9	2
Paradigma	D5a,d15,d16	3	T9	1
Derivada de Tônica			T9	1
Ponto de articulação	D4,d5a,d5	3		-
Hiato precedente	D4	1		-
Hiato seguinte	D4,d16	2		-
Ditongo	D4	1		-
Posição da Tônica	D13,d17	2		-
Posição da pré-tônica	D13,d20,d26	3		-

xo 4

Quadro 1 – número de dados analisados nas dissertações			
	[e]	[o]	Total
D 01-1979 (Mota)	NÃO HÁ NÚMERO DE DADOS	-	
D02-1987 (Viegas)	2190	1741	3931
D03-1990 (Castro)	3270	2448	5718
D04-1993 (Yacovenco)	2070	1188	3258
D05-1993 (Battisti)	12.054	7567	19.621
D06-1993 (Scwindt)	2986	2120	5106
D05 -1996 (Amaral)	NÃO HÁ NÚMERO DE DADOS	-	
D07-1997 (Pereira)	8679	6401	15080
D08-1998 (Correia)	1726	990	2716
D09-2001 (Freitas)	1480	1150	2630
D10-2004 (Célia)	1714	1236	2950
D11-2004 (Soares)	4116	2821	6937
D12-2005 (Rodrigues)	NÃO HÁ NÚMERO DE DADOS	-	
D13-2006 (Guimarães)	NÃO HÁ NÚMERO DE DADOS	-	
D 14--2007 (Klunk)	2229	1979	4208
D15-2008 (Dias)	10679	6509	17188
D16-2008 (Graebin)	3886	2863	6749
D17-2008 (Viana)	10.679	6.509	17.188
D18-2008 (Campos)		-	2.227
D19-2008 (Almeida)	NÃO HÁ NÚMERO DE DADOS	-	
D20-2008 (Silveira)	2246	1590	3836
D21-2009 (Silva)	NÃO HÁ NÚMERO DE DADOS	-	

D22-2009 (Carmo)	2455	2147	4602
D23-2009 (Amorim)	3947	2413	6360
D24-2009 (Zani)	NÃO HÁ NÚMERO DE DADOS	-	
D25-2010 (Cruz)	5070	5219	10289
D26-2010 (Todinei)	5058	3299	8357
D27- 2011 (Bisinotto)	1514	629	2.143

– número de dados analisados nas teses			
	[e]	[o]	total
T01/1981 (Bisol)	8107	7389	15496
T02/1989 (Silva)	1794	943	2737
T03/1991 (Nina)	2445	1469	3914
T04/2001 (Viegas)	2119	1741	3860
T05/2006(Marques)	2854	2454	5308
T06/2007 (Araujo)	3337	2511	5848
T07/2008 (Alves)	3642	1609	5251
T08/2008 (Kailer)	5961	4063	10024
T09/2009 (Silva)	3219	2089	5308
T10/2010 (Carvalho)	905	708	1613

Anexo 5– análise estatística⁶⁷

Contexto fonético precedente modo – Alçamento “e”

Tabela de contingência e razão de chance dos diferentes estudos para o alçamento “e” quanto ao modo de articulação do contexto fonético precedente.

Fatores	Estudo	Não		Sim	Total	O.R. (I.C.95%)
Obstruinte		1163	79,7%	297	20,3%	1460 - -
Líquida	BH - MG - 1987	301	84,1%	57	15,9%	358 0,74 (0,54 - 1,01) 3,17 (2,35 - 4,28)
Nasal		116	55,2%	94	44,8%	210 4,28 (2,89 - 6,34)
Total		1580	77,9%	448	22,1%	2028
Obstruinte		849	95,1%	44	4,9%	893 - -
Líquida	JF - MG - 1990	354	99,7%	1	0,3%	355 0,05 (0,01 - 0,4) 3,16 (1,89 - 57,89) (7,79 - 430,32)
Nasal		159	85,9%	26	14,1%	185 5,27)
Total		1362	95,0%	71	5,0%	1433
Obstruinte		4587	78,1%	1286	21,9%	5873 - -
Líquida	P. Minas - MG - 2008	923	84,8%	166	15,2%	1089 0,64 (0,54 - 0,77) 2,42 (2,11 - 3,77) (3,07 - 4,63)
Nasal		634	59,6%	430	40,4%	1064 2,77)
Total		6144	76,6%	1882	23,4%	8026
Obstruinte		1341	83,7%	261	16,3%	1602 - -
Líquida	Piranga - MG - 2008	256	66,3%	130	33,7%	386 2,61 (2,03 - 3,35) 0,66 (0,33 - 1,34) 0,25 (0,12 - 0,52)
Nasal		70	88,6%	9	11,4%	79 1,34)
Total		1667	80,6%	400	19,4%	2067
Obstruinte		1316	86,9%	199	13,1%	1515 - -
Líquida	Ouro Branco - MG - 2008	201	71,8%	79	28,2%	280 2,6 (1,93 - 3,51) 2,93 (2,17 - 3,96) 1,13 (0,78 - 1,63)
Nasal		185	69,3%	82	30,7%	267 3,96)
Total		1702	82,5%	360	17,5%	2062
Obstruinte		1388	84,2%	260	15,8%	1648 - -
Líquida	MachURB1 - MG - 2008	236	81,4%	54	18,6%	290 1,22 (0,88 - 1,69) 2,74 (1,94 - 3,86) 2,24 (1,45 - 3,46)
Nasal		113	66,1%	58	33,9%	171 3,86)
Total		1737	82,4%	372	17,6%	2109
Obstruinte		1262	84,6%	230	15,4%	1492 - -
Líquida	MachRUR2 - MG - 2008	215	80,8%	51	19,2%	266 1,3 (0,93 - 1,82) 2,69 (1,87 - 3,87) 2,07 (1,31 - 3,25)
Nasal		104	67,1%	51	32,9%	155 3,87)
Total		1581	82,6%	332	17,4%	1913
Obstruinte		952	67,4%	461	32,6%	1413 - -

⁶⁷ As demais tabelas organizadas estão no arquivo Relatório estatístico, do CD que acompanha essa tese.

Líquida	M.Claros - MG - 2010	1396	98,8%	17	1,2%	1413	0,03 (0,02 - 0,04)	-	-
Nasal		1233	87,3%	180	12,7%	1413	0,3 (0,25 - 0,37)	11,99 (7,25 - 19,83)	-
Total		3581	84,5%	658	15,5%	4239			
Obstruinte		1533	81,8%	341	18,2%	1874	-	-	-
Líquida	Belém - PA - 1991	495	79,6%	127	20,4%	622	1,15 (0,92 - 1,45)	-	-
Nasal		207	81,8%	46	18,2%	253	1 (0,71 - 1,4)	0,87 (0,6 - 1,26)	-
Total		2235	81,3%	514	18,7%	2749			
Obstruinte		2545	82,1%	554	17,9%	3099	-	-	-
Líquida	Teresina - PI - 2009	738	90,4%	78	9,6%	816	0,49 (0,38 - 0,62)	-	-
Nasal		350	89,3%	42	10,7%	392	0,55 (0,4 - 0,77)	1,14 (0,76 - 1,69)	-
Total		3633	84,4%	674	15,6%	4307			
Obstruinte		3149	79,1%	831	20,9%	3980	-	-	-
Líquida	Pato Branco - PR - 2008	899	87,0%	134	13,0%	1033	0,56 (0,46 - 0,69)	-	-
Nasal		594	82,3%	128	17,7%	722	0,82 (0,66 - 1)	1,45 (1,11 - 1,88)	-
Total		4642	80,9%	1093	19,1%	5735			
Obstruinte		1693	85,4%	289	14,6%	1982	-	-	-
Líquida	S.J.Campos - SP - 2009	374	81,1%	87	18,9%	461	1,36 (1,05 - 1,78)	-	-
Nasal		240	94,5%	14	5,5%	254	0,34 (0,2 - 0,59)	0,25 (0,14 - 0,45)	-
Total		2307	85,5%	390	14,5%	2697			